LIANE MORIARTY

Autora do best-seller que deu origem
à premiada série BIG LITTLE LIES



nove desconhecidos

intrínseca

Nove desconhecidos

Liane Moriarty

Tradução de Julia Sobral Campos



Copyright © Liane Moriarty, 2018
Tradução dos versos do poema "Invictus", de William Ernest Henley, de Thereza Christina Rocque da Motta.

TÍTULO ORIGINAL
Nine Perfect Strangers

PREPARAÇÃO
Nina Lopes

REVISÃO
Milena Vargas
Mariana Bard

DESIGN DE CAPA
Christabella Designs

FOTO DE CAPA
Getty Images

REVISÃO DE E-BOOK
Marina Góes

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0469-2

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte

Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete
Trinta e oito
Trinta e nove
Quarenta
Quarenta e um
Quarenta e dois
Quarenta e três
Quarenta e quatro
Quarenta e cinco
Quarenta e seis
Quarenta e sete
Quarenta e oito
Quarenta e nove
Cinquenta
Cinquenta e um
Cinquenta e dois
Cinquenta e três
Cinquenta e quatro
Cinquenta e cinco
Cinquenta e seis

Cinquenta e sete
Cinquenta e oito
Cinquenta e nove
Sessenta
Sessenta e um
Sessenta e dois
Sessenta e três
Sessenta e quatro
Sessenta e cinco
Sessenta e seis
Sessenta e sete
Sessenta e oito
Sessenta e nove
Setenta
Setenta e um
Setenta e dois
Setenta e três
Setenta e quatro
Setenta e cinco
Setenta e seis
Setenta e sete
Setenta e oito
Setenta e nove

Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça outros títulos da autora
Leia também

Para Kati
E para papai
Com muito amor

Você acha que é o problema,
Mas é a cura.
Você acha que é a fechadura da porta,
Mas é a chave que a abre.
RUMI

Assim que descobri o sentido da vida, eles o mudaram.
GEORGE CARLIN

UM

Yao

— Estou bem — disse a mulher. — Não há nada de errado comigo.

Ela não parecia bem para Yao.

Era seu primeiro dia como aprendiz de paramédico, a terceira emergência. Yao não se sentia nervoso, mas em um estado de hipervigilância. Não suportava errar, por mais irrelevantes que seus erros fossem. Quando criança, erros o levavam a chorar, e até hoje lhe davam dor no estômago.

Uma única gota de suor escorreu pelo rosto da mulher, deixando um rastro fino na maquiagem. Yao se perguntou por que as mulheres pintavam o rosto de laranja, mas isso não vinha ao caso.

— Estou bem. Talvez seja só um vírus de vinte e quatro horas — explicou ela, com um leve sotaque do Leste Europeu.

"Observe tudo relacionado ao paciente e ao ambiente dele", instruíra Finn, o supervisor de Yao. "Considere-se um agente secreto em busca de pistas para o diagnóstico."

Yao observava uma mulher de meia-idade, acima do peso e com bolsas cor-de-rosa embaixo dos olhos nitidamente verde-água, o cabelo castanho e fino preso em um coque baixo, pequeno e triste. Estava pálida e suada, com a respiração irregular. Fumava muito, a julgar por seu odor de cinzeiro. Estava sentada em uma cadeira de couro de encosto alto, atrás de uma escrivaninha gigantesca. Parecia ocupar um cargo importante, se o tamanho do escritório e da janela, que ia do chão ao teto, com vista para o porto, indicassem seu status na empresa. Estavam no décimo sétimo andar e as velas da Opera House pareciam tão próximas que dava para enxergar os azulejos brancos e creme em forma de losango.

A mulher estava com a mão no mouse. Ela conferia os e-mails na tela do computador exageradamente grande como se o fato de ter dois paramédicos a examinando ali não passasse de uma pequena inconveniência, como se eles fossem dois técnicos que tinham ido dar um jeito no PowerPoint. O terninho azul-marinho feito

sob medida que vestia era tão justo que parecia um castigo, o paletó apertando seus ombros.

Yao pegou a mão livre da mulher e prendeu um oxímetro de pulso no dedo dela. Notou um ponto brilhante e escamoso de pele avermelhada no antebraço. Pré-diabetes?

— Você toma algum remédio, Masha? — perguntou Finn.

Ele mantinha um comportamento falante e relaxado com os pacientes, como se estivesse batendo papo durante um churrasco, com uma cerveja na mão.

Yao notou que Finn sempre os chamava pelo nome, mas ele próprio tinha vergonha de tratá-los como se fossem velhos amigos. No entanto, se aquilo trazia resultados positivos para os pacientes, ele aprenderia a vencer a timidez.

— Não tomo remédio nenhum — respondeu Masha, com o olhar fixo no computador.

Ela clicou com determinação em algo, depois desviou os olhos do monitor e os focou em Finn. Parecia ter pegado aqueles olhos emprestados de alguém bonito. Yao achou que eram lentes de contato coloridas.

— Minha saúde está boa. Desculpe por ter desperdiçado seu tempo. Juro que não fui eu quem chamou a ambulância.

— Eu chamei a ambulância — disse uma jovem muito bonita de cabelo escuro, com salto alto e uma saia xadrez justa cuja estampa de losangos lembrava os azulejos da Opera House.

A saia ficava linda nela, o que obviamente não vinha ao caso naquele momento — embora, tecnicamente, ela fizesse parte do ambiente que Yao devia observar. A moça roeu a unha do mindinho.

— Sou a assistente dela. Ela… hum… — A moça baixou a voz como se estivesse prestes a revelar algo vergonhoso. — O rosto dela ficou muito branco, e então ela caiu da cadeira.

— Eu não caí da cadeira! — protestou Masha.

— Ela meio que escorregou — corrigiu-se a jovem.

— Fiquei tonta por um instante, só isso — explicou Masha para Finn. — E depois voltei a trabalhar. Podemos acabar logo com isso? Ficarei feliz em pagar integralmente seu custo, ou sua *taxa*, ou sei lá como cobram pelos serviços. Tenho plano de saúde, é claro. Mas não tenho tempo para isso agora. — Ela voltou a atenção para a assistente: — Não tenho uma reunião às onze com Ryan?

— Vou cancelar.

— Alguém me chamou? — indagou um homem à porta. — O que está

acontecendo?

Um sujeito com uma blusa roxa justa demais entrou na sala com uma pose arrogante, carregando uma pilha de pastas de papel pardo. Tinha um sotaque britânico pretensioso, como se pertencesse à família real.

— Não é nada — respondeu Masha. — Sente-se.

— Masha obviamente não está disponível agora! — exclamou a pobre assistente.

Yao se compadeceu da moça. Não gostava de descaso em relação à saúde e achava que sua profissão merecia mais respeito. Também tinha uma forte aversão a caras de cabelo espetado com sotaques afetados que usavam blusas apertadas demais para exibir o peitoral excessivamente musculoso.

— Não, não, sente-se, Ryan! Não vai demorar. Estou bem.

Masha fez um gesto impaciente para que ele se aproximasse.

— Posso aferir sua pressão, por favor, hum... Masha? — pediu Yao, tomando coragem para pronunciar o nome dela enquanto prendia o aparelho em torno do seu braço.

— Vamos tirar o paletó primeiro — sugeriu Finn, parecendo achar graça. — Você é muito ocupada, Masha.

— Na verdade, eu preciso mesmo que ela assine estes papéis — disse o rapaz em voz baixa para a assistente.

Na verdade, eu preciso mesmo verificar os sinais vitais da sua chefe, seu filho da puta, pensou Yao.

Finn ajudou Masha a tirar o paletó e o pendurou no encosto da cadeira, com toda a pompa.

— Vou dar uma olhada nos documentos, Ryan.

Masha ajustou os botões da blusa de seda bege.

— Só preciso da sua assinatura no alto das duas primeiras páginas.

Ryan estendeu a pasta.

— Você está de brincadeira? — questionou a assistente erguendo as mãos, incrédula.

— Cara, você vai ter que voltar outra hora — afirmou Finn, acrescentando uma irritação palpável à sua voz de quem está se divertindo em um churrasco.

O sujeito deu um passo para trás, mas Masha estalou os dedos, pedindo a pasta, então ele imediatamente pulou para a frente e a entregou. Era visível que tinha mais medo de Masha do que de Finn — o que significava muito, visto que Finn era grande e forte.

— Isso vai levar quatorze segundos no máximo — disse ela para Finn.

Sua voz engrossou na última palavra, que soou como "máchimo".

Ainda segurando o aparelho de pressão, Yao fez contato visual com Finn.

A cabeça de Masha tombou para o lado, como se ela tivesse adormecido. A pasta de papel pardo escorregou dos seus dedos.

— Masha? — chamou Finn com a voz alta e autoritária.

Ela se curvou para a frente com os braços moles, feito uma marionete.

— Foi bem assim! — gritou a assistente, satisfeita. — Foi isso que ela fez mais cedo!

— Meu Deus! — exclamou o sujeito da blusa roxa, recuando. — *Meu Deus.* Desculpe! Eu vou…

— Certo, Masha, vamos colocar você no chão — avisou Finn.

Finn a segurou por debaixo dos braços enquanto Yao pegava suas pernas, gemendo com o esforço. Yao percebeu que era uma mulher muito alta, muito mais alta do que ele. Tinha no mínimo um metro e oitenta — e de peso morto. Juntos, ele e Finn a deitaram de lado no carpete cinza. Finn fez um montinho com o paletó e o colocou debaixo da cabeça dela.

O braço esquerdo de Masha se ergueu, rígido feito o de um zumbi, acima da cabeça. Suas mãos se fecharam em punhos espasmódicos. Ela ficou respirando em arfadas irregulares enquanto o corpo assumia essa posição.

Estava tendo uma convulsão.

Era perturbador ter que assistir a convulsões, mas Yao sabia que era necessário esperar que passassem. Não havia nada no pescoço de Masha que ele devesse afrouxar. Deu uma olhada ao redor e não encontrou nada em que ela pudesse bater a cabeça.

— Foi isso que aconteceu mais cedo? — perguntou Finn, olhando para a assistente.

— *Não.* Não, antes ela só meio que desmaiou.

A assistente observava a cena de olhos arregalados, com um fascínio horrorizado.

— Ela tem histórico de convulsões? — quis saber Finn.

— Acho que não. Não sei.

Enquanto falava, a assistente recuava em direção à porta do escritório, onde um grupo de homens de terno se reunira. Alguém ergueu um celular, filmando, como se a convulsão da chefe fosse um show de rock.

— Comece as compressões.

Os olhos de Finn estavam vidrados, tão imóveis quanto pedras.

Por um instante — não mais que um segundo, mas ainda assim um instante —, Yao não fez nada, enquanto seu cérebro tentava assimilar o que tinha acabado de

acontecer. Ele se lembraria daquele instante de incompreensão imóvel para sempre. *Sabia* que uma parada cardíaca podia apresentar sintomas semelhantes aos de uma convulsão, no entanto não havia pensado naquilo, porque seu cérebro estivera total e erroneamente convencido de uma realidade: *Esta paciente está tendo uma convulsão*. Se Finn não estivesse presente, provavelmente Yao permaneceria agachado ali, observando a mulher ter uma parada cardíaca *sem agir*, feito um piloto de avião que deixa o jatinho cair por confiar demais nos instrumentos defeituosos. O melhor instrumento de Yao era seu cérebro, e, naquele dia, ele deu defeito.

Eles deram choque nela duas vezes, mas não conseguiram restabelecer um ritmo cardíaco regular. Masha Dmitrichenko estava sofrendo uma parada cardíaca completa quando a tiraram de sua sala com vista, para a qual nunca retornaria.

DOIS

Dez anos depois

Frances

Em um dia de janeiro quente e sem nuvens, Frances Welty, antiga autora de romances best-sellers, dirigia sozinha por campos abandonados repletos de arbustos, a noroeste de sua casa em Sydney.

A fita preta da autoestrada se desenrolava hipnoticamente à sua frente enquanto as saídas do ar-condicionado sopravam com força um vento ártico no seu rosto. O céu era um imenso domo azul-escuro que cercava seu carrinho solitário. Era céu *demais* para o seu gosto.

Ela sorriu ao se lembrar de um daqueles críticos insatisfeitos do Trip-Advisor: *Eu liguei para a recepção e pedi um céu mais baixo, com mais nuvens, mais confortável. Uma mulher com sotaque carregado disse que não havia outros céus disponíveis! E ela também foi muito grossa! NUNCA MAIS. NÃO JOGUE SEU DINHEIRO FORA.*

Frances se deu conta de que talvez estivesse muito perto de enlouquecer.

Não, não estava. Estava bem. Perfeitamente sã. Mesmo, de verdade.

Ela abriu e fechou as mãos em torno do volante, piscou os olhos ressecados por trás dos óculos escuros e deu um bocejo tão grande que estalou o maxilar.

— Ai — disse, embora não tivesse doído.

Ela suspirou, olhando pela janela em busca de algo que quebrasse a monotonia da paisagem. Devia ser tão difícil e implacável lá fora. Dava para imaginar direitinho: o zumbido das moscas-varejeiras, o grito lúgubre dos corvos e toda aquela luz branca, quente e ofuscante. Era de fato uma vasta terra marrom.

Vamos lá. Quero ver uma vaca, uma plantação, um barracão. Estou vendo com meus próprios olhos algo que começa com…

N. Nada.

Ela se remexeu no banco e sua lombar retribuiu com uma pontada de dor tão forte que seus olhos se encheram de lágrimas.

— Pelo amor de Deus — disse ela, lamentando-se.

A dor nas costas começara duas semanas antes, no dia em que finalmente aceitara que Paul Drabble havia desaparecido. Estava ligando para a polícia e tentando decidir como ia se referir a ele — seu parceiro, namorado, amante, "amigo especial"? — quando sentiu a primeira pontada. Era o exemplo mais óbvio de dor psicossomática que já existira, mas saber que era psicossomático não fazia doer menos.

Era estranho olhar-se no espelho toda noite e constatar que suas costas continuavam tão macias, brancas e discretamente rechonchudas quanto sempre foram. Ela esperava ver algo terrível, como uma massa retorcida de raízes de árvore.

Conferiu a hora no painel: 14h57. A saída devia estar próxima. Dissera ao pessoal da reserva na Tranquillum House que chegaria por volta de três e meia ou quatro horas e não fizera nenhuma parada imprevista.

Tranquillum House era um "resort especializado em saúde e bem-estar". Sua amiga Ellen havia indicado o lugar.

"Você precisa se *cuidar*", dissera ela a Frances depois do terceiro drinque (um excelente Bellini de pêssego branco) durante o almoço na semana anterior. "Está com uma aparência de *merda*."

Ellen tinha feito uma "purificação" na Tranquillum House três anos antes, quando também ficara "esgotada", "acabada", "fora de forma" e…

"Sim, sim, já entendi", interrompera Frances.

"O lugar é bem… fora do comum", contara Ellen a Frances. "A abordagem deles não é nada convencional. Mudou minha vida."

"Como foi, exatamente, que a sua vida mudou?", indagara Frances, de forma bem sensata, mas sem obter uma resposta clara.

No fim das contas, tudo parecia se resumir ao branco dos olhos de Ellen, que havia ficado muito branco, absurdamente branco! Além disso, ela perdera três quilos! Embora a Tranquillum House não tivesse a ver com perda de peso, o que Ellen se esforçou muito para esclarecer. Tinha a ver com *bem-estar*, mas, bom, que mulher reclama de perder três quilos? Ellen, com certeza, não. Frances também não.

Em casa, Frances dera uma olhada no site do lugar. Nunca gostara muito de abnegação, nunca fizera dieta, raramente dizia não quando queria dizer sim ou sim quando queria dizer não. Segundo sua mãe, a primeira palavra gananciosa de Frances fora "mais". Ela sempre queria mais.

No entanto, as fotos da Tranquillum House a haviam enchido de um anseio estranho e inesperado. Todas tinham uma tonalidade dourada, tiradas durante o nascer ou o pôr do sol, ou então eram filtros que davam essa impressão. Pessoas felizes de

meia-idade faziam a postura do guerreiro em um jardim de rosas brancas ao lado de uma linda casa de campo. Havia um casal sentado em uma das "fontes termais naturais" que cercavam a propriedade. Olhos fechados, cabeça para trás, eles sorriam radiantes enquanto a água borbulhava ao redor. Outra foto mostrava uma mulher aproveitando "uma massagem com pedras quentes" na espreguiçadeira ao lado da piscina azul-esverdeada. Frances havia imaginado aquelas pedras quentes posicionadas com uma simetria maravilhosa ao longo da sua coluna, o calor mágico derretendo a dor.

Enquanto ela sonhava com fontes termais e ioga suave, uma mensagem urgente piscou na tela: *Só resta uma vaga no Retiro Exclusivo de Dez Dias Para Transformação Total da Mente e do Corpo!* Aquilo a fizera se sentir extremamente competitiva e ela clicou em *Reservar agora*, embora não acreditasse *de fato* que só restasse uma vaga. Ainda assim, por via das dúvidas, digitou bem rapidinho as informações do cartão de crédito.

Ficou com a impressão de que dali a meros dez dias ela seria "transformada" de um jeito que "nunca imaginara que fosse possível". Haveria jejum, meditação, ioga, "exercícios criativos de liberação emocional". Nada de álcool, açúcar, cafeína, glúten ou laticínios, mas, como tinha acabado de comer o menu degustação do Four Seasons, ela estava cheia de álcool, açúcar, cafeína, glúten e laticínios no corpo, e a ideia de abrir mão de tudo isso não pareceu tão grave. As refeições seriam "personalizadas" para suas "necessidades específicas".

Antes que sua reserva fosse "aceita", ela teve que responder a um questionário on-line muito grande e um tanto invasivo sobre seu estado civil, seus hábitos alimentares, seu histórico médico, seu consumo de álcool na semana anterior e assim por diante. Mentiu alegremente. Não era da conta deles. Teve até que enviar uma foto sua tirada nas últimas duas semanas. Escolheu uma do almoço com Ellen no Four Seasons, com um Bellini na mão.

Havia caixinhas que ela devia assinalar indicando o que esperava conquistar naqueles dez dias: tinha de tudo, de "terapia intensiva de casal" a "perda considerável de peso". Frances assinalou apenas as caixas que pareciam positivas, como "crescimento espiritual".

Como ocorre com tantas coisas na vida, aquilo pareceu uma boa ideia na hora.

As críticas relativas à Tranquillum House no TripAdvisor, que ela só olhou *depois* de ter pagado a taxa não reembolsável, eram claramente contraditórias. Ora era a melhor, mais incrível experiência que as pessoas já haviam tido, falavam maravilhas sobre a comida, as fontes termais, a equipe e gostariam de dar mais de cinco estrelas; ora era a pior experiência da vida inteira, mencionavam processo na Justiça, estresse pós-traumático e alertavam que as pessoas deviam "entrar por sua conta e risco".

Frances olhou mais uma vez para o painel, esperando a mudança do relógio de quatorze para quinze.

Pare com isso. Foco. Olhos na estrada, Frances. Você está no comando deste carro.

Algo surgiu brevemente em sua visão periférica e ela se retesou, pronta para o choque drástico de um canguru contra o para-brisa.

Não era nada. Essas colisões imaginárias com animais selvagens eram coisa da sua cabeça. Se acontecer, aconteceu. Provavelmente não haveria tempo para reagir.

Ela se lembrou de uma viagem de carro que fizera muito tempo antes com um namorado. Tinham se deparado com uma ema moribunda no meio da estrada, atropelada por um carro. Frances ficara sentada no banco do carona, uma princesa passiva, enquanto o namorado saiu do veículo e matou a pobre ema com uma pedra. Um golpe forte na cabeça. Quando voltou ao banco do motorista, ele estava suado e eufórico, um menino da cidade empolgado com o próprio pragmatismo cheio de compaixão. Frances nunca conseguiu perdoá-lo pela euforia suada. Ele *gostara* de matar a ema.

Ela não sabia se seria capaz de matar um animal moribundo, mesmo agora, aos cinquenta e dois anos, com estabilidade financeira e velha demais para ser princesa.

— Você seria capaz de matar a ema — disse em voz alta. — Com certeza.

Minha nossa. Ela então se lembrou de que o tal namorado estava morto. Espere, estava? Sim, com certeza morto. Soubera pelos amigos em comum alguns anos antes. Complicações após uma pneumonia, parece. Gary sempre sofrera com resfriados terríveis. Frances nunca tivera muita empatia.

Naquele exato instante, seu nariz escorreu feito uma torneira. Que *timing* perfeito. Ela segurou o volante com uma das mãos e limpou o nariz com o dorso da outra. Nojento. Devia ser Gary, vingativo, fazendo seu nariz escorrer lá do além. Justo. Os dois já haviam feito viagens de carro juntos e declarado seu amor, e agora ela mal conseguia lembrar se ele estava morto.

Pediu desculpa a Gary, mas, na verdade, se ele tinha acesso aos seus pensamentos, devia saber que não era culpa dela. Se tivesse chegado àquela idade, saberia como a pessoa fica extraordinariamente confusa e esquecida. Não o tempo todo. Só às vezes.

De vez em quando sou muito sagaz, Gary.

Ela fungou de novo. Parecia que o resfriado estava durando ainda mais que a dor nas costas. Estava fungando no dia em que entregou o manuscrito, não estava? Três semanas antes. Seu décimo nono romance. Continuava esperando a opinião do editor. Antigamente, no fim dos anos noventa, seu "apogeu", a editora teria enviado champanhe e flores dois dias depois da entrega, junto com um bilhete escrito à mão:

Outra obra-prima!

Ela entendia que já não estava mais no auge, mas ainda era uma escritora consistente, mediana. Um e-mail efusivo já seria bom.

Ou pelo menos um e-mail amigável.

Até mesmo uma frase curta — *Desculpe, ainda não tive tempo de ler, mas estou ansioso!* — teria sido educado.

Um medo que ela se recusou a reconhecer tentou se espremer para fora do seu inconsciente. Não. Não. De jeito nenhum.

Agarrou o volante e tentou acalmar a respiração. Vinha tomando remédios para gripe numa tentativa de desobstruir o nariz, e a pseudoefedrina acelerava seu batimento cardíaco, como se algo maravilhoso ou terrível estivesse prestes a acontecer. Aquilo a fazia lembrar da sensação que tivera ao entrar na igreja em seus dois casamentos.

Ela devia estar viciada em remédios para resfriado e gripe. Ficava viciada com facilidade. Homens. Comida. Vinho. Aliás, gostaria de tomar uma taça de vinho naquele instante, e o sol ainda estava alto no céu. Ultimamente andava bebendo, talvez não de maneira excessiva, mas sem dúvida com mais entusiasmo do que o normal. Estava naquele caminho sem volta, aproximando-se do vício em drogas e álcool! Era empolgante perceber que ainda podia mudar de forma considerável. Em sua casa havia uma garrafa de Pinot Noir pela metade, largada descaradamente na escrivaninha para que qualquer um (só a faxineira) visse. Ela era praticamente um Ernest Hemingway. Ele também sofria com problemas na coluna, não? Os dois tinham muito em comum.

Só que Frances tinha um fraco por adjetivos e advérbios. Aparentemente, ela os espalhava pelos romances feito almofadas decorativas. Qual era aquela citação de Mark Twain que Sol costumava murmurar para si mesmo, alto o suficiente para que ela ouvisse, enquanto lia seus manuscritos? *Quando pegar um adjetivo, mate-o.*

Sol era um homem de verdade que não gostava de adjetivos nem de almofadas. Ela visualizou Sol na cama, em cima dela, falando palavrões hilários ao puxar mais uma almofada de baixo da sua cabeça, jogando-a para o outro lado do quarto enquanto ela ria. Frances balançou a cabeça como que para espantar a lembrança. Lembranças sexuais agradáveis pareciam contar pontos para seu primeiro marido.

Quando tudo estava bem na vida de Frances, ela desejava apenas felicidade e uma excelente função erétil para os dois ex-maridos. No momento, desejava que pragas de gafanhotos chovessem na cabeça grisalha deles.

Ela chupou a ponta do polegar direito, onde havia um corte minúsculo e doloroso provocado por papel. De vez em quando latejava, só para lembrá-la de que aquele

podia ser o menor de seus males, mas ainda assim podia estragar seu dia.

O carro deu uma guinada para o lado irregular da estrada, e ela tirou o polegar da boca e agarrou o volante.

— Ops.

Suas pernas eram bem curtas, por isso ela precisava aproximar bem o banco do motorista do volante. Henry costumava dizer que parecia que ela estava dirigindo um carrinho de bate-bate. Dizia que era fofo. Mas, depois de cinco anos, parou de achar fofo e xingava toda vez que entrava no carro e chegava o banco para trás.

Por cerca de cinco anos ela também achara charmoso o fato de ele falar dormindo.

Concentre-se!

O campo passava voando. Finalmente, uma placa: *Bem-vindo à cidade de Jarribong. Temos orgulho de ser uma CIDADE ORGANIZADA.*

Ela desacelerou até chegar ao limite de velocidade de cinquenta quilômetros por hora, o que lhe pareceu absurdamente lento.

Virava a cabeça de um lado para outro, observando a cidade. Um restaurante chinês com um dragão desbotado em vermelho e dourado na porta. Um posto de gasolina que parecia fechado. Uma agência dos correios de tijolos vermelhos. Uma loja de bebidas alcoólicas *drive-through* que parecia aberta. Uma delegacia que parecia totalmente inútil. Ninguém na rua. A cidade podia até ser organizada, mas passava uma impressão pós-apocalíptica.

Frances pensou em seu último manuscrito. A história se passava em uma cidadezinha. *Aquela* era a realidade crua e desoladora das cidades pequenas! Não o vilarejo charmoso que ela havia criado, cercado pelas montanhas, com uma cafeteria quentinha e animada com cheiro de canela e, a parte mais fantasiosa, uma *livraria* que supostamente dava lucro. Os críticos chamariam o livro de "enjoativo", mas na verdade era provável que nem recebesse críticas — de qualquer forma, ela nunca as lia.

E aquele era o fim da pobre Jarribong. Adeus, triste cidadezinha organizada.

Ela fincou o pé no acelerador e observou a velocidade aumentar novamente até cem quilômetros por hora. O site informava que a saída ficava vinte minutos depois de Jarribong.

Tinha uma placa à frente. Ela estreitou os olhos, curvada sobre o volante, para ler: *Tranquillum House, próxima saída à esquerda.*

Sentiu alívio. Conseguira. Dirigira por seis horas sem enlouquecer. Então ficou desapontada, porque teria que ir adiante com aquilo.

— Vire à esquerda em um quilômetro — ordenou o GPS.

— Não quero virar à esquerda em um quilômetro — reclamou Frances.

Ela nem deveria estar ali, naquela estação ou naquele hemisfério. Deveria estar com seu "amigo especial" Paul Drabble em Santa Barbara, o sol morno do inverno batendo no rosto deles enquanto visitavam vinícolas, restaurantes e museus. Deveria estar passando longas tardes relaxadas conhecendo Ari, o filho de doze anos de Paul, escutando sua risadinha curta enquanto ele lhe ensinava algum jogo violento no PlayStation. As amigas de Frances que tinham filhos haviam rido e zombado daquela parte, mas ela estava *ansiosa* para aprender a jogar; os enredos pareciam bastante ricos e complexos.

Uma imagem do rosto jovem e sério do detetive lhe veio à mente. Ele tinha sardas, resquícios da infância, e anotava laboriosamente com uma caneta esferográfica azul tudo o que ela dizia. Sua ortografia era sofrível. Escrevera "ontem" com "h" no início. Não fizera contato visual com ela.

Com a lembrança, uma onda súbita de calor intenso envolveu seu corpo.

Humilhação?

Provavelmente.

Sua cabeça girava. Ela se arrepiou e teve calafrios. Suas mãos logo ficaram escorregadias no volante.

Vá para o acostamento, disse a si mesma. *Você precisa ir para o acostamento agora mesmo.*

Ela ligou a seta, embora não houvesse ninguém atrás, e parou ao lado da estrada. Teve a sensatez de acionar o pisca-alerta. O suor escorria generosamente pelo seu rosto. Em poucos segundos, sua blusa ficou encharcada. Ela puxou o tecido e afastou mechas de cabelo molhado da testa. Um calafrio a fez estremecer.

Espirrou e, com isso, suas costas travaram. A dor foi de proporções tão verdadeiramente bíblicas que ela começou a rir enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ah, estava *enlouquecendo*. Com certeza.

Uma grande onda de raiva primitiva e indistinta tomou conta dela. Socou a buzina diversas vezes, fechou os olhos, jogou a cabeça para trás e gritou em uníssono com a buzina, porque estava resfriada, com dor nas costas, o coração partido e sangrando e…

— Ei!

Ela abriu os olhos e se recostou no banco.

Havia um homem curvado ao lado da sua janela, batendo com força no vidro. Frances viu o carro dele estacionado do outro lado da estrada, o pisca-alerta ligado também.

— Você está bem? — gritou ele. — Precisa de ajuda?

Pelo amor de Deus. Aquele era para ser um momento particular de desespero.

Profundamente constrangedor. Ela apertou o botão para abaixar o vidro.

Um homem muito grande, desagradável, desgrenhado, com a barba por fazer olhava para ela. Vestia uma camiseta com o emblema desbotado de alguma banda antiga sobre uma barriga de cerveja orgulhosa e sólida e uma calça jeans azul de cintura bem baixa. Devia ser um daqueles assassinos em série do interior. Embora ali não fosse exatamente o interior. Ele devia ter tirado férias do interior.

— Seu carro está com problemas?

— Não — respondeu Frances. Ela se empertigou e tentou sorrir. Passou a mão pelo cabelo úmido. — Obrigada. Estou bem. O carro está bem. Está tudo bem.

— Você está *doente*? — indagou o homem.

Parecia ligeiramente enojado.

— Não — disse Frances. — Não muito. Só um resfriado brabo.

— Talvez esteja mesmo é com gripe. Parece *muito* doente — insistiu o homem.

Ele franziu o cenho e seus olhos se fixaram na parte de trás do carro.

— E você estava gritando e buzinando como se… precisasse de ajuda.

— É — admitiu Frances. — Bem. Achei que estivesse sozinha no meio do nada. Eu só estava… passando por um momento ruim. — Ela tentou disfarçar o ressentimento na voz. Ele só era um bom cidadão que havia feito a coisa certa. O que qualquer pessoa faria. — Obrigada por ter parado, mas estou bem — acrescentou gentilmente, com seu sorriso mais doce e apaziguador.

É importante apaziguar homens grandes e desconhecidos no meio do nada.

— Está bem, então. — O homem ficou de pé, gemendo com o esforço, apoiando as mãos nas coxas para tomar impulso, mas depois bateu com os nós dos dedos no teto do carro e se abaixou outra vez, de repente decidido. *Sou homem, sei das coisas.* — Olha, você não está doente demais para dirigir? Porque, se não está em condições de dirigir, se é um perigo para os outros motoristas na estrada, eu não posso deixar, em sã consciência, que você…

Frances se empertigou. Pelo amor de Deus.

— Eu só senti uma onda de calor — disparou ela.

O homem empalideceu.

— Ah! — Ele a examinou. Fez uma pausa. — Sempre achei que se chamava *climatério* — comentou.

— Acho que as duas expressões estão corretas — retrucou Frances.

Aquela era a terceira vez. Tinha lido muito sobre o assunto e conversado com todas as mulheres acima dos quarenta e cinco que conhecia, marcara uma consulta de duas horas com a ginecologista, na qual exclamara: "Mas ninguém nunca disse que seria

assim!" Por enquanto, estavam monitorando as coisas. Ela passara a tomar suplementos, reduzira o consumo de álcool e de comidas apimentadas. Ha-ha.

— Então você está bem — disse o sujeito.

Olhou de um lado para outro da estrada, como se buscasse ajuda.

— Estou realmente ótima — afirmou Frances.

Sentiu uma leve pontada nas costas e tentou não reagir.

— Eu não sabia que ondas de calor, climatério, eram tão…

— Dramáticas? Bem, não é assim para todas. Só para as sortudas.

— Não existe… Como se chama? Terapia de reposição hormonal?

Meu Deus do céu.

— Você vai me receitar alguma coisa? — perguntou Frances alegremente.

O homem deu um passinho para trás, as mãos erguidas em sinal de rendição.

— Desculpe. É porque acho que era isso que minha esposa… Enfim, não é da minha conta. Se está tudo bem, vou seguir meu caminho.

— Ótimo — disse Frances. — Obrigada por ter parado.

— Sem problemas.

Ele ergueu a mão, fez menção de dizer outra coisa, mas mudou de ideia e voltou para o carro. Havia marcas de suor nas costas da camiseta dele. O homem era uma montanha. Pura sorte ele ter decidido que não valia a pena estuprá-la e matá-la. Devia preferir vítimas menos suadas.

Frances o observou ligar o carro e seguir pela autoestrada. Ele bateu o dedo na testa enquanto se afastava.

Ela aguardou até que o carro não passasse de um pontinho no retrovisor, então pegou a muda de roupa no banco do carona separada especificamente para aquela eventualidade.

"Menopausa?", questionara a mãe de oitenta anos ao telefone, distraída, do outro lado do mundo, no sul da França, onde morava atualmente e era feliz. "Ah, acho que não tive muitos problemas, querida. Não durou mais que um fim de semana, se me lembro bem. Tenho certeza de que com você vai ser assim também. Nunca tive aquelas ondas de calor. Acho que são um mito, para falar a verdade."

Humpf, pensou Frances enquanto secava o suor mítico com uma toalha.

Cogitou mandar uma mensagem de texto com uma foto do seu rosto vermelho feito um tomate para as amigas da escola, algumas das quais conhecia desde o jardim de infância. Agora, quando saíam para jantar, conversavam sobre os sintomas da menopausa com o mesmo terror ávido com que antes conversavam sobre a primeira menstruação. Ninguém mais estava sentindo aquelas ondas de calor exageradas como

Frances, portanto ela era a mártir do grupo. Como ocorre com tudo na vida, as reações delas à menopausa eram ditadas por suas personalidades: Di dizia que vivia em um estado de raiva permanente, e se seu ginecologista não aceitasse fazer uma histerectomia em breve ela ia segurar o babaca pela camisa e jogá-lo contra a parede; Monica estava abraçando a "bela intensidade" de suas emoções; e Natalie se perguntava ansiosamente se aquilo contribuía para sua ansiedade. Todas concordavam que era bem típico de sua amiga Gillian morrer para escapar da menopausa, então choravam com o rosto enfiado em espumantes.

Não, ela não ia mandar uma mensagem para as amigas, porque de repente lembrou que, durante o último jantar, ela tirara os olhos do cardápio e notara uma troca de olhares que sem dúvida significava "Pobre Frances". Não suportava que sentissem pena dela. Aquele grupo específico de amigas com casamentos sólidos devia *invejá-la*, ou pelo menos tinha fingido invejá-la durante todos aqueles anos, mas, pelo visto, ser solteira e não ter filhos aos trinta era bem diferente de ser solteira e não ter filhos aos cinquenta. Não era mais glamoroso. Agora era meio trágico.

Sou só temporariamente trágica, disse para si mesma enquanto vestia uma blusa limpa com um decote generoso. Jogou a camiseta suada no banco de trás, ligou o carro, olhou por cima do ombro e voltou para a autoestrada. *Temporariamente Trágica*. Poderia ser o nome de uma banda.

Havia uma placa. Frances estreitou os olhos. *Tranquillum House*, indicava.

— Vire à esquerda — ordenou o GPS.

— Sim, eu *sei*, estou vendo.

Ela encontrou os próprios olhos no retrovisor e tentou lançar um olhar de esguelha para si mesma como quem diz "a vida não é interessante?".

Frances sempre gostara da ideia de universos paralelos em que múltiplas versões dela mesma experimentavam vidas diferentes — um em que ela era diretora executiva de uma empresa em vez de escritora; um em que era mãe de duas, quatro ou seis crianças em vez de nenhuma; um em que não tinha se divorciado de Sol e um em que não tinha se divorciado de Henry —, mas na maior parte do tempo se sentia satisfeita, ou pelo menos aceitava o universo em que estava… Menos agora, porque agora parecia ter havido uma espécie de erro administrativo cataclísmico da física quântica. Ela mudara de universo. Deveria estar curtindo uma onda de luxúria e amor nos Estados Unidos, não uma de dor e mágoa na Austrália. Era simplesmente errado. Inaceitável.

No entanto, lá estava ela. Não havia nada a fazer, nenhum outro caminho a seguir.

— Puta merda — disse, virando à esquerda.

TRÊS

Lars

— Esse é o preferido da minha mulher. — O gerente da vinícola, um sujeito rechonchudo e alegre de sessenta e poucos anos com um bigode retrô, exibia uma garrafa de vinho branco. — Ela diz que a faz pensar em lençóis de seda. Tem um toque cremoso e aveludado no fim; acho que você vai gostar.

Lars girou a taça de degustação e inspirou o aroma: maçã, raios de sol e fumaça de lareira. Uma lembrança instantânea de um dia de outono. O conforto de uma mão grande e morna segurando a sua. Parecia uma memória de infância, mas provavelmente não era; devia ser algo que ele pegara emprestado de um livro ou de um filme. Deu um gole no vinho, deixou que percorresse sua boca e foi transportado para um bar na Costa Amalfitana. Folhas de videira em torno da luminária, cheiro de alho e do mar. Aquilo, sim, era uma lembrança genuína e feliz da vida real, com fotos como prova. Ele se lembrou do espaguete. Só salsa, azeite e amêndoas. Talvez tivesse até uma foto do espaguete em algum lugar.

— O que achou? — perguntou o gerente, sorrindo.

Era como se seu bigode estivesse sendo perfeitamente preservado desde 1975.

— É excelente.

Lars bebeu mais um gole, tentando assimilar a gama de sabores. Vinhos podiam ser traiçoeiros: começavam como raio de sol, maçã e espaguete, depois não passavam de decepção amarga e promessas vazias.

— Também tenho um Pinot Grigio que pode agradar…

Lars ergueu a mão e conferiu o relógio.

— É melhor eu parar por aqui.

— Ainda tem um percurso longo pela frente hoje?

Todo mundo que parava ali estava a caminho de outro lugar. Lars quase passara direto pela plaquinha de madeira que dizia *Adega de Degustação*. Pisara com força no freio, porque era esse tipo de homem: espontâneo. Quando se lembrava de ser.

— Tenho que fazer check-in em um resort daqui a uma hora. — Lars ergueu a

taça de vinho até a luz e admirou a cor dourada. — Então nada de álcool para mim pelos próximos dez dias.

— Ah. Tranquillum House, certo? — disse o gerente. — Está fazendo a… Como eles chamam? Purificação de dez dias, ou algo assim?

— Pelos meus pecados — brincou Lars.

— Normalmente, os clientes que param aqui são os que estão voltando para casa. Somos a primeira vinícola pela qual eles passam na estrada a caminho de Sydney.

— E o que eles dizem sobre o lugar? — perguntou Lars.

Ele pegou a carteira. Ia comprar alguns vinhos para que entregassem na sua casa, como um mimo de boas-vindas quando voltasse.

— Alguns parecem um pouco perturbados, para ser sincero. Geralmente precisam de uma bebida e batata frita para recuperar a cor no rosto. — O gerente levou a mão ao gargalo da garrafa como que para se tranquilizar. — Na verdade, minha irmã acabou de arrumar um trabalho no spa de lá. Disse que a chefe dela é um pouco… — Ele semicerrou os olhos como se tentasse enxergar a palavra que queria dizer. Por fim, concluiu: — …diferente.

— Estou sabendo — afirmou Lars.

Não estava preocupado. Era viciado em spas com foco na saúde. As pessoas que administravam esse tipo de lugar costumavam ser "diferentes".

— Ela disse que a casa é maravilhosa. Tem uma história fascinante.

— Foi construída por presidiários, eu acho.

Lars bateu o canto do seu cartão Amex Gold na bancada.

— É. Coitados. Eles não eram tratados como se estivessem no spa.

Uma mulher surgiu de uma porta atrás dele, resmungando:

— Essa porcaria de internet caiu *de novo*.

Ela parou ao ver Lars, virando a cabeça pela segunda vez para olhá-lo novamente. Ele estava acostumado. Durante toda a sua vida as pessoas fizeram isso. Então a mulher desviou o olhar depressa, constrangida.

— Essa é minha mulher — revelou o gerente da vinícola com orgulho. — A gente estava falando agora mesmo do seu sémillon preferido, amor… O sémillon dos lençóis de seda.

O pescoço dela ficou vermelho.

— Eu queria que você não contasse isso para as pessoas.

O marido ficou confuso.

— Eu *sempre* digo isso para as pessoas.

— Vou levar uma caixa — declarou Lars. Ele observou a mulher dar tapinhas nas

costas do marido ao passar por ele. — Aliás, duas — corrigiu Lars, porque passava os dias lidando com resquícios despedaçados de casamentos falidos e adorava ver um casamento bom.

Ele sorriu para a mulher, que levou rapidamente as mãos ao cabelo, enquanto o marido, distraído, pegava um livro velho e maltratado de encomendas com uma caneta presa por um barbante, debruçava-se pesadamente na bancada e espiava o formulário de um jeito que dava a entender que aquilo ia demorar.

— Nome?

— Lars Lee — respondeu Lars no momento em que seu celular apitou com uma mensagem de texto.

Ele tocou a tela.

Pode pelo menos pensar no assunto? BJ bj

Lars sentiu o coração palpitar como se tivesse visto uma aranha preta e peluda passando em disparada na sua frente. Puta que pariu. Achou que aquele assunto já estivesse encerrado. Seu polegar pairou acima da mensagem, ponderando. O caráter passivo-agressivo do "pelo menos". O beijo duplo meloso. Além disso, ele não gostou de que o primeiro beijo estava em letras maiúsculas e o segundo em minúsculas, e também desprezou o fato de não gostar daquilo. Era ligeiramente obsessivo.

Digitou uma resposta rude e malcriada em caixa alta: *NÃO. NÃO VOU PENSAR.*

Mas então a deletou, devolvendo o celular ao bolso da calça jeans.

— Vou experimentar o Pinot Grigio.

QUATRO

Frances

Frances dirigiu por vinte minutos em uma estrada de terra esburacada que sacudia o carro com tanta força a ponto de fazer seus ossos chacoalharem e sua lombar gritar.

Por fim, parou diante do que parecia um portão exageradamente trancado, com um interfone. Era como chegar a uma prisão de segurança mínima. Uma cerca feiosa de arame farpado se estendia sem fim de ambos os lados.

Ela havia imaginado uma entrada imponente ladeada de árvores, e que depois seguiria até a casa "histórica", onde alguém a receberia com um suco verde. Aquilo não parecia particularmente terapêutico, para falar a verdade.

Pare com isso, disse a si mesma. Se entrasse no modo *consumidora insatisfeita,* tudo começaria a incomodá-la, e ela ia passar dez dias ali. Precisava estar aberta e flexível. Ir a um resort era como viajar para outro país. Era necessário abraçar culturas diferentes e ter paciência com pequenos inconvenientes.

Baixou o vidro do carro. O ar quente e pesado encheu sua garganta feito fumaça quando ela se debruçou e apertou o botão verde do interfone com o polegar. O botão estava quente por causa do sol e fez o corte no seu dedo doer.

Ela chupou o polegar e esperou que uma voz desencarnada lhe desse as boas-vindas ou que o portão de ferro forjado se abrisse magicamente.

Nada.

Olhou outra vez para o interfone e encontrou um bilhetinho escrito à mão colado ao lado do botão. A letra era tão miúda que ela só enxergou a importante palavra "instruções".

Pelo amor de Deus, pensou, enquanto vasculhava a bolsa em busca dos óculos de leitura. Com certeza uma boa porcentagem dos hóspedes tinha mais de quarenta anos.

Frances achou os óculos, colocou-os no rosto e conferiu o bilhete, mas *ainda assim* não conseguiu ler. Saiu do carro estalando a língua e resmungando. O calor a agarrou em um abraço forte, e gotas de suor brotaram em seu couro cabeludo.

Ela se abaixou perto do interfone e leu o bilhete, que parecia ter sido escrito pela

fada do dente em letras de forma minúsculas e perfeitas.

NAMASTÊ E BEM-VINDO À TRANQUILLUM HOUSE, ONDE UM NOVO VOCÊ O AGUARDA. POR FAVOR, DIGITE O CÓDIGO DE SEGURANÇA 564-312 E IMEDIATAMENTE EM SEGUIDA APERTE O BOTÃO VERDE.

Ela digitou o código de segurança, depois apertou o botão verde e esperou. O suor escorria pelas suas costas. Teria que trocar de roupa *de novo*. Uma mosca-varejeira zumbiu perto de sua boca. Seu nariz pingou.

— Ah, ande logo! — disse ela para o interfone com uma raiva súbita.

Questionou se seu rosto suado e agitado estava aparecendo em alguma tela lá dentro, enquanto um especialista analisava com frieza seus sintomas e chacras desalinhados. *Essa aí vai dar trabalho. Olhe só como reage a um dos estresses mais simples da vida: a espera.*

Será que tinha errado a porcaria do código?

Ela digitou cuidadosamente o código de segurança mais uma vez, dizendo cada número em voz alta, com um tom sarcástico, para provar algo a Deus sabe quem. Então apertou o botão quente e verde de forma lenta e decidida, segurando-o por cinco segundos só para garantir.

Pronto. Agora me deixem entrar.

Frances tirou os óculos de leitura e os deixou pendurados na mão.

O calor tremendo parecia derreter seu couro cabeludo feito chocolate ao sol. Mais uma vez, silêncio. Ela lançou um olhar intenso e firme para o interfone, como se isso fosse obrigá-lo a agir.

Pelo menos resultaria em uma história engraçada para Paul. Será que ele já tinha ido a um spa? Não, devia ser cético. Ela mesma…

Sentiu um aperto no peito. Aquilo não daria uma boa história para Paul. Paul se fora. Que humilhante vê-lo se insinuar em seus pensamentos daquela forma. Ela desejou sentir uma onda quente de raiva, em vez da tristeza absoluta, do luto falso por algo que nunca fora real.

Pare. Não pense nisso. Concentre-se no problema do momento.

A solução era óbvia. Bastava *ligar* para a Tranquillum House! Eles ficariam extremamente constrangidos em saber que o interfone estava quebrado, enquanto Frances manteria a calma e seria compreensiva, dispensando os pedidos de desculpa.

— Essas coisas acontecem — diria ela. — Namastê.

Voltou para o carro e ligou o ar-condicionado no máximo. Encontrou a papelada com os detalhes da sua reserva e discou o número indicado. Toda a comunicação anterior havia sido feita por e-mail, portanto foi a primeira vez que ela ouviu o recado gravado, que começou imediatamente:

— *Obrigado por ligar para o histórico Hotel de Fontes Termais, Saúde e Bem-Estar Tranquillum House, onde um novo você o aguarda. Seu telefonema é muito importante e especial para nós, assim como sua saúde e seu bem-estar, mas estamos recebendo um volume atipicamente grande de chamadas no momento. Sabemos que seu tempo é precioso, então, por favor, deixe um recado após o sino de vento e retornaremos assim que possível. Agradecemos pela paciência. Namastê.*

Frances pigarreou enquanto ouvia o som irritante do sino de vento chacoalhando e cintilando.

— Ah, sim, meu nome é…

O sino de vento continuou. Ela parou, esperou, se preparou para falar e parou de novo. Era uma *sinfonia* de sinos de vento.

Finalmente, fez-se silêncio.

— Alô, aqui é Frances Welty. — Ela fungou. — Desculpe. Estou resfriada. Enfim, como eu disse, me chamo Frances Welty. Sou uma hóspede. — Hóspede? Seria a palavra certa? Paciente? Detenta? — Tentei fazer check-in, mas estou presa do lado de fora do portão. São, hum… três e vinte, três e vinte e cinco, e eu estou… aqui! O interfone não funcionou, apesar de eu ter seguido todas as instruções. As instruções minúsculas. Será que vocês podem abrir o portão e me deixar entrar?

O recado terminou com um tom crescente de histeria, do qual ela se arrependeu. Frances largou o celular no banco do carona e examinou o portão.

Nada. Ia esperar vinte minutos e depois desistiria.

O celular tocou e ela o agarrou sem olhar para a tela.

— Oi! — disse, alegremente, para mostrar como era compreensiva e paciente e compensar o comentário sarcástico sobre as instruções "minúsculas".

— Frances? — Era Alain, seu agente literário. — Sua voz está diferente.

Ela suspirou.

— Eu estava aguardando outra ligação. Cheguei àquele resort que falei para você, mas não consigo nem passar pelo portão de entrada. O interfone não está funcionando.

— Quanta incompetência! Que *insatisfatório*! — Alain se irritava facilmente com serviços mal prestados. — Você deveria dar meia-volta e vir para casa. Não é um lugar *alternativo*, é? Lembra daqueles coitados que morreram na tenda do suor?

Achavam que iam sair de lá iluminados quando na verdade estavam cozinhando.

— Este lugar é bem convencional. Fontes termais, massagens e arteterapia. Talvez um leve jejum.

— Leve jejum — repetiu Alain, bufando. — Coma quando tiver fome. É um *privilégio*, sabe, comer quando se tem fome, enquanto há pessoas famintas no mundo.

— Bem, justamente… Nós *não* estamos passando fome nesta parte do mundo — argumentou Frances. — Ela olhou para a embalagem de KitKat no painel do carro. — Estamos ingerindo comida processada em excesso. É por isso que nós, pessoas privilegiadas, precisamos nos desintoxicar…

— Ai, meu Deus, você está caindo na armadilha. Está comendo na mão deles! Desintoxicação é um mito, querida, já foi provado! Seu fígado faz isso por você. Ou talvez sejam os rins. Tudo é eliminado de alguma forma.

— *Enfim* — disse Frances.

Tinha a impressão de que Alain estava procrastinando.

— Enfim — repetiu ele. — Você parece resfriada, Frances.

Pelo visto ele estava bastante angustiado com a saúde dela.

— Pois é, estou com um resfriado muito sério, persistente, talvez permanente — comentou ela, e tossiu para comprovar. — Você ficaria orgulhoso de mim. Estou tomando *muitos* remédios fortíssimos. Meu coração está batendo a mil por hora.

— Esse é o segredo — aprovou Alain.

Houve uma pausa.

— Alain? — chamou Frances, mas ela sabia exatamente o que ele ia dizer.

— Infelizmente, não trago boas notícias — decretou Alain.

— Sei.

Ela encolheu a barriga, pronta para encarar aquilo como uma pessoa honrada, ou pelo menos como uma escritora de romances capaz de ler os próprios extratos de direitos autorais.

— Bem, como você sabe, querida… — começou ele.

Mas Frances não suportava ouvi-lo enrolar, tentando colocar panos quentes por meio de elogios.

— Eles não querem o livro novo, não é? — disparou ela.

— Eles não querem o livro novo — confirmou Alain com tristeza. — Eu sinto muito. Acho que é um livro lindo, de verdade, é só a conjuntura. Os livros de romance caíram mais que tudo; não vai durar para sempre, é um gênero que volta num piscar de olhos, mas…

— Então você vai vender para outra pessoa — interrompeu Frances. — Para

Timmy.

Houve mais uma pausa. Então Alain revelou:

— Eu não contei isso para você, mas a questão é que entreguei o manuscrito para Timmy algumas semanas atrás, porque estava com um pouco de medo de que isso pudesse acontecer, e obviamente uma oferta de Timmy antes que tivéssemos algo concreto me daria uma vantagem, então eu…

— Timmy *não quis*?

Frances não estava acreditando. Em seu armário havia um vestido de marca que ela nunca mais poderia usar por causa da mancha de uma piña colada que Timmy derramara nela enquanto a emboscava em um cômodo durante o Festival de Escritores de Melbourne. Com a voz apressada e quente no ouvido dela, olhando por cima do ombro feito um espião, ele disse o quanto queria publicá-la, como era seu *destino* publicá-la, como ninguém mais no mercado editorial saberia publicá-la igual a ele, como a lealdade dela a Jo era admirável porém equivocada, porque Jo achava que entendia de romance, mas *não* entendia, só Timmy entendia, e só ele poderia e *faria* com que Frances alcançasse "o próximo nível", e coisa e tal, até que Jo surgira e a resgatara: "Ei, deixe a minha autora em paz."

Quanto tempo fazia? Não podia ser muito. Talvez nove, dez anos. Uma década. O tempo estava passando tão rápido ultimamente. Havia algo de errado com a velocidade em que a Terra estava girando. Décadas passavam tão depressa quanto os anos costumavam passar.

— Timmy adorou o livro — esclareceu Alain. — Amou. Estava quase chorando. Mas não conseguiu convencer o setor de aquisições. Está todo mundo apavorado lá. Foi um ano terrível. A ordem da gerência é só comprar *thrillers* psicológicos.

— Não sei escrever *thriller* — observou Frances.

Ela nunca gostara de matar personagens. Às vezes deixava que quebrassem um membro, mas já se sentia bem culpada com isso.

— É claro que não! — confirmou Alain rápido demais, fazendo Frances se sentir levemente ofendida. — Olha, eu tenho que admitir que fiquei preocupado quando Jo saiu da editora e você perdeu o contrato — continuou ele. — Mas Ashlee parecia ser uma grande fã sua.

Frances perdeu o foco enquanto Alain continuava falando. Observou o portão fechado e pressionou os nós dos dedos da mão esquerda na lombar.

O que Jo diria quando soubesse que Frances fora rejeitada? Ou será que ela teria feito o mesmo? Frances sempre achara que Jo seria sua editora para sempre. Imaginava que as duas encerrariam a carreira ao mesmo tempo, talvez com um almoço

extravagante de aposentadoria, mas Jo anunciara a aposentadoria no ano anterior. *Aposentar!* Como se ela fosse uma vovozinha velha! Jo de fato era avó, mas, pelo amor de Deus, aquilo não era motivo para *parar*. Frances tinha a impressão de estar só entrando no clima da coisa enquanto de repente as pessoas ao seu redor já começavam a ter atitudes de velho: ganhar netos, se aposentar, se mudar para uma casa menor, morrer (não em acidentes de carro ou avião, mas morrer *tranquilamente* durante o sono). Nunca perdoaria Gillian por isso. Ela sempre ia embora das festas sem se despedir.

Não deveria ter ficado surpresa ao descobrir que a substituta de Jo era uma criança, porque elas estavam dominando o mundo. Para onde quer que Frances olhasse, havia crianças: crianças sentadas com seriedade atrás de escrivaninhas novas, controlando o tráfego, organizando festivais de escritores, tirando sua pressão, cuidando de seus impostos e medindo seus sutiãs. Quando conheceu Ashlee, Frances achou de verdade que a jovem era estagiária. Estava prestes a dizer que "um cappuccino seria ótimo, querida" quando a menina deu a volta na antiga mesa de Jo.

"Frances", dissera ela, "este é um momento de *fã babona* para mim! Eu lia seus livros quando tinha, tipo, *onze anos*! Roubava da bolsa da minha mãe. Eu falava, tipo: 'Mãe, você tem que me deixar ler *O beijo de Nathaniel*', e ela dizia: 'De jeito nenhum, Ashlee, tem sexo demais!'"

Então Ashlee prosseguira argumentando que o próximo livro de Frances teria que ter mais sexo, muito mais sexo, mas ela sabia que Frances superdaria conta! Ashlee tinha certeza de que Frances sabia que o mercado estava mudando e…

"Se você olhar para esse gráfico aqui, Frances… Não, *aqui*… Isso… Vai ver que as suas vendas estão meio que em uma, bem, desculpe dizer isso, mas temos que chamar de *trajetória descendente*, e nós, tipo, precisamos muito reverter isso, tipo, super-rápido. Ah, e mais uma coisa…" Ashlee parecera aflita, como se estivesse prestes a mencionar um problema médico constrangedor. "É a sua presença nas redes sociais. Ouvi dizer que você não gosta muito de redes sociais. Minha mãe também não! Mas é meio que essencial no mercado de hoje. Seus fãs precisam muito ver você no Twitter, no Instagram e no Facebook… E isso é o mínimo do mínimo. Além disso, a gente adoraria que você criasse um blog, uma newsletter e quem sabe fizesse alguns vlogs regularmente… Seria tão divertido! São tipo filminhos!"

"Eu tenho um site", retorquira Frances.

"Sei", dissera Ashlee com gentileza. "Sei que você tem, Frances. Mas ninguém está nem aí para sites."

Então ela virara a tela do computador para mostrar a Frances alguns exemplos de

escritores mais bem-comportados, com presenças "ativas" nas redes sociais. Frances parara de prestar atenção e ficara esperando aquilo acabar, como se fosse uma consulta no dentista. (Nem estava enxergando a tela direito, de qualquer forma. Não tinha levado os óculos.) Mas não se preocupara, porque na época estava se apaixonando por Paul Drabble, e ela sempre escrevia os melhores livros quando se apaixonava. Além disso, tinha os leitores mais fofos e fiéis do mundo. Suas vendas podiam cair, mas ela sempre seria *publicada*.

— Vou encontrar o lar certo para esse livro — disse Alain então. — Talvez só demore um pouco. O romance não morreu!

— Não? — questionou Frances.

— De jeito nenhum — sentenciou Alain.

Ela pegou a embalagem vazia de KitKat e a lambeu, em busca de fragmentos de chocolate. Como ia superar aquele obstáculo sem açúcar?

— Frances? — chamou ele.

— Minhas costas estão doendo demais — revelou ela, depois assoou o nariz com força. — Além disso, tive que parar o carro no meio da estrada durante uma onda de calor.

— Que coisa pavorosa — opinou Alain, sentido. — Não consigo nem imaginar.

— Não, não consegue. Um homem parou para conferir se eu estava bem, porque eu fiquei gritando.

— *Gritando*? — perguntou Alain.

— Senti vontade de gritar — explicou Frances.

— Claro, claro — disse Alain rapidamente. — Entendo. Eu sinto vontade de gritar com frequência.

Aquilo era o fundo do poço. Tinha acabado de *lamber uma embalagem de KitKat*.

— Poxa vida, Frances, sinto muito por isso, ainda mais depois do que aconteceu com aquele homem horrível. A polícia tem alguma novidade?

— Não. Nenhuma.

— Querida, estou *sofrendo* por você aqui.

— Não precisa — retrucou Frances, fungando.

— Você tem passado por coisas tão ruins ultimamente, querida… Falando nisso, eu queria que soubesse que aquela crítica não teve impacto nenhum na decisão deles.

— Que crítica? — quis saber Frances. Fez-se silêncio. Ela sabia que ele estava batendo na testa. — Alain?

— Ai, meu Deus! — exclamou. — Meu Deus, meu Deus, meu Deus.

— Não leio crítica desde 1998 — lembrou Frances. — Nenhuma. Você sabe

disso.

— É claro que eu sei — disse Alain. — Sou um idiota. Um tolo.

— Por que fariam uma crítica se eu não lancei um livro novo?

Frances se empertigou no banco. Suas costas doíam tanto que ela achou que ia vomitar.

— Alguma vaca pegou um exemplar de *O que o coração quer* no aeroporto e escreveu uma análise sobre, bem, sobre seus livros de forma geral, fez uma diatribe louca. Ela meio que fez uma conexão com o movimento Me Too, o que gerou mais alguns cliques baratos. Foi simplesmente ridículo… Como se livros românticos fossem culpados pela existência de assediadores!

— O quê?

— Ninguém nem leu a crítica. Não sei por que mencionei isso. Devo estar com demência precoce.

— Você disse que gerou cliques!

Todo mundo tinha lido a crítica. Todo mundo.

— Me mande o link — ordenou Frances.

— Não é tão ruim — ponderou Alain. — É só esse preconceito contra o gênero…

— Me mande!

— Não — disparou Alain. — Não vou mandar. Você passou todos esses anos sem ler nenhuma crítica. Não tenha uma recaída!

— Agora mesmo — disse Frances com a voz ameaçadora que usava em momentos raros, como quando estava se divorciando.

— Vou mandar — concordou Alain, obediente. — Eu sinto muito mesmo, Frances. Sinto muito por este telefonema como um todo.

Ele desligou e Frances foi logo checar seu e-mail. Não tinha muito tempo. Assim que chegasse à Tranquillum House, ela teria que "entregar" seu "aparelho". Seria uma desintoxicação digital, além de todo o resto. Ela ia ficar "fora da rede".

SINTO MUITO!, dizia o e-mail de Alain.

Ela clicou no link.

A crítica era creditada a Helen Ihnat. Frances não conhecia aquele nome e não havia foto. Ela leu rápido, com um sorriso digno e irônico, como se a autora estivesse dizendo aquilo tudo na sua frente. Era uma crítica terrível: maldosa, sarcástica e condescendente; porém, o mais interessante foi que não doeu. As palavras — *previsível; lixo; bobagem; vulgar* — entraram por um ouvido e saíram pelo outro.

Ela estava ótima! Não é possível agradar a todos. Faz parte do trabalho.

Então Frances sentiu.

Foi como quando a pessoa se queima em uma chapa elétrica e primeiro pensa: *Rá, achei que fosse doer mais*, então dói mais e de repente dói horrores.

Uma dor avassaladora surgiu em seu peito e se espalhou por todo seu corpo. Seria mais um sintoma divertido da menopausa? Talvez fosse um ataque cardíaco. Mulheres têm ataques cardíacos. Aquilo tinha que ser mais do que mágoa. Aquela, é claro, era a razão pela qual Frances havia parado de ler críticas, para início de conversa. Era sensível demais.

"Foi a melhor decisão que já tomei", dissera para a plateia da Conferência de Escritores de Romances da Austrália ao fazer o discurso de abertura no ano anterior.

Todos deviam estar pensando: *Talvez seja bom ler uma crítica ou outra, Frances, sua velha ultrapassada*.

Por que ela achou que seria uma boa ideia ler uma crítica negativa logo após receber a primeira rejeição em trinta anos?

E agora estava acontecendo outra coisa. Parecia, e, minha nossa, era tão fascinante, tinha a impressão de estar perdendo totalmente a noção de si mesma.

Vamos lá, Frances, controle-se, você está velha demais para ter uma crise existencial.

Mas, pelo visto, não estava.

Ela tateou desesperadamente em busca da própria identidade, mas era como tentar segurar a água que escorre pelo ralo. Se não era mais uma escritora publicada, então quem ela era? Qual era sua real relevância? Não era mãe, esposa ou namorada. Era uma mulher divorciada duas vezes, de meia-idade, em plena menopausa, com ondas de calor/climatério. Uma piada. Um clichê. Invisível para a maioria das pessoas… exceto, é claro, para homens como Paul Drabble.

Ela olhou para o portão à sua frente, que *ainda não se abrira*, e lágrimas embaçaram sua visão. Disse a si mesma para não entrar em pânico. Você não está *desaparecendo*, Frances, não seja tão melodramática, é só uma fase difícil, um momento ruim, e os remédios para gripe e resfriado estão fazendo seu coração bater acelerado. Mas a impressão que tinha era a de estar à beira de um precipício, e do outro lado do precipício havia um abismo de desespero sombrio, diferente de tudo que ela já vivera, mesmo nos momentos de luto verdadeiro — e aquilo *não* era luto de verdade, ela lembrou a si mesma, era um obstáculo em sua carreira combinado ao fim de um relacionamento, a uma dor nas costas, a um resfriado e a um corte no dedo; nada parecido com quando seu pai morrera, ou quando Gillian morrera. Porém, na verdade não ajudava em nada se lembrar da morte das pessoas que amava, não ajudava nem um pouco.

Ela olhou desesperadamente ao redor em busca de uma distração — seu celular,

seu livro, *comida* —, então viu algo se movendo pelo retrovisor.

O que era? Um animal? Uma ilusão de ótica? Não, era alguma coisa.

Lento demais para ser um carro.

Espere. *Era* um carro. Só que vinha tão devagar que mal se movia.

Ela se empertigou e esfregou a pele embaixo dos olhos, onde o rímel havia escorrido.

Um carro esportivo amarelo-canário se aproximou pela estrada de terra mais devagar do que ela imaginaria ser possível.

Frances não se interessava por carros, mas, quando aquele chegou perto, até ela percebeu que era um veículo caríssimo. Baixo e brilhante, com faróis futuristas.

Parou atrás do carro dela e as portas de ambos os lados se abriram ao mesmo tempo. Um jovem casal saiu. Frances ajustou o retrovisor para vê-los melhor. O homem parecia um encanador suburbano a caminho de um churrasco de domingo: boné virado, óculos escuros, camiseta, bermuda e mocassins sem meias. A mulher tinha um cabelo comprido incrível com cachos ruivos. Vestia uma calça capri justíssima, sua cintura era absurdamente fina, e seus seios, ainda mais inacreditáveis. Ela se equilibrava no alto de saltos agulha.

Por que diabo um casal jovem como aquele iria para um spa? Aquele tipo de lugar não era para pessoas com sobrepeso, fadiga, para quem enfrentava problemas na coluna e patéticas crises de identidade na meia-idade? Enquanto Frances observava, o homem virou o boné para o lado certo e inclinou a cabeça para trás, arqueando as costas, como se também achasse o céu opressivo. A mulher disse algo para ele. Frances percebeu pelo movimento dos lábios dela que tinha sido ríspida.

Estavam discutindo.

Que distração deliciosa. Frances baixou o vidro. Aquelas pessoas iam afastá-la do precipício, puxá-la de volta para sua existência. Ela recuperaria a identidade existindo aos olhos deles. Eles a veriam como uma velha excêntrica e talvez até irritante, mas não importava como a vissem, contanto que a vissem.

Ela se debruçou desajeitadamente para fora da janela do carro, balançou os dedos e gritou:

— Oiiiiii!

A menina cambaleou pela grama em sua direção.

CINCO

Ben

Ben observou Jessica andar feito uma girafa recém-nascida em direção ao Peugeot 308 — aquela lata velha caríssima — parado com o motor ligado em frente ao portão. Uma das luzes de freio do Peugeot tinha quebrado e o silenciador parecia amassado, sem dúvida por causa da estrada de terra. A mulher ao volante estava semidebruçada para fora da janela, quase caindo, acenando loucamente para Jessica como se não pudesse estar mais feliz em vê-la. Mas por que não abria logo a porta do carro e saía?

Pelo visto o resort estava fechado. Encanamento central estourado? Motim? Ele tinha esperanças.

Jessica mal conseguia andar com aqueles sapatos ridículos. Parecia que estava usando pernas de pau. Os saltos eram tão finos quanto palitos de dente. Ela ia torcer o tornozelo a qualquer momento.

Ben se agachou ao lado do próprio carro e passou os dedos pela pintura, procurando algum arranhão. Olhou para a estrada que tinham acabado de percorrer e estremeceu. Como era possível um lugar que cobrava o olho da cara ficar em uma estrada daquelas? Deveria haver um aviso no site. Ele tivera certeza de que iam bater o para-choque em algum daqueles buracos.

Não encontrou nenhum arranhão visível, o que era um milagre, mas vai saber o dano que o chassi havia sofrido… Teria que esperar até poder levar ao mecânico. Queria fazer isso naquele instante, mas precisaria esperar dez dias.

Talvez chamasse um reboque para levar o carro de volta a Melbourne. Podia ligar para um dos conhecidos de Pete. Não era uma ideia tão louca, só que seus antigos colegas de trabalho iam encher o saco dele se soubessem que havia dirigido *aquele* carro por *aquela* estrada. Achava até que seu ex-chefe choraria se visse aquilo.

Os olhos de Pete haviam brilhado de uma maneira um tanto suspeita após o incidente do arranhão no mês anterior. O "escândalo do arranhão", como todos tinham chamado.

"Invejoso de merda", xingara Pete quando Ben mostrou o arranhão comprido e

proposital deixado na porta do carona pela chave de alguma pessoa má.

Ben não descobriu onde e como aquilo acontecera. Nunca deixava o carro em estacionamentos públicos. Só podia ser alguém que eles conheciam. Ben conseguia pensar em várias pessoas que sentiam raiva o bastante dele e de Jessica para fazer aquilo. Antigamente, consideraria difícil imaginar que tinha algum inimigo. Mas, pelo visto, agora eles tinham uma bela coleção. Ben sabia que Jessica culpava a irmã dele por aquilo, embora ela nunca acusasse Lucy em voz alta. Ele podia ler sua mente quando via os lábios contraídos. Talvez ela tivesse razão. Podia ter sido Lucy.

Pete dera um jeito no arranhão com o cuidado digno da restauração de uma pintura valiosíssima, e Ben fora cauteloso até aquele instante, quando fizera o carro passar por um risco imenso e imperdoável ao atravessar aquela estrada infernal.

Nunca deveria ter cedido à pressão de Jessica. Ele tentara. Parara o carro e dissera a ela calmamente, sem palavrões, que dirigir um carro como aquele por uma estrada não pavimentada era *negligente* e que as consequências talvez fossem catastróficas. Eles podiam, por exemplo, arrancar o sistema de exaustão.

Foi quase como se ela não ligasse para o sistema de exaustão.

Eles haviam gritado um com o outro durante dez minutos sem parar. Gritado de verdade. Com saliva voando. Os rostos vermelhos, feios, contorcidos. A frustração explosiva que ele sentira durante a discussão parecera uma memória de infância, quando você não sabe se expressar direito e não tem o controle sobre a própria vida porque é uma criança, então sua mãe ou seu pai diz que você não vai ganhar o novo boneco do *Star Wars* que tanto queria e você perde totalmente o controle.

Houve um momento em que ele cerrou os punhos; teve que dizer a si mesmo: *Não bata nela*. Ele não sabia que era capaz de sentir vontade de bater em uma mulher. Foi nessa hora que cedeu e disse: "Está bem. Vou estragar o carro. Dane-se."

A maioria dos homens que ele conhecia não teria parado para gritar. Teria simplesmente dado meia-volta.

A maioria dos caras nunca teria aceitado aquela ideia maluca, para início de conversa.

Um *resort com spa*. Ioga e fontes termais. Ele não entendia, mas Jessica tinha dito que eles precisavam fazer algo drástico e que isso melhoraria as coisas. Que eles precisavam desintoxicar a mente e o corpo para salvar o casamento. Iam comer alface orgânica e fazer "terapia de casal". Seriam dez dias de pura tortura.

Algum casal de celebridades tinha ido àquele lugar e salvado o casamento. Haviam "alcançado a paz interior" e restabelecido contato com seu "verdadeiro eu". Quanta baboseira. Podiam muito bem ter doado dinheiro para nigerianos que aplicavam golpes

por e-mail, daria no mesmo. Ben tinha a terrível sensação de que o casal de celebridades podia ter se conhecido no programa *The Bachelorette*. Jessica amava celebridades. Ele costumava achar aquilo fofo, o interesse bobo de uma menina inteligente. Mas ela estava tomando muitas decisões sérias com base no que as celebridades faziam, ou no que diziam que faziam. De todo modo, provavelmente era tudo mentira, elas deviam ser pagas para falar bem de produtos em seus perfis no Instagram. E ali estava Jessica, sua pobre, inocente e esperançosa Jessica, caindo na armadilha.

Pelo visto, ela agora achava que era uma daquelas pessoas. Imaginava a *si mesma* naqueles eventos vulgares com tapete vermelho. Ultimamente, toda vez que tiravam uma foto dela, Jessica levava a mão ao quadril, inclinando-se como se fosse uma chaleira, então virava de lado, projetava o maxilar para a frente e dava um sorriso maníaco. Era estranho demais. E o tempo que gastava com fotos… Outro dia, tinha passado quarenta e dois minutos (ele contou) tirando uma foto dos *próprios pés*.

Uma das piores brigas recentes dos dois fora sobre uma postagem de Jessica no Instagram. Era uma foto dela com o sutiã do biquíni, inclinada para a frente, apertando os peitos novos com os braços para que parecessem ainda maiores e fazendo biquinho para a câmera com seus novos lábios carnudos. Ela perguntara o que ele achava da foto, com uma expressão esperançosa, e por causa disso ele não falara a verdade: que parecia anúncio barato de acompanhante. Ele apenas dera de ombros e respondera: *Está ok*.

A expressão esperançosa dela murchou. Parecia que ele a havia xingado. No instante seguinte, estava gritando com ele (ultimamente ela ia de oito a oitenta em um segundo), e ele se sentiu desnorteado, sem entender o que acabara de acontecer. Por isso, Ben saíra no meio da gritaria e subira para jogar Xbox. Achou que sair dali era uma coisa *boa* a fazer. Uma coisa madura, viril. Desvencilhar-se e dar tempo para ela se acalmar. Ben sempre errava nesse tipo de situação. Jessica correra escada acima atrás dele e segurara as costas de sua camiseta antes que ele tivesse chegado ao patamar.

"Olhe para mim!", gritara. "Você nem olha mais para mim!"

E ele ficou mortificado ao ouvi-la dizer aquilo, porque era verdade. Evitava olhar para ela. Estava tentando *muito* superar isso. Havia homens que continuavam casados com mulheres que haviam sido desfiguradas por acidentes, queimaduras ou cicatrizes, ou outra coisa qualquer. Não deveria fazer diferença alguma o fato de Jessica ter desfigurado a si mesma. Não literalmente. Com o próprio cartão de crédito. Desfiguração voluntária.

E todas as amigas idiotas dela a encorajavam.

"Ai, meu Deus, Jessica, você está maravilhosa."

Ben tinha vontade de gritar com elas: "Você está cega? Ela está parecendo um esquilo!"

Pensar em se separar de Jessica era como pensar em ter as tripas arrancadas, mas nos últimos tempos estar casado com ela era como ter as tripas arrancadas. De qualquer jeito: tripas arrancadas.

Se aquele retiro funcionasse, se eles voltassem a ser como antes, valeria até o dano feito ao carro. Óbvio que valeria. Jessica estava destinada a ser a mãe de seus filhos, de seus futuros filhos.

Ele pensou no dia do roubo, dois anos antes. Lembrou-se da forma como o rosto dela — ainda era o lindo rosto dela na época — se contorcera feito o de uma criancinha, e a fúria que ele sentira. Quis ir atrás daqueles merdas e socar a cara deles.

Se não fosse pelo roubo, se não fosse pelos imbecis, os dois não estariam ali. Ele não teria o carro, mas pelo menos não estaria preso naquele lugar pelos próximos dez dias.

Colocando tudo na balança, ainda queria socar a cara deles.

— Ben!

Jessica acenou para ele. Estava toda sociável e sorridente, como se não tivessem acabado de gritar um com o outro. Ela era muito boa nisso. Podiam brigar no carro durante todo o caminho até uma festa, não trocar nenhuma palavra enquanto subiam a escada do prédio, mas, então, quando a porta do apartamento se abria — tcharã —, uma pessoa diferente. Rindo, contando piadas, provocando e tocando nele, tirando selfies, como se fosse certo que transariam aquela noite, quando era fato que isso não ia acontecer.

Então, de volta ao carro a caminho de casa, ela *recomeçava* a briga. Era como ligar e desligar um interruptor. Aquilo o enlouquecia.

"É uma questão de educação", dizia ela. "Não se leva a briga para a festa. Não é da conta de ninguém."

Ben se empertigou, ajeitou o boné e foi até Jessica para se comportar como seu macaco de estimação.

— Este é meu marido Ben — apresentou ela. — Ben, esta é Frances. Ela vai para o mesmo retiro que a gente. Bom, não deve ser exatamente o mesmo…

A mulher sorriu para ele do banco do motorista.

— Seu carro é muito chique, Ben — elogiou. Ela falava como se já o conhecesse. Sua voz estava fanha e rouca, e a ponta do seu nariz, vermelho-vivo. — Parece coisa

de filme.

Ele conseguia ver bem dentro do imenso abismo do seu decote — não tinha como evitar, literalmente não havia outro lugar para onde olhar. Não era *ruim*, mas ela era velha, então também não era bom. Usava batom vermelho e tinha muito cabelo, cacheado e louro, preso em um rabo de cavalo. Ela o fazia lembrar das amigas de tênis da sua mãe. Ben gostava das amigas de tênis da sua mãe — elas eram descomplicadas e não esperavam que ele falasse muito —, mas preferia que não usassem decote.

— Obrigado — disse ele, tentando se concentrar nos olhos muito brilhantes e amigáveis dela. — É um prazer conhecê-la.

— Que tipo de carro é? — perguntou Frances.

— Um Lamborghini.

— Uh lá lá! Um Lamborghini! — Ela sorriu para ele. — Este aqui é um Peugeot.

— Hum, é, eu sei — disse ele pesaroso.

— Não acha muita graça no Peugeot?

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— É uma bela merda — respondeu ele.

— *Ben!* — exclamou Jessica, mas Frances deu uma gargalhada prazerosa.

— Eu amo meu Peugeotzinho — confessou Frances, acariciando o volante.

— Bom, gosto não se discute — declarou Ben.

— Frances disse que ninguém está atendendo ao interfone — comentou Jessica. — Está sentada aqui fora esperando há vinte minutos.

Jessica estava usando sua nova voz de madame, em que fazia cada palavra soar tão gorda e redonda quanto uma maçã. Fazia essa voz quase o tempo todo nos últimos tempos, a não ser quando perdia a cabeça ou se chateava, como na noite anterior, em que se esqueceu da pose de madame e gritou com ele: "Por que não pode simplesmente ficar feliz? Por que está *estragando* as coisas?"

— Você ligou para lá? — perguntou Ben para a mulher do decote. — Talvez o interfone esteja com algum problema.

— Deixei um recado — respondeu Frances.

— Será que é um teste? — sugeriu Jessica. — Talvez seja parte do nosso tratamento.

Ela levantou o cabelo para refrescar o pescoço. Às vezes, quando falava normalmente, quando era ela mesma, Ben se esquecia da testa imóvel, dos lábios de baiacu, das bochechas inchadas, dos cílios de camelo ("extensão de cílios"), do cabelo falso ("megahair") e dos peitos falsos, e então, por apenas um instante, lá estava sua doce Jessica, a menina que ele conhecia desde o ensino médio.

— Também pensei nisso! — exclamou Frances.

Ben se voltou para o interfone.

— Eu mal consegui ler as instruções — contou Frances. — São tão minúsculas.

Ben leu perfeitamente bem. Digitou o código e apertou o botão verde.

— Vou ficar furiosa se funcionar com você — declarou Frances.

Uma voz baixinha surgiu ao interfone:

— Namastê, e bem-vindos à Tranquillum House. Como posso ajudar?

— Como assim? — murmurou Frances, comicamente incrédula.

Ben deu de ombros.

— Só precisava de um toque masculino.

— Ei, *você*… — disse ela.

Frances estendeu a mão para fora do carro e deu um tapinha no braço dele.

Jessica se abaixou perto do interfone e falou bem alto:

— Estamos aqui para fazer check-in. — Que meigo, parecia a avó de Ben ao telefone. — Somos Jessica e Ben Chandler…

Houve um ruído de estática no interfone e os portões rangeram quando começaram a se abrir. Jessica se empertigou e colocou o cabelo para trás da orelha, sempre preocupada com sua dignidade. Ela não costumava se levar tão a sério.

— Juro para vocês que digitei o código certo, ou pelo menos achei que tinha digitado! — disse Frances, colocando o cinto de segurança e fazendo seu motorzinho rugir. Ela acenou de leve para o casal.

— Vejo vocês lá dentro! Não tentem apostar corrida comigo com essa Ferrari metida.

— É um *Lamborghini*! — protestou Ben.

Frances deu uma piscadela para ele, como se soubesse muito bem daquilo, e seguiu em frente, mais rápido do que ele esperava, ou recomendaria, naquela estrada.

Enquanto voltavam para o carro, Jessica disse:

— Não vamos contar para ninguém, certo? Esse é o combinado. Se alguém perguntar, diga que o carro não é seu. Diga que é de um amigo.

— É, mas eu não minto tão bem quanto você — retorquiu ele.

Quis fazer aquilo parecer uma piada ou até um elogio, mas deixara a interpretação por conta dela.

— Vá se foder — xingou Jessica sem muita ênfase.

Então talvez estivesse tudo bem entre eles. Mas às vezes as brasas de uma discussão moribunda se acendiam sem aviso. Nunca se sabe. Ele ficaria alerta.

— Ela parece legal — comentou Ben. — A mulher. Frances.

Aquilo era seguro. Frances era velha. Não havia a menor possibilidade de ciúme. O ciúme era uma novidade no relacionamento dos dois. Quanto mais mudava o rosto e o corpo, mais insegura Jessica ficava.

— Acho que eu a reconheci — disse Jessica.

— É mesmo?

— Tenho certeza de que é Frances Welty, a escritora. Eu era louca pelos livros dela.

— Que tipo de livros ela escreve? — indagou Ben, abrindo a porta do carro. Mas não ouviu a resposta. — Desculpe, o quê?

— *Romance*.

Jessica bateu a porta do carona com tanta força que ele estremeceu.

SEIS

Frances

Agora, sim, pensou Frances ao observar a mansão vitoriana surgindo majestosamente a distância. A estrada se tornou pavimentada, ainda bem, e a mata nativa ficava cada vez mais verde e baixa. Tranquillum House era uma casa de arenito com três andares, um telhado de ferro ondulado vermelho e uma torre de princesa. Frances teve a sensação deliciosa de estar viajando no tempo para o fim do século XIX, embora isso fosse parcialmente estragado pelo Lamborghini amarelo que ronronava atrás dela.

Como aquelas crianças podiam bancar um carro daqueles? Traficantes? Família rica? Tráfico de drogas parecia mais provável do que família rica; nenhum dos dois tinha o ar de superioridade das pessoas nascidas em berço de ouro.

Ela olhou pelo retrovisor outra vez. Dali, com o cabelo ao vento, Jessica tinha a aparência da menina bonita que deveria ser. Não dava para ver todos os procedimentos que tinha feito em seu rosto jovem. A espessa camada de maquiagem já era ruim o bastante, mas, minha nossa, os dentes absurdamente brancos, os lábios imensos e carnudos e a plástica, uma plástica *tão* malfeita... Frances não era contra procedimentos estéticos — na verdade, gostava bastante deles —, mas havia algo de muito triste e espalhafatoso no rosto inchado e esticado daquela moça adorável.

Todas as joias que ela usava não podiam ser de verdade, podiam? Aquelas safiras imensas em suas orelhas deviam valer... o quê? Frances não fazia ideia. Muito. Mas o carro obviamente era real, então talvez as joias também fossem.

Gângsters emergentes? Youtubers?

O garoto, o "marido" de Jessica (os dois pareciam jovens demais para termos tão adultos), era uma graça. Frances ia tentar não dar em cima dele. Podia se cansar da brincadeira ao longo de dez dias. Talvez até beirasse a... sem-vergonhice? *Talvez beire a pedofilia, querida*, diria Alain. Era horrível pensar em Ben estremecendo por causa de Frances da mesma forma como ela estremecia antigamente com o comportamento de escritores mais velhos em lançamentos de livros.

Eles costumavam ser ainda mais desagradáveis quando tinham ganhado um prêmio

literário recentemente. Os diálogos deles eram tão intensos e impenetráveis que não precisavam de pontuação! Então claro que não precisavam de permissão para passar as mãos peludas no corpo de uma jovem escritora de *ficção comercial*. Na opinião deles, Frances praticamente lhes devia sexo em troca das vendas indecorosas do seu "lixo de aeroporto" no mercado de massa.

Pare com isso. Não pense na crítica, Frances.

Ela participara da Marcha das Mulheres! Não era um "empecilho para o feminismo" só porque descrevia a cor dos olhos de seu herói. Como era possível se apaixonar por um homem sem saber a cor dos olhos dele? E ela era *obrigada* a amarrar a coisa toda no fim com um "imenso laço de fita". Essas eram as regras. Se Frances deixasse os desfechos ambíguos, os leitores iriam atrás dela com forquilhas.

Não pense na crítica. Não pense na crítica.

Ela arrastou a mente de volta para Ben e Jessica. Então, sim, ela se lembraria de se comportar com Ben, de acordo com a própria idade. Fingiria que era seu parente. Ia agir como se fosse sua tia. Certamente não *encostaria* nele. Meu Deus, será que já tinha encostado nele? A crítica estava fazendo com que duvidasse de tudo a respeito de si mesma. Suas mãos apertaram o volante. Tinha o hábito de tocar no braço das pessoas para reforçar seu argumento, ou quando elas diziam algo que a fazia rir, ou quando sentia qualquer tipo de admiração por elas.

Pelo menos conversar com Ben e Jessica a havia acalmado. Ela se assustara consigo mesma por um instante. Realmente se perdera. Que dramática.

A estrada se aproximou da casa. Ben mantinha uma distância educada entre seu carro potente e o dela, ainda que provavelmente quisesse acelerar nas curvas.

Ela avançou com o carro até uma entrada majestosa ladeada de pinheiros imponentes.

— Nada mal — murmurou.

Tinha se preparado para uma realidade mais decadente que as fotos do site, mas de perto a casa era linda. As varandas brancas requintadas brilhavam à luz do sol. O jardim era exuberante e verde no calor do verão, com uma placa muito útil que proclamava: ESTA PROPRIEDADE USA ÁGUA DA CHUVA, para que ninguém criticasse a exuberância.

Dois funcionários de uniforme branco saíram sem pressa da casa e foram até a ampla varanda para recebê-los com a postura ereta e leve dos espiritualmente elevados. Talvez estivessem meditando em algum lugar enquanto ela estava presa do lado de fora do portão tentando telefonar. Frances mal parara o carro totalmente quando um homem abriu sua porta. Era jovem, é claro, como todo mundo, asiático,

com uma barba hipster, um coque samurai, os olhos vivos e a pele macia. Um homem-criança adorável.

— Namastê. — O homem-criança uniu as palmas das mãos e se curvou. — Seja muito bem-vinda à Tranquillum House. — Ele falava com uma pequena… pausa… calculada… entre as palavras. — Meu nome é Yao. Sou seu consultor pessoal de bem-estar.

— Oi, Yao. Sou Frances Welty. Sua nova vítima.

Ela tirou o cinto de segurança e sorriu para ele. Disse a si mesma que não ia rir, não ia tentar imitar seu tom zen nem ia deixar que a voz dele a enlouquecesse.

— Vamos cuidar de tudo daqui em diante — avisou Yao. — Quantas malas você trouxe?

— Só uma — respondeu Frances. Ela apontou para o banco de trás. — Posso levar lá para dentro. Está bem leve.

Ela não queria perder a mala de vista porque levara alguns itens banidos, como café, chá, chocolate (chocolate amargo: antioxidante!) e só *uma* garrafa de um bom vinho tinto (também antioxidante!).

— Deixe sua mala bem aí, Frances, e a chave na ignição — disse Yao com firmeza.

Droga. Que seja. Seu leve constrangimento pelo contrabando, por mais que ele não tivesse como saber só de olhar para a mala (costumava ser tão certinha com regras), fez com que Frances saísse do carro desajeitadamente e rápido demais, se esquecendo de sua nova fragilidade.

— Aaaai. — Endireitou lentamente a coluna e encontrou o olhar de Yao. — Dor nas costas.

— Sinto muito por isso — comentou ele. — Vou marcar uma massagem urgente no spa para você.

Ele pegou um caderninho e um lápis no bolso e fez uma anotação.

— Também estou com um corte no dedo — declarou Frances solenemente, mostrando o polegar.

Yao segurou o dedo dela e observou com atenção.

— Está feio mesmo. Vamos ter que passar um pouco de aloe vera aí.

Meu Deus, que lindo ele era com aquele caderninho, levando seu corte de papel tão a sério. Ela percebeu de repente que estava avaliando os ombros dele e desviou o olhar depressa. *Pelo amor de Deus, Frances.* Ninguém a avisara que isso aconteceria na meia-idade: ondas repentinas e absurdamente indecentes de desejo por rapazes, sem qualquer imperativo biológico. Será que era assim que os homens se sentiam a vida inteira? Não surpreendia que os coitados pagassem todo aquele dinheiro em ações

judiciais.

— E você está aqui para a desintoxicação de dez dias — afirmou Yao.

— Isso mesmo — confirmou Frances.

— Maneiro — disse Yao, fazendo com que todo o desejo de Frances desaparecesse em um segundo.

Ela nunca poderia ir para a cama com alguém que dizia "maneiro".

— Então… posso entrar? — perguntou Frances, impaciente.

Estava se sentindo bastante enojada com a ideia de transar com o homem-criança — ou com qualquer um, aliás; estava com muito calor.

Percebeu que Yao tinha se distraído ao ver o carro de Ben e Jessica, ou talvez com a própria Jessica, que estava de pé com o quadril projetado para o lado, enrolando lentamente uma mecha do cabelo comprido em torno do dedo, enquanto Ben falava com outra consultora de bem-estar de uniforme branco, uma moça com a pele tão bonita que parecia iluminada por dentro.

— É um Lamborghini — disse Frances.

— Eu sei — retrucou Yao, esquecendo-se de fazer as pequenas pausas entre as palavras.

Ele fez um gesto em direção à casa, dando um passo para o lado a fim de deixar que Frances passasse pela soleira da porta antes dele.

Ela entrou em um grande saguão e esperou os olhos se adaptarem à luz baixa. O silêncio suave característico das casas antigas a banhou feito água fresca. Havia detalhes lindos aonde quer que olhasse: o piso de parquê cor de mel, os lustres antigos, as cornijas entalhadas com requinte no teto e as janelas com decoração de chumbo.

— Que lindo! — exclamou ela. — Ah… Olhe só para isso. Parece a escadaria do Titanic!

Ela se aproximou para tocar o mogno lustroso. Pontinhos de luz entravam pelo vitral no patamar.

— Como você deve saber, a casa foi construída em 1840, e esta é a escadaria original de cedro vermelho e jacarandá — explicou Yao. — Outras pessoas já comentaram sobre a semelhança com a escadaria do Titanic. Por enquanto, tivemos mais sorte que o navio. Não vamos afundar, Frances! — Ele obviamente já fizera aquela piada várias vezes. Frances deu uma gargalhada mais generosa do que a piada merecia. — A casa foi construída com arenito extraído localmente por um procurador rico da Inglaterra. — Yao continuou recitando fatos como um guia de museu bem nerd. — Ele queria uma casa que fosse "a melhor da colônia".

— Construída com a ajuda de presidiários, pelo que fiquei sabendo — lembrou

Frances, que tinha lido isso no site.

— Isso mesmo — confirmou Yao. — Deram para ele duzentos hectares de terra boa para cultivo e dez presidiários. Ele teve sorte, porque entre os trabalhadores havia dois irmãos que tinham sido pedreiros em York.

— Nós temos uma presidiária na nossa árvore genealógica — comentou Frances. — Foi expulsa de Dublin por ter roubado um vestido de seda. Temos um orgulho enorme dela.

Yao fez um gesto para longe da escada, deixando claro que ela ainda não deveria subir.

— Sei que quer descansar depois da longa viagem, mas primeiro eu gostaria de fazer um tour rápido na casa que será seu lar pelos próximos dez dias.

— A menos que eu não dure tudo isso — comentou Frances. De repente dez dias lhe pareceram tempo demais. — Talvez eu volte mais cedo para casa.

— Ninguém volta mais cedo para casa — afirmou Yao com serenidade.

— Bem, sim, mas *podemos* voltar — argumentou Frances. — Se *quisermos*.

— Ninguém volta mais cedo para casa — repetiu Yao. — Simplesmente não acontece. Ninguém nunca *quer* voltar para casa! Você está prestes a embarcar em uma experiência verdadeiramente transformadora, Frances. — Ele a levou até um cômodo grande na lateral da casa com janelas salientes e vista para o vale, além de uma mesa comprida estilo refeitório. — Esta é a sala de jantar, onde você vai fazer as refeições. Todos os hóspedes comem juntos, é claro.

— É claro — repetiu Frances com a voz rouca. Ela pigarreou. — Ótimo.

— O café da manhã é servido às sete; o almoço, ao meio-dia; e o jantar, às seis.

— Café da manhã às *sete*? — questionou Frances, empalidecendo. Ela até poderia lidar com as refeições comunais no almoço e no jantar, mas não conseguiria comer e conversar com desconhecidos de manhã. — Sou uma pessoa noturna — explicou a Yao. — Às sete da manhã costumo estar meio que em coma.

— Ah, mas essa é a velha Frances. A nova Frances já vai ter feito aula de tai chi ao nascer do sol e uma meditação guiada antes das sete — disse Yao.

— Duvido muito.

Yao sorriu, como se soubesse mais do que ela.

— Um sino de alerta vai tocar cinco minutos antes de as refeições serem servidas… ou os sucos, durante os períodos de jejum. Pedimos que você venha prontamente à sala de jantar assim que ouvir o sino.

— Certo — disse Frances, ficando cada vez mais horrorizada. Tinha se esquecido dos "períodos de jejum". — Tem… hum… serviço de quarto?

— Infelizmente não, mas os sucos da manhã e da noite serão levados até você — respondeu Yao.

— Então nada de sanduíches de peru à meia-noite?

Yao estremeceu.

— De jeito nenhum.

Ele a guiou pela sala de jantar até chegar a uma salinha aconchegante repleta de estantes de livros. Vários sofás cercavam a lareira de mármore.

— Esta é a Sala Lavanda. Você pode vir aqui sempre que quiser, para relaxar, ler ou apreciar um chá de ervas — explicou Yao, carregando a última palavra com sotaque americano.

— Ótimo — disse Frances, aliviada ao ver os livros.

Passaram por uma porta fechada com a palavra PRIVADO em letras douradas com estêncil, e Frances, por ser Frances, sentiu um forte ímpeto de abri-la. Não concordava com salas exclusivas para membros de organizações das quais ela não era membro.

— Isso leva à sala da nossa diretora, no alto da casa. — Yao tocou delicadamente a porta. — Pedimos que só abra esta porta se tiver horário marcado.

— Claro — falou ela com rancor.

— Você vai conhecer a diretora mais tarde — revelou Yao, como se aquela fosse uma ocasião especial pela qual Frances aguardava havia muito tempo. — Durante sua primeira meditação guiada.

— Maneiro — disse Frances entredentes.

— Você deve estar querendo ver a sala de ginástica — afirmou Yao.

— Ah, nem tanto — confessou Frances, mas ele já a conduzia pela área da recepção até o lado oposto da casa.

— Aqui costumava ser a sala de estar — explicou Yao. — Foi transformada em uma sala de ginástica de última geração.

— Bem, *isso sim* é uma *tragédia* — proclamou Frances quando Yao abriu a porta de vidro e revelou um cômodo banhado em luz, repleto do que pareciam ser máquinas de tortura complexas.

O sorriso de Yao vacilou.

— Mantivemos o estuque original — explicou ele, apontando para os adornos do teto.

Frances bufou com desdém. *Maravilha. Você pode se deitar e admirar a decoração no teto enquanto é torcido e esquartejado.*

Yao notou a expressão dela e fechou rapidamente a porta da sala de ginástica.

— Vou mostrar o estúdio de ioga e meditação para você. — Ele passou diante da sala de ginástica e seguiu até uma porta no canto mais distante da casa. — Cuidado com a cabeça.

Ela se abaixou à toa na soleira da porta e seguiu Yao por um lance estreito de degraus de pedra.

— Estou sentindo cheiro de vinho — comentou.

— Não crie expectativas — alertou ele. — É o fantasma do vinho antigo.

Yao empurrou com certa dificuldade a porta pesada de carvalho e guiou Frances para dentro de um cômodo semelhante a uma caverna, surpreendentemente grande, com pé-direito alto e teto arqueado com vigas de madeira, paredes de tijolo junto das quais havia algumas cadeiras e vários tapetes retangulares azuis dispostos intercaladamente no assoalho.

— É aqui que você fará as aulas de ioga e todas as meditações guiadas em posição sentada — explicou Yao. — Vai passar muito tempo aqui embaixo.

Era silencioso e fresco, e o fantasma do vinho estava encoberto pelo aroma do incenso. O estúdio tinha um clima muito agradável e tranquilo, e Frances achou que ia gostar de passar um tempo ali, por mais que não fosse muito fã de ioga ou de meditação. Tinha feito um curso de meditação transcendental anos antes, na esperança de receber alguma revelação, mas em todas as aulas, sem exceção, ela cochilou dois ou três minutos depois de se concentrar em sua respiração e acordou no fim, percebendo que todos os outros haviam tido visões luminosas, memórias de vidas passadas e êxtase ou coisas do tipo, enquanto ela dormia e babava. Basicamente, ela pagara para tirar um cochilo de quarenta minutos na escola uma vez por semana. Com certeza passaria muito tempo *cochilando* ali também, sonhando com vinho.

— Houve uma época, quando a propriedade gerenciava uma vinícola, em que eram armazenadas até vinte mil garrafas de vinho nesta adega. — Yao fez um gesto em direção às paredes, embora ali já não houvesse nenhuma instalação para guardar vinho. — Depois que a casa foi construída, este cômodo foi usado como depósito, cela para presidiários rebeldes e até como refúgio contra criminosos foragidos.

— Se estas paredes falassem… — disse Frances. Uma grande televisão de tela plana fixada em uma das vigas na extremidade do cômodo chamou sua atenção. — Para que serve aquela tela? — O aparelho parecia particularmente fora de lugar após tudo o que Yao dissera sobre o passado colonial da casa. — Achei que aqui fosse um ambiente livre de telas.

— A Tranquillum House é um ambiente totalmente livre de telas — concordou Yao. Ele olhou para a tela da televisão com o cenho franzido de leve. — Mas há pouco

tempo instalamos um sistema de segurança com interfones para podermos nos comunicar uns com os outros de diferentes pontos do resort. A propriedade é bem grande, e a segurança dos nossos hóspedes é fundamental. — Então ele mudou de assunto de forma brusca: — Tenho certeza de que você vai se interessar por *isto*, Frances.

Yao a guiou até um canto do cômodo e indicou um tijolo quase escondido pela marcenaria de uma das vigas de madeira. Frances pôs os óculos de leitura e leu em voz alta as palavras miúdas lindamente inscritas: *Adam e Roy Webster, pedreiros, 1840*.

— Os irmãos pedreiros — explicou Yao. — Acredita-se que fizeram isso escondidos.

— Eles estavam certos — disse Frances. — Tinham orgulho do próprio trabalho. Com razão.

Contemplaram a inscrição em silêncio por mais alguns segundos, até que Yao bateu palmas.

— Vamos subir. — Ele a conduziu escada acima e foram até outra porta de vidro com uma única e linda palavra: *SPA*. — A última coisa, mas não a menos importante, é o spa onde você receberá as massagens e quaisquer tratamentos de bem-estar agendados. — Yao abriu a porta e Frances fungou feito o cão de Pavlov ao sentir o aroma de óleos essenciais. — Esta foi mais uma sala de estar que reformamos — declarou ele com cautela.

— Ah, bem, tenho certeza de que fizeram um bom trabalho preservando as características originais.

Frances deu tapinhas no braço dele enquanto espiava o cômodo pouco iluminado. Ouviu um chafariz gotejando e uma daquelas trilhas sonoras ridículas porém divinas de "relaxamento" — com ondas arrebentando, uma harpa tocando e um sapo ocasional — reverberando pelas paredes.

— Todos os tratamentos do spa são cortesia; já estão incluídos no pacote. Você não vai receber uma conta assustadora no fim da estadia! — afirmou ele ao fechar a porta.

— Eu li isso no site, mas não sabia se era verdade mesmo! — comentou Frances de forma um tanto dissimulada, pois se não fosse verdade ela correria na mesma hora para prestar queixa à Defesa do Consumidor.

Ela arregalou os olhos com gratidão enquanto Yao parecia orgulhoso das maravilhas da Tranquillum House.

— Bem, é verdade, Frances — assegurou ele afetuosamente, feito um pai dizendo que no dia seguinte era *mesmo* Natal. — Agora vamos entrar aqui rapidinho e fazer

logo seu exame de sangue e tudo o mais.

— Espera aí… O quê? — questionou Frances, enquanto era levada para uma sala que mais parecia um consultório médico.

Ficou desconcertada. Eles não estavam falando sobre tratamentos de spa?

— Pode se sentar aí — pediu Yao. — Vamos aferir sua pressão primeiro.

Frances percebeu que estava sentada, então Yao passou uma braçadeira em torno do braço dela e bombeou com empolgação.

— Pode estar mais alta do que de costume — alertou ele. — As pessoas chegam aqui um pouco estressadas e nervosas. Cansadas da viagem. É normal. Mas garanto que nunca vi um hóspede sair do retiro sem uma baixa considerável na pressão arterial!

— Humm — fez Frances.

Ela observou Yao anotar a medição. Não perguntou se estava alta ou baixa. Muitas vezes era baixa. Ela já havia feito exame de hipotensão por causa da tendência a desmaiar. Sempre que ficava desidratada ou cansada, ou que via sangue, sua visão se estreitava e o mundo saía do eixo.

Yao calçou um par de luvas plásticas verdes. Frances desviou o olhar e se concentrou em um ponto na parede. Ele amarrou um torniquete em seu braço e deu tapinhas no antebraço.

— Veias ótimas — comentou.

Os enfermeiros costumavam dizer isso sobre as veias de Frances. Ela sempre ficava orgulhosa por um instante e depois meio deprimida, pois era desperdício de uma qualidade.

— Eu não sabia que faria exame de sangue — falou Frances.

— Exames de sangue diários — esclareceu Yao com alegria. — Isso é muito importante, porque nos permite ajustar o plano de tratamento de acordo com o resultado.

— Humm, talvez eu prefira não fazer os…

— Vai doer um pouquinho — avisou Yao.

Frances olhou outra vez para o braço, então desviou o olhar depressa ao ver um tubo de ensaio se enchendo de sangue. Ela nem notara a picada da agulha. De repente se sentiu impotente feito uma criança e se lembrou das poucas vezes na vida que tivera de ir ao hospital para pequenas cirurgias e do quanto detestava não ter controle sobre seu corpo. Enfermeiros e médicos tinham o direito de cutucá-la o quanto quisessem, sem amor, desejo ou afeto, apenas perícia. Sempre demorava alguns dias para que ela habitasse por completo seu corpo de novo.

Aquele rapaz que no momento estava se servindo do sangue dela ao menos tinha algum treinamento médico? Ela havia mesmo feito o mínimo de pesquisa necessário sobre aquele lugar?

— Você tem formação como…?

Ela queria dizer: "Por acaso você sabe que diabo está fazendo?"

— Eu fui paramédico em outra vida — respondeu Yao.

Os dois fizeram contato visual. Será que ele era um pouco doido? Ele estava dizendo que fora paramédico em outra encarnação? Nunca se sabe, com esses sujeitos alternativos.

— Você não quis dizer literalmente em outra vida, não é?

Yao deu uma gargalhada. Uma gargalhada bem normal.

— Foi uns dez anos atrás.

— E sente falta?

— De jeito nenhum. Sou apaixonado pelo trabalho que fazemos aqui. — Os olhos dele brilharam. Talvez ele fosse só um pouco doido. — Bem, prontinho — disse Yao, tirando a agulha e entregando um algodão a Frances. — Pressione com força. — Ele etiquetou o tubo de ensaio e sorriu para ela. — Excelente. Agora vamos verificar seu peso.

— Ah, isso é mesmo necessário? Não estou aqui para perder peso; estou aqui pela… você sabe… transformação pessoal.

— É só para termos nos nossos registros — explicou Yao. Ele tirou o algodão, colocou um curativo circular no minúsculo furinho vermelho e então apontou para uma fileira de balanças. — Pode subir.

Frances desviou o olhar do número. Não tinha ideia do seu peso nem queria ter. Sabia que podia ser mais magra, e é claro que quando era mais nova fora de fato muito mais magra, porém estava satisfeita com o corpo, de modo geral — contanto que não lhe causasse dor. Ficava entediada com todas as maneiras diferentes com que as mulheres cismavam com o assunto peso, como se isso fosse um dos grandes mistérios da vida. As recém-emagrecidas, obcecadas pelo método que havia funcionado para elas, as mulheres magras que se diziam gordas, as mulheres comuns que se diziam obesas, as que imploravam que ela se juntasse ao enorme desprezo por si mesmas.

"Ah, Frances, não é *deprimente* ver meninas jovens e magras assim?"

"Nem tanto", dizia Frances, passando mais manteiga no pão.

Yao escreveu algo em um formulário dentro de uma pasta bege etiquetada com o nome FRANCES WELTY em letras de forma pretas.

Aquilo estava começando a parecer demais com uma consulta médica. Frances se

sentia exposta, vulnerável e arrependida. Queria ir para casa. Queria um muffin.

— Eu gostaria muito de ir para meu quarto agora — disse ela. — Foi uma viagem longa.

— Com certeza. Vou marcar uma massagem urgente para você no spa para melhorar essa dor nas costas — retrucou Yao. — Que tal daqui a meia hora, para que você tenha tempo de se acomodar no quarto, saborear seu suco de boas-vindas e ler o pacote de boas-vindas?

— Parece divino.

Eles voltaram pela sala de jantar, onde estavam os queridos traficantes de drogas, Jessica e Ben, de pé com outra consultora de bem-estar de uniforme branco, uma moça de cabelo escuro que, segundo o crachá, se chamava Delilah. Ela estava passando as instruções que Yao dera sobre os sinos de alerta.

O rosto plastificado de Jessica estava tomado de preocupação, a tal ponto que ela quase franzia o cenho.

— Mas e se não ouvirmos o sino?

— Então eles cortam sua cabeça! — brincou Frances. Todos se viraram para olhá-la. Ben, cujo boné estava novamente virado para trás, ergueu a sobrancelha. — Brincadeira — sussurrou.

Frances viu os dois consultores de bem-estar trocarem um olhar que não soube interpretar. Será que estavam dormindo juntos? Deviam fazer um sexo bem aeróbico e flexível com todo aquele bem-estar correndo por suas veias jovens. Devia ser *maneiro*.

Yao a conduziu de volta à escadaria do Titanic. Enquanto Frances se esforçava para acompanhar seu ritmo, os dois passaram por um homem e duas mulheres descendo a escada juntos, os três vestindo roupões verde-oliva com o emblema da Tranquillum House.

O homem se demorou atrás delas, colocando os óculos para analisar melhor a parede do patamar. Ele era tão alto que o roupão parecia mais uma minissaia, mostrando seus joelhos ossudos e suas pernas muito brancas e peludas. O tipo de pernas masculinas que costuma deixar os outros incomodados, como se estivessem vendo uma parte íntima do corpo.

— Bem, o que eu quero dizer é que simplesmente não se vê esse tipo de cuidado hoje em dia! — exclamou ele, observando a parede. — É isto que eu adoro em casas como esta: a atenção aos detalhes. Quer dizer, pensem só nos azulejos que eu mostrei a vocês mais cedo. O extraordinário é que alguém de fato gastou tempo fazendo *um por um*... Oi de novo, Yao! Outra hóspede, é? Como vai? — Ele tirou os óculos, deu um sorriso radiante para Frances e estendeu a mão. — Napoleon! — gritou.

Ela demorou um segundo aterrorizante para perceber que o homem estava se apresentando, e não apenas gritando do nada o nome de uma figura histórica.

— Frances — disse ela a tempo.

— É um prazer conhecê-la! Está aqui para o retiro de dez dias, certo?

Ele estava no degrau acima do dela, portanto sua altura ganhava um destaque ainda maior. Frances tinha a impressão de estar inclinando a cabeça para trás para olhar um monumento.

— Sim, estou.

Ela fez um esforço tremendo para não comentar sobre a altura dele, pois sabia — graças à sua amiga de um metro e oitenta, Jen — que gente alta está bem ciente da própria altura.

— Com toda a certeza — completou ela.

Napoleon apontou para as duas mulheres mais abaixo na escada.

— Nós também! Essas são minhas lindas garotas: minha esposa, Heather, e minha filha, Zoe.

As duas mulheres também eram bem altas — como um time de basquete. Deram a Frances os sorrisos contidos e bem-educados dignos da família de uma celebridade que está acostumada a ter que esperar enquanto ele era abordado por fãs, exceto que naquele caso quem fazia a abordagem era o próprio Napoleon. A esposa, *Heather*, quicava nas pontas dos pés. Era magra e tinha uma pele extremamente enrugada e bronzeada, como se a tivessem amassado e depois esticado de volta. Frances logo pensou na rima *Heather, meu tesouro de pele de couro*. Era uma mnemônica bem cruel, mas Heather jamais saberia. Ela prendera o cabelo grisalho em um rabo de cavalo apertado e estava com os olhos vermelhos. Parecia muito intensa, o que não era um problema. Frances tinha alguns amigos intensos; sabia lidar com intensidade. (Nunca tente se igualar a eles.)

A filha, *Zoe*, tinha a altura do pai e a graça descontraída de uma menina atlética que gostava de ficar ao ar livre. *Zoe, querida, por acaso é metida*? Mas ela não era. *Zoe, querida, nada metida*. A jovem com certeza não parecia alguém precisando de um spa. Dava para rejuvenescer mais do que aquilo?

Frances pensou no jovem casal, Ben e Jessica, que também parecia ter uma saúde impecável. Será que spas só eram frequentados por quem já era saudável? Ela ia ser a pessoa de aspecto menos saudável ali? Nunca fora a última da turma, à exceção da aula de meditação transcendental para iniciantes.

— Pensamos em explorar as fontes termais, talvez dar um mergulho depois — contou Napoleon, como se Yao e Frances tivessem perguntado. — Então vamos nadar

na piscina.

Visivelmente, eles eram uma daquelas famílias que jogavam as malas no chão e saíam do quarto do hotel no instante em que faziam o check-in.

— Eu vou tirar uma soneca rápida antes de uma massagem urgente — disse Frances.

— Excelente ideia! — gritou Napoleon. — Uma soneca e uma massagem! Perfeito! Este lugar não é *incrível*? Ouvi dizer que as fontes termais são maravilhosas.

Era um homem extremamente entusiasta.

— Não se esqueça de se reidratar depois das fontes termais — aconselhou Yao. — Temos garrafas de água na recepção.

— Pode deixar, Yao! E ainda voltaremos a tempo para o silêncio nobre!

— Silêncio nobre? — questionou Frances.

— Tudo vai se esclarecer, Frances — tranquilizou-a Yao.

— Está no seu pacote informativo, Frances! — explicou Napoleon. — Foi uma surpresa: eu não estava esperando o aspecto "silencioso". Já tinha ouvido falar em retiros de silêncio, é claro, mas devo admitir que não me atraem… Gosto bastante de falar, e minhas garotas sabem bem disso. Mas vamos nessa, seguindo o fluxo!

Enquanto ele falava com o tom reconfortante dos cronicamente loquazes, Frances observava a esposa e a filha mais abaixo na escada. A filha, de chinelos pretos, pôs um calcanhar no degrau acima e se inclinou para a frente como se alongasse discretamente a panturrilha. A mãe estava olhando para a menina, e Frances notou o fantasma de um sorriso, logo seguido de uma expressão de puro desespero que puxou todo o seu rosto para baixo, como se ela estivesse agarrando as próprias bochechas. Então, no instante seguinte, a expressão sumiu e ela sorriu com benevolência para Frances, que ficou com a impressão de ter visto algo que não deveria.

— Não foi você que chegou naquele Lamborghini, foi, Frances? — perguntou Napoleon. — Eu vi do nosso quarto. Um carro e tanto.

— Não… Eu vim de Peugeot — respondeu Frances.

— Nada mal ter um Peugeot! Mas ouvi dizer que os chacais cobram os olhos da cara pela manutenção, não é?

Napoleon misturava as metáforas de forma encantadora. Frances estava ansiosa para conversar mais com ele. Era alguém que responderia a qualquer pergunta com sinceridade e vigor. Ela adorava esse tipo de gente.

— Pai — chamou a filha, *Zoe, querida, nada metida*. — Deixe a moça passar. Ela acabou de chegar. Deve estar louca para ir para o quarto.

— Desculpe, desculpe, vejo você no jantar! Mas aí não vamos poder conversar,

não é? — Ele deu uma piscadela e sorriu, mas exibia uma expressão de pânico e ansiedade. — Foi um prazer! — Deu um tapa no ombro de Yao. — Até mais tarde, Yao, meu camarada!

Frances seguiu Yao escada acima. No topo, ele virou à direita e a conduziu por um corredor acarpetado com paredes cobertas de fotos históricas que ela planejou analisar mais tarde.

— Esta ala da casa foi acrescentada em 1895 — contou Yao. — Você notará que os quartos têm as lareiras originais com cornijas de mármore de estilo georgiano. Não que você vá acender a lareira com este calor.

— Achei que não veria famílias neste retiro — comentou Frances. — Devo admitir que imaginei que haveria mais… pessoas como eu.

Pessoas mais gordas do que eu, Yao. Bem mais gordas.

— Recebemos todo tipo de gente aqui na Tranquillum House — respondeu Yao enquanto abria a porta do quarto dela com uma grande chave de metal antiga.

— Provavelmente não de *todos* os tipos — ponderou Frances, porque, na realidade, o lugar não era barato. Mas ela ficou calada quando Yao segurou a porta aberta.

— Chegamos.

Era um quarto espaçoso com carpete felpudo, repleto de móveis de época, incluindo uma imensa cama de dossel. Portas de vidro abertas davam para uma varanda com uma vista que se estendia até o horizonte: uma colcha de retalhos irregular de vinhedos, fazendas e campos verdes e dourados. Bandos de pássaros rodopiavam no céu. Sua mala descansava feito uma velha amiga no canto do quarto. Havia uma cesta de frutas na mesa de centro, junto com um copo de suco verde feito lodo com um morango ao lado. Com exceção do suco, tudo era muito atrativo.

— Esse é o seu suco de boas-vindas — explicou Yao. — São seis sucos orgânicos por dia, preparados especificamente para suas necessidades individuais variáveis.

— Não são de grama de trigo, são? Uma vez tomei uma dose de grama de trigo que me traumatizou.

Yao pegou o copo e lhe entregou.

— Confie em mim, é gostoso!

Ela lançou um olhar duvidoso para o suco.

— Os sucos são *obrigatórios* — disse Yao com gentileza.

Frances ficou confusa, porque, pelo tom, ele parecia ter dito: são *opcionais*.

Então ela tomou um gole.

— Ah! — exclamou, surpresa. Sentiu gosto de manga, coco e frutas vermelhas.

Era como beber férias tropicais. — Até que é bom. Muito bom.

— É sim, Frances — concordou Yao. Ele falava o nome dela com a frequência desesperada de um corretor de imóveis. — E a boa notícia é que não só é delicioso, como também repleto de coisas naturais e boas para a saúde! Por favor, beba tudo.

— Vou beber — disse Frances, contente. Houve um silêncio constrangedor. — Ah. Você quer dizer agora? — Tomou um gole maior. — Hum!

Yao sorriu.

— Os sucos diários são fundamentais para sua jornada de bem-estar.

— Minha nossa, bem, eu quero manter minha jornada de bem-estar nos trilhos.

— E deve querer mesmo — retrucou Yao.

Os olhares dos dois se encontraram. Frances não identificou nenhuma ironia na expressão dele. Yao ia acabar conhecendo a respondona que existia dentro dela.

— Vou deixar você relaxar — disse Yao. — Seu pacote de boas-vindas está bem ali. Por favor, leia com atenção porque contém informações importantes para as próximas vinte e quatro horas. O silêncio nobre que Napoleon mencionou já vai começar, e sei que você vai achá-lo muito benéfico. Ah, falando em silêncio, Frances, aposto que sabe o que vou precisar de você agora!

Ele a olhou com expectativa.

— Não faço ideia. Nada com sangue, espero…

— Está na hora de entregar todos os seus aparelhos eletrônicos — lembrou Yao. — Celular, tablet, tudo.

— Sem problemas.

Frances tirou o celular da bolsa, desligou-o e entregou a Yao. Uma sensação nada desagradável de subserviência tomou conta dela. Era como estar em um avião quando os avisos de afivelar cintos se acendem e os comissários de bordo se encarregam de toda a sua existência.

— Ótimo. Obrigado. Você está oficialmente "desconectada"! — Yao ergueu o telefone no ar. — Vamos cuidar do seu celular. Alguns hóspedes dizem que a desintoxicação digital é um dos aspectos mais prazerosos da estadia. Quando terminar, você vai dizer: "Não devolva! Não quero isso de volta!"

Ele balançou as mãos como se alguém o mandasse embora.

Frances tentou se imaginar dali a dez dias, porém achou a tarefa estranhamente difícil, como se não fossem dez dias, mas dez anos. Conseguiria mesmo se transformar? Mais magra, mais leve, sem dor, capaz de pular da cama ao nascer do sol sem cafeína?

— Não se esqueça da massagem no spa — disse Yao. — Ah… E aquele corte

horrível no dedo! — Ele foi até um aparador, escolheu um tubo em meio a uma gama de cosméticos da marca Tranquillum House e disse: — Deixe-me ver o polegar. — Frances o mostrou e, com delicadeza, Yao colocou uma gotinha do gel frio e calmante no corte. — Sua jornada de bem-estar começou, Frances — afirmou, ainda segurando sua mão, e, em vez de dar um sorriso irônico, Frances se viu à beira das lágrimas.

— Na verdade, eu tenho me sentido *muito* mal ultimamente, Yao — confessou ela, digna de pena.

— Sei que tem. — Yao levou as mãos aos ombros de Frances, e o gesto não pareceu tolo ou sexual; pareceu ter poderes de cura. — Vamos deixar você bem, Frances. Vamos fazer com que se sinta melhor do que jamais se sentiu na vida.

E fechou a porta delicadamente ao sair.

Frances deu uma volta lenta em torno de si mesma e aguardou o inevitável momento de tristeza do viajante solitário, mas, em vez disso, sentiu-se leve. Não estava sozinha. Tinha Yao para cuidar dela. Estava em uma *jornada* de bem-estar.

Ela foi até a varanda para admirar a vista e levou um susto. O homem na varanda ao lado estava tão debruçado para fora que parecia prestes a cair.

— Cuidado! — avisou ela baixinho para não assustá-lo.

O homem se virou na direção dela, ergueu a mão e sorriu. Era Ben — ela reconheceu o boné. Frances acenou de volta.

Se os dois falassem alto, provavelmente conseguiriam ouvir muito bem um ao outro, mas era melhor fingir que estavam longe demais para conversar, ou se sentiriam na obrigação de bater papo toda vez que se vissem nas respectivas varandas, e já haveria conversa obrigatória o suficiente a cada refeição.

Ela olhou na direção oposta e encontrou uma fileira de varandas idênticas se estendendo até a extremidade da casa. Todos os quartos tinham a mesma vista. As outras varandas estavam vazias, mas, enquanto Frances olhava, o vulto de uma mulher saiu do quarto mais distante. Estava longe demais para enxergar o rosto dela, mas, querendo ser amigável, Frances acenou. A mulher imediatamente deu meia-volta e retornou para dentro do quarto.

Bem, talvez ela não tivesse visto Frances. Ou talvez sofresse de ansiedade social intensa. Frances sabia lidar com os exageradamente tímidos. É preciso se aproximar deles lentamente, como se fossem pequenas criaturas da floresta.

Frances se virou para Ben e descobriu que ele também tinha entrado. Será que ele e Jessica ainda estavam discutindo? Seus quartos eram muito próximos, de forma que, se a coisa ficasse feia, era provável que Frances os ouvisse. Numa ocasião, durante a turnê de lançamento de um livro, ela se hospedara em um hotel com paredes finas e tivera o

prazer de escutar um casal discutindo fervorosa e descritivamente sobre sua vida sexual. Aquilo fora ótimo.

"Não entendo essa obsessão com desconhecidos", dissera-lhe Sol, seu primeiro marido, certa vez.

Frances explicara com dificuldade que desconhecidos eram interessantes por definição. Era a *estranheza* deles. O fato de não saber. Quando a pessoa sabe tudo o que há para saber sobre a outra, em geral, está pronta para se divorciar dela.

Voltou para dentro do quarto para desfazer as malas. Seria agradável tomar uma xícara de chá e comer alguns quadradinhos de chocolate enquanto lia o pacote informativo. Tinha certeza de que o material conteria regras que ela ia preferir não seguir. O "silêncio nobre" que começaria logo mais parecia agourento, e ela ia precisar de açúcar para lidar com aquilo. Além disso, ela não tinha seguido a sugestão de reduzir o consumo de açúcar e cafeína nos dias anteriores ao retiro para evitar os sintomas de abstinência. Frances não conseguiria lidar com uma dor de cabeça naquele momento.

Foi pegar seu contrabando com cuidado, bem no fundo da mala, debaixo das calcinhas, enrolado na camisola. Rira de si mesma por estar escondendo aquilo; eles não iam verificar sua bagagem. Aquilo não era uma clínica de reabilitação ou um colégio interno.

— Só podem estar de brincadeira — disse em voz alta.

Não estava lá.

Tirou todas as roupas e as jogou na cama com um sentimento crescente de fúria. Eles não fariam isso, fariam? Era inconcebível. Ilegal, com certeza.

Uma falta de educação *muito* grande!

Ela virou a mala de cabeça para baixo e a sacudiu. A camisola ainda estava ali, perfeitamente dobrada por mãos invisíveis, mas o café, o chá, o chocolate e o vinho tinham mesmo sumido. Quem havia vasculhado sua mala? Não podia ser Yao: ele ficara com ela o tempo todo, desde sua chegada. Outra pessoa mexera em suas roupas íntimas e confiscara as guloseimas.

O que ela podia fazer? Não podia ligar para a recepção e dizer: "Alguém roubou meu chocolate e meu vinho!" Bem, até podia, mas não tinha a audácia necessária. O site deixava claro que guloseimas, café e álcool eram proibidos. Ela descumprira as regras e fora pega em flagrante.

Frances não diria nada e eles também não falariam nada, então no último dia devolveriam tudo com um sorriso condescendente quando ela fizesse o check-out, como se estivessem devolvendo os pertences pessoais de um presidiário.

Aquilo era *profundamente* constrangedor.

Ela se sentou na beirada da cama e olhou com tristeza para a bela cesta de frutas. Riu um pouco, tentando transformar aquilo em uma história engraçada que agradaria seus amigos, então pegou uma tangerina da cesta. Quando enfiou o dedo no centro carnudo, ouviu algo. Uma voz? Não vinha do quarto de Ben e Jessica. Vinha do outro quarto contíguo ao seu. Houve um baque, seguido imediatamente do barulho inconfundível de algo se quebrando.

Uma voz masculina xingou, alta e vigorosa:

— Puta merda!

Realmente, pensou Frances, e sentiu o início malévolo de uma dor de cabeça se insinuar lentamente pela testa.

SETE

Jessica

Jessica estava sentada na cama de dossel, testando o colchão, enquanto Ben estava de pé na varanda, protegendo os olhos com a mão. Seu foco não era a vista.

— Tenho certeza de que eles não roubaram o carro — disse ela.

Quis soar engraçada e descontraída, mas não conseguia acertar o tom da própria voz ultimamente. Uma frieza sempre a invadia.

— Certo, mas *onde* estacionaram? — ponderou Ben. — É isso que não entendo. Eu só queria saber onde está. Eles têm um estacionamento subterrâneo em algum lugar? Você percebeu que quando perguntei se haviam deixado o carro debaixo de alguma cobertura ela meio que desconversou?

— Humm — disse Jessica sem emoção.

Não ia suportar mais uma briga sobre o carro ou o que quer que fosse. Seu estômago ainda estava se recuperando da última gritaria. Sempre que os dois brigavam ela sentia uma indigestão imediata, o que significava que passara os últimos dias mal do estômago. As discussões deles pareciam um recife contra o qual os dois ficavam se chocando. Não tinham como ser evitadas. *Pam. Pam. Pam.*

Ela se deitou na cama e observou a luminária. Aquilo perto do globo era uma teia de aranha? A casa era muito velha, escura e deprimente. Ela sabia que seria uma casa "histórica", mas achou que fosse, sei lá, *reformada*. Havia rachaduras em todas as paredes e cheiro de umidade.

Jessica se virou de lado e olhou para Ben. Agora ele estava perigosamente debruçado no parapeito da varanda, tentando enxergar o outro lado da casa. Ele se importava mais com o carro do que com ela. Um dia, Jessica o vira passar a mão no capô e, por um instante, sentira *inveja do carro*, da forma como Ben o tocava com tanta delicadeza e sensualidade, do mesmo jeito como costumava tocá-la. Ela ia contar isso à terapeuta. Tinha anotado para não esquecer. Sentia que era uma coisa muito profunda e potente para mencionar, bem significativa e *reveladora*. Seus olhos se enchiam de lágrimas quando ela pensava naquilo. Se a terapeuta algum dia escrevesse um livro

sobre sua experiência com casais, provavelmente mencionaria aquilo: *Certa vez tratei um paciente que dava mais carinho para o carro do que para a esposa*. (Não havia necessidade de mencionar que o carro era um Lamborghini; se o fizesse, todos os leitores homens diriam: "Ah, bem, nesse caso…")

Ela queria que a parte de "terapia de casal intensiva" do retiro começasse logo, mas "Delilah", a "consultora de bem-estar" deles, fora irritantemente vaga a respeito de quando começaria. Será que a terapeuta (Jessica presumia que seria *uma mulher*) ia perguntar sobre a vida sexual dos dois? E será que ela conseguiria dissimular a surpresa ao saber que eles só estavam transando, tipo, *uma vez por semana*, o que significava que o casamento deles estava enfrentando oficialmente uma crise séria?

De todo modo, ela não sabia se ia conseguir falar sobre sexo na frente da terapeuta. A mulher poderia presumir que Jessica não era boa de cama, ou que havia algo de errado com ela em um sentido muito pessoal e ginecológico. Afinal, ela mesma estava começando a se perguntar isso.

Obviamente, estava preparada para fazer mais cirurgias (até mesmo lá embaixo) ou um curso. Ler um livro. Aprimorar suas habilidades. Ela sempre estivera preparada para se aperfeiçoar, para escutar os conselhos dos especialistas. Lia muitos livros de autoajuda. Pesquisava no Google. Ben nunca tinha lido nenhum livro de autoajuda na vida.

Ele voltou para o quarto, levantando a camiseta para coçar a barriga. Ben não se dava o trabalho de fazer abdominal nem prancha, e mesmo assim a barriga dele era linda.

— Aquela escritora que a gente conheceu está no quarto ao lado — disse ele. Pegou uma maçã na cesta de frutas e a jogou de uma mão para outra, feito uma bola de beisebol. — Frances. Por que você acha que ela está aqui?

— Imagino que queira perder peso — respondeu Jessica.

Tipo, dãã. Ela achava a resposta meio óbvia. Frances tinha aquela aparência *acolchoada* que as mulheres de meia-idade adquiriam. Jessica nunca ia permitir que isso acontecesse com ela. Preferia morrer.

— Você acha? — questionou Ben. — Que importância isso tem na idade dela? — Ele não esperou a resposta. — Como são os livros que ela escreve?

— Antigamente, eu amava — disse Jessica. — Li todos. Tem um chamado *O beijo de Nathaniel*. Li no ensino médio, ele é muito… romântico, eu diria.

A palavra "romântico" não dava conta de descrever os sentimentos que *O beijo de Nathaniel* havia lhe causado. Ela se lembrava de ter chorado aos soluços, arfando, e depois reler o último capítulo várias vezes pelo prazer de chorar mais. De certa forma,

tinha a impressão de que Nathaniel fora o primeiro homem que amara.

Não podia contar isso a Ben: ele nunca lia ficção, jamais entenderia.

Mas será que aquele era um dos problemas do casamento deles? O fato de ela nem se dar o trabalho de tentar contar o que sentia pelas coisas que considerava importantes? Ou isso não fazia diferença? Ela não precisava ouvi-lo falar sobre sua paixão pelo carro. Ben podia falar sobre o Lamborghini com os amigos. E Jessica podia falar sobre suas lembranças d'*O beijo de Nathaniel* com as amigas.

Ben deu uma baita mordida na maçã. Jessica não podia mais fazer aquilo, não com os dentes novos. O dentista queria que ela usasse uma espécie de aparelho à noite para proteger as coroas caríssimas. Era irritante o fato de que quanto melhores eram as coisas conquistadas, menos relaxada ela podia ficar. Parecia o tapete novo no corredor da casa deles. Nenhum dos dois suportava pisar em algo tão incrivelmente caro. Passavam ao lado e se retesavam quando seus convidados andavam bem no meio dele com tênis sujos.

— Aquele suco estava muito bom — comentou Ben com a boca cheia de maçã. — Mas estou morrendo de fome. Não sei se meu corpo vai aguentar ficar dez dias sem pizza. Não entendo por que temos que fazer essa parte! O que isso tem a ver com terapia de casal?

— Eu já *disse* — lembrou Jessica. — É, tipo, uma abordagem holística. Temos que trabalhar tudo: mente, corpo e espírito.

— Isso me parece um monte de…

Ele parou no meio da frase e se aproximou dos interruptores na parede, então começou a brincar com o que ligava o ventilador de teto.

Colocou o ventilador na velocidade de ciclone.

Jessica cobriu o rosto com um travesseiro e tentou aguentar o máximo de tempo possível sem dizer: "Desligue." Antigamente, não pensaria naquilo. Teria apenas gritado: "Ai, meu Deus, desligue isso, seu idiota!", e Ben riria e continuaria, e ela tentaria desligar, mas ele não deixaria, então os dois se engalfinhariam de brincadeira.

Será que eles costumavam rir mais antes?

Quando ela era do departamento administrativo e ele era mecânico e trabalhava para Pete, quando Ben dirigia um Commodore V8 que não chamava atenção de ninguém e ela tinha peitos tamanho PP que também não se destacavam, quando ainda achavam que ir ao cinema e jantar no restaurante tailandês do bairro na mesma noite era um *luxo*, quando a chegada da fatura do cartão de crédito todo mês era, tipo, muito estressante e até a fizera chorar uma vez?

Jessica não queria acreditar que era melhor antes. Se fosse, sua mãe teria razão, e

ela não podia suportar o fato de sua mãe ter razão.

Ben diminuiu a velocidade do ventilador para uma brisa bem leve. Jessica tirou o travesseiro do rosto, fechou os olhos e sentiu o coração acelerar com medo de algo desconhecido, sem nome.

Aquilo a fez se lembrar do medo vertiginoso que sentira no dia do roubo. Já fazia dois anos que ela voltara para casa do trabalho e descobrira que o apartamento deles no térreo fora assaltado. Os seus pertences haviam sido espalhados com um descuido agressivo e maldoso, todas as gavetas tinham sido abertas, havia uma pegada preta em sua camiseta branca e o vidro quebrado brilhava.

Ben chegara instantes depois.

"Que merda é essa?"

Não sabia se ele tinha pensado na irmã logo de cara, mas ela, sim.

Lucy, a irmã de Ben, "tinha problemas de saúde mental". Esse era o eufemismo que a adorável e sofredora mãe de Ben usava. A verdade era que a irmã de Ben era viciada em drogas.

A vida de Lucy era uma montanha-russa interminável, e todos tinham que entrar no brinquedo, repetidas vezes, sem sair do carrinho. Lucy havia sumido. Ninguém tinha notícias dela. Lucy voltara no meio da noite e destruíra a casa. A mãe de Ben tivera que ligar para a polícia. Estavam planejando uma intervenção! Mas iam lidar com essa intervenção de outra forma, diferente da última; dessa vez ia dar certo. Lucy estava indo bem! Estava pensando em ir para uma clínica de reabilitação. Lucy *estava* em uma clínica! Lucy tinha saído da clínica. Lucy sofrera outro acidente de carro. Lucy estava grávida de novo. Lucy era perturbada e aquilo nunca teria fim. Como Jessica não conhecera a Lucy de antes — a que supostamente era engraçada, inteligente e gentil —, era difícil não odiá-la.

Lucy era o motivo da tensão subjacente que pairava em todos os encontros da família de Ben. Será que ia aparecer exigindo dinheiro, gritando insultos ou derramando lágrimas de crocodilo porque "só queria ser mãe" das duas crianças que era incapaz de criar?

Todo mundo sabia que Lucy roubava. Quem fosse a um churrasco na casa de Ben sabia que tinha que esconder o dinheiro. Portanto, era perfeitamente natural que, ao entrar no apartamento aquele dia, o primeiro pensamento de Jessica tivesse sido: *Lucy*.

Ela se esforçara para não dizer aquilo, mas não conseguira evitar. Aquela única palavra. Gostaria de poder voltar atrás. Não fizera parecer uma pergunta, mas uma afirmação. Gostaria de ter dito pelo menos: "Lucy?"

Ela se lembrava de Ben fazendo que não com a cabeça. O rosto dele estava

retorcido de vergonha.

Jessica pensara: *Como você sabe que não foi ela?*

Mas acabou que Ben estava certo. O roubo não tivera nada a ver com Lucy. Ela estava do outro lado do país naquele dia.

Portanto, fora apenas um roubo comum, como acontece com muita gente. Não haviam perdido muita coisa, porque não tinham muito o que perder: um iPad velho com a tela rachada e um colar que Ben dera de presente para Jessica no seu aniversário de vinte e um anos. Tinha um minúsculo pingente de diamante que custara a Ben uns dois meses de salário. Ela amava aquele colar e ainda sentia falta dele, por mais que não passasse de um colarzinho chinfrim com uma lasca de diamante, tipo *um quarto* de quilate. Os ladrões tinham rejeitado o restante da caixa de joias de Jessica, o que ela achou humilhante. Tanto Jessica quanto Ben detestaram a sensação de saber que alguém andara pelo apartamento deles, desdenhando suas coisas, como se avaliasse uma loja ruim.

A seguradora pagara sem reclamar muito, mas Ben e Jessica tiveram que desembolsar quinhentos dólares, o que os desagradou, já que não haviam *pedido* para serem roubados.

Fora só um roubo comum, mas acabara mudando a vida deles para sempre.

— Por que está me olhando desse jeito? — questionou Ben.

Ele estava ao pé da cama, observando-a.

Jessica focou o olhar.

— De que jeito?

— Como se estivesse planejando cortar as minhas bolas com uma faca de queijo.

— O quê? Eu nem estava olhando para você. Estava *pensando*.

Ele continuou mastigando o restante da maçã e ergueu a sobrancelha. Na primeira vez que os dois trocaram um olhar, durante a aula de matemática do Sr. Munro, ele fizera aquilo: erguera a sobrancelha esquerda com um ar descontraído e lacônico. Foi *literalmente* a coisa mais *sexy* que Jessica já tinha visto na vida, e talvez, se ele houvesse levantado as duas sobrancelhas em vez de uma, ela não tivesse se apaixonado.

— Eu não tenho uma faca de queijo — argumentou Jessica.

Ele sorriu e jogou o miolo da maçã no lixo do outro lado do quarto, então pegou o pacote de boas-vindas.

— É bom a gente ler isto, né?

Ele rasgou o envelope e os papéis caíram. Jessica se conteve para não catá-los e arrumar tudo. Ela era a encarregada da papelada. Se dependesse de Ben, eles nunca teriam declarado imposto de renda.

Ele abriu o que parecia ser uma carta de apresentação.

— Certo, então isto aqui é um "mapa" para a nossa "jornada de bem-estar".

— Ben, isto não vai dar certo se a gente não…

— Eu sei, eu sei, estou levando a sério. Eu dirigi naquela estrada, não foi? Isso não prova o meu comprometimento?

— Ah, *por favor*, não venha de novo com o carro.

Ela sentiu vontade de chorar.

— Eu só quis dizer… — Ele contraiu a boca. — Esquece. — Ben olhou para a carta e leu em voz alta: — "Sejam bem-vindos à sua jornada de bem-estar", blá blá blá. "O retiro vai começar com um período de silêncio de cinco dias, durante os quais não será permitido falar (a não ser durante as sessões de terapia), tocar uns nos outros, ler, escrever ou fazer contato visual com os hóspedes ou com seus companheiros"… Que porra é essa?

— Eles não avisaram isso no site — disse Jessica.

Ben continuou lendo em voz alta:

— "Talvez vocês já conheçam a expressão 'cérebro de macaco'." — Ben olhou para Jessica, que deu de ombros. Então ele continuou: — "Cérebro de macaco faz referência à maneira como sua mente pula de pensamento em pensamento feito um macaco saltando de galho em galho."

Ben imitou o barulho de um macaco e coçou a axila para demonstrar.

— Obrigada por isso.

Jessica sentiu um sorriso se insinuar. Às vezes eles ficavam bem.

Ben prosseguiu:

— "São necessárias pelo menos vinte e quatro horas para silenciar o cérebro de macaco. Um período de silêncio e reflexão gratificante acalma a mente, o corpo e a alma. Nosso objetivo é descobrir o belo estado que o budismo chama de 'silêncio nobre'."

— Então vamos passar os próximos cinco dias evitando fazer contato visual e sem falar? — questionou Jessica. — Mesmo quando estivermos sozinhos no quarto?

— Não é como se a gente não tivesse experiência nisso — falou Ben.

— Muito engraçado. Me dê isso. — Ela pegou a carta e leu. — "Durante o silêncio, pedimos que caminhem lenta e conscientemente, com propósito, do calcanhar à ponta do pé, pela propriedade, enquanto evitam fazer contato visual e conversar. Se precisarem se comunicar com um membro da equipe, por favor se dirijam à recepção e sigam as instruções do cartão azul laminado. Haverá sessões de meditação guiada, tanto em posição sentada quanto caminhando, ao longo de cada dia.

Por favor, prestem atenção aos sinos." — Ela largou a carta. — Isso vai ser muito esquisito. Vamos ter que comer com desconhecidos em completo silêncio.

— Acho que é melhor do que ficar trocando amenidades — disse Ben, olhando para ela em seguida. — Você quer seguir isso à risca? Podemos conversar aqui no quarto e ninguém vai saber.

Jessica refletiu por um instante.

— Acho que devemos seguir as regras à risca — respondeu. — Você não acha? Por mais que pareça estupidez, é melhor a gente fazer tudo direito e obedecê-los.

— Por mim, tudo bem — concordou Ben. — Contanto que não me digam para pular de uma ponte. — Ele coçou o pescoço. — Não entendo o que vamos *fazer* aqui.

— Eu já disse — lembrou Jessica. — Meditação. Ioga. Aulas de ginástica.

— Ok. Mas quero dizer entre uma coisa e outra. Se não podemos falar nem ver TV, o que vamos fazer?

— Vai ser difícil sem eletrônicos — admitiu Jessica. Ela achava que ia sentir mais falta das redes sociais do que do café. Olhou a carta outra vez. — "O silêncio começa quando o sino tocar três vezes." — Consultou o relógio do quarto. — Temos meia hora para falar.

Ou nos tocar, pensou ela.

Eles se entreolharam, mas ninguém falou nada.

— Pois é, manter silêncio não deve ser muito difícil para nós dois — comentou Ben.

Jessica riu, mas ele não.

Por que não estavam transando naquele exato instante? Não era isso que teriam feito antigamente? Sem sequer tocar no assunto?

Ela devia falar algo. Fazer algo. Ele era seu marido. Ela podia tocá-lo.

Mas um medo ínfimo havia se insinuado em sua mente no fim do ano anterior, e Jessica não conseguia se livrar dele. Tinha a ver com a forma como Ben olhava para ela ou não olhava; a tensão visível em seu maxilar.

O pensamento era este: *Ele não me ama mais*.

Parecia uma baita ironia que Ben pudesse deixar de amá-la logo agora, quando ela estava no auge da beleza. Ao longo do último ano, investira muito tempo e dinheiro — além de uma boa dose de dor — em seu corpo. Tinha feito *tudo* que havia para fazer: dentes, cabelo, pele, lábios, peitos. Todo mundo dizia que o resultado estava incrível. Seu perfil no Instagram estava repleto de comentários como *Você está muito GATA, Jessica!* e *Cada vez que vejo você, está ainda mais bonita.* A única pessoa que não tinha nada de positivo a dizer era seu marido, e, se ele não a achava atraente agora, na

melhor versão de si mesma, então nunca devia tê-la achado atraente. Provavelmente estava fingindo desde o começo. Então por que se casara com ela?

Toque em mim, pensou Jessica, e a frase em sua mente saiu como um gemido angustiado: *Por favor, por favor, toque em mim.*

Mas ele apenas ficou de pé e se aproximou da cesta de frutas.

— As tangerinas estão com uma cara boa.

OITO

Frances

— Quando a dor começou?

Frances estava deitada nua na mesa de massagem, apenas com uma toalha branca e macia cobrindo as costas.

"Tire a roupa toda, depois se deite e se cubra com a toalha", ordenara a massagista quando ela entrara no spa.

Era uma mulher grande com cabelo grisalho curto e o jeito intimidador de uma agente penitenciária ou treinadora de hóquei — não exatamente a massagista delicada de voz suave que havia imaginado. Frances não ouvira direito o nome dela e estava focada demais seguindo instruções para pedir que repetisse.

— Umas três semanas atrás — respondeu.

A massagista levou as mãos quentes que pareciam do tamanho de raquetes de pingue-pongue às costas dela. Seria possível? Frances ergueu a cabeça para olhá-las, mas a mulher pressionou suas omoplatas, fazendo-a relaxar novamente.

— Alguma coisa específica causou a dor?

— Nada físico — explicou Frances. — Mas eu sofri um baque emocional. Estava em um relacionamento…

— Então não houve nenhum tipo de lesão corporal — cortou a massagista com rispidez.

Ela claramente não tinha recebido o memorando da Tranquillum House sobre adotar um tom de voz lento e hipnótico. Na verdade, era o oposto: parecia querer acabar com a falação o mais depressa possível.

— Não — confirmou Frances. — Mas acho que com certeza teve a ver. Eu sofri um baque, entende, porque meu namorado, bem, ele desapareceu e… lembro claramente… eu estava ligando para a polícia quando senti uma coisa, foi como se tivesse levado um *tapa*…

— É melhor você ficar calada — sugeriu a massagista.

— Ah. É mesmo? — questionou Frances.

Eu estava prestes a contar uma história muito interessante para você, moça assustadora. Ela já a havia contado algumas vezes e achava que fazia isso muito bem. A cada vez que a compartilhava, aperfeiçoava a narrativa.

Além disso, não lhe restava muito tempo antes de ficar sem falar por *cinco dias* e não sabia como ia lidar com tanto silêncio. Havia acabado de evitar aquele abismo apavorante de desespero no carro. Talvez o silêncio a levasse ao extremo de novo.

A massagista pressionou ambos os lados da coluna de Frances com os polegares gigantescos.

— *Ai!*

— Concentre-se na sua respiração.

Frances sentiu o aroma cítrico dos óleos essenciais e pensou em Paul. Em como tudo começou. Em como terminou.

Paul Drabble era um engenheiro civil americano que ela conhecera pela internet. Amigo de um amigo de um amigo. Uma amizade que se tornara algo mais. Durante seis meses, ele lhe enviara flores, cestas de presente e bilhetinhos escritos à mão. Conversaram por horas ao telefone. Ele havia feito um Facetime com ela e dito que lera três livros seus e que adorara, e falava muito bem sobre os personagens, chegando a citar os trechos preferidos — e todos eram trechos que deixavam Frances orgulhosa. (Às vezes, quando as pessoas citavam as frases favoritas, Frances pensava: *Sério? Nunca achei que isso era o meu melhor*. Então ficava estranhamente irritada com elas.)

Ele lhe enviou fotos do filho, Ari. Frances, que nunca quisera ter filhos, se apaixonou pelo menino. Era alto para a idade, adorava basquete e queria ser jogador profissional. Ela ia ser a madrasta de Ari. Lera o livro *Criando meninos* para se preparar e tivera diversas conversas breves porém agradáveis com o garoto ao telefone. Ele não falava muito, o que era compreensível — afinal, tinha doze anos —, mas às vezes Frances o fazia rir quando conversavam pelo Skype, e o risinho seco dele derretia seu coração. A mãe de Ari — esposa de Paul — tinha morrido de câncer quando ele estava no jardim de infância. A história era tão triste, tão pungente, tão… "conveniente?", sugerira uma das amigas de Frances, fazendo com que ela desse um tapinha em seu pulso.

Frances estava planejando se mudar de Sydney para Santa Barbara. Tinha comprado a passagem aérea. Os dois teriam que se casar para que ela conseguisse o *green card*, mas ela não apressaria as coisas. Se e quando isso acontecesse, ela usaria um vestido de tom ametista — apropriado para um terceiro casamento. Paul tinha lhe enviado fotos do cômodo que já arrumara em sua casa para ser o escritório dela. Tinha prateleiras vazias à espera de seus livros.

Quando recebeu aquele terrível telefonema no meio da noite, Paul tão alterado que mal conseguia falar, chorando enquanto contava que Ari tinha sofrido um acidente horrível de carro e que havia um problema com o seguro-saúde, que precisavam operar Ari imediatamente, Frances não hesitou. Mandou dinheiro. Uma grande quantia.

"Desculpe, *quanto*?", perguntara o jovem detetive que anotava cuidadosamente tudo que Frances dizia, deixando o profissionalismo de lado por um instante.

Aquele fora o único erro de Paul: pedira muito pouco. Ela teria enviado o dobro, o triplo, o quádruplo… Faria qualquer coisa para salvar Ari.

E depois: um silêncio aterrorizante. Ela ficou histérica. Achou que Ari tinha morrido. Então pensou que Paul tinha morrido. Ele não respondia a suas mensagens de texto nem de voz, não respondia a seus e-mails. Foi sua amiga Di quem fez a primeira insinuação hesitante.

"Não me leve a mal, Frances, mas será que…?"

Di nem precisou terminar a frase. Era como se o fato já estivesse à espreita no inconsciente de Frances desde o início, mesmo ao reservar voos não reembolsáveis.

A coisa toda pareceu pessoal, mas não foi. Eram apenas negócios.

"Esses caras estão ficando tão espertos", dissera o detetive. "São profissionais, elegantes e perseguem mulheres da sua idade e na sua situação."

A empatia no rosto lindo e jovem do detetive era insuportável. Ele a via como uma velha desesperada.

Frances teve vontade de dizer: "Não, não sou uma mulher velha em qualquer situação! Sou eu! Você não está *me* enxergando!"

Sentiu vontade de dizer a ele que nunca tivera dificuldade para arranjar um homem; na verdade, ela é que fora *perseguida* por eles a vida inteira, por homens que a amavam de verdade e por outros que só queriam sexo, mas todos eram reais, a queriam para si, não vigaristas atrás do seu dinheiro. Quis contar a ele que inúmeras fontes já haviam dito inúmeras vezes que ela era ótima na cama, que seu saque no tênis era muito potente, e que, por mais que ela nunca cozinhasse, fazia uma torta de limão divina. Queria dizer a ele que era *real*.

A vergonha que sentira fora extraordinária. Tinha revelado tanto de si para aquele vigarista. Ele devia morrer de rir, por mais que de alguma forma soubesse responder com sensibilidade, humor e uma ortografia perfeita. Ele era uma miragem, um reflexo narcisista dela própria, dizendo exatamente o que Frances queria ouvir. Semanas depois, ela se deu conta de que até mesmo o nome dele, "Paul Drabble", devia ter sido escolhido de propósito para seduzi-la ao fazê-la lembrar inconscientemente de

Margaret Drabble, uma de suas autoras preferidas, como havia postado nas redes sociais para quem quisesse ver.

Acabou descobrindo que várias mulheres também tinham planejado uma vida como madrasta de Ari.

"Muitas senhoras estão na mesma situação que você", contara o detetive.

Senhoras. Meu Deus, senhoras. Ela não conseguia acreditar que era uma senhora. Aquela palavra gentrificada e nada sexy lhe dava arrepios.

Os detalhes das histórias contadas às vítimas eram distintos, mas o menino sempre se chamava "Ari", sempre sofria um "acidente de carro", e o telefonema desesperado era dado sempre no meio da noite. "Paul Drabble" tinha vários nomes, cada um com uma presença cuidadosamente criada na internet, para que, quando as *senhoras* pesquisassem no Google o nome do pretendente — como sempre faziam —, vissem exatamente o que queriam ver. Claro que ele não era amigo do amigo de um amigo, pelo menos não no mundo real. O golpista agia no longo prazo e criava um perfil falso no Facebook fingindo interesse por restauração de móveis antigos, sendo aceito por um grupo no Facebook administrado pelo marido de uma amiga de faculdade da vítima. Quando ele enviara uma solicitação de amizade para Frances, ela já tinha visto o suficiente de seus comentários (inteligentes, sagazes, concisos) nos posts do amigo para acreditar que se tratava de uma pessoa real em seu círculo estendido de amizades.

Frances fora tomar café com outra vítima do golpe, que lhe mostrara fotos no celular do quarto que havia montado para Ari, com pôsteres de *Star Wars* na parede. Na verdade, os pôsteres eram um pouco infantis para Ari — ele não gostava de *Star Wars* —, mas Frances preferiu não comentar.

A mulher estava em uma situação bem pior do que a dela, por isso Frances lhe deu um cheque para ajudá-la a se recuperar. As amigas de Frances resmungaram quando souberam disso. Sim, tinha dado dinheiro para outro desconhecido, mas para Frances aquilo era um jeito de resgatar seu orgulho, de retomar o controle e de consertar um pouco o rastro de destruição deixado por aquele homem. (Ela achava que receber um cartão de agradecimento da sua companheira vítima de golpe teria sido legal, mas não devemos ser generosos pensando em receber algo em troca.)

Depois que tudo terminou, Frances guardou as provas da sua estupidez em uma pasta. Todos os e-mails em que ela abrira o tolo coração impressos. Os cartões que tinham acompanhado flores reais com sentimentos falsos. As cartas escritas à mão. Foi quando ela enfiou a pasta no arquivo que um papel cortou seu polegar feito a lâmina de uma gilete. Um machucado minúsculo e insignificante, mas que doía muito.

Os polegares da massagista se moviam em pequenos círculos rígidos. Um calor se

espalhou pela lombar de Frances. Ela observou o chão pelo buraco da mesa de massagem. Viu os tênis da massagista. As pontas dos sapatos de plástico estavam rabiscadas com flores feitas com marcador permanente.

— Eu caí no golpe do amor pela internet — contou Frances. Ela precisava falar. A massagista teria que ouvir. — Perdi muito dinheiro.

A mulher não disse nada, mas pelo menos não mandou Frances parar de falar. Suas mãos continuaram se movendo.

— Não me importei tanto com o dinheiro. Quer dizer, *me importei*, trabalhei muito para ganhá-lo… Mas algumas pessoas perdem tudo nesse tipo de golpe, e eu perdi só… o respeito por mim mesma, eu acho, e… minha inocência. — Ela estava tagarelando, mas não conseguia se conter. Só o que ouvia era a respiração regular da massagista. — Acho que sempre presumi que as pessoas eram quem diziam ser e que noventa e nove por cento das pessoas são boas. Vivia em uma bolha. Nunca fui assaltada. Nunca me roubaram nada. Ninguém nunca me agrediu.

Aquilo não era bem verdade. Seu segundo marido batera nela uma vez. Ele chorara. Ela, não. Ambos souberam que o casamento havia chegado ao fim naquele instante. Pobre Henry. Era um homem bom, mas os dois despertavam algo horrível um no outro, feito uma reação alérgica.

Sua mente se perdeu na longa estrada dos seus relacionamentos complicados. Ela havia compartilhado esse histórico com "Paul Drabble", e ele dividira o seu. O dele parecera muito real. Será que continha alguma verdade? Que pergunta, vindo da escritora que ganhava a vida inventando relacionamentos. *É óbvio que ele pode ter criado todo o histórico, sua idiota.*

Ela continuou falando. Era melhor do que pensar.

— Eu realmente achei que estava mais apaixonada por aquele homem do que estive por qualquer outro que conheci no mundo real. Estava muito iludida. Mas o amor é só um truque da mente, não é? — *Cale logo a boca, Frances, ela não está interessada.* — Enfim, foi tudo muito… — Sua voz falhou. — Constrangedor.

A massagista estava em silêncio absoluto agora. Frances nem sequer ouvia a respiração dela. Era como ser massageada por um fantasma de mãos enormes. Frances se perguntou se ela estava pensando que jamais cairia em um golpe desses.

O ponto mais doloroso da humilhação era o seguinte: antes, se pedissem a Frances que ela apontasse o tipo de pessoa que cairia em um golpe na internet, ela teria escolhido alguém como *aquela* mulher, com corpo maciço, cabelo curto e habilidades sociais questionáveis. Não Frances.

— Desculpe, não ouvi seu nome naquela hora — disse Frances.

— Jan.

— Jan, você se importa se eu perguntar se é casada… Quer dizer, você tem alguém?

— Sou divorciada.

— Eu também — disse Frances. — Duas vezes.

— Mas acabei de começar a sair com uma pessoa — revelou Jan, como se não conseguisse se conter.

— Ah. Que ótimo! — O humor de Frances mudou. Havia algo melhor do que um relacionamento novo? Sua carreira inteira se baseava na maravilha dos relacionamentos novos. — Como se conheceram?

— Ele me fez soprar no bafômetro — respondeu Jan, com uma risada.

A risada contou a Frances tudo que ela precisava saber. *Jan estava recém-apaixonada*. Seus olhos se encheram de lágrimas de felicidade por ela. O romance nunca morreria para Frances. Nunca.

— Então… ele é policial?

— É um policial novo em Jarribong — explicou Jan. — Estava entediado no acostamento, parando motoristas aleatoriamente para soprarem no bafômetro, então começamos a conversar enquanto ele esperava outro carro passar. Ficamos ali duas horas.

Frances tentou imaginar Jan conversando por duas horas.

— Qual é o nome dele? — perguntou ela.

— Gus.

Frances aguardou, dando a Jan a oportunidade de falar maravilhas sobre seu novo namorado. Tentou imaginá-lo. Gus. Um guarda local. Ombros largos, coração de ouro. Gus devia ter um cachorro, um cachorro simpático. Gus devia gostar de desenhar. Devia assobiar melodiosamente. Era provável que assobiasse enquanto desenhava. Frances já estava semiapaixonada por Gus.

Mas Jan encerrara o assunto Gus.

Após um minuto, Frances voltou a falar, como se Jan tivesse de fato demonstrado interesse.

— Sabe, às vezes quase acho que valeu a pena o dinheiro que paguei pela companhia durante os seis meses. Pela esperança. Eu deveria mandar um e-mail para ele dizendo: "Olha, sei que você me deu um golpe, mas estou disposta a pagar para que continue fingindo ser Paul Drabble." — Ela fez uma pausa. — Eu nunca faria isso de verdade. — Silêncio. — É engraçado, porque escrevo romances. Meu trabalho é criar personagens fictícios, até que me apaixonei por um.

Nada ainda. Jan não devia ser uma leitora ávida, ou talvez só estivesse constrangida por Frances. *Espere só até eu chegar em casa e contar a Gus sobre essa otária.*

Gus daria um assobio demorado e baixo (com melodia), expressando surpresa e solidariedade.

— É isso que acontece na cidade grande, Jan.

Frances conseguiu ficar calada por alguns instantes, enquanto Jan massageava determinado ponto da lombar com os nós dos dedos. Doía de um jeito gostoso e necessário.

— Você trabalha aqui em tempo integral, Jan?

— Só de vez em quando. Quando precisam de mim.

— Gosta?

— É um emprego.

— Você é muito boa.

— Aham.

— *Extraordinariamente* boa. — Jan ficou em silêncio e Frances fechou os olhos. — Quanto tempo faz que trabalha aqui? — perguntou, sonolenta.

— Só alguns meses — respondeu Jan. — Então ainda sou novata.

Frances abriu os olhos. Notou algo na voz de Jan. Só uma sombra. Será que ela não era uma grande adepta da filosofia da Tranquillum House? Frances pensou em perguntar sobre o contrabando desaparecido, mas como essa conversa se desenrolaria?

"*Acho que alguém vasculhou minha mala, Jan*."

"*Por que acha isso, Frances*?"

"*Bem, algumas coisas sumiram*."

"*Que tipo de coisas*?"

Ela estava envergonhada e vulnerável demais ali, nua, para confessar.

— Como é a diretora? — perguntou Frances, lembrando da reverência com que Yao olhara para aquela porta fechada.

Silêncio.

Frances observou os pés de Jan nos tênis rechonchudos. Não se moveram.

Por fim, Jan respondeu:

— Ela é apaixonada pelo que faz.

Yao também tinha dito que ela era *apaixonada* por aquele trabalho. Era a linguagem teatral das estrelas de cinema e dos palestrantes motivacionais. Frances nunca diria que era "apaixonada" pelo seu trabalho, embora de fato *fosse*. Quando passava muito tempo sem escrever, enlouquecia.

E se nunca mais publicassem um livro seu?

Por que alguém publicaria um livro seu? Ela não merecia.

Não pense na crítica.

— Ter paixão é bom — comentou.

— É — concordou Jan.

A massagista escolheu outro local para manusear com os nós dos dedos.

— Será que ela exagera na paixão às vezes? — questionou Frances, se esforçando para entender o que Jan estava tentando dizer, se é que tentava dizer algo.

— Ela se importa muito com os hóspedes e está disposta a fazer… o que for preciso… para ajudá-los.

— O que for preciso? — repetiu Frances. — Isso parece…

As mãos de Jan foram para os ombros de Frances.

— Lembre que o silêncio nobre vai começar daqui a pouco. Quando ouvirmos o terceiro sino, não vamos mais poder falar.

Frances ficou em pânico. Queria mais informações antes que o silêncio bizarro começasse.

— Quando você diz "o que for preciso"…

— Só tenho coisas boas para dizer sobre a equipe daqui — interrompeu Jan, soando um pouco robótica. — Eles só querem o melhor para vocês.

— Isso está parecendo um pouco sinistro — confessou Frances.

— As pessoas conquistam ótimos resultados aqui — afirmou Jan.

— Hum, isso é bom.

— É.

— Então está dizendo que alguns dos métodos que usam talvez sejam um pouco… — Frances tentou encontrar a palavra certa. Estava se lembrando de algumas das críticas raivosas publicadas na internet. O sino tocou uma vez. Reverberou com a autoridade melódica de um sino de igreja, nítido e puro. *Droga*. — …não convencionais? — completou depressa. — Quer dizer, estou cautelosa agora, depois do que passei com aquele homem, o do golpe. Gato escaldado… — O segundo sino, ainda mais alto do que o primeiro, interrompeu sua fala, deixando-a pairar tolamente no ar. — …tem medo de água fria — sussurrou Frances.

Jan pressionou com força as omoplatas de Frances com as palmas das mãos, como se fizesse uma reanimação cardiorrespiratória, e se debruçou sobre ela, soltando o hálito quente na orelha de Frances.

— Só não faça nada que deixe você desconfortável. Isso é tudo que posso dizer.

O terceiro sino tocou.

NOVE

Masha

A diretora da Tranquillum House, Maria Dmitrichenko — Masha para todos, exceto para a Receita Federal —, estava sentada sozinha em seu escritório trancado no alto da casa quando o terceiro sino tocou. Mesmo lá de cima ela sentiu o silêncio se instalar. Tinha a impressão de ter entrado em uma caverna ou em uma catedral: aquela sensação de alívio. Ela inclinou a cabeça em direção à sua marca preferida na superfície da mesa de carvalho branco, parecida com uma impressão digital.

Estava no terceiro dia de um jejum no qual só água era permitido, e fazer jejum sempre aguçava seus sentidos. A janela do escritório estava aberta, e ela inspirou o ar limpo do campo em grandes lufadas. Fechou os olhos e se lembrou de como no passado sentira todos os aromas desconhecidos e empolgantes daquele novo país: eucalipto, grama recém-cortada e fumaça de gasolina.

Por que estava pensando nisso?

Porque seu ex-marido lhe mandara um e-mail no dia anterior, pela primeira vez em anos. Masha tinha deletado o e-mail, mas a simples visão do nome dele por uma fração de segundo o entranhara na sua mente, portanto agora qualquer cheirinho de eucalipto na brisa bastava para transportá-la para a pessoa que fora trinta anos antes, alguém de quem mal se lembrava. No entanto, ela se lembrava *sim* de tudo naquele primeiro dia, depois de todos aqueles voos intermináveis (Moscou, Déli, Cingapura, Melbourne); o olhar que ela e o marido tinham trocado no fundo daquela van apertada, impressionados com todas as luzes, até mesmo no meio da rua. Eles haviam cochichado sobre os desconhecidos que *sorriam* para eles. Era bizarro que fizessem aquilo! Tão amigáveis! Mas então — e foi Masha quem percebeu isso primeiro —, quando viravam a cabeça, *seus sorrisos desapareciam*. Sorriso, nada. Sorriso, nada. Na Rússia, as pessoas não sorriam daquele jeito. Quando por acaso sorriam, vinha do coração. Aquela tinha sido a primeiríssima experiência de Masha com o "sorriso por educação". Dava para considerar o sorriso por educação uma coisa maravilhosa ou terrível. Seu ex-marido sorria de volta; Masha, não.

Nu naher! Ela não tinha tempo para o passado agora. Precisava administrar um resort! As pessoas contavam com ela. Era a primeira vez que começava um retiro com um período de silêncio, mas já sabia que era o certo a fazer. O silêncio daria clareza aos hóspedes. Assustaria alguns, que resistiriam, e as pessoas romperiam o silêncio sem querer ou de forma deliberada. Talvez os casais sussurrassem na cama, mas tudo bem. O silêncio criaria o clima certo dali em diante. Alguns hóspedes encaravam aquele lugar como uma colônia de férias. Mulheres de meia-idade ficavam muito animadas por não terem que preparar o jantar toda noite. Toda aquela falação aguda. Quando dois homens se tornavam *brothers*, era certo que ignorassem as regras.

Logo no início, assim que abriu a Tranquillum House para o público, Masha ficou chocada ao encontrar um pedido de pizza de bacon, presunto e pepperoni tamanho família sendo entregue na cerca dos fundos. *Nu shto takoye?*, gritou ela, dando um baita susto no pobre entregador e no hóspede. *O que está acontecendo aqui?*

Já conhecia as gracinhas dos hóspedes. Agora tomava precauções. Câmeras de segurança espalhadas pela propriedade. Monitoração regular. Checagem de malas. Tudo para o bem deles.

Ela se virou de lado na cadeira e ergueu uma perna, apoiando a testa na canela. Tratava do corpo com a tranquilidade de um menino de dez anos e gostava de dizer que *tinha* dez anos, pois estava chegando o aniversário de dez anos do fatídico dia. O da sua parada cardíaca. O dia em que morrera e nascera outra vez.

Se não fosse por aquele dia, ela ainda estaria no mundo corporativo e ainda seria gorda e estressada. Tinha sido a diretora de operações globais de uma multinacional que produzia derivados de leite. Ela levava o queijo mais confiável da Austrália para o mundo! (Masha não comia mais queijo.) Lembrou-se do escritório com vista para a Opera House e do prazer que sentia em concluir tarefas, elaborar políticas para agilizar procedimentos, deixar um cômodo repleto de homens aos seus pés. Sua vida naquela época era espiritualmente vazia, mas intelectualmente estimulante. Ela gostava sobretudo de desenvolver novidades e de ver toda a variedade de produtos da empresa disposta na mesa da sala de reunião: a exuberância da escolha, a embalagem de cores vivas. De uma forma estranha, aquilo satisfazia o desejo que sentira na infância ao virar as páginas de catálogos de produtos ilegais do Ocidente.

Mas o prazer que a vida corporativa lhe proporcionara fora como um sorriso por educação. Não tinha essência. Sua mente, seu corpo e sua alma funcionavam como divisões independentes de uma corporação sem um bom fluxo de comunicação. A nostalgia que ela sentia pelo antigo emprego era tão falsa quanto os pensamentos saudosos sobre o ex-marido. As lembranças que sua mente não parava de regurgitar

eram falhas, como bugs de um computador. Precisava se concentrar. Nove pessoas contavam com ela. Nove completos desconhecidos que em breve seriam como uma família.

Ela passou o dedo pela lista de nomes impressos:

Frances Welty
Jessica Chandler
Ben Chandler
Heather Marconi
Napoleon Marconi
Zoe Marconi
Tony Hogburn
Carmel Schneider
Lars Lee

Nove desconhecidos que, naquele instante, estavam se acomodando nos quartos, explorando a propriedade, lendo nervosos os pacotes informativos, bebendo sucos, quem sabe desfrutando os primeiros tratamentos no spa, preocupando-se com o que estava por vir.

Masha já amava todos eles. A autocrítica e o desprezo por si mesmos, as mentiras evidentes, as piadas defensivas para esconder a dor enquanto rachavam e desabavam diante dela. Eles seriam dela pelos próximos dez dias, ela os educaria e acolheria, os moldaria do jeito que podiam ser, que deveriam ser.

Masha pegou a pasta correspondente ao primeiro nome da lista.

Frances Welty. Cinquenta e dois anos. A foto que ela anexara mostrava uma mulher de batom vermelho com um drinque na mão.

Masha já tratara uma centena de mulheres como Frances. Era simplesmente uma questão de arrancar as camadas e revelar a mágoa ali embaixo. Elas estavam doidas para se ver livres das camadas, para encontrar alguém que se interessasse o suficiente a ponto de fazer isso. Não era difícil. Tinham sido magoadas: por maridos e amantes, por filhos que já não precisavam delas, por carreiras frustrantes, pela vida, pela morte.

Quase todas desprezavam o próprio corpo. Mulheres e seus corpos! A relação mais abusiva e tóxica de todas. Masha já tinha visto mulheres beliscarem a pele da própria barriga com tanto desprezo e brutalidade que deixavam hematomas. Enquanto isso, seus maridos alisavam carinhosamente as próprias barrigas, muito maiores, com um orgulho pesaroso.

Aquelas mulheres chegavam lá superalimentadas, porém malnutridas, viciadas em várias drogas e substâncias químicas, exaustas, estressadas, sofrendo com enxaquecas,

dores musculares ou problemas digestivos. Era fácil curá-las com descanso, ar fresco, comida nutritiva e atenção. Seus olhos se iluminavam. Elas ficavam expansivas e vibrantes, enquanto as maçãs do rosto se destacavam. Não calavam a boca. Despediam-se de Masha com abraços, lágrimas nos olhos, buzinando. Mandavam cartões emotivos, muitas vezes com fotos para mostrar que continuaram suas jornadas aplicando as lições de Masha ao cotidiano.

Mas então, dois, três, quatro anos depois, uma boa porcentagem delas *voltava para a Tranquillum House* com uma aparência tão doentia quanto a da primeira visita… ou até mais. "Parei de meditar de manhã", diziam, com os olhos arregalados e arrependidos. Mas não *tão* arrependidos assim: elas pareciam achar que seus lapsos eram naturais, meigos, previsíveis. "Aí, quando percebi, tinha voltado a beber todos os dias." "Perdi o emprego." "Eu me divorciei." "Sofri um acidente de carro." Masha só as havia consertado temporariamente! Nos momentos de crise elas voltavam à configuração-padrão.

Não era bom o bastante. Não para Masha.

Por isso o novo protocolo era essencial. Não havia motivo para que ela sentisse aquela ansiedade estranha que a acordava no meio da noite. Masha tivera sucesso na carreira corporativa porque sempre estivera preparada para assumir riscos, para pensar lateralmente. Isso também valia para aquela situação. Ela bateu a ponta do dedo no rosto turvo e inchado de Frances Welty e conferiu quais opções a hóspede assinalara para o que gostaria de alcançar nos próximos dez dias: "alívio do estresse", "crescimento espiritual" e "relaxamento". Muito interessante ela não ter assinalado "perda de peso". Devia ter esquecido. Parecia ser uma pessoa descuidada, que não prestava atenção aos detalhes. Uma coisa estava clara: aquela mulher implorava por uma experiência espiritualmente transformadora, e Masha lhe daria isso.

Abriu a pasta seguinte. Ben e Jessica Chandler.

A foto mostrava um jovem casal atraente em um iate. Os dois sorriam mostrando os dentes, mas não dava para ver seus olhos por causa dos óculos escuros. Haviam marcado terapia de casal, e Masha tinha certeza de que podia ajudá-los. Os problemas deles eram frescos, não estavam calcificados após anos de discussões e amargura. O novo protocolo seria perfeito para eles.

Em seguida, Lars Lee. Quarenta anos. A foto que ele havia anexado era um retrato profissional brilhante. Masha conhecia muito bem aquele tipo de hóspede. Costumavam considerar a presença em spas parte do regimento de cuidados pessoais, como um corte de cabelo ou uma manicure. Não tentavam contrabandear produtos, mas achavam que regras inconvenientes não valiam para eles. A reação de Lee ao novo

protocolo seria interessante.

Carmel Schneider. Trinta e nove anos. Mãe de filhos pequenos. Divorciada. Masha olhou sua foto e estalou a língua. Ouviu a voz da mãe: *Se uma mulher não cuida de si, seu homem cuida de outra mulher.* Pobrezinha. Baixa autoestima. Carmel tinha assinalado todas as opções na lista, com exceção de "terapia de casal". Isso fez com que Masha sentisse carinho por ela. *Não tem problema, minha lapochka. Você vai ser uma das fáceis.*

Tony Hogburn. Cinquenta e seis anos. Também divorciado. Estava ali para perder peso. Fora a única opção que marcara. Ficaria mal-humorado e talvez agressivo quando o corpo reagisse às mudanças no estilo de vida repleto de automedicação. Ela teria que monitorá-lo.

A pasta seguinte fez com que Masha franzisse o cenho.

Será que esse caso seria uma caixinha de surpresas?

A família Marconi. Napoleon e Heather. Ambos com quarenta e oito anos. E a filha, Zoe, de vinte anos.

Aquela era a primeira vez que uma família fazia uma reserva no retiro da Tranquillum House. Ela já havia recebido muitos casais, muitas mães e filhas, irmãos e amigos, mas nunca uma família inteira, e Zoe era a hóspede mais nova que já tivera.

Por que uma jovem de vinte anos de aspecto perfeitamente saudável faria um retiro de dez dias com os pais? Distúrbio alimentar? Talvez. Os três pareciam subalimentados aos olhos treinados de Masha. Será que havia alguma disfunção familiar ali?

Quem preenchera o formulário da família havia assinalado apenas "alívio do estresse".

A foto enviada pelos Marconi mostrava os três diante de uma árvore de Natal. Era claramente uma selfie, porque suas cabeças estavam em ângulos estranhos para que ficassem enquadradas. Todos sorriam, mas seus olhos estavam inexpressivos e vazios.

— O que aconteceu com vocês, meus lapochki?

DEZ

Heather

Assim que o terceiro sino tocou, Heather Marconi sentiu o silêncio se instalar, como se um cobertor tivesse sido delicadamente colocado sobre a Tranquillum House. Incrível como era palpável. Ela não tinha notado nenhum barulho de fundo antes daquilo.

Heather tinha acabado de sair do banheiro quando os sinos começaram a tocar, muito mais altos e autoritários do que imaginara. Ainda não decidira se ia se dar o trabalho de respeitar aquele "silêncio" absurdo — se quisessem um retiro de silêncio, teriam reservado um retiro de silêncio, obrigada —, mas o som religioso dos sinos a paralisou na mesma hora. Burlar o silêncio lhe pareceu desrespeitoso, até mesmo na privacidade do próprio quarto.

Seu marido estava sentado em uma poltrona antiga no canto, com o dedo nos lábios feito um professor de escola, porque Napoleon *era* um professor de escola querido em uma área desfavorecida, e era impossível passar vinte e cinco anos ensinando geografia para meninos rebeldes sem levar alguns dos hábitos da profissão para casa.

Não me mande ficar em silêncio, querido. Não sou uma de suas alunas. Vou falar quando quiser, pensou Heather. Encarou-o para lhe dar uma piscadela, mas Napoleon desviou o olhar, como se estivesse escondendo algo, só que ele nunca tinha nada para esconder, era a definição de um livro aberto. Estava evitando seu olhar apenas porque a papelada determinava que não deveria haver "contato visual" nos próximos cinco dias, e Napoleon jamais esquecia uma regra, até mesmo uma tão inútil e arbitrária quanto aquela. O que evitar contato visual com a esposa poderia trazer de bom? Mas Napoleon respeitava à risca todas as placas de trânsito e cláusulas escritas em letras miúdas de formulários burocráticos. Para ele, regras tinham a ver com educação, respeito e sobrevivência de uma sociedade civilizada.

Ela o analisou, sentado com seu roupão curto demais, as compridas pernas peludas cruzadas. Napoleon tinha um jeito feminino de cruzar as pernas, feito uma

supermodelo sendo entrevistada em um programa de televisão. Seus dois irmãos mais baixos e mais robustos enchiam o saco dele por causa da maneira afeminada como se sentava, mas Napoleon apenas sorria e mostrava o dedo do meio.

Seu cabelo ainda estava molhado por causa da ida às fontes termais e do mergulho na piscina.

As fontes termais ficavam a uma caminhada tranquila dali, saindo pelos fundos da casa e seguindo por uma trilha muito bem sinalizada. Não encontraram ninguém por perto. Tinham achado a Gruta Secreta, uma piscina pedregosa e sombreada grande o bastante para que os três se sentassem em semicírculo e admirassem a vista do vale. Heather e Zoe ficaram escutando Napoleon falar sem parar sobre como os minerais na água ajudariam a circulação sanguínea e reduziriam os níveis de estresse deles, e blá blá blá; Heather não se lembrava direito do que ele dissera. A falação do marido era como um som ambiente em sua vida, um rádio sempre ligado em que apenas frases aleatórias chegavam ao seu inconsciente. Obviamente ele estava apavorado com a ideia de passar cinco dias em silêncio e vinha falando ainda mais depressa do que de costume, sem pausas, a voz borbulhando de maneira interminável, assim como a água morna e espumosa, com cheiro de enxofre, que borbulhava ao redor de seus corpos.

"Querida, é claro que consigo ficar cinco dias sem falar!", assegurara ele a Zoe, que encarara o pai com uma preocupação genuína estampada no rosto jovem e lindo. "Se você consegue ficar sem o celular e sua mãe, sem café, eu posso ficar sem conversar!"

Depois, os três tinham se refrescado na piscina; o alívio proporcionado pela água azul com cloro fora mágico após as fontes termais. Heather observou Zoe apostar com o pai: ele nadou borboleta, ela fez nado livre começando cinco segundos antes. Napoleon ganhou mesmo assim — por mais que não quisesse ganhar, já não dava mais para fingir uma derrota como fazia quando ela era criança. Eles se sentaram na beira da piscina e Zoe lhes contou uma história engraçada sobre um dos seus professores na universidade. Heather não entendeu direito, mas percebeu pela expressão da filha que era para ser algo engraçado, então foi fácil rir. Fora um momento raro e especial de felicidade. Heather sabia que os três tinham notado e esperava que aquilo fosse um bom sinal.

E agora teriam que passar os próximos cinco dias sem falar.

Ela sentiu uma onda forte de irritação — ou talvez fosse apenas seu corpo exigindo um *macchiato* —, porque a intenção daquelas supostas "férias" não era causar sofrimento. Com certeza havia inúmeros resorts que ofereciam o mesmo ambiente tranquilo sem aquelas privações draconianas. Nenhum dos três precisava perder peso. Peso simplesmente não era uma questão para Heather! Ela se pesava todas as manhãs,

às seis em ponto, e, sempre que via a agulha indo para a direção errada, ajustava a dieta. Seu IMC estava na categoria "abaixo do peso", mas só por um quilo. Sempre fora magra. Às vezes Zoe acusava a mãe de ter distúrbio alimentar, só porque era meio fresca em relação a quando e o que comia. Não enfiava qualquer coisa na boca, ao contrário de Napoleon, que comia feito um aspirador de pó, sugando tudo que havia em torno.

Napoleon ficou de pé. Pôs a mala na cama, abriu o zíper e pegou uma camiseta lindamente dobrada, uma bermuda e uma cueca. Ele arrumava as malas feito um soldado cujos pertences seriam inspecionados. Tirou o roupão e ficou ali, magro, branco, peludo e nu, em todo o seu esplendor.

Seu silêncio atípico fez com que ele de repente parecesse um desconhecido.

Os músculos de suas costas se moviam em sintonia, feito uma máquina de engenharia primorosa, enquanto ele se vestia. A altura e o comportamento nerd de Napoleon escondiam sua sensualidade.

Na primeira vez que eles transaram, tantos anos antes, Heather pensara: *Bem, isso, sim, é uma surpresa*. Porque quem diria que um sujeito como *Napoleon* teria pegada? Ela até *gostara* dele, pois era meigo, engraçado e atencioso, mas achara que transar com ele seria como fazer trabalho voluntário. Era para ter sido um sexo educado, amigável, "muito obrigada pelo jantar e pelo filme com Kevin Costner", não um sexo alucinante. Heather sabia que a lembrança que Napoleon tinha do primeiro encontro deles era diferente da dela. A dele era direita, meiga e correta, como deve ser a lembrança do primeiro encontro entre futuros marido e mulher.

Napoleon fechou o zíper da bermuda e colocou o cinto. Deslizou o couro marrom pelo fecho de metal prateado com movimentos irritantemente rápidos e eficientes. Devia sentir que o olhar dela estava fixo nele, mas não a encarou; estava determinado a seguir aquelas regras idiotas a todo custo. Era um homem muito bom, perfeito para cacete, em todos os sentidos.

A raiva a atingiu com a potência e a força da contração de um trabalho de parto. Não havia como escapar. Heather se imaginou socando a cara dele, estraçalhando a maçã do rosto, o diamante do seu anel de noivado rasgando a pele, de novo, de novo e de novo, o sangue pingando. A raiva envolveu seu corpo, quase tirando seus pés do chão. Ela teve que agarrar o chão com os dedos dos pés para refrear o ímpeto de pular em Napoleon enquanto ele fechava a mala e a colocava no chão, no canto do quarto, onde ninguém tropeçaria nela.

Heather se concentrou em um ponto do papel de parede onde havia um pequeno arranhão em forma de ilha e recorreu ao método de respiração variável que ensinava as

mães a usarem durante a fase de transição do trabalho de parto: respiro, respiro, *sopro*, hi-hi-*hu*, respiro, respiro, *sopro*.

Napoleon atravessou o quarto e foi até a varanda. Parou com as pernas afastadas e segurou o parapeito, como se estivesse no deque de um navio chacoalhante.

A raiva se apaziguou, recuou, desapareceu.

Pronto. Ela vencera aquilo outra vez. O inconsciente objeto da sua raiva baixou a cabeça, expondo o pescoço branco desprotegido. Ele nunca saberia. Ficaria horrorizado e profundamente magoado se soubesse da violência dos pensamentos secretos sa mulher.

Heather estava trêmula. Com gosto de bile na boca. Era como se tivesse acabado de vomitar.

Abriu sua mala e pegou um short e uma camiseta. Mais tarde, após a "meditação", ela teria que correr. Não se sentiria relaxada depois de passar uma hora sentada, se concentrando na respiração; se sentiria à beira da loucura.

Tinha sido um erro se hospedar ali. Um erro caro. Eles deveriam ter ido para um hotel grande, mas nada famoso.

Ela amarrou os cadarços dos tênis com puxões vigorosos e abriu a boca para falar. Fato que ia falar. Aquele silêncio era *desnecessário*. Não falariam na presença de outros hóspedes, mas não havia motivo para manter aquele silêncio incômodo, estranho e nada saudável na privacidade do próprio quarto.

E quanto à pobre Zoe, sozinha, em silêncio no quarto ao lado? Heather e Napoleon entravam em pânico quando ela ficava sozinha no quarto por muito tempo, o que era uma situação difícil já que a filha tinha vinte anos e precisava estudar. Se muito tempo se passasse sem nenhum barulho, um dos dois arranjava uma desculpa e ia dar uma olhada nela. Zoe nunca se queixava nem fechava a porta do quarto. Mas não havia suítes para famílias na Tranquillum House. Eles não tiveram escolha a não ser reservar um quarto só para ela.

Zoe dizia que estava bem, ela os tranquilizava constantemente afirmando que estava bem, que estava feliz. A garota entendia a necessidade dos pais de serem tranquilizados, mas tinha estudado tanto naquele ano, demais, digitando furiosamente no computador — como se um diploma em "estudos de mídia" fosse questão de vida ou morte —, que merecia um descanso.

Heather olhou para a parede atrás da cama, que separava o quarto deles do de Zoe, e desejou poder ver através dela. O que será que a filha estava fazendo naquele instante? Ela estava sem o celular. Jovens de vinte anos *precisavam* do celular ao lado a todo momento. Zoe ficava estressada quando a bateria ficava abaixo de oito por cento.

Eles não deveriam colocar em risco a saúde mental da filha daquela forma. Zoe só tinha passado a dormir sozinha na própria cama depois dos dez anos.

Ela já havia ficado sozinha em um quarto de hotel *alguma vez*?

Nunca. Zoe já viajara com as amigas, mas elas sempre dividiam o quarto, ou pelo menos era isso que Heather imaginava.

Ela acabou de terminar com o namorado e agora está sozinha no quarto com nada além dos próprios pensamentos.

Meu Deus. Seu coração acelerou. Sabia que estava exagerando. *Ela é adulta. Está bem.*

Napoleon deu meia-volta na varanda, encontrou o olhar da esposa e mais uma vez baixou a cabeça. Heather sentiu que estava tensionando a mandíbula. O marido ficaria muito decepcionado se ela falasse apenas cinco minutos depois do início do "silêncio nobre".

Meu Deus. Aquilo era mais difícil do que ela esperava. O silêncio fazia com que seus pensamentos gritassem. Heather não havia se dado conta de como a falação incessante de Napoleon servia de distração. Que ironia seria se *ela* não conseguisse aguentar o silêncio, não ele.

Não precisavam de silêncio, jejum ou desintoxicação. Só precisavam de algum lugar para fugir do mês de janeiro. No ano anterior tinham ficado em casa e havia sido um desastre. Fora ainda pior do que dois anos antes. Janeiro parecia um abutre de olhos e garras cruéis que aterrorizaria a pequena família de Heather para sempre.

"Que tal a gente viajar desta vez?", sugerira Napoleon alguns meses antes. "Para um lugar tranquilo e silencioso."

"Tipo um monastério", dissera Zoe. Então seus olhos se iluminaram. "Já sei, vamos para um spa! Vamos baixar o colesterol do papai."

Em junho a escola onde Napoleon trabalhava oferecera exames médicos gratuitos para todos os docentes. Tinham dito a Napoleon que seu colesterol estava alto e sua pressão arterial estava ficando preocupante. Era ótimo que ele praticasse esporte, mas teria que fazer mudanças drásticas na alimentação.

Então Heather buscara por "spas" no Google.

Está precisando de cuidados consideráveis?

Essa era a frase de abertura na página inicial do site da Tranquillum House.

"Sim", respondera Heather baixinho para a tela do computador. "Sim, estamos."

A Tranquillum House parecia buscar uma clientela com um status socioeconômico um pouco mais elevado do que o de um professor de escola e de uma obstetriz, mas fazia anos que eles não saíam de férias, e a herança que Napoleon recebera do avô

estava parada em um investimento de renda fixa. Eles podiam bancar. Não queriam nem precisavam de mais nada.

"Tem certeza de que quer ficar presa com seus pais em um spa durante dez dias?", perguntara ela a Zoe.

A menina dera de ombros, sorrindo.

"Só quero passar essas férias dormindo. Estou tão cansada..."

Garotas de vinte anos normais não passavam uma parte tão grande das férias de verão com os pais, mas Zoe não era uma garota de vinte anos normal.

Heather clicara em *Reservar agora* e se arrependera no mesmo instante. Era estranho como algo podia parecer tão atraente e então, assim que você se comprometia, se tornar drasticamente desinteressante. Mas era tarde demais. Ela concordara com os termos e condições. Podiam mudar as datas da viagem, mas não conseguiriam o dinheiro de volta. Os três iam fazer um "detox" de dez dias, quer quisessem, quer não.

Ela passara o dia inteiro se martirizando. Não precisavam ser "transformados". Não havia nada de errado com o corpo deles. Todo mundo sempre dizia que os três eram viciados em exercício! Aquele não era o lugar certo para os Marconi; era um lugar para pessoas como aquela mulher que Napoleon abordara na escada. Qual era mesmo o nome dela? *Frances*. Só de olhar para ela dava para perceber que preenchia a vida com almoços, tratamentos faciais e jantares de trabalho do marido.

Heather tinha a impressão de que a conhecia de algum lugar, provavelmente porque conhecia muitas outras iguais a ela: mulheres de meia-idade ricas que não trabalhavam desde antes do nascimento dos filhos. Não havia nada de errado com aquelas mulheres. Heather *gostava* delas. Só não conseguia passar muito tempo com elas antes de sucumbir à raiva. Passavam incólumes pela vida. A única coisa com que tinham de se preocupar era com o corpo, porque todos aqueles almoços não as ajudavam a manter a forma, então precisavam ir a lugares como aquele para "recarregar" e ouvir os especialistas darem a notícia incrível de que, se você comer menos e se mexer mais, pesará menos e se sentirá melhor.

Quando o silêncio terminasse e eles pudessem voltar a falar, Napoleon e Frances virariam melhores amigos. Napoleon escutaria com interesse genuíno Frances se gabar discretamente dos filhos que estudavam em Harvard ou Oxford, ou que estavam passando um ano sabático na Europa, onde aparentemente visitavam mais boates do que museus.

Heather se questionou vagamente se deveria sugerir que Napoleon aproveitasse a oportunidade de estarem ali para ter um caso. Talvez o coitado estivesse louco por sexo, e Frances seria uma escolha ótima e farta.

Heather sabia a data exata da última vez que transara com o marido. Fora três anos antes. Se soubesse que seria a última vez na vida que transaria, ela teria se esforçado para memorizar os detalhes. Tinha certeza de que fora bom; em geral era bom. Só não era mais possível, não para Heather.

Ela se sentou na beirada da cama, em seguida Napoleon se acomodou ao seu lado. Ela sentia o calor do corpo dele perto do seu, mas os dois não se tocaram, obedecendo às regras.

Eles estavam esperando Zoe, que ia bater à porta quando terminasse de se arrumar. Esse era o plano. Então os três aguardariam, *em silêncio*, pelo sino, depois desceriam juntos para a primeira "meditação guiada em posição sentada".

Zoe estava bem. Claro que estava bem. Era uma boa menina. Faria o que tinha dito que faria. Como sempre. Ela tentava ao máximo ser tudo para eles, enquanto eles tentavam ao máximo fingir que a filha não era a única razão que tinham para viver.

Heather sentiu a dor da perda, tão cortante quanto uma espada de samurai.

Sempre conseguia disfarçar a raiva, mas a dor, nunca. Era visceral demais. Ela levou a mão ao pescoço e deixou escapar um discreto gemido animalesco.

— Segure a onda, querida — disse Napoleon.

Ele falou tão baixinho que foi quase um sussurro. Sem olhar para ela, pegou sua mão, envolvendo-a com o calor das dele, desrespeitando as regras que amava só por causa dela.

Heather agarrou a mão dele, entrelaçando os dedos nos de Napoleon, feito uma mulher em trabalho de parto segurando a mão do parceiro enquanto a dor tenta levá-la para longe.

ONZE

Frances

O sino tocou, convocando os hóspedes para a primeira "meditação guiada", e Frances abriu a porta ao mesmo tempo que Ben e Jessica no quarto ao lado. Ninguém falou, o que foi quase insuportável para Frances, e todos evitaram fazer contato visual enquanto seguiam pelo corredor rumo à escada.

Ben estava vestido do mesmo jeito que antes; Jessica colocara uma roupa de ioga muito justa, revelando um corpo tão magnífico que Frances sentiu vontade de elogiar seus esforços. Era necessário muito comprometimento e silicone para ficar tão bonita, e ainda assim a menina não rebolava como merecia; em vez disso, parecia *fugir*, com os ombros curvados como se estivesse em território proibido, tentando não chamar atenção.

Ben, em compensação, tinha o passo rígido e estoico de um homem que está sendo condenado por um crime pelo qual se declarara culpado. Frances tinha vontade de levar os dois para um bar e ouvi-los contar sua história de vida enquanto comiam amendoim e bebiam sangria.

Por que ela estava pensando em *sangria*, pelo amor de Deus? Não bebia isso havia anos. Era como se seu cérebro lançasse sugestões aleatórias de todos os tipos de comidas e bebidas que estavam proibidos nos próximos dez dias.

Bem à frente deles, na escada, estava o gigante conversador, Napoleon, com a família. A mãe era Heather. *Heather, meu tesouro de pele de couro.* A filha era *Zoe, querida, nada metida.* Muito bem, Frances, você é uma gênia. Mas de que servia seu talento extraordinário para se lembrar dos nomes das pessoas? Ela não estava em uma festa. Nem sequer podia olhar para eles.

Napoleon andava de um jeito estranhíssimo, com a cabeça baixa feito um monge, cada perna erguida e baixada com uma lentidão aflitiva, como se fingisse caminhar no espaço. Por um instante, Frances ficou confusa, então se lembrou da instrução sobre andar consciente durante o silêncio. Ela desacelerou o próprio passo e viu Jessica cutucar o braço de Ben para que ele fizesse o mesmo.

Os seis desceram a escada com movimentos conscientes, do calcanhar à ponta do pé, e Frances tentou não pensar no absurdo daquilo. Se começasse a rir, ficaria histérica. Já estava bem zonza de fome. Fazia horas desde que lambera a embalagem do KitKat.

Todo mundo deixou Napoleon passar na frente, afinal ele tinha o andar consciente mais entusiástico, e o seguiram conscientemente pela casa, depois desceram a escada até o estúdio escuro e fresco de ioga e meditação.

Frances se acomodou em um dos tapetes azuis ao fundo do cômodo e tentou imitar a postura dos dois consultores de bem-estar sentados nos cantos dianteiros, feito dois fiscais de prova. Só que as pernas deles estavam dobradas feito um origami, as mãos apoiadas nos joelhos, os polegares e indicadores se tocando, com sorrisos discretos e irritantes nos rostos macios e tranquilos.

Ela reparou mais uma vez na grande tela de televisão e se perguntou se alguns hóspedes desesperados desciam até ali de pijama de vez em quando para tentar ver alguma programação noturna, embora não parecesse haver controle remoto em parte alguma.

Enquanto tentava ficar confortável, ela notou a leve porém perceptível melhora nas suas costas após a massagem. Ainda sentia dor, mas era como se um dos vários parafusos tivesse sido afrouxado de leve.

Ela fungou. Sabia, graças ao curso que fizera anos antes, que meditação se resumia a respirar da forma correta, e naquele momento ela não conseguia respirar. As pessoas a considerariam a senhora irritante fungando no fundo da sala, e, quando ela fatalmente dormisse, acordaria sobressaltada ao dar um daqueles roncos ruidosos.

Por que ela não escolhera um *cruzeiro*?

Frances suspirou e olhou ao redor à procura de hóspedes que ainda não tinha visto. À sua direita havia um homem que devia ter a mesma idade que ela, com um rosto pálido e infeliz. Estava sentado no tapete, impassível, segurando a grande barriga sólida como se fosse um bebê que haviam lhe entregado sem seu consentimento. Frances sorriu com gentileza para ele. Era bom ver outra pessoa ali que de fato *precisava* de um spa.

O olhar dele encontrou o seu.

Espere. Não. Por favor, não. Seu estômago embrulhou. Era o homem que a parara no acostamento e testemunhara sua gritaria, seus socos no volante feito uma lunática. Era o homem com quem discutira abertamente os sintomas da menopausa. *O assassino em série de férias.*

Ela não tinha se importado com o que o assassino em série pensava dela porque

nunca mais ia vê-lo. Não tinha cogitado a possibilidade de vê-lo outra vez. Nunca imaginaria que ele também estivesse indo para a Tranquillum House, até porque estava dirigindo na direção oposta, para *longe* do spa, enganando-a de forma *deliberada*.

Tudo bem. Era uma situação superconstrangedora, mas tudo bem. Ela sorriu novamente, puxando os cantos da boca para baixo com autocrítica para mostrar que estava um pouco mortificada com o fato de que passaria os próximos dez dias com a testemunha da sua crise nervosa no acostamento. Mas ela era adulta, ele era adulto, dane-se.

Ele deu um sorriso de escárnio, certa e inquestionavelmente de escárnio, para ela. Então virou o rosto. Depressa.

Frances o desprezava. Tinha sido tão arrogante na beira da estrada, dizendo que não podia permitir que ela dirigisse. Era policial, por acaso? Não. (Ela achava que os policiais costumavam ser mais arrumadinhos.) Claro que daria uma *chance* de o assassino em série se redimir. A primeira impressão podia estar errada, Frances havia lido *Orgulho e preconceito*, mas esperava que ele continuasse sendo desprezível pelos próximos dez dias. Era revigorante. Devia até acelerar o metabolismo.

Mais dois hóspedes entraram na sala, e Frances lhes deu total atenção. Faria amizade com eles no instante em que pudesse falar. Era excelente em fazer amizades. Tinha certeza de que o assassino em série *não* era excelente em fazer novas amizades, portanto ela ia ganhar.

A primeira era uma mulher. Frances supôs que devia ter entre trinta e quatro e trinta e nove anos. Vestia uma camiseta grande demais que parecia nova e batia quase nos joelhos, por cima da calça de ginástica preta — o traje-padrão para uma mulher de tamanho comum que começa uma nova rotina de exercícios e acha que seu corpo perfeitamente normal precisa ser escondido. Seu cabelo grosso, preto e lanoso estava preso em uma trança comprida com mechas grisalhas reluzentes, e ela usava óculos gatinho com armação vermelha: óculos estilosos preferidos por quem quer parecer excêntrico e intelectual. (Frances tinha um par também.) A mulher passava uma impressão de afobamento, como se tivesse pegado o ônibus por pouco e ainda precisasse ir a muitos outros lugares naquele dia, por isso talvez precisasse sair mais cedo da aula.

Depois da mulher afobada chegou um homem lindíssimo, com maçãs do rosto proeminentes e olhos brilhantes, que parou na entrada da sala feito uma estrela de cinema que surge no set de um programa de entrevista sob aplausos arrebatadores. Tinha uma barba por fazer impecável, proporções perfeitas e era profunda e merecidamente apaixonado por si mesmo.

Frances teve vontade de gargalhar ao vê-lo. Era bonito demais até mesmo para ser o herói alto, moreno e bonitão dos seus livros. O único jeito de dar certo seria se ela o colocasse em uma cadeira de rodas. Ele ficaria ótimo em uma cadeira de rodas. Na verdade, ela poderia deixá-lo sem pernas e ainda assim ele seria o protagonista.

O homem se sentou em um tapete de ioga com a facilidade de alguém que tem a "prática" diária da modalidade.

Os tendões no pescoço de Frances começaram a doer devido ao esforço que fazia para manter o corpo em uma posição que não a obrigasse a ter o assassino em série em sua visão periférica. Ela mexeu os ombros. Às vezes se deixava exausta.

Virou a cabeça e olhou para ele.

Estava sentado com as costas curvadas, enfiando o dedo em um buraco perto da barra da camiseta.

Frances suspirou e desviou o olhar. Ele não merecia nem mesmo seu desprezo.

E agora?

Agora… nada. Estavam só sentados ali. Esperando. O que deveriam estar *fazendo*?

A vontade de interagir era como uma coceira irresistível.

Jessica, que estava sentada bem na frente de Frances, pigarreou como se fosse falar algo.

Outra pessoa tossiu discretamente no fundo da sala.

Frances também contribuiu tossindo. O ruído da sua tosse foi bem ruim, na verdade. Devia estar com infecção pulmonar. Será que tinham antibióticos ali? Ou tentariam curá-la com suplementos naturais? Nesse caso, ela ficaria cada vez mais doente e acabaria morrendo.

Todas aquelas tossidas e pigarreadas lhe deram a impressão de estar em uma igreja. Quando fora a última vez que esteve em uma igreja? Deve ter sido para um casamento. Os filhos de algumas amigas já estavam se casando. Garotas que costumavam usar botas de puta nos anos oitenta hoje em dia vestiam trajes de mãe da noiva com belos casaquinhos para esconder os braços.

Pelo menos em um casamento dava para conversar baixinho com os outros convidados enquanto se esperava a noiva. Elogiar o bolero bonito da amiga. Aquilo estava mais para um velório, mas nem velórios eram tão silenciosos, já que as pessoas sussurravam suas condolências delicadas. Ela tinha *pagado* para estar ali e estava sendo pior do que um *velório*.

Olhou ao redor do cômodo com tristeza. Não havia nem um vitral bonito para apreciar, como em uma igreja. Não havia nenhuma janela ou luz natural. Era praticamente um calabouço. Ela estava em um *calabouço* em uma propriedade isolada

com um grupo de desconhecidos, dos quais pelo menos um era assassino em série. Estremeceu violentamente. O ar-condicionado estava muito forte. Pensou na inscrição dos pedreiros presidiários que Yao lhe mostrara e se perguntou se o lugar era assombrado pelos espíritos torturados. Ela ambientara alguns de seus livros em casas mal-assombradas. Era prático para quando se queria que os personagens se jogassem nos braços uns dos outros.

Napoleon espirrou. Foi mais um grito agudo, feito o gemido de um cachorro.

— Ge*sun*dheit! — gritou o homem lindo.

Frances prendeu a respiração. Ele quebrara o silêncio nobre!

O homem lindo levou a mão à boca. Seus olhos dançaram. Uma onda de riso subiu pelo peito dela. Ai, meu Deus, era como tentar não rir na aula. Ela viu os ombros do homem lindo tremerem. Ele deu um risinho. Frances também. Dali a um instante ela estaria *chorando* de tanto rir e alguém lhe diria para deixar a sala "até conseguir se controlar".

— Namastê. Boa tarde.

O clima mudou de imediato quando alguém entrou na sala, alterando as partículas de ar ao redor dela, atraindo todos os olhares, interrompendo na mesma hora todas as tosses, os espirros e os pigarros.

A risada presa no peito de Frances desapareceu. O homem lindo ficou imóvel.

— Sejam muito bem-vindos à Tranquillum House. Meu nome é Masha.

Masha era uma mulher de aparência extraordinária. Uma supermodelo. Uma atleta olímpica. Tinha pelo menos um metro e oitenta, a pele branca feito um cadáver e olhos verdes tão impressionantes e grandes que quase lembravam um extraterrestre.

Na verdade, Masha parecia ser de outra espécie, uma espécie *superior* à de todos ali presentes, até mesmo à do homem lindo. Sua voz era grave e profunda para uma mulher, com um sotaque atraente que alterava algumas sílabas. Namastê virava *nem*astê. A cadência da sua fala variava entre um australiano genérico e o que Frances supunha ser um russo exótico. De fato, a mulher facilmente poderia ser uma espiã russa. Uma assassina russa. Como a equipe toda, estava vestida de branco, só que no caso dela aquilo parecia menos um uniforme e mais uma escolha: a escolha perfeita, a única escolha.

Os músculos dos seus braços e pernas eram esculpidos com linhas nítidas e elegantes. O cabelo era platinado e tão curto que ela poderia sacudir a cabeça feito um cachorro quando saísse do banho e já estaria pronta para encarar o dia.

Quando deu uma olhada no corpo divinamente definido de Masha e o comparou ao seu, Frances afundou no assento. Ela era Jabba, de *Star Wars*, com peitos e quadris

almofadados e pele farta e molenga.

Pare com isso, disse a si mesma. Ela não costumava se deixar levar pelo autodesprezo.

No entanto, seria hipocrisia negar o prazer estético provocado pelo corpo de Masha. Frances nunca caíra na história de que "todo mundo é bonito", uma banalidade vendida só para as mulheres, já que os homens podiam ser lindos ou não sem que se sentissem menos homens com isso. Aquela mulher, assim como o homem lindo, tinha uma presença física dramática, quase surpreendente. Já Frances tinha que falar, escrever, flertar ou contar piadas, *agir* de alguma forma para causar impacto nas pessoas ao seu redor, senão, como sabia por experiência própria, poderia ficar de pé no balcão de uma loja e ser ignorada para sempre. Ninguém jamais ignoraria Masha. Tudo que ela precisava fazer para chamar atenção era existir.

Por um longo e aflitivo momento, Masha analisou o cômodo, virando a cabeça em um arco lento que assimilava a subserviência de todos ali, calados e de pernas cruzadas.

Isso é um pouco humilhante, pensou Frances. *Estamos sentados aos seus pés feito crianças no jardim de infância. Nós, em silêncio; ela, falando.* Além disso, a regra era não fazer contato visual, porém Masha parecia convidar para que fizessem aquilo. Ela criava as regras para poder quebrá-las. *Estou pagando por isso*, pensou Frances. *Você trabalha para mim, querida*.

Masha encontrou o olhar de Frances com simpatia e bom humor. Como se as duas fossem velhas amigas, e ela soubesse exatamente o que Frances estava pensando e a achasse adorável por isso.

Por fim, voltou a falar:

— Agradeço a todos pela boa vontade em participar do silêncio nobre. — "Agra*déç*o." Fez uma pausa. — Entendo que alguns de vocês vão achar este período de silêncio particularmente desafiador. Também entendo que o silêncio foi inesperado. Alguns de vocês talvez estejam sentindo frustração ou raiva agora. Pode ser que estejam pensando: "Mas eu não pedi isso!" Eu entendo e digo a vocês o seguinte: aqueles que acharem o silêncio mais desafiador serão os que tirarão maior proveito dele.

Humm, pensou Frances. *Quero só ver.*

— Agora vocês estão ao pé de uma montanha — continuou Masha —, e o topo parece absurdamente distante, mas *eu estou aqui para ajudá-los a alcançar o cume*. Daqui a dez dias, vocês não vão ser mais as pessoas que são agora. Vou esclarecer isso, porque é importante. — Ela fez outra pausa. Olhou devagar ao redor do cômodo, como se

imitasse um político. O caráter dramático do seu discurso era tão deliberadamente hiperbólico que não era nada engraçado. *Deveria* ser engraçado, mas não era. Masha repetiu: — Daqui a dez dias, vocês não vão ser mais as pessoas que são agora.

Ninguém se moveu.

Frances sentiu uma esperança surgir na sala feito uma névoa delicada. Ah, ser transformado, ser outra pessoa, ser alguém *melhor*.

— Vão sair da Tranquillum House se sentindo mais felizes, mais saudáveis, mais leves, mais livres — afirmou Masha. Cada palavra parecia uma bênção. Felizes. Saudáveis. Leves. Livres. — No último dia da sua jornada, vão me procurar e dizer: "Masha, você estava certa! Não sou mais a mesma pessoa. Estou curado. Estou livre de todos os hábitos negativos, das substâncias químicas e toxinas, dos pensamentos que me limitavam. Meu corpo e minha mente estão límpidos. Fui transformado de um jeito que nunca imaginei que fosse possível."

Quanta baboseira, pensou Frances, e ao mesmo tempo: *Por favor, que isso seja verdade.*

Ela se imaginou dirigindo de volta para casa dali a dez dias: sem dor, energizada, o resfriado curado, as costas tão flexíveis quanto um elástico, a dor e a humilhação do golpe romântico que levara totalmente esquecidas, lavadas! Ela andaria com a cabeça erguida, com orgulho. Estaria pronta para o que viesse em relação ao livro novo. A crítica teria minguado em sua memória.

(Na verdade, naquele exato instante ela estava sentindo a crítica como se fosse um Doritos preso na garganta, dificultando a respiração e a deglutição.)

Talvez ela conseguisse, inclusive — e sentiu a empolgação infantil explodindo, como no Natal —, fechar aquele vestido Zimmermann até o fim outra vez, aquele que lhe garantia elogios (muitas vezes dos maridos de outras, o que era sempre muito prazeroso).

Quem sabe seu "eu" transformado fosse para casa e escrevesse um *thriller* ou um suspense clássico com uma gama de personagens interessantes, repletos de segredos, e um vilão deliciosamente improvável. Poderia ser divertido assassinar alguém com um candelabro ou um chá envenenado. Ela poderia ambientar a história em um *spa*! A arma do crime seria um daqueles elásticos verdes que vira na sala de ginástica. Ou então poderia ser um spa "de época", em que todos circulavam com rostos pálidos e interessantes enquanto se recuperavam da tuberculose. Com certeza ela poderia incluir uma trama romântica. Quem não gostava de romantismo?

— Teremos *surpresas* nesta jornada — alertou Masha. — Todos os dias ao amanhecer vocês vão receber o cronograma diário, mas haverá desvios inesperados e alterações de planos. Sei que isso vai ser difícil para quem controla a própria vida com

punhos cerrados.

Ela ergueu os punhos para ilustrar o que dizia e sorriu. Era um sorriso deslumbrante: caloroso, radiante e sensual. Frances percebeu que estava sorrindo de volta e olhou em torno para saber se todos tinham sido afetados da mesma forma. Sim, é claro que tinham. Até o assassino em série estava sorrindo para Masha, embora seus lábios parecessem erguidos à força e só temporariamente, sem seu consentimento. Assim que recuperasse o controle, voltaria a ficar boquiaberto e mal-humorado, puxando a linha da barra desfiada da camiseta.

— Imaginem que vocês são uma folha em um riacho — pediu Masha. — Relaxem e aproveitem a viagem. O riacho vai levá-los para lá e para cá, mas vai levá-los adiante, aonde precisam ir.

Napoleon balançou a cabeça, pensativo.

Frances analisou as costas imóveis e eretas de Ben e Jessica à sua frente, vulneráveis em sua jovialidade esguia, o que não fazia sentido, porque eles provavelmente não diziam "ai" toda vez que se levantavam de uma cadeira.

Ben se virou para Jessica e abriu a boca como se estivesse prestes a romper o silêncio, mas não o fez. Jessica mexeu a mão e um diamante imenso em seu dedo refletiu a luz. Minha nossa. Quantos quilates tinha aquele negócio?

— Antes de começarmos nossa primeira meditação guiada, tenho uma história para contar — declarou Masha. — Dez anos atrás, eu morri.

Bem, aquilo foi inesperado. Frances endireitou a postura.

A expressão de Masha se tornou estranhamente jovial.

— Se não acreditam em mim, perguntem a Yao!

Frances olhou para ele, que parecia conter um sorriso.

— Tive uma parada cardíaca e morri, no sentido clínico.

Os olhos verdes de Masha brilhavam com uma alegria louca, como se ela estivesse descrevendo o melhor dia da sua vida.

Frances franziu o cenho. *Espere aí, por que você mencionou Yao? Ele estava lá? Mantenha a narrativa nos trilhos, Masha*.

— Chamam a minha experiência de "quase morte" — contou Masha. — Mas acho que a terminologia está errada, porque eu não estive perto da morte, eu *morri*. Experimentei a morte, um privilégio pelo qual serei eternamente grata. Minha experiência, a tal "quase morte", mudou minha vida.

Não houve nenhuma tosse nem movimento no cômodo. As pessoas estavam rígidas de constrangimento, ou seria admiração?

Lá vem o túnel de luz, pensou Frances. Não tinham provado que havia uma

explicação científica para esse fenômeno? Por mais que debochasse daquilo, ela sentiu o formigamento de um arrepio.

— Naquele dia, dez anos atrás, eu deixei meu corpo temporariamente — disse Masha. Ela falou aquilo com uma convicção descontraída, como se não esperasse que duvidassem dela. Seus olhos percorreram o cômodo. — Talvez alguns de vocês duvidem. Podem estar pensando: "Ela morreu mesmo?" Acreditem, Yao foi um dos paramédicos que cuidaram de mim naquele dia. — Ela acenou com a cabeça para Yao, que retribuiu o gesto. — Ele pode confirmar que meu coração realmente parou. Depois desenvolvemos uma amizade e um interesse mútuo por bem-estar.

Yao balançou a cabeça com ainda mais vigor. Foi imaginação de Frances ou a outra consultora de bem-estar tinha revirado os olhos? Inveja profissional? Como ela se chamava mesmo? *Delilah*, uma variante de Dalila.

O que aconteceu com Dalila depois de cortar o cabelo de Sansão? Frances teve vontade de procurar no Google. Como ia passar dez dias sem respostas instantâneas para perguntas aleatórias?

Masha continuou falando:

— Eu gostaria de poder contar mais a vocês sobre minha experiência de quase morte, mas é muito difícil encontrar as palavras certas, e vou explicar por quê: o fenômeno vai simplesmente além da compreensão humana. Não tenho vocabulário para isso.

Tente, pelo menos. Frances coçou o antebraço com irritação — lera em uma matéria da internet que aquele era um sintoma de Alzheimer, embora não pudesse ter certeza absoluta porque não podia procurar na porcaria do Google.

— O que posso dizer é isto: há outra realidade paralela à realidade física — prosseguiu a diretora. — Sei que não precisamos temer a morte.

Mas ainda é bom evitá-la, pensou Frances. Quanto mais sérias as pessoas se tornavam, mais irreverente ela ficava. Era um defeito.

— A morte é apenas uma questão de deixar para trás nosso corpo terreno. — Masha moveu o próprio corpo terreno com uma graça celestial. Parecia demonstrar como fazer para se livrar de um corpo. — É uma progressão natural, como entrar em outro cômodo, como sair do ventre.

Ela fez uma pausa. Houve uma movimentação no fundo da sala.

Frances se virou para trás e viu a pessoa mais jovem ali, Zoe, ficar de pé com um movimento fluido.

— Desculpe — murmurou ela baixinho.

Frances percebeu que as orelhas da menina tinham uma profusão de brincos em

lugares estranhos que ela nem sabia que dava para furar. O rosto dela estava pálido. Era tão linda e encantadora — só porque era jovem, ou talvez porque Frances era velha.

— Com licença.

Seus pais ergueram os olhos para ela, assustados, com as mãos estendidas como que para agarrá-la. Zoe balançou a cabeça violentamente para os dois.

— O banheiro é logo ali — indicou Masha.

— Só preciso de um pouco de… ar — explicou Zoe.

Heather ficou de pé.

— Vou com você.

— Não, mãe, eu estou bem — retrucou Zoe. — *Por favor*, me deixe…

Ela apontou para a porta.

Todos observaram para ver quem venceria.

— Tenho certeza de que ela está bem — declarou Masha, com voz firme. — Volte quando estiver pronta, Zoe. Você está cansada da viagem longa, só isso.

Heather se rendeu, visivelmente relutante, e voltou a se sentar.

Todos observaram Zoe sair da sala.

O ambiente parecia perturbado agora, como se a saída da menina tivesse desequilibrado as coisas. Masha inspirou fundo pelas narinas e soltou o ar pela boca.

— Escute, agora que esse, hum… *silêncio nobre*… foi quebrado, posso fazer uma pergunta? — indagou alguém.

Era o assassino em série. Ele falava em tom belicoso, como um assassino em série, quase sem abrir a boca. Portanto, suas palavras saíam como chumbo. Estava visivelmente muito irritado.

Frances notou os olhos de Masha se arregalarem discretamente com aquela infração.

— Se achar que é importante neste momento.

Ele projetou o queixo para a frente.

— Alguém mexeu nas nossas malas?

DOZE

Zoe

Zoe parou ao pé da escada diante da pesada porta de carvalho da sala de meditação, com o corpo curvado, as mãos nas coxas, tentando recuperar o fôlego.

Vinha tendo alguns miniataques de pânico nos últimos tempos. Não ataques de pânico de verdade, que, ela sabia, eram terríveis e faziam com que as pessoas chamassem ambulâncias. Eram apenas miniepisódios em que sentia, do nada, o batimento cardíaco acelerar como se estivesse em uma aula de spinning. Tudo bem ficar arfando durante uma aula de spinning, mas não quando estava sentada de pernas cruzadas no chão, sem fazer nada a não ser ouvir uma doida falar sobre morte.

Será que tinha sido daquele jeito com Zach? Ele costumava descrever a sensação de um ataque de asma como ter dez tijolos colocados sobre o peito.

Zoe levou a mão ao peito. Nenhum tijolo. Não era asma. Só um ataque de pânico comum.

Ela sempre encontrava a causa. Daquela vez tinha sido escutar os pensamentos loucos de Masha sobre a maravilha da experiência de quase morte dela. Aquilo fizera Zoe se lembrar do poema que o tio Alessandro tinha lido no enterro do irmão dela, "A morte não é nada". Zoe começara a pensar no quanto detestava aquele poema, porque era tudo mentira: o irmão dela não tinha apenas entrado em outro cômodo, ele tinha ido *embora*, *embora de vez*, só havia silêncio, nenhuma mensagem de texto, nenhum post, nenhum tuíte, nenhuma palavra, então, quando se deu conta, ela só conseguia pensar: *Saia daqui*.

Estava se sentindo culpada por ter rompido o silêncio nobre, sobretudo depois que o espirro do pai tinha causado um caos na sala. As pessoas naquele retiro não faziam ideia de que aqueles eram os espirros mais *comportados* dele. Certa vez um dos alunos dele fizera um vídeo de três minutos chamado "Os espirros do Sr. Marconi", uma montagem do seu pai espirrando em diferentes momentos com uma trilha sonora ao fundo. O vídeo viralizara um pouco.

— Alguém mexeu nas nossas malas? — questionou uma voz masculina atrás da

porta.

Ela apostava que tinha sido o sujeito de aparência doentia que era quase tão alto quanto seu pai e duas vezes mais largo. Zoe não ouviu a resposta.

Subiu a escadaria estreita e empurrou com força a segunda porta pesada que levava de volta à parte principal da casa.

Não podia sumir por muito tempo para não deixar os pais preocupados, o que não era nem um pouco sufocante. Desde que Zach morrera, era como se a vida de Zoe estivesse em risco permanente e só a vigilância secreta e contínua dos pais pudesse salvá-la. Sua mãe e seu pai acreditavam piamente que se Zoe não tomasse vacina contra gripe, se o freio do carro não fosse checado a cada seis meses, se ela não tivesse um plano para voltar para casa, morreria. Simples assim. E quando, como quem não quer nada, eles faziam uma pergunta tipo "Você vai pegar um Uber?", com o rosto virado para outra direção, ocupavam as mãos com outra coisa, sem conseguirem disfarçar o temor por trás das palavras. Portanto, ela não os dispensava, não se afastava quando a mãe ficava em pé ao seu lado tentando escutar escondido a sua respiração, ainda que, ao contrário de Zach, que tinha asma desde criança, Zoe nunca houvesse sofrido com isso. Ela continha a irritação e deixava que escutassem sua respiração, dava as respostas de que precisavam e os tranquilizava constantemente.

Ela não ia sumir agora. Só tiraria dez minutos para si, então voltaria discretamente, com a esperança de que Masha, a Louca, já tivesse controlado todos àquela altura, que meditariam em silêncio.

Não viu nenhum funcionário por perto quando entrou na Sala Lavanda. Era profusamente lavanda. Havia diversos vasos repletos de ramos de lavanda, móveis delicados e almofadas de diferentes tons de lavanda e, caso ainda não tenha ficado claro, *fotos* de lavanda decoravam as paredes cor de lavanda.

Zoe foi até a janela com vista para o roseiral, um retângulo de grama verde exuberante envolto de cercas vivas altas e canteiros com rosas brancas abundantes. Era ali que fariam tai chi ao amanhecer do dia seguinte.

O lugar era muito bonito, ainda que entediante… Mas era meio assustador que alguém tivesse de fato vasculhado as malas! Por sorte, Zoe tomara precauções. Sabia como entrar com álcool em festas em que isso era proibido. Embrulhara o contrabando como se fosse um presente, usando plástico bolha para disfarçar o formato da garrafa de vinho, e colocara uma etiqueta que dizia: *Feliz aniversário de casamento, mamãe e papai!* Ela conferira a mala ao chegar no quarto, e lá estava o presente, intocado.

No aniversário de vinte e um anos de Zach, Zoe ia fazer um brinde em sua

homenagem com uma taça de vinho. Quando ela e Zach nasceram, o professor de matemática da escola em que o pai deles trabalhava dera uma garrafa de Grange para cada um, um presente estranho para bebês. As garrafas provavelmente tinham que ser mantidas em uma adega com temperatura controlada, mas a família de Zoe não entendia muito de bebida alcoólica. O vinho ficara guardado no fundo do armário de lençóis, atrás das toalhas de banho, durante todos aqueles anos, esperando o aniversário de vinte e um anos deles. Segundo a internet, aquela safra *vintage* específica tinha um "belo aspecto suave com uma mistura de frutas secas e especiarias, e um final duradouro e imperioso".

Zach teria achado graça naquela descrição: "Um final duradouro e imperioso."

Os olhos de Zoe acompanharam a silhueta azul-esverdeada e delicadamente curva dos morros no horizonte, e ela pensou no ex-namorado, no quanto ele tentara convencê-la a acompanhá-lo em uma viagem de surfe para Bali com um grupo de amigos. Ele não acreditou quando ela disse que era impossível.

"Tenho que ficar com os meus pais", dissera. "Eu iria em qualquer outra época, mas não em janeiro."

Ele acabou se irritando, então de repente estavam dando um tempo, até que terminaram de vez. Zoe meio que tinha achado que o amava.

Bateu delicadamente a testa no vidro da janela. Será que ele achava que Zoe *queria* estar ali com os pais? Que ela não preferia estar em Bali?

Janeiro do ano anterior tinha sido horrível, como se seus pais estivessem morrendo queimados por dentro, os órgãos internos liquefeitos, enquanto fingiam que estava tudo bem.

— Oi! Você é a Zoe, não é? Nos conhecemos mais cedo. Me chamo Frances.

Zoe se virou. Era a senhora de cabelo louro-escuro e batom vermelho que seu pai abordara na escada. Estava ajeitando uma presilha enorme e antiquada no cabelo, e seu rosto parecia corado.

— Oi — cumprimentou Zoe.

— Sei que não devemos falar, mas tenho a impressão de que isso acabou virando um interlúdio não planejado no silêncio nobre de Masha.

— O que está acontecendo lá embaixo?

— Está tudo muito estranho — contou Frances. Ela se sentou em um dos sofás cor de lavanda. — Minha nossa, este é um daqueles sofás que engolem a gente. — Enfiou duas almofadas às costas. — Ai. Minhas costas. Ai. — Ela se contorceu. — Não. Estou bem. Melhorou. Sabe o sujeito mal-humorado com a tosse seca? Bom, não posso falar nada. Aliás, não chegue muito perto de mim, não quero contaminar você,

embora eu ache que meus germes são mais gentis do que os dele. Enfim, ele está ficando muito irritado porque aparentemente trouxe um *minibar* inteiro na mala, e, bem, é constrangedor, mas eles também pegaram algumas coisas minhas, e eu meio que senti que devia apoiar o sujeito mal-humorado. Tipo, sabe, é uma violação de privacidade, não podem fazer isso, nós temos direitos! — Ela socou o ar com o punho fechado. Zoe se sentou no sofá diante dela e sorriu ao ver o soco no ar. — Mas fiquei com vergonha, porque não quero que todo mundo saiba que eu também tive contrabando confiscado. E sei que isto aqui não é um episódio de *Survivor*, mas não quis formar uma aliança com aquele sujeito, porque ele parece muito… Bem… Então eu disse que também precisava de um pouco de ar, e acho que foi uma das coisas mais corajosas que já fiz na vida.

— Eu também trouxe contrabando — confessou Zoe.

— É *mesmo*? — indagou Frances, radiante. — Eles encontraram?

— Não. Se vasculharam minha mala, deixaram passar. Embrulhei como se fosse um presente para meus pais.

— Genial. O que é?

— Uma garrafa de vinho — respondeu Zoe. — Um vinho muito caro. Ah, e um pacote de chocolate Reese. Sou viciada.

— Hum… — Frances suspirou. — Parabéns. Gostei da sua engenhosidade.

— Obrigada — disse Zoe.

Frances pegou uma almofada e a abraçou.

— Sou perfeitamente capaz de passar dez dias sem uma taça de vinho, só que… Bem, não sei. Eu só estava sendo travessa.

— Eu nem gosto de vinho — comentou Zoe.

— Ah. Só queria provar que era capaz de enganar o sistema?

— Eu trouxe o vinho para brindar o aniversário de vinte e um anos do meu irmão. É daqui a alguns dias. Ele morreu três anos atrás. — Ela notou a expressão inevitavelmente arrasada de Frances. — Está tudo bem — acrescentou depressa. — A gente não era próximo.

As pessoas costumavam ficar aliviadas quando ela dizia aquilo, mas a expressão de Frances não se alterou.

— Sinto muito — disse ela.

— Tudo bem. Como eu falei, a gente… não se dava bem.

Zoe tentou esclarecer aquilo. *Não se preocupe! Relaxe.*

Lembrou-se da sua amiga Cara, no dia seguinte ao enterro de Zach, dizendo: "Pelo menos vocês não eram próximos." Cara era muito próxima da irmã.

— Como seu irmão se chamava? — perguntou Frances, como se aquilo tivesse alguma importância.

— Zach — respondeu Zoe, e o nome soou estranho e doloroso em sua boca.

Ela ouviu um ruído nas orelhas e, por um instante, teve a impressão de que ia desmaiar.

— Zoe e Zach. Éramos gêmeos. Dois nomes engraçadinhos.

— Acho que são nomes lindos — comentou Frances. — Mas, se vocês eram gêmeos, quer dizer que também é seu aniversário daqui a alguns dias.

Zoe pegou um ramo de lavanda em um dos vasos e começou a quebrá-lo.

— Teoricamente é. Só que não comemoro mais no dia. Eu meio que mudei meu aniversário.

Ela mudara oficialmente a data do seu aniversário para o dia dezoito de março. Era uma data melhor. Uma época mais fresca e menos tempestuosa do ano. Dezoito de março era o dia do aniversário da vovó Maria, e vovó Maria costumava dizer que nunca tinha chovido no seu aniversário, e talvez fosse verdade. Todos brincavam que era preciso conferir a previsão do tempo, caso se tratasse de um fenômeno constatado apenas por vovó Maria, mas ninguém nunca fazia isso.

Vovó Maria sempre dissera que chegaria aos cem anos, como a mãe, mas morrera um mês depois de Zach, de coração partido. Até o médico dissera que tinha sido coração partido.

— Zach morreu na véspera do nosso aniversário de dezoito anos — contou Zoe. — A gente ia fazer a festa do "Z". Eu ia vestida de Zoe, o que me pareceu muito engraçado na época.

— Ah, Zoe.

Frances se inclinou para a frente. A menina percebeu que a mulher queria tocá-la, mas estava se controlando.

— Então foi por isso que mudei — disse Zoe. — Tipo, não é justo que mamãe e papai tenham que comemorar meu aniversário no dia seguinte, quando ainda estão totalmente arrasados com o aniversário de morte dele. Janeiro é um mês muito difícil para eles.

— Imagino que seja mesmo — disse Frances. Seus olhos brilhavam com empatia. — É difícil para todos vocês, suponho. Então acharam que seria uma boa ideia… viajar?

— A gente só queria um lugar tranquilo, e um spa pareceu uma boa ideia, porque todos nós temos uma saúde *horrível*.

— Sério? Você me parece bem saudável.

— Bom, para começar, como muito açúcar — contou Zoe.

— O açúcar é o novo vilão. Antes era a gordura. Depois, os carboidratos. É difícil acompanhar.

— Não, mas o açúcar é ruim mesmo — insistiu Zoe. Não era nada difícil acompanhar! Todo mundo sabia que açúcar fazia muito mal. — Fizeram uma avaliação. Eu preciso curar meu vício em açúcar.

— Humm — disse Frances.

— Como muito chocolate e sou viciada em Coca-Cola Zero, por isso minha pele é tão ruim.

Zoe tocou com a ponta do dedo uma espinha perto do lábio. Não conseguia parar de cutucá-la.

— Sua pele é *linda*! — exclamou Frances, gesticulando de forma exagerada, provavelmente porque estava tentando não olhar para a espinha de Zoe.

A menina suspirou. As pessoas deveriam ser sinceras.

— Meus pais são fanáticos por exercício, mas meu pai é viciado em comer besteira e minha mãe basicamente tem distúrbio alimentar. — Ela refletiu por um instante. A mãe não ia gostar nadinha do rumo daquela conversa. — Por favor, não conte a ela que eu disse isso. Ela não tem distúrbio alimentar de verdade. Só é meio estranha com comida.

Mesmo antes da morte de Zach, Heather já era assim. Não suportava ver banquetes fartos, o que era um problema, pois se casara com um homem que tinha uma grande família italiana. Ela sofria de azia, cólicas estomacais e outros "problemas digestivos" a que se referia só de forma indireta. Nunca via comida apenas como comida. Sempre tinha alguma reação ferozmente emocional a ela. Ora estava *morrendo de fome*, ora estava *inchada*, ora *com desejo* de algo específico e inalcançável.

— Mas e você? — perguntou ela a Frances. Queria mudar o foco da conversa; já tinha revelado muita coisa sobre si mesma àquela desconhecida. — Por que decidiu vir para cá?

— Ah, você sabe: estou cansada, machuquei as costas, estou com um resfriado que não passa, acho que posso perder alguns quilos… Coisas normais da meia-idade.

— Qual é a idade dos seus filhos? — indagou Zoe.

Frances sorriu.

— Eu não tenho filhos.

— Ah. — Zoe ficou surpresa e com medo de ter cometido uma gafe sexista. — Desculpe.

— Não precisa se desculpar — retrucou Frances. — Foi uma escolha minha não

ter filhos. Nunca me imaginei como mãe. Nunca. Nem quando era criança.

Mas você é tão maternal, pensou Zoe.

— Também não tenho marido — revelou Frances. — Só dois ex-maridos. E nenhum namorado. Estou solteiríssima.

Foi meigo o jeito como ela disse namora*do*.

— Também estou solteiríssima — disse Zoe, ao que Frances sorriu, como se *Zoe* tivesse dito algo meigo.

— Pouco tempo atrás achei que estava apaixonada por alguém, mas ele não era quem dizia ser — contou Frances. — Acabei descobrindo que tudo não tinha passado do "golpe do amor" pela internet.

Ela fez o gesto de aspas com os dedos no ar.

Ai, meu Deus, pensou Zoe. *Precisa ser muito idiota para cair nessa!*

— Com o que você trabalha?

Ela mudou de assunto porque estava ficando com vergonha alheia.

— Escrevo romances — respondeu Frances. — Ou escrevia. Talvez eu precise mudar de carreira.

— Romances — repetiu Zoe.

Aquilo estava piorando. Ela tentou manter a expressão neutra. *Por favor, meu Deus, que não sejam romances eróticos*.

— Você lê? — perguntou Frances.

— Às vezes. Nunca romances. O que fez você virar escritora?

— Bem, quando eu tinha uns quinze anos, li *Jane Eyre*. Foi uma época estranha e triste da minha vida… Meu pai tinha acabado de morrer, meus hormônios estavam a mil, eu estava sofrendo e me impressionava com facilidade. Então, quando cheguei naquela frase famosa… você sabe, *Leitor, casei-me com ele*… isso teve um forte impacto em mim. Eu ficava sentada na banheira e dizia: "Leitor, casei-me com ele." Então eu começava a chorar. Tinha um poder impressionante. Leitor, casei-me… Aaah!

Ela imitou seu choro dramático de adolescente, levando a mão à testa.

Zoe riu.

— Você leu *Jane Eyre*, não é? — perguntou Frances.

— Acho que vi o filme — respondeu Zoe.

— Ah, bem — retrucou Frances com pena. — Enfim, eu sei que *Leitor, casei-me com ele* se tornou uma frase praticamente clichê agora, de tanto que a citam: *Leitor, divorciei-me dele. Leitor, assassinei ele.* Mas, para mim, naquele momento da minha vida, foi… bem, profundo. Lembro que fiquei impressionada com o fato de *uma pequena frase* me afetar daquela forma. Então acho que foi nesse momento que passei a me

interessar pelo poder das palavras. O primeiro romance que eu escrevi foi fortemente influenciado por Charlotte Brontë, só que sem a mulher louca no sótão. Meu galã era uma mistura de Sr. Rochester com Rob Lowe.

— Rob Lowe! — exclamou Zoe.

— Eu tinha um pôster dele na minha parede — contou Frances. — Ainda me lembro do gosto daqueles lábios. Era um gosto de papel bem macio. Com acabamento fosco.

Zoe deu um risinho.

— Eu tinha a mesma coisa com Justin Bieber.

— Talvez até tenha um dos meus livros aqui — disse Frances. — É bem comum em lugares como este. — Ela deu uma olhada nas prateleiras de livros e sorriu, com uma pitada de orgulho. — Bingo. — Ficou de pé, levando a mão às costas, foi até uma das prateleiras, se agachou e pegou um livro de bolso grosso de aparência maltratada. — Tome.

Entregou-o a Zoe e se sentou de volta no sofá com um gemido.

— Que máximo — disse a menina.

O livro parecia *horrível*.

Chamava-se *O beijo de Nathaniel* e a imagem na capa era de uma menina com cabelo comprido, louro e cacheado olhando melancolicamente para o mar. Pelo menos não parecia erótico.

— Enfim, meu último livro foi rejeitado — contou Frances. — Então talvez eu tenha que procurar uma nova carreira em breve.

— Ah. Sinto muito.

— Bem — disse Frances, dando de ombros com um meio-sorriso, a palma da mão virada para cima.

Zoe entendeu o que ela estava tentando dizer. Sua amiga, Erin, achava que não tinha mais o direito de reclamar da vida sem antes dizer: "Sei que isso não é nada comparado com o que você passou", com uma expressão solene e olhos arregalados. Zoe sempre dizia: "Erin, já faz três anos, você pode reclamar da sua vida!" Então ela balançava a cabeça com empatia e pensava: *Tem razão, o fato do seu carro precisar de três pneus novos não é motivo para reclamar*.

— Acho melhor eu voltar lá para baixo — falou Zoe. — Meus pais ficam paranoicos quando não sabem exatamente onde estou. Acho que gostariam de colocar um rastreador em mim.

Frances suspirou.

— Acho melhor eu voltar também. — Mas não se mexeu. Lançou um olhar

indagador para Zoe. — Você acha que vamos sair daqui transformados?

— Não muito — respondeu Zoe. — O que você acha?

— Não sei. Tenho a impressão de que Masha é capaz de tudo. Ela me assusta.

Zoe riu, então as duas levaram um susto quando um gongo começou a tocar repetidamente, em rápida sucessão, feito um alarme.

Ficaram de pé, e Frances segurou o braço de Zoe.

— Ai, meu Deus, é que nem no colégio interno! Será que vamos levar uma bronca? Ou será que está pegando fogo e temos que sair daqui?

— Acho que deve querer dizer que o silêncio está recomeçando.

— Sim, você tem razão. Vamos voltar juntas. Eu vou na frente; sou mais velha, não tenho medo dela.

— Tem, sim!

— Eu sei, morro de medo dela! Rápido, vamos! Vejo você do outro lado do silêncio.

— Vou ler seu livro.

Zoe o ergueu enquanto saíam da Sala Lavanda e desciam a escada. Era uma coisa louca de se dizer, ela não tinha nenhuma vontade de ler um romance, mas, dane-se, gostava de Frances.

— Não podemos ler durante o silêncio.

— Sou rebelde — disse Zoe. Ela enfiou o livro embaixo da blusa, acomodando-o na cintura da calça de ginástica. — Vou fazer uma aliança com você.

Estava só fazendo uma piada boba em relação ao comentário de Frances sobre *Survivor*, mas a mulher parou e se virou com um sorriso radiante.

— Ah, Zoe, eu *adoraria* fazer uma aliança com você.

E, de repente, estava feita.

TREZE

Masha

Duas hóspedes, Zoe Marconi e Frances Welty, haviam se retirado da sala de meditação e ainda não tinham voltado. O silêncio fora quebrado e um hóspede, Tony Hogburn, exigia seu dinheiro de volta e ameaçava denunciar a Tranquillum House à Defesa do Consumidor, blá blá blá. Não era a primeira vez que Masha ouvia tudo aquilo enquanto os outros hóspedes observavam com curiosidade ou preocupação.

Masha notou o olhar ansioso de Yao. Ele sempre se preocupava. Não havia motivo para se estressar. Ela sabia lidar com os chiliques infantis de um homem infeliz e nada saudável. Resolver problemas inesperados a energizava. Era um de seus pontos fortes.

— Fico feliz em reembolsá-lo integralmente. — Ela fixou em Tony um olhar tão penetrante quanto a agulha de entomologia usada para prender borboletas. — Você é livre para arrumar as malas e ir embora imediatamente. Se me permite a sugestão, vá até a cidade mais próxima, onde vai encontrar um belo pub chamado Lion's Heart. O cardápio deles tem uma especialidade chamada "Hambúrguer Megamonstro", com rodízio livre de batata frita e refil de refrigerante. Não parece delicioso?

— Com certeza — disse Tony, truculento.

No entanto, ele não se levantou. Ah, meu querido, você precisa de mim. Sabe que precisa. Não quer mais ser quem é. Claro que não. Quem ia querer?

Ele tentou se libertar do olhar dela, mas Masha não permitiu.

— Entendi que não gostou que vasculhamos suas malas, mas os termos e condições de seu contrato de bem-estar declaravam que temos o direito de fazer isso e confiscar todo contrabando.

— É sério? Alguém leu isso? — indagou Tony, olhando em volta.

Napoleon ergueu a mão. Sua esposa, Heather, virou os olhos para o teto.

— Devia estar escondido no meio das letrinhas — falou Tony.

Seu rosto estava repleto de manchas vermelhas, cor de carne crua.

— Crescer pode ser doloroso — disse Masha para ele, com tom de voz gentil. Tony era uma criança. Uma criança grandona e mal-humorada. — Esta experiência

pode ser incômoda ou desagradável às vezes. Mas são só dez dias! As pessoas vivem em média cerca de vinte e sete mil dias.

A explosão de Tony na verdade era uma oportunidade caída do céu de talhar as expectativas e o comportamento futuro de todos. Ela parecia falar só com ele, mas a mensagem era para todo mundo.

— Você é livre para ir embora a qualquer momento, Tony. Não é um prisioneiro! Isto aqui é um spa, não uma cadeia! — Algumas pessoas riram. — E você não é uma criança! Pode beber o que quiser, comer o que quiser. Mas você veio até aqui por um motivo, e, se escolher ficar, peço que se comprometa totalmente com sua jornada e que confie em mim e nos outros membros da equipe da Tranquillum House.

— É, tudo bem, isso é... Quer dizer, óbvio que não li o contrato direito. — Tony coçou com força a lateral do rosto com barba por fazer e puxou o tecido da sua calça jeans azul horrível. — Só não gostei que as minhas malas tenham sido vasculhadas.

A agressividade diminuía em sua voz. Agora ele parecia constrangido. Seus olhos, voltados para a prisão daquele pobre corpo torturado de que ele precisava desesperadamente ser resgatado, focaram em Masha.

Ela vencera, ela o conquistara. Ele sairia lindo dali. Todos sairiam lindos.

— Mais alguma coisa antes de voltarmos ao silêncio?

Ben levantou a mão. Masha observou a esposa dele lhe lançar um olhar horrorizado e se afastar ligeiramente.

— Hum, é, só tenho uma pergunta. Os carros estão em um estacionamento coberto?

Ela o encarou por um instante, o suficiente para ajudá-lo a enxergar a tristeza daquele apego profundo pelos bens materiais.

Ele se remexeu, incomodado.

— Estão, sim, Ben. Não precisa se preocupar. Estão perfeitamente seguros.

— Certo, mas, hum... *Onde* estão os carros? Andei por toda a propriedade e não achei...

Enquanto falava, ele tirou o boné e esfregou com força a cabeça.

Por um brevíssimo momento, Masha viu outro menino de boné vindo na sua direção, tão estranho e, no entanto, tão familiar. Ela sentiu o amor aumentar no seu peito e cruzou os braços para se beliscar secretamente, com força o bastante para que doesse, até que a visão sumisse e restassem apenas o ali e o agora, e as tarefas importantes que tinha pela frente.

— Como eu disse, Ben, todos os carros estão perfeitamente seguros.

Ele abriu a boca para falar novamente, mas sua esposa sibilou algo inaudível entre

dentes. Ele fechou a boca.

— Então, se todos estiverem de acordo, eu gostaria de recomeçar o silêncio nobre e dar início à nossa meditação guiada. Yao, será que você pode tocar o gongo para informar às nossas hóspedes ausentes que gostaríamos que elas retornassem?

Yao bateu no gongo com a baqueta, talvez um pouco mais forte do que Masha teria feito, e em poucos instantes Frances e Zoe voltaram com expressões culpadas e arrependidas.

Ficou claro para Masha que as duas haviam conversado, talvez até feito amizade, o que precisaria ser monitorado. A ideia do silêncio era justamente impedir aquilo. Sorriu com benevolência para elas enquanto voltavam para seus tapetes. Os pais de Zoe suspiraram de alívio.

— Embora eu seja a guia de vocês hoje — disse Masha —, meditação é uma experiência *pessoal*. Por favor, abram mão das expectativas e abracem todas as possibilidades. Isto se chama meditação guiada em posição sentada, mas não significa que precisam se sentar! Por favor, encontrem a posição mais natural e relaxada para vocês. Alguns podem preferir cruzar as pernas. Outros podem preferir se sentar na cadeira e deixar o tapete no chão. E ainda pode ter gente que prefira se deitar. Não há regras fixas aqui!

Ela observou enquanto eles escolhiam suas posições, bastante constrangidos. Frances se deitou de costas. Tony se sentou em uma cadeira, assim como Napoleon. Os outros permaneceram de pernas cruzadas nos tapetes.

Masha aguardou que todos estivessem confortáveis.

— Deixem que seus olhos se fechem lentamente.

Ela sentia os espíritos irrequietos deles: suas ansiedades, esperanças, seus sonhos e medos. Era *tão* boa naquilo. Era um prazer se destacar em algo.

Os entrevistadores perguntariam algum dia: "Estava nervosa quando introduziu o novo protocolo pela primeira vez?" E Masha responderia: "Nem um pouco. Tínhamos pesquisado tudo. Sabíamos desde o começo que seria um sucesso."

Talvez fosse melhor admitir certo nervosismo. As pessoas daquele país admiravam a humildade. O maior elogio que se podia fazer a uma mulher bem-sucedida era descrevê-la como "humilde".

Olhou para seus nove hóspedes, todos com os olhos obedientemente fechados, aguardando as instruções dela. O destino deles estava em suas mãos. Masha ia transformá-los, não só por um tempo, mas para sempre.

— Vamos começar.

QUATORZE

Frances

O primeiro dia na Tranquillum House chegava ao fim e Frances estava deitada na cama, lendo deliberadamente enquanto bebia seu "suco noturno". Não podiam esperar que alguém abrisse mão de vinho *e* de livros ao mesmo tempo.

Nenhum dos quatro romances que ela trouxera na mala para ajudá-la a enfrentar os próximos dez dias havia sido confiscado, ao contrário do vinho e do chocolate — provavelmente porque livros não estavam na "lista de contrabando" (ela nunca teria ido para lá se fosse o caso) —, mas deixaram um bilhetinho na capa de cada um: *Vale lembrar que recomendamos que não leia durante o silêncio nobre.*

Que piada! Ela não conseguia dormir sem ler. Era impossível.

O livro que estava lendo era um romance de estreia que recebera ótimas críticas. Estava "dando o que falar". Fora descrito como "potente, musculoso", e Frances conhecera o autor em uma festa no ano anterior. O sujeito de óculos fora muito simpático e tímido (e não era particularmente musculoso), então Frances tentava perdoá-lo pelas generosas descrições de cadáveres lindos. Quantas outras mulheres jovens e lindas precisariam morrer antes que conseguissem dar seguimento à busca do assassino? Frances suspirava, enojada.

No momento, o detetive austero se embriagava com uísque puro malte em um bar enfumaçado e uma moça de pernas compridas e com metade da sua idade sussurrava em seu ouvido, sem travessão (porque, afinal, aquela era uma ficção literária potente): quero muito trepar com você.

Frances, que chegara ao limite, jogou o livro longe. Vai sonhando, mocinho!

Ela se deitou com as mãos entrelaçadas no peito e lembrou que seu primeiro romance tinha um bombeiro pianista que recitava poemas. Que *meigo* o autor de óculos imaginar que mulheres de vinte anos sussurram "Quero muito trepar com você" no ouvido de homens de cinquenta e tantos anos. Ela daria tapinhas consoladores no ombro dele quando o visse em algum festival.

Mas vai saber…Talvez jovens de vinte e poucos anos fizessem aquilo o tempo todo.

Ela ia perguntar a Zoe.

Claro que não ia perguntar a Zoe.

Esticou o braço para pegar o celular na mesa de cabeceira e ver as notícias e a previsão do tempo para o dia seguinte.

Nada de celular.

É claro. Certo. Tudo bem.

A cama era luxuosa: um colchão bom, lençóis limpíssimos de muitos fios. Suas costas doíam, mas talvez estivessem um pouco melhores graças às mãos gigantescas de Jan.

Ela tentou aquietar seu "cérebro de macaco", seguindo as regras.

Na verdade, sua mente estava abarrotada de novos rostos e experiências: a longa viagem de carro até ali; a gritaria no acostamento; o assassino em série de férias (aquele maldito livro era o culpado por ela ficar pensando em assassinos em série); Ben e Jessica naquele carro; Yao enchendo inesperadamente um tubo de ensaio com o sangue dela; Masha e sua experiência de quase morte; Napoleon tagarela e sua esposa intensa; a jovem adorável Zoe com seus inúmeros piercings e suas pernas compridas, lisas e bronzeadas, sentada na Sala Lavanda contando a Frances sobre o irmão morto. Por isso a mãe de Zoe parecera tão triste mais cedo, na escada. Não devia ser nada intensa. Só triste. O homem alto e lindo que gritara "Gesundheit!" e a mulher afobada com óculos iguais aos de Frances.

Era muito para um dia só. Estímulo e distração. Ela não tivera tempo para mais nenhuma crise existencial, então já era alguma coisa. Nem pensara muito em Paul Drabble, a não ser quando contara a Jan e Zoe sobre o que acontecera. Já teria superado o golpe quando fosse embora dali. Superado a crítica. Superado tudo.

E estaria magra! Tão magra! Seu estômago roncou. Estava faminta. O jantar daquela noite tinha sido possivelmente a refeição mais torturante de sua vida.

Quando encontrou seu lugar na mesa comprida da sala de jantar, pegou o cartãozinho que estava diante do seu prato:

> *Na Tranquillum House recomendamos que COMAM COM ATENÇÃO. Por favor, pegue pequenas garfadas de comida. Após cada uma, devolva os talheres à mesa, feche os olhos e mastigue por pelo menos quatorze segundos de forma lenta e prazerosa.*

Ai, meu Deus, pensou ela. *Vamos ficar aqui para sempre.*

Ela largou o cartão e olhou em volta para compartilhar um olhar de "dá para

acreditar?" com alguém. Os únicos que estavam preparados para retribuir seu olhar eram o homem incrivelmente bonito, que *talvez* tivesse piscado para ela, e Zoe, que com certeza sorrira e retribuíra com uma expressão de quem diz: "Eu *sei*. Também não estou acreditando."

Masha não estava na sala de jantar, mas sua presença era sentida, como a de uma diretora ou professora de escola que poderia surgir a qualquer momento. Yao e Delilah estavam lá, mas não se sentaram para comer. Ficaram de pé na lateral da sala, cada um de um lado do candelabro gigante em cima do aparador requintado. A iluminação do cômodo era suave e havia três velas acesas no candelabro.

Ficaram sentados em silêncio por pelo menos dez… intermináveis… minutos antes que a comida fosse servida por uma senhora com cabelo grisalho, um sorriso animado e um chapéu de chef. A mulher não disse nada, mas mesmo assim emanou boa vontade. Parecia muita falta de educação não agradecer. Frances tentou comunicar toda a sua gratidão com um aceno de cabeça.

Cada pessoa à mesa recebeu um prato diferente. Tanto Heather quanto Zoe, sentadas ao lado de Frances, receberam *bifes* de aparência deliciosa com batatas assadas. A refeição de Frances foi uma salada de quinoa. Estava excelente, mas, no mundo de Frances, ela chamaria aquilo de "acompanhamento". Além disso, depois de mastigar cada garfada por quatorze segundos, a comida já tinha perdido todo o sabor.

Napoleon, que estava sentado de frente para Frances, recebeu um prato qualquer com lentilhas. Inclinou-se para a frente, em direção à tigela, e trouxe a fumaça em direção ao nariz, apreciando o aroma. Estava óbvio que o coitado queria desesperadamente conversar. Frances apostava que, em circunstâncias normais, ele estaria contando a história da lentilha.

O assassino em série examinou com sofreguidão sua imensa tigela de salada verde antes de pegar o garfo e espetar três tomates-cerejas, exalando uma resignação trágica.

A mulher afobada com os óculos excêntricos recebeu peixe, o que pelo visto a agradou.

O homem incrivelmente bonito ganhou frango com legumes e pareceu achar certa graça naquilo.

Ben recebeu um prato de legumes ao curry e terminou de comer muito antes de todos os outros.

Para Jessica, serviram um macarrão que parecia muito delicioso, mas era o prato errado para a coitadinha. Ela passou horas enrolando laboriosamente os longos fios de macarrão no garfo, depois pareceu preocupada, levando o guardanapo ao rosto em busca de respingos de comida.

Ninguém rompeu o silêncio ou fez contato visual. Quando Napoleon espirrou outra vez, ninguém reagiu. Com que rapidez as pessoas se adaptavam a regras e regulamentos estranhos!

Heather comeu menos da metade do bife antes de largar o garfo e a faca, bufando com irritação. Frances teve que se conter para não atacar o bife feito um lobo.

Yao e Delilah ficaram imóveis e em silêncio durante a refeição. Eram como lacaios, só que ela não podia estalar os dedos e pedir que avisassem à cozinheira que ela gostaria de uma porção maior de quinoa, e talvez de uma picanha malpassada.

O ruído de desconhecidos mastigando e mexendo nos talheres quase a enlouqueceu. Talvez tenha lido certa vez que existia um distúrbio real em que as pessoas sofriam estresse psicológico ao ouvir os outros comendo. Tinha até um nome para isso. Frances devia ter aquele distúrbio e nunca fora diagnosticada, porque as pessoas costumavam *falar* enquanto comiam. Outra coisa para lembrar de pesquisar no Google quando recuperasse o celular.

Finalmente, todos acabaram, então empurraram a cadeira para trás e voltaram para o quarto. Nem podiam dizer: "Boa noite! Durma bem!"

No momento, enquanto Frances bebia o restinho do seu suco, pensava no número de refeições silenciosas e insuficientes que tinha pela frente, e cogitou ir embora na manhã seguinte.

"Ninguém vai embora mais cedo, Frances", dissera Yao.

Bem, Frances podia ser a primeira. Criar um precedente.

Ela pensou no aviso sussurrado pela massagista logo antes de o silêncio começar: "Não faça nada que deixe você desconfortável." O que quisera dizer com aquilo? Frances certamente não faria nada que a fizesse sentir desconfortável.

Lembrou-se do que Ellen dissera ao sugerir o lugar: "A abordagem deles não é nada convencional." Ellen era sua amiga. Não a mandaria para um lugar *perigoso*... Ou mandaria? Só para perder três quilos? Se fizessem algo perigoso, ela achava bom perder muito mais de três quilos. O que poderia ser? Andar sobre brasas para encontrar a luz? Frances não faria isso de jeito nenhum. Não gostava nem de andar na areia quente da praia.

Ellen teria lhe avisado se eles fizessem as pessoas caminharem sobre brasas. Ela era uma amiga querida.

"Eu nunca confiei nessa tal de Ellen", dissera Gillian certa vez, de forma misteriosa e sábia, mas Gillian estava sempre fazendo comentários misteriosos e sábios sobre as pessoas, como se todos tivessem conexões secretas com a máfia e só ela soubesse.

Frances sentia muito a sua falta.

Uma onda de exaustão a invadiu, o que era de se esperar após a longa viagem de carro. Ela apagou a luz do abajur e dormiu no mesmo instante, deitada de costas, como quem toma sol na praia.

*

Uma luz brilhou no seu rosto.

Frances acordou com um susto.

QUINZE

Lars

— Que porra é essa?

Lars se sentou, o coração a mil. Havia um vulto ao pé da cama apontando uma lanterna pequena para seu rosto, feito uma enfermeira no plantão hospitalar.

Ele acendeu a luz de cabeceira.

Sua "consultora de bem-estar", a adorável Delilah, estava de pé ao lado da cama segurando um roupão da Tranquillum House. Ela não falou nada. Ergueu um dedo, chamando-o, como se ele fosse seguir obedientemente suas instruções em silêncio.

— Não vou a lugar algum, querida — disse ele. — Estamos no meio da noite e eu gosto de dormir.

— É a meditação à luz das estrelas — falou Delilah. — Sempre acontece na primeira noite. Você não vai querer perder.

Lars deitou-se na cama outra vez e protegeu os olhos.

— Vou querer perder, sim.

— Você vai gostar. É muito lindo.

Lars tirou a mão dos olhos.

— Você pelo menos bateu na porta antes de entrar no meu quarto sem permissão?

— Claro que bati — respondeu Delilah. Ela estendeu o roupão para Lars. — Por favor? Vão me demitir se você não descer.

— Não vão, nada.

— Pode ser que sim. Masha quer todos os hóspedes lá embaixo. É só meia hora.

Lars suspirou. Podia se recusar por princípio, mas era um princípio tão de primeiro mundo, tão privilegiado, que ele não quis se dar o trabalho. Já tinha acordado, de qualquer forma.

Sentou-se e estendeu a mão para pegar o roupão. Ele dormia pelado. Poderia simplesmente ter pulado da cama em toda a sua glória para mostrar que era isso que acontecia quando acordavam um hóspede no meio da noite, mas ele era muito educado. Delilah desviou os olhos quando ele jogou o lençol de lado, mas ele reparou

no breve olhar dela para baixo. Era humana, afinal.

— Não se esqueça do silêncio — pediu ela quando saíram para o corredor.

— Como eu poderia me esquecer do lindo silêncio nobre? — falou Lars.

Ela levou o dedo aos lábios.

*

Era uma noite sem nuvens, as estrelas apareciam aos montes e uma lua cheia iluminava o jardim com sua luz prateada. O ar fresco foi como um carinho suave em sua pele depois do dia quente. Ele tinha que admitir que aquilo tudo era muito agradável.

Nove tapetes de ioga haviam sido dispostos em círculo, e hóspedes vestidos com os roupões da Tranquillum House estavam deitados com a cabeça voltada para o centro, onde a impressionante líder Masha estava sentada de pernas cruzadas na grama.

Lars reparou que só havia um tapete vazio. Ele tinha sido o último hóspede a chegar. Será que fora quem mais reclamara de ser arrastado da cama? Sempre se impressionava com a obediência das pessoas naquele tipo de lugar. Elas se deixavam mergulhar na lama, embrulhar em plástico, morrer de fome e privação, cutucar e furar, tudo em nome da "transformação".

Claro que Lars também permitia aquilo, mas estava pronto para estabelecer limites quando necessário. Por exemplo, ele se recusava a fazer lavagem intestinal. E também nunca, nunca conversaria sobre suas evacuações.

Delilah guiou Lars até o tapete entre a senhora que rira quando ele dissera "Gesundheit!" mais cedo e o homem gigantesco que reclamara do confisco do seu contrabando.

Havia algo familiar no sujeito grandalhão do contrabando. Fora difícil não encará-lo durante o jantar. Lars não conseguia se livrar da sensação irritante de que o conhecia de algum lugar, mas não sabia de onde.

Será que era um dos maridos? Se fosse, acabaria reconhecendo Lars e correria atrás dele, como naquela vez que ele estava embarcando no avião e um sujeito na fila da classe econômica viu Lars e pirou, gritando: "VOCÊ! Por sua causa estou viajando na classe do povão!" Lars apreciara ainda mais o champanhe Perrier-Jouët naquele voo (e saíra depressa do avião em direção à fila prioritária da alfândega). O grandalhão não *parecia* ser um dos maridos, porém Lars sabia que o conhecia de algum lugar.

Não era bom fisionomista. Ray, no entanto, era ótimo. Toda vez que começavam a ver uma série nova, ele se sentava no sofá, apontava para a tela e dizia: "*Ela*!

Conhecemos ela! De onde?" Geralmente, Ray lembrava em segundos: "*Breaking Bad*. A namorada. Walt a deixou morrer. Agora fique quieto." Era um verdadeiro talento. Nas raras ocasiões em que Lars lembrava antes de Ray, ficava animadíssimo e exigia um "toca aqui".

Lars se deitou no tapete entre o grandalhão e a senhora risonha. Ela o fazia pensar em uma das mulheres de Renoir — rosto pequeno, olhos redondos, cabelo cacheado amontoado no topo da cabeça, pele macia, gordinha, seios fartos, talvez um pouco tola —, mas ele achava que provavelmente se dariam bem. Ela parecia hedonista, assim como ele.

— Namastê — disse Masha. — Obrigada por terem saído da cama para a meditação à luz das estrelas desta noite. Agradeço a flexibilidade e o fato de terem aberto o coração e a mente para novas experiências. Estou orgulhosa de vocês.

Ela estava *orgulhosa* deles. Quanta condescendência. Nem os conhecia! Eram seus clientes. Estavam pagando por aquilo. Ainda assim, Lars sentiu uma onda de satisfação no jardim, como se todos quisessem que Masha se orgulhasse deles.

— O retiro que estão prestes a fazer mistura a antiga sabedoria de cura e os tratamentos com ervas do Oriente com os últimos avanços da medicina ocidental. Quero que saibam que, embora eu não seja budista praticante, incorporei algumas filosofias do budismo na nossa prática aqui.

Sei, sei, Oriente encontra Ocidente, nunca ouvi isso, pensou Lars.

— Não vai demorar muito. Não vou falar demais. As estrelas vão falar por mim. Não é curioso que esqueçamos de olhar as estrelas? Corremos para lá e para cá feito formigas no nosso cotidiano; então olhem, só *olhem* o que está acima da nossa cabeça! Passamos a vida inteira olhando para baixo. Está na hora de olhar para cima, de observar as estrelas!

Lars olhou para o céu cravejado de estrelas.

O grandalhão à sua esquerda tossiu, assim como a loura de seios fartos à sua direita. Meu Deus. Ele deveria usar uma máscara de proteção. Não ficaria nada feliz se fosse embora dali resfriado.

— Alguns de vocês talvez já tenham ouvido falar de *koan* — disse Masha. — Um koan é um paradoxo ou enigma que os zen-budistas usam durante a meditação para ajudá-los em sua busca pela sabedoria. O mais famoso é: *Qual é o som de uma mão batendo palmas?*

Minha nossa. O site dera a impressão de que o lugar era mais focado em bem-estar de *luxo*. Lars praticava ioga e meditação diariamente, mas preferia que os spas evitassem excessos constrangedores de apropriação cultural.

— Enquanto olham as estrelas esta noite, quero que reflitam sobre dois koans. O primeiro é: *Do nada, a mente emerge.* — Masha fez uma pausa. — E o segundo: *Como era seu rosto antes dos seus pais nascerem?*

Lars ouviu o grandalhão ao lado suspirar, e em seguida rolar de um lado para outro, tossindo.

— Não fiquem tentando encontrar respostas ou soluções — instruiu Masha. — Não é uma prova, pessoal!

Ela deu um risinho.

A mulher era realmente uma mistura estranha de líder carismática e nerd entusiasta. Ora uma guru, ora a nova diretora de uma empresa de telecomunicações.

— Não há resposta certa ou errada. Apenas olhem as estrelas e reflitam sem buscar solução. Respirem. É só isso que precisam fazer. Respirar e observar as estrelas.

Lars respirou e observou as estrelas. Não pensou em nenhum dos koans. Pensou em Ray, em como, no início da relação dos dois, ele o convencera de ir acampar (para nunca mais). Deitaram juntos na praia, de mãos dadas, observaram as estrelas, e fora lindo, mas algo subiu pelo peito de Lars, até que ele não aguentou mais e ficou de pé de repente, correu até o mar, gritando e tirando a roupa, fingindo ser o tipo de homem que gritava, o tipo de homem que não pensava em tubarões ou na temperatura do mar em outubro. Deu um sorrisinho, porque sabia que aquilo não seria mais possível. Ray sabia sobre sua fobia de tubarões.

Ray havia perguntado se podia ir com ele naquele retiro. Lars não conseguira entender o motivo. Nunca falara sobre ir antes. Lars ia para cerca de dois retiros por ano, e Ray sempre dizia que pareciam ser um inferno. Por que quis ir àquele, de repente?

Lars pensou na expressão de Ray quando ele dissera que preferia ir sozinho. Houve um microinstante em que pareceu ter estapeado Ray, mas então ele deu de ombros, sorriu e disse que tudo bem, que ia comer lasanha toda noite enquanto Lars estava fora e que não veria nada além de esportes na TV.

O estilo de vida de Ray já era perfeitamente limpo, incluía sucos de vegetais e de frutas e shakes de proteína. Não tinha por que ele ir para o spa. Lars precisava do seu tempo sozinho.

Será que ele *queria* que Lars se sentisse um merda? Será que aquilo tinha alguma relação com a mensagem de texto que a irmã de Ray, Sarah, lhe mandara mais cedo: *Pode ao menos pensar no assunto?*

Ela devia ter enviado aquilo sem o consentimento de Ray. Lars tinha certeza de que Ray aceitara que sua decisão sobre filhos era definitiva. Não era como se ele não

tivesse sido sincero sobre sua falta de interesse em ter uma família. Nunca dissera o contrário.

"Alguma vez eu disse o contrário?", perguntara a Ray, e chegara perto de erguer o tom de voz, algo que nunca aprovaria.

Não podia estar em um relacionamento que tivesse a grosseria e a indignidade de gritos. Estremecia só de pensar naquilo. Ray sabia.

"Você nunca disse o contrário", respondera Ray com a voz neutra, sem gritar. "Nunca me enganou. Não estou dizendo isso. Acho que eu só tinha esperança de que você mudasse de ideia."

Sarah, com seus olhos brilhantes e sua franqueza, tinha se oferecido para ajudá-los a ter um bebê. A família de Ray era muito liberal, gentil e amorosa. Era irritante para cacete.

Lars recuara, literal e fisicamente, diante dessa possibilidade.

"De jeito nenhum", dissera a Ray e à irmã dele. "Só… não."

Ficara apavorado e sufocado com a ideia de todo o amor sincero que teria que suportar se tivessem um bebê. Não haveria como escapar. Todos aqueles eventos de família! A mãe de Ray nunca pararia de chorar.

Não ia acontecer. Nunca. *Do nada, a mente emerge.*

Um koan zen. *Dê-me forças.*

Se Ray realmente queria ser pai, será que Lars então deveria deixá-lo ser pai com outra pessoa? Mas a decisão não cabia a Ray? Se ele não podia viver sem filhos, estava livre para ir embora. Não eram casados. A casa estava no nome dos dois, mas eram pessoas com estabilidade financeira e inteligência o suficiente para resolver aquilo. Lars obviamente saberia lidar com uma divisão justa dos bens.

Será que esse era o único caminho? A relação deles tinha chegado a um impasse porque, de uma forma ou de outra, um dos dois teria que fazer um grande sacrifício? De quem era o pior sacrifício?

Mas Ray parara de pedir. Aceitara. Lars tinha a impressão de que ele estava querendo *outra* coisa. O que seria? Permissão para ir embora? Não queria que Ray fosse embora.

Algo cruzou o céu. Uma estrela cadente, pelo amor de Deus. Como Masha conseguira aquilo? Lars ouviu todo mundo exalar, impressionado.

Ele fechou os olhos, e então soube exatamente de onde conhecia o grandalhão à sua esquerda. Desejou que Ray estivesse ali para poder dizer: *Já sei, Ray, já sei!*

DEZESSEIS

Jessica

A escritora, Frances Welty, que estava deitada no tapete de ioga ao lado de Jessica, dormia profundamente. Não estava roncando, mas Jessica sabia que tinha dormido pela forma como respirava. Cogitou dar uma leve cutucada nela com o pé. Tinha acabado de perder uma estrela cadente.

Pensando bem, decidiu não incomodá-la. Estavam no meio da noite. Pessoas da idade dela precisavam dormir. Quando a mãe de Jessica tinha uma noite ruim, ficava parecendo alguém saído de um filme de terror, embora ela risse quando Jessica lhe indicava um corretivo. Não era *necessário* ficar tão feia. Era burrice. Se o marido a largasse para ficar com a secretária, sua mãe só poderia culpar a si mesma. Tinham inventado corretivo por uma razão.

Jessica virou a cabeça e olhou para Ben, do outro lado. Ele observava as estrelas com uma expressão vidrada, como se refletisse sobre aqueles enigmas zen, quando na verdade devia estar contando as horas para ir embora dali e voltar ao volante do seu querido carro.

Ele virou a cabeça e piscou para ela. Aquilo fez o coração de Jessica pular no peito, como se o menino de quem ela gostasse tivesse lhe dado uma piscadela na sala de aula.

Ben voltou a olhar as estrelas, e Jessica tocou o rosto com os dedos. Será que sua pele estava feia sem maquiagem à luz da lua? Não tivera tempo de passar base.

Eles tinham sido arrancados da cama. Podiam estar transando quando a moça entrou no quarto, depois de uma batida leve na porta, sem nem sequer esperar que dissessem "Entre", marchando para dentro e colocando a luz forte na cara deles.

Eles não estavam transando. Ben dormia, e Jessica estava deitada ao seu lado no escuro, sem conseguir pegar no sono, sentindo tanta falta do celular que era como se tivessem amputado uma parte do seu corpo. Em casa, quando ela não conseguia dormir, simplesmente pegava o celular e ficava olhando o Instagram ou o Pinterest até cansar.

Observou as unhas do pé vermelhas à luz da lua. Se estivesse com o celular, tiraria

uma foto dos seus pés ao lado dos de Ben e postaria com as *hashtags*: #meditaçãoàluzdasestrelas #spa #aprendendosobrekoan #vimosumaestrelacadente #qualéosomdeumamãobatendopalmas.

A última *hashtag* a faria parecer muito intelectual e espiritual, pensou, o que era bom, porque as pessoas tinham que tomar cuidado para não parecerem superficiais na internet.

Jessica não conseguia se livrar da sensação de que, caso não registrasse aquele momento com o celular, significaria que aquilo não teria acontecido de verdade; não contava, não era a vida real. Sabia que era irracional, mas não tinha como evitar. Sentia-se literalmente em privação sem o celular. Era óbvio que estava viciada. Ainda assim, era melhor do que ser viciada em heroína, embora ninguém mais soubesse qual era a última droga escolhida pela irmã de Ben. Ela gostava de "variar".

Às vezes Jessica se perguntava se todos os problemas deles levavam à irmã de Ben. Ela estava sempre presente, feito uma grande nuvem escura no céu azul deles. Porque, à exceção de Lucy, sinceramente, com o que mais tinham que se preocupar? Nada. Deveriam ser tão felizes quanto era possível ser. Onde tinham errado?

Jessica tinha sido muito *cuidadosa* desde o primeiro dia. Qual fora o comentário idiota da sua mãe? "Ah, Jessica, querida… Esse tipo de coisa pode arruinar as pessoas."

Ela disse aquilo, com o rosto todo franzido, no que deveria ter sido o dia mais espetacular da vida de Jessica. O dia que seria um divisor de águas.

Já fazia dois anos. Uma segunda-feira à noite.

Jessica voltara para casa com pressa porque queria chegar a tempo da aula de spinning às seis e meia. Ela entrara correndo na cozinha minúscula com aquelas bancadas laminadas horrendas para encher a garrafa de água, e lá estava Ben, sentado no chão, as costas apoiadas no lava-louça, as pernas abertas, o celular na mão frouxa. Seu rosto estava muito pálido, os olhos, vidrados. Ela se abaixou no chão perto dele, o coração disparado, quase sem respirar, quase incapaz de falar. A primeira coisa que lhe ocorreu foi: "Quem? Quem?" Seu primeiro pensamento foi Lucy, claro. A irmã de Ben flertava com a morte todos os dias. Mas algo lhe disse que não tinha sido Lucy. Ele parecia chocado demais, e a morte da irmã nunca seria uma surpresa.

— Lembra quando minha mãe mandou aquele cartão? — perguntou ele.

O coração de Jessica acelerou, porque ela achou que tinha sido a mãe dele quem morrera, e ela amava a sogra.

— Como? — perguntou ela. — Como aconteceu?

Como era *possível* que Donna tivesse morrido? Ela jogava tênis duas vezes por semana. Era mais saudável e estava em melhor forma física do que Jessica. Devia ter

sido o estresse por causa de Lucy.

— Lembra o cartão que ela mandou? — repetiu Ben, ignorando-a. — Porque a gente estava perturbado com o assalto?

Pobre Ben. Estava obviamente doido por causa do sofrimento e por algum motivo se agarrara àquela lembrança.

— Eu me lembro do cartão — disse ela com gentileza.

Chegara pelo correio. Tinha um cachorrinho fofo na frente com um balão saindo da boca que dizia: "Sinto muito que você esteja triste." E tinha um bilhete de loteria dentro. A mensagem de Donna era: *Vocês dois merecem um pouco de sorte.*

— Foi o bilhete ganhador — revelou Ben.

— O que aconteceu com sua mãe? — quis saber Jessica.

— Nada. Ela está bem. Ainda não contei para ela.

— Não contou o quê para ela? — O cérebro de Jessica não conseguia acompanhar as palavras, e de repente ela se irritou. — *Ben*. Alguém morreu ou não?

Ele sorriu.

— Ninguém morreu.

— Tem certeza?

— Todo mundo está em plena forma.

— Certo — disse ela. — Que bom, então.

Quando a adrenalina deixou seu corpo, Jessica se sentiu subitamente exausta. Achava que não ia mais conseguir fazer a aula de spinning.

— Foi o bilhete vencedor. O bilhete que minha mãe nos deu depois do assalto. Era a casa lotérica no telefone. O primeiro prêmio é nosso. Acabamos de ganhar vinte e dois milhões de dólares.

— Não seja idiota. Não ganhamos, nada — falou ela, cansada.

Ele se virou para encará-la, os olhos vermelhos, úmidos e amedrontados.

— Ganhamos, sim.

Se ao menos tivessem sido avisados com antecedência — vocês vão ganhar na loteria amanhã —, então talvez pudessem agir como vencedores de loteria decentes. Mas levou muito tempo para que aquilo parecesse verdade. Jessica verificou os números na internet, e depois verificou de novo. Ela mesma ligou para a casa lotérica para confirmar.

A cada telefonema que faziam para os amigos e familiares, aquilo se tornava mais real. Então, finalmente, começaram a gritar, pular, rir e chorar, como é de se esperar de quem ganha na loteria, e convidaram todos à sua casa para comemorar com o champanhe mais caro que encontraram.

Eles brindaram aos ladrões patéticos, porque, se não fosse pelo assalto, não teriam ganhado na loteria!

A mãe de Ben não conseguia acreditar.

— Nem teria passado pela minha cabeça comprar um bilhete de loteria para vocês antes! Foi o primeiro que comprei na vida! Eu tive que perguntar à moça da banca como funcionava!

Ela parecia querer garantir que ninguém esquecesse que ela havia comprado o bilhete. Não queria uma parte do prêmio (embora é claro que eles acabaram lhe dando uma quantia), só queria que todos soubessem do seu papel crucial naquele acontecimento glorioso.

Foi como uma versão melhorada do dia do casamento deles. Jessica se sentiu especial. O centro das atenções. Sorriu tanto que suas bochechas doeram. O dinheiro a tornou instantaneamente mais inteligente, bonita e estilosa. As pessoas a tratavam de forma diferente porque ela *estava* diferente. Quando olhou para o próprio rosto no espelho do banheiro aquela noite, já conseguia enxergar o brilho do dinheiro. Riqueza instantânea era o melhor tratamento facial que existia.

Mas, mesmo naquela primeira noite, mesmo enquanto Ben e os irmãos discutiam embriagados sobre quais carros de luxo comprar, Jessica sentiu o medo crescente de Ben.

— Não vamos deixar que isso mude a gente — falou ele, enrolando a língua, pouco antes de dormirem, e Jessica pensou: *Do que ele está falando? Já mudou a gente!*

Então teve a mãe de Jessica, que reagiu como se aquilo fosse uma catástrofe.

— Você tem que tomar *muito* cuidado, Jessica — disse ela. — Tanto dinheiro assim pode fazer as pessoas se perderem.

Era verdade que tiveram algumas dificuldades inesperadas na nova vida, algumas situações difíceis que eles ainda tentavam solucionar. Amigos que perderam. Uma pessoa da família que se afastara. Duas. Não, três.

O primo de Ben, que achava que eles deveriam ter pagado a hipoteca da casa dele. Já tinha ganhado um carro. O que Jessica achou bem generoso! Ben gostava do primo, mas eles mal se viam antes do prêmio na loteria. No fim das contas, acabaram pagando a hipoteca, mas "o estrago estava feito". Pelo amor de Deus.

A irmã mais nova de Jessica. Deram a ela *um milhão de dólares*, mas ela não parava de pedir mais, mais e mais. Ben dizia "dê logo", e eles davam, mas um dia Jessica foi almoçar com ela e não se ofereceu para pagar a conta. Depois disso, ficaram sem se falar. Jessica ficava com o coração apertado toda vez que pensava naquilo. Ela sempre pagava a conta. Sempre. E, pelo visto, na única vez que não pagou, foi imperdoável.

O padrasto de Ben, que era consultor financeiro e achou que ficaria responsável pelas finanças do casal depois que eles passaram a *ter* finanças, mas Ben o considerava um idiota e não queria que chegasse perto do dinheiro deles, de forma que ficou uma situação chata. Ben poderia ter mantido sua opinião sobre o padrasto em segredo para sempre, não fosse o fato de terem ganhado na loteria.

E, é claro, a irmã de Ben. Como podiam dar dinheiro a ela? Como podiam não dar? Ben e a mãe tinham se desesperado a respeito do que fazer. Tentaram fazer tudo do jeito certo, com cuidado. Abriram uma poupança. Nunca lhe davam dinheiro em espécie, apesar de ser isso que ela mais queria. Quando lhe deram um carro, ela o vendeu depois de duas semanas. Vendia tudo que eles compravam para ela. Gritava palavras feias para o pobre Ben: *Seu babaca riquinho com carro chique, não ajuda nem a própria família*. Gastaram milhares e milhares de dólares em programas caros de reabilitação com os quais a mãe de Ben sonhava antigamente, achando que aqueles programas elitistas seriam a solução, se pelo menos tivessem o dinheiro. Mas, quando passaram a ter, descobriram que não era a solução. Era um problema sem fim. Ben achava que devia haver um jeito. Jessica sabia que não havia. Lucy não queria ajuda.

E não era só a família que achava que Ben e Jessica lhe deviam dinheiro. Todo dia parentes, amigos distantes e amigos de amigos entravam em contato pedindo um "empréstimo" ou uma "ajudinha", ou querendo que Ben e Jessica patrocinassem sua instituição de caridade preferida, uma escola local, o time de futebol dos filhos. Parentes que eles não viam havia anos entravam em contato. Parentes que eles nem sabiam que existiam entravam em contato. Muitas vezes os pedidos surgiam em tom passivo-agressivo: "Dez mil dólares devem parecer uma mixaria para você, mas seria uma quantia *enorme* para nós."

"Dê logo": esse era o bordão constante de Ben, mas às vezes Jessica se irritava. Que *ousadia* daquelas pessoas.

Era ultrajante para Jessica que eles brigassem mais por causa de dinheiro agora que tinham tanto. Era impossível imaginar que um dia a chegada de contas inesperadas os tivesse perturbado.

Ficar instantaneamente rico era como começar em um trabalho muito estressante e glamoroso para o qual não se tem nenhuma qualificação ou experiência, mas que ainda assim é um emprego muito bom. Não chegava a ser motivo de reclamação. Eles não precisavam *estragar* aquilo, como Ben parecia determinado a fazer.

Às vezes ela se perguntava se Ben se arrependia de ter ganhado o dinheiro. Certa vez ele dissera que sentia falta de trabalhar.

"Abra seu próprio negócio, então", sugerira ela.

Eles podiam fazer qualquer coisa! Mas ele disse que não podia competir com Pete, seu antigo chefe. Nisso era igual à irmã: não queria solução para os próprios problemas.

Ele disse que não gostava dos "novos vizinhos esnobes", e Jessica lembrou que eles nem sequer os conheciam e sugeriu que os convidassem para um coquetel em casa, mas Ben ficou horrorizado com a ideia. Não era como se tivessem conhecido de verdade os vizinhos do antigo apartamento. Todos trabalhavam o dia inteiro e eram discretos.

Ele gostava das férias de luxo que tiravam, mas nem isso o deixava verdadeiramente feliz. Ela se lembrava de uma vez que assistiram ao pôr do sol em Santorini. Fora incrível, lindo, e Jessica tinha acabado de comprar uma pulseira deslumbrante naquele dia. Ela olhara para Ben ao seu lado, que parecia perdido nos próprios pensamentos, e dissera:

"No que está pensando?"

"Em Lucy", respondera ele. "Lembro que ela costumava falar sobre viajar para as ilhas gregas."

Ela sentira vontade de gritar sem parar, porque *eles podiam pagar para que Lucy fosse a Santorini* e hospedá-la em um hotel ótimo, mas isso não era possível porque Lucy preferia enfiar agulhas no próprio braço. Então, tudo bem, ela que estragasse a própria vida, mas por que tinha de estragar a deles também?

O carro era a única coisa proporcionada pelo dinheiro que o deixava feliz. Ele não ligava para mais nada: a casa linda na melhor parte de Toorak, os ingressos para shows, as roupas de marca, as viagens. Só se importava com o carro. O carro dos seus sonhos. Nossa, como ela odiava aquele carro.

De repente Jessica se deu conta de que as pessoas estavam se levantando, endireitando os roupões feios, contendo bocejos.

Ela ficou de pé e olhou para o céu estrelado uma última vez, mas não havia respostas lá em cima.

DEZESSETE

Frances

Eram apenas oito da manhã, e Frances estava caminhando.

Seria mais um dia quente de verão, mas a temperatura naquele horário estava perfeita, o ar suave feito seda em sua pele. Não havia barulho algum, exceto pelo ocasional chamado agudo e agradável de um passarinho e pelos ruídos de galhos e pedras sob seus pés na trilha pedregosa.

Tinha a impressão de que estava acordada havia *horas*, o que não deixava de ser verdade.

Aquele dia, seu primeiro dia inteiro na Tranquillum House, começara antes do amanhecer (*antes do amanhecer!*) com uma batida firme à porta do quarto.

Frances se levantara da cama, ainda cambaleante, e abrira a porta, encontrando o corredor vazio e uma bandeja de prata no chão com seu suco matinal e um envelope lacrado cujo conteúdo era seu "cronograma diário personalizado".

Ela voltara para a cama para beber o suco com um travesseiro atrás da cabeça enquanto lia o cronograma com uma misto de prazer e horror:

CRONOGRAMA DIÁRIO PARA FRANCES WELTY
Amanhecer: aula de tai chi no roseiral.
7h: Café da manhã na sala de jantar. (Por favor, lembre-se de continuar respeitando o silêncio.)
8h: Caminhada meditativa. Venha até o pé da Tranquillity Hill. (Vai ser uma caminhada lenta, silenciosa e consciente com tempo de sobra para parar e contemplar as paisagens deslumbrantes. Aproveite!)
10h: Aula de ginástica particular. Encontre Delilah na sala de ginástica.
11h: Massagem terapêutica com Jan no spa.
Meio-dia: Almoço na sala de jantar.
13h: Meditação guiada em posição sentada na sala de ioga e meditação.
14-16h: TEMPO LIVRE.

17h: Aula de ioga na sala de ioga e meditação.
18h: Jantar na sala de jantar.
19-21h: TEMPO LIVRE.
21h: LUZES APAGADAS.

Luzes apagadas! Era uma sugestão ou uma ordem? Frances não ia para a cama às nove da noite desde que era criança.

Mas, ao mesmo tempo, talvez ela estivesse pronta para ir dormir àquela altura.

Tinha bocejado durante toda a aula de tai chi no roseiral com Yao, tomara café da manhã em silêncio na sala de jantar (muito gostoso, ovos pochê com espinafre ao vapor, embora ficasse um pouco insosso sem o acompanhamento essencial de uma torrada e um cappuccino), e agora lá estava ela com os outros hóspedes, participando da "caminhada meditativa", que era basicamente uma subida muito lenta por uma trilha na mata a uma breve distância da casa.

Os dois consultores de bem-estar, Yao e Delilah, estavam presentes. Delilah guiava o grupo, à frente, e Yao vinha atrás. O ritmo estabelecido por Delilah era lento demais, quase *dolorosamente* lento, até mesmo para Frances. E se ela achava difícil caminhar tão devagar, suspeitava que os Marconi — "fanáticos por exercício", segundo Zoe — estavam quase enlouquecendo com aquilo.

Frances estava no meio do grupo, atrás de Zoe, cujo rabo de cavalo brilhante balançava enquanto ela caminhava atrás do pai. O assassino em série seguia Frances, o que não era a posição ideal para um assassino em série, mas pelo menos ele seria obrigado a matá-la conscientemente em câmera lenta, de forma que ela teria tempo de sobra para escapar.

Em intervalos aleatórios, o grupo parava, e todos tinham que ficar em pé olhando em silêncio para um ponto fixo no horizonte por um tempo que parecia extraordinariamente longo.

Frances era a favor de uma caminhada prazerosa com bastante descanso para apreciar a vista, mas naquele ritmo nunca chegariam ao topo.

Lenta, lenta, *lentamente* eles subiam a trilha e lenta, lenta, *lentamente* Frances sentia sua mente e seu corpo se ajustarem ao ritmo.

A lentidão de fato era… lenta… mas também era bastante… agradável.

Ela pensou no ritmo da sua vida. O mundo passara a se mover cada vez mais rápido na última década. As pessoas falavam mais rápido, dirigiam mais rápido, andavam mais rápido. Todo mundo vivia com pressa. Todo mundo estava ocupado. Todos exigiam

uma gratificação instantânea. Ela até começara a perceber aquilo nas edições dos seus livros. *Ritmo!*, Jo começara a pontuar nos comentários, sendo que antigamente escreveria: *Bom!*

Frances tinha a impressão de que os leitores costumavam ser mais pacientes, ficavam satisfeitos quando a história ia com calma, quando um capítulo eventual se demorava prazerosamente em uma linda paisagem sem que acontecesse grande coisa, a não ser talvez uma troca de olhares cheia de significado.

A trilha ficou mais íngreme, mas eles andavam tão devagar que a respiração de Frances permaneceu a mesma. O caminho tinha curvas e brechas com paisagens que surgiam feito presentes entre as árvores. Estavam bem no alto.

É claro que as edições de Jo deviam ter adquirido aquele tom frenético em reação à queda nas vendas de Frances. Sem dúvida Jo via os *sinais,* e isso explicava suas súplicas cada vez mais fervorosas: *Acrescente alguma intriga a este capítulo. Quem sabe uma pista falsa para enganar o leitor?*

Frances tinha ignorado os comentários e permitido que sua carreira ficasse para trás, feito uma velhinha dormindo. Era uma idiota. Uma boba iludida.

Apressou o passo. Percebeu que talvez estivesse andando rápido demais no exato instante em que bateu o nariz nas omoplatas de Zoe.

Zoe tinha parado de repente. Frances ouviu a inspiração abrupta da menina.

De alguma forma, Heather tinha desviado da trilha e seguido por uma pedra grande e saliente no lado íngreme da colina. O chão terminava bem à sua frente. Mais um passo e ela teria caído.

Napoleon segurou com firmeza o braço da esposa. Frances não conseguia ver se o rosto dela estava pálido de raiva ou de medo quando a mão dele se fechou em torno do seu braço fino, puxando-a de volta para a trilha.

Heather não agradeceu o marido nem sorriu para ele, nem sequer encontrou seu olhar. Ela soltou o braço da mão de Napoleon, balançando o ombro com irritação, e continuou caminhando, endireitando a manga da camiseta surrada. Napoleon olhou para Zoe e seu peito se ergueu e baixou em sincronia com a respiração irregular e audível da filha.

Após um instante, pai e filha baixaram a cabeça e continuaram a subida lenta pelo morro, como se o que Frances testemunhara não tivesse qualquer importância.

DEZOITO

Tony

Tony Hogburn acabara de voltar para o quarto após mais uma experiência infernal com a "meditação guiada". Quanta meditação um sujeito era capaz de fazer?

"Respire como se estivesse respirando por um canudo." Pelo amor de Deus, quanta baboseira.

Ele se sentiu humilhado ao perceber que as pernas doíam por causa da *caminhada* meditativa dolorosamente lenta que tinham feito de manhã. Houve uma época em que ele conseguiria correr por aquela trilha, sem problemas, só para se aquecer, e agora suas pernas pareciam gelatina depois de subir andando no ritmo de um velho de cem anos.

Ele se sentou na varanda do quarto e desejou avidamente uma cerveja gelada e a sensação da cabeça macia de um velho collie sob sua mão. Deveria ser apenas um desejo discreto por cerveja e a saudade triste de um bichinho amado, mas parecia uma sede avassaladora no deserto e a pior das dores.

Ele fez menção de se levantar pela centésima vez para encontrar alívio para sua dor na geladeira, mas pela centésima vez lembrou que não havia alívio a ser encontrado. Não havia geladeira. Não havia despensa. Não havia TV para ligar em busca de um documentário para se distrair. Não havia internet para acessar sites aleatórios. Não havia cão que ele pudesse chamar com um assobio, só para ouvir o ruído obediente das patinhas.

Banjo chegara aos quatorze anos. Nada mal para um collie. Tony deveria estar preparado, mas pelo visto não estava. Na primeira semana, ondas de dor o atingiam sempre que ele enfiava a chave na fechadura da porta de casa. Uma dor tão intensa que fazia seus joelhos cederem. Desprezível. Um homem adulto de joelhos por causa de um cachorro.

Ele já tinha perdido outros cães. Três ao longo da vida. Fazia parte de ter cachorros. Não estava entendendo por que a morte de Banjo fora um baque tão grande. Já fazia seis meses, pelo amor de Deus. Era possível que sentisse mais falta de

um maldito cachorro do que de qualquer ser humano que já perdera na vida?

Sim, era possível.

Lembrou-se de quando as crianças eram pequenas e o jack russel terrier que tinham dado para a filha mais nova, Mimi, em seu oitavo aniversário, escapou do jardim e foi atropelado por um carro. Mimi ficara arrasada, chorando no ombro de Tony durante o "funeral". Tony também chorara, com uma culpa terrível por não ter notado aquele buraco na cerca e tristeza pelo pobre cãozinho bobo.

Sua filha era tão meiga naquela época, com bochechas macias e redondas e trancinhas, tão fácil de amar.

Agora Mimi tinha vinte e seis anos, era dentista e muito parecida com a mãe: magrinha, com uma cabeça de alfinete e um jeito acelerado de falar e andar que deixava Tony exausto. Essa Mimi era higiênica, ocupada e talvez não tão fácil de amar, embora ele a amasse. Morreria pela filha. Mas às vezes não atendia o telefone por ela. O fato de ser dentista deixara Mimi acostumada com monólogos, sem medo de ser interrompida. Era mais próxima da mãe do que dele. Os três filhos eram. Não fora um pai muito presente durante a infância das crianças. De repente, estavam crescidos, e ele às vezes tinha a sensação de que estavam "cumprindo as obrigações" com o pai quando ligavam ou faziam uma visita. Certa vez, Mimi deixara um recado longo e carinhoso na caixa postal no dia do seu aniversário, mas, no fim, ele a ouvira dizer para outra pessoa, em um tom de voz totalmente diferente, enquanto desligava: "Pronto, está feito, vamos!"

Seus filhos não se lembravam do seu aniversário, e ele não esperava que lembrassem; ele mesmo mal lembrava, e só não esquecia o deles porque Mimi enviava uma mensagem com um lembrete na manhã do aniversário dos irmãos. James morava em Sydney e mudava de namorada todo mês, e seu filho mais velho, Will, casara-se com uma holandesa e se mudara para o país dela. As três netas de Tony, que ele só via pessoalmente a cada dois anos e com quem conversava por Skype no Natal, tinham sotaque holandês. Ele sentia que não tinha nenhum parentesco com elas. Sua ex-mulher as via com frequência, pois viajava para lá duas vezes por ano e ficava por duas ou três semanas. Sua neta mais velha era ótima em "dança irlandesa". (Por que estavam fazendo dança *irlandesa* na *Holanda*? Por que estavam fazendo dança irlandesa e ponto? Ninguém mais parecia estranhar aquilo. Segundo sua ex-mulher, crianças do mundo todo faziam dança irlandesa. Era bom para "aptidão aeróbica" e coordenação motora, ou algo assim. Tony tinha visto vídeos no celular dela. Sua neta usava uma *peruca* e dançava como se tivesse uma imensa régua colada nas costas.)

Tony nunca imaginara que ser avô seria assim: menininhas de sotaque engraçado do

outro lado de uma tela falando sobre coisas que ele não entendia. Quando pensara em ser avô, imaginara uma mãozinha grudenta na sua, uma caminhada lenta e arrastada até a loja da esquina para comprar sorvete. Isso nunca acontecera, e a loja da esquina nem existia mais, então o que havia de errado com ele, afinal?

Ficou de pé. Precisava comer algo. Pensar nas netas tinha aberto uma cratera de sofrimento em seu estômago que só poderia ser preenchida com carboidratos. Pensou em preparar um queijo quente… *Meu Deus*. Não havia pão. Nem queijo. Nem torradeira.

"Talvez você sinta o que chamamos de 'ansiedade do lanchinho'", dissera Delilah, sua consultora de bem-estar, com um brilho nos olhos. "Não se preocupe, vai passar."

Ele afundou novamente na cadeira e se lembrou do dia em que reservara para si aquele inferno. O momento de insanidade temporária. Sua consulta fora às onze da manhã. Nem sequer se esquecera do horário.

"Certo. Tony", dissera o médico. Pausa. "Sobre os resultados daqueles exames…"

Tony devia estar prendendo a respiração, porque inspirou involuntariamente uma lufada de ar generosa. O médico ficou examinando a papelada por alguns instantes. Tirou os óculos e se inclinou para a frente, e algo nos olhos dele fez Tony se lembrar da expressão do veterinário dizendo que estava na hora de dar adeus a Banjo.

Tony nunca se esqueceria da clareza chocante do momento que se seguira.

Era como se estivesse vagando em transe por aí há vinte anos e de repente tivesse despertado. Ele se lembrava de como sua mente ficara a mil no carro, a caminho de casa. Ficara muito focado, e sua visão, muito límpida. Precisava agir. Rápido. Não podia passar o pouco tempo que lhe restava trabalhando e vendo TV. Mas fazer o quê?

Entrou no Google. "Como mudar…" O Google terminara a frase para ele: *Como mudar minha vida*. Havia um trilhão de sugestões, de religião a livros de autoajuda. Foi então que encontrou um artigo sobre spas. A Tranquillum House estava no topo da lista.

Uma desintoxicação de dez dias. O que poderia haver de tão difícil naquilo? Fazia anos que não tirava férias. Ele tinha uma empresa de consultoria de marketing esportivo, e uma das poucas decisões acertadas na vida fora contratar Pippa como gerente. Ela era melhor do que ele em basicamente todos os aspectos do trabalho.

Ele perderia peso. Daria um jeito na própria vida. Teria um plano de ação. No carro, saindo do aeroporto, quase se sentira *otimista*.

Se ao menos não tivesse tomado aquela decisão estúpida, de última hora, de comprar suprimentos de emergência… Ele já pegara a saída em direção à Tranquillum House quando deu meia-volta e seguiu para a cidadezinha mais próxima, onde vira

uma loja de bebidas *drive-through*. Só comprara seis latinhas de cerveja (cerveja light), um saco de batatas fritas e alguns biscoitos de água e sal (o que havia de errado com *biscoitos de água e sal*?).

Se não tivesse dado meia-volta, nunca teria conhecido a Louca no acostamento. Achou que ela estivesse com algum problema. Que outro motivo lógico teria para ficar sentada no acostamento gritando e buzinando? Quando ela abriu a janela e ele viu seu rosto, achou que a mulher estivesse seriamente doente. Menopausa era mesmo tão ruim ou aquela mulher era hipocondríaca? Talvez fosse mesmo muito ruim. Quando saísse dali, ia perguntar à irmã.

Agora ela parecia perfeitamente normal e saudável. Se não a tivesse visto no acostamento, ele teria achado que era uma daquelas "supermães" enérgicas e de olhos atentos que pulavam para lá e para cá feito labradores quando os filhos de Tony estavam na escola.

Ele meio que morria de medo dela, porque ela o fizera se sentir imbecil. Aquilo trouxera à tona uma lembrança havia muito enterrada de um incidente humilhante na sua infância. Ele tinha uma quedinha por uma das amigas da irmã mais velha, e uma coisa aconteceu — ele disse ou fez algo, não lembrava ao certo, mas sabia que tinha a ver com menstruação e absorventes internos, algo que ele não entendia direito aos treze anos, uma coisinha inocente e sem importância que na época parecera o fim do mundo.

Agora estava com cinquenta e seis anos. Era avô! Vira a esposa dar à luz seus três filhos. Já tinha passado da fase de ficar constrangido com os mistérios sombrios do corpo de uma mulher. No entanto, a Louca fazia com que ele se sentisse assim.

Ficou de pé, agitado, a cadeira arranhando o chão ao se afastar. Tinha duas horas de "tempo livre" para preencher antes do jantar. Em casa, as horas entre o trabalho e a cama passavam em uma névoa de cerveja, comida e televisão. Agora ele não sabia aonde ir. O quarto parecia pequeno para ele. Havia um excesso de decorações fofas. Na véspera, se virara e derrubara o vaso da mesa de cabeceira, quebrando-o e xingando tão alto que quem quer que estivesse no quarto ao lado provavelmente ouvira. Ele esperava que não fosse uma antiguidade.

Tony se debruçou no parapeito e examinou a propriedade. Dois cangurus estavam sob a sombra da casa. Um deles se limpava, virando o corpo de um jeito muito humano para se coçar. O outro estava parado, as orelhas em pé, parecendo esculpido em pedra.

Ele notou o brilho azul de uma piscina imensa em forma de rim. Talvez fosse nadar. Não se lembrava da última vez que fizera isso. A praia costumava ser uma parte

muito importante da sua vida quando as crianças eram pequenas. Durante anos ele levara os três para a aula de surfe todo domingo, para que aprendessem a surfar com segurança. Enquanto isso, as três netas branquelas provavelmente nunca tinham pegado uma onda em toda a sua triste vidinha holandesa.

Ele foi até a mala e pegou o calção de banho, tentando não imaginar as mãos de um desconhecido vasculhando suas roupas, procurando contrabando, vendo suas cuecas desbotadas. Estava precisando de roupas novas.

A ex-mulher costumava comprar as roupas dele. Tony nunca pedira a ela que comprasse suas roupas, ela simplesmente o fazia, e, como ele não se interessava por moda, se acostumou. Então, anos depois, depois do divórcio, descobriu que aparentemente aquela era uma das muitas, muitas coisas que ela fazia sem "qualquer reconhecimento". Ele "nunca dissera obrigado". Não? Será que era verdade? Minha nossa. E, se era verdade, por que esperar vinte e dois anos para mencionar aquilo? Ele certamente tinha agradecido. Mas por que não dizer a ele que estava sendo um babaca ingrato *na época*, para que não precisasse se sentir o pior homem do planeta sentado ali diante do terapeuta, tantos anos depois? Ele se sentira tão envergonhado que literalmente não conseguira falar. Aquilo se revelou um exemplo das vezes em que ele "se fechava", "ficava emocionalmente distante", "não dava a mínima" e assim por diante, até que ele de fato passou a não dar a mínima e assinou os papéis do divórcio com uma sensação de dormência.

Qual era a expressão que a esposa usava para descrevê-lo, como se fosse engraçado? "Ser humano amador." Ela chegara a dizer isso ao terapeuta.

Alguns meses depois daquela sessão de terapia, ele se deu conta de que fizera várias coisas no casamento pelas quais tinha certeza de nunca ter escutado um agradecimento ou recebido um reconhecimento. Ele cuidava de tudo relacionado ao carro dela, por exemplo. O ser humano amador deixava o tanque do carro dela cheio de gasolina. Muitas vezes Tony se perguntara se ela achava que o automóvel tinha algum mecanismo autossuficiente. Ele levava o carro dela para a vistoria uma vez por ano. Fazia o imposto de renda dela.

Seria possível que os dois tomassem o outro por certo? Mas tomar o outro por certo não era uma das vantagens do casamento?

Mas já era tarde demais.

Já fazia cinco anos desde a separação, e tinham sido os cinco melhores anos da vida da ex-mulher. Ela retomara o contato com seu "verdadeiro eu". Morava sozinha e fazia cursos noturnos, viajava nos fins de semana com um bando de mulheres maravilhosamente divorciadas. Inclusive, costumavam ir a lugares como aquele. Sua

ex agora "praticava meditação diariamente".

"Quanto tempo você precisa praticar antes de acertar?", perguntara Tony, e ela revirara os olhos com tanta força que foi uma surpresa não ter ficado vesga para sempre.

Sempre que ela falava com Tony ultimamente, fazia pausas para inspirar fundo. Pensando bem, ela parecia respirar por um canudo.

Tony vestiu o calção de banho.

Meu Deus.

Devia ter encolhido muito. Ele talvez tivesse lavado do jeito errado. Com água fria. Ou com água quente. Com a água errada. Ele puxou o pano com toda a força e abotoou.

Pronto. O único problema era que não conseguia respirar.

Ele tossiu e o botão arrebentou, deslizando pelo assoalho. Ele deu uma gargalhada, incrédulo, e observou a protuberância imensa e peluda da sua barriga. Parecia pertencer a outra pessoa.

Ele se lembrava de um corpo diferente. De uma época diferente. O furor todo-poderoso de uma multidão eufórica. A forma como o som costumava vibrar em seu peito. Antigamente, não havia qualquer barreira entre sua mente e seu corpo. Ele pensava "corra" e corria. Pensava "pule" e pulava.

Baixou o calção, deixando-o abaixo da barriga, e pensou na ex-mulher grávida de seis meses fazendo a mesma coisa com uma saia de cintura elástica.

Pegou a chave do quarto e colocou uma toalha de banho branca nos ombros. Podia levar aquelas toalhas para fora? Certamente tinha uma cláusula no contrato sobre aquilo. O sujeito grande como um pé de feijão saberia. Provavelmente era advogado. Tony sabia tudo sobre advogados.

Ele saiu do quarto. A casa estava tão silenciosa e parada quanto uma igreja. Abriu a porta da frente e saiu no calor da tarde, seguindo a trilha pavimentada que levava à piscina.

Uma mulher caminhava em sua direção, vindo do lado oposto. Usava um maiô preto esportivo e uma canga em torno da cintura. Era a mulher de cabelo grosso e trançado feito uma crina de cavalo e de óculos gatinho de cor viva. Tony já sabia qual era a dela: uma feminista intelectual de esquerda. Dispensaria Tony após cinco minutos de conversa. Ainda assim, ele preferia ser ignorado pela feminista do que interagir com a Louca.

O caminho era estreito demais para que eles passassem lado a lado, então Tony se afastou, esperando não ofender os princípios feministas dela, como na vez que

segurara a porta aberta para uma mulher e ela resmungara: "Posso abrir sozinha, obrigada." Ele pensara em deixar a porta bater na cara dela, mas não fizera isso, é claro, apenas sorrira feito um idiota, porque nem todo homem era capaz de cometer violência contra mulheres, mesmo que tivessem eventuais pensamentos violentos.

Aquela mulher não fez contato visual, só ergueu a mão como se a tirasse do volante do carro para agradecer a ele por tê-la deixado entrar em sua pista. Só depois que ela passou Tony se deu conta de que a mulher chorava em silêncio. Ele suspirou. Não suportava ver uma mulher chorando.

Observou-a se afastar — belo corpo, por sinal —, então seguiu em direção à piscina, segurando o calção para que não caísse.

Ele abriu o portão.

Puta merda.

A Louca estava na piscina, mergulhando e emergindo feito uma rolha.

DEZENOVE

Frances

Pelo amor de Deus, pensou Frances. O assassino em série.

O mecanismo do portão da piscina a deixara confusa por cerca de cinco minutos, mas, naturalmente, ele não tivera problema algum. Ergueu a pequena protuberância preta com a mão carnuda e chutou o portão com toda a força, com a ponta do pé.

Frances já tivera que suportar a Afobada dos Óculos indo para lá e para cá na piscina e fazendo ondas feito uma lancha. Agora *ele*.

O assassino em série largou a toalha em cima de uma espreguiçadeira (deveriam usar as toalhas listradas azuis e brancas da recepção, mas pelo visto as regras não se aplicavam a ele), foi direto até a borda da piscina e, sem nem ao menos se dar o trabalho de enfiar o dedo do pé na água antes para verificar a temperatura, mergulhou de uma vez. Frances deu algumas braçadas lentas na direção oposta.

Ela estava presa na piscina porque não queria sair antes dele. Pensou que fosse velha demais para se preocupar com o fato de seu corpo estar sendo observado e julgado em trajes de banho, mas pelo visto essa neurose começava aos doze anos e *nunca acabava*.

O problema era que ela queria demonstrar força em todas as futuras interações com aquele sujeito, e seu corpo flácido e branco, sobretudo se comparado ao exemplo amazônico de Masha, maldita Masha, não comunicava nada a não ser cinquenta e dois anos de vida boa e uma queda por trufas de chocolate Lindt. O assassino em série, sem dúvida, era o tipo de homem que categorizava todas as mulheres com uma pontuação baseada em: "Eu treparia com ela?"

Frances se lembrou do seu primeiro namorado de mais de trinta anos atrás. Ele lhe dissera que preferia peitos menores que os dela enquanto passava as mãos nos peitos *dela*, como se ela fosse achar aquilo interessante, como se *o corpo das mulheres fosse um prato no cardápio, e os homens, os clientes do restaurante*.

Sua resposta ao primeiro namorado fora: "Desculpe."

E a do namorado: "Tudo bem."

Não podia culpar sua criação por aquele comportamento patético. Quando Frances tinha oito anos, um homem deu um tapa na bunda da sua mãe quando ela passou em uma rua do subúrbio. "Bela bunda", dissera ele em tom amigável. Frances se lembrava de ter pensado: *Ah, que gentil*. Então observara chocada sua mãe de um metro e meio correr até a esquina atrás do sujeito e bater na nuca dele com a bolsa pesada, cheia de livros de capa dura da biblioteca.

Certo. Já chega. Ela ia sair da piscina no seu ritmo. Não ia se apressar para pegar a toalha e cobrir o corpo.

Espere.

Ela *não queria* sair da piscina! Chegara ali primeiro. Por que deveria sair só porque ele estava ali? Ia curtir sua natação e *depois* sairia.

Frances mergulhou e nadou pelo fundo de seixos da piscina, apreciando a luz turva e saboreando a dor nas pernas causada pela caminhada da manhã. Sim, aquilo era muito prazeroso e relaxante, e ela estava bem. Suas costas estavam muito melhores — depois da segunda massagem com Jan —, e ela certamente já estava um pouco transformada. Até que, do nada, as palavras da crítica deslizaram feito uma cobra em sua mente: *Lixo misógino de aeroporto que deixa um gosto ruim na boca*.

Frances pensou em Zoe dizendo que ia ler *O beijo de Nathaniel* só por educação. A última coisa que aquela pobre criança linda precisava era de um lixo misógino. Será que Frances tinha passado os últimos trinta anos escrevendo um lixo misógino sem querer? Ela rompeu a superfície com uma arfada vergonhosa que soou como um soluço.

O assassino em série estava de pé do outro lado da piscina, com a respiração difícil, as costas apoiadas nos azulejos, os braços descansando na borda. Ele a olhou com uma expressão que parecia ser de… *medo*.

Pelo amor de Deus, pensou ela. *Posso não ter vinte anos, mas meu corpo é tão feio a ponto de assustar você?*

— Hum… — disse ele em voz alta.

Fez uma careta. Ele de fato fez uma *careta*. Achava-a repugnante àquele ponto.

— O quê? — indagou Frances. Encaixou os ombros e pensou na mãe balançando a bolsa feito uma lançadora de disco. — Não podemos falar.

— Hum… Você está…

Ele tocou o próprio nariz.

Ele queria dizer que ela estava fedendo?

Ela não fedia!

Frances levou os dedos ao nariz.

— Ah! — Seu nariz estava sangrando. Nunca tinha passado por aquilo. A crítica *fizera seu nariz sangrar*. — Obrigada — disse com frieza.

Nas duas vezes que interagira com aquele sujeito, Frances estivera em uma desvantagem terrível e constrangedora.

Ela jogou a cabeça para trás e avançou em direção aos degraus.

— Cabeça para a frente — disse o assassino em série.

— Tenho que ficar com a cabeça para trás — retorquiu Frances, irritada.

Ela subiu os degraus cambaleando, tentando impedir com uma das mãos que o maiô subisse enquanto com a outra tentava interromper o fluxo de sangue. Grandes coágulos de sangue escorriam do nariz para sua mão em concha. Era nojento. Inacreditável. Parecia que tinha levado um *tiro*. Ela não lidava bem com sangue. Não lidava bem com nada que fosse minimamente relacionado à medicina. Era um dos motivos pelos quais nunca quisera ter filhos. Olhou para o céu azul e sentiu uma onda de enjoo.

— Acho que vou desmaiar — disse ela.

— Não vai, não — afirmou ele.

— Tenho pressão baixa — continuou ela. — Desmaio muito. Poderia *muito bem* desmaiar.

— Estou aqui — falou ele.

Frances segurou o braço do sujeito enquanto ele a ajudava a sair da piscina. Não foi exatamente bruto, mas havia no seu toque um distanciamento e um esforço concentrado, como se ele tentasse passar um móvel pesado por uma porta estreita. Uma geladeira, talvez. Era deprimente ser tratada como uma geladeira.

O sangue continuava jorrando do seu nariz. Ele a guiou até a espreguiçadeira, colocou-a sentada, pôs uma toalha em seus ombros e outra debaixo do nariz.

— Belisque com força a ponte do nariz — disse ele. — Assim. — Ele beliscou o nariz de Frances e levou a mão dela ao mesmo ponto. — Isso. Você vai ficar bem. Vai parar.

— Tenho certeza de que o certo é inclinar a cabeça para *trás* — protestou Frances.

— É para a frente — afirmou ele. — Senão o sangue vai para a garganta. Não estou errado.

Ela desistiu. Talvez ele tivesse razão. Era uma daquelas pessoas peremptórias. Pessoas peremptórias muitas vezes são irritantes porque têm razão.

O enjoo e a tontura começaram a diminuir. Ela continuou beliscando o nariz e arriscou olhar para cima. Ele estava de pé diante dela, de forma que os olhos de Frances estavam na altura do umbigo do sujeito.

— Você está bem? — perguntou ele, tossindo feito um homem encatarrado com peste bubônica.

— Sim, obrigada — falou ela. — Meu nome é Frances.

Ela manteve a mão no nariz e estendeu a outra. Ele a apertou. A mão de Frances desapareceu dentro da dele.

— Tony.

— Muito obrigada pela ajuda. — Ele devia ser um sujeito legal, por mais que a tivesse tratado como uma geladeira. — E, sabe… por ter parado na estrada quando eu estava…

Ele pareceu sofrer com a lembrança.

— Meu nariz nunca tinha sangrado — contou ela. — Não sei o que causou isso, mas talvez seja porque estou com um resfriado sério. Na verdade, *você* parece estar com um…

— Acho que vou indo — interrompeu Tony, impaciente e agressivo, como se ela fosse uma velhinha que o tivesse abordado no ponto de ônibus e não o deixasse falar.

— Tem coisas para fazer, pessoas para encontrar? — perguntou Frances, profundamente ofendida.

Ela acabara de passar por uma *emergência médica*.

Tony a encarou. Os olhos dele eram castanho-claros, quase dourados. Lembravam um animalzinho nativo em risco de extinção. Um marsupial, por exemplo.

— Não — disse ele. — Só achei que deveria… me arrumar para o jantar.

Frances grunhiu. Tinham tempo de sobra até o jantar.

Houve um momento incômodo de silêncio. Tony não tinha ido embora.

Ele pigarreou.

— Não sei se vou sobreviver a esta… experiência. — Ele tocou a própria barriga. — Não é bem a minha praia. Eu não esperava tantas coisas de hippie.

Frances abrandou, sorrindo.

— Você vai ficar bem. São só dez dias. Faltam nove agora.

— É — disse Tony. Ele suspirou e estreitou os olhos na direção do horizonte azul turvo. — É mesmo lindo aqui.

— É — concordou Frances. — Tranquilo.

— Então você está bem? Continue beliscando o nariz até parar.

— Ok — disse ela.

Ela baixou os olhos para observar os pingos vermelhos na toalha e encontrou uma parte mais limpa para tapar o nariz.

Quando ergueu a cabeça novamente, Tony já estava perto do portão da piscina.

Assim que ele ergueu o braço para abri-lo, seu calção escorregou até os joelhos, deixando todo o bumbum à mostra.

— Merda! — exclamou ele, com veemência.

Frances olhou fixamente. Mas que coisa! O sujeito tinha *carinhas amarelas e sorridentes* tatuadas em ambas as nádegas. Que extraordinário. Foi como descobrir que ele vestia uma fantasia de palhaço por baixo da roupa.

Ela baixou a cabeça. Um segundo depois, ouviu o portão da piscina se fechar com um baque. Ergueu os olhos e ele se fora.

Tatuagens de carinhas sorridentes. Quão bêbado ele devia estar para fazer aquilo? A visão que tinha dele mudou totalmente. Já não era mais o homem arrogante e sarcástico. Era *Tony*. Tony com as tatuagens de carinhas sorridentes na bunda.

Tony, o assassino em série com tatuagens de carinhas sorridentes na bunda?

Ela deu um risinho, fungou e sentiu bastante gosto de sangue na boca.

VINTE

Masha

Outro e-mail dele. Em poucos dias. Masha olhou fixamente para o nome do ex-marido na tela do computador. O assunto daquele e-mail era: POZHALUYSTA PROCHTI MASHA.

Por favor, leia, Masha.

Era como se ele falasse diretamente com ela. Havia um anexo. Ela ouviu sua boca emitir um ruído, um guincho tolo, patético, feito alguém subindo em um brinquedo infantil.

Ela se lembrou do peso e do calor do braço dele sobre seus ombros enquanto ficavam sentados em um sofá horroroso fabricado na União Soviética, em um apartamento idêntico ao deles, só que com algo extraordinário: um videocassete.

Se não fosse por aquele videocassete maravilhoso e terrível, onde ela estaria agora? *Quem* seria? Não estaria ali. Não seria aquela pessoa. Talvez os dois ainda estivessem juntos.

Ela deletou o e-mail, depois clicou na pasta de itens deletados e o apagou de lá também.

Aquele era um momento crucial da sua carreira. Manter o foco era essencial. As pessoas dependiam dela: seus hóspedes, sua equipe. Ela não tinha tempo para… Como era a expressão que Delilah usava? Águas passadas. Ela não tinha tempo para águas passadas.

No entanto, seu estômago continuava revolto feito o mar. Ela precisava praticar distanciamento. Primeiro, tinha que identificar a emoção que sentia, observá-la, rotulá-la, deixá-la passar. Buscou uma palavra que pudesse descrever a sensação e só encontrou em sua língua natal: *toska*. Não havia palavra adequada em inglês para descrever o tipo de anseio angustiado que ela sentia por algo que não podia ter nem sequer queria. Talvez porque os anglófonos não sentissem aquilo.

O que estava havendo? Aquilo não era do seu feitio! Ela se levantou, foi até o tapete de exercício no chão do escritório e fez flexões até ficar com a testa suada.

Voltou à escrivaninha, a respiração arfante, e abriu o programa de segurança para verificar a localização e as atividades de cada hóspede, com a mente focada mais uma vez. Tinha instalado câmeras de vigilância em toda a propriedade, por motivos de segurança, e naquele instante podia ver a maior parte dos hóspedes.

O jovem casal caminhava pela trilha que levava às fontes termais. Jessica ia à frente, a cabeça baixa; Ben, alguns passos atrás, observava o horizonte.

Pelo visto, a família Marconi tinha se separado. Napoleon havia ido ao roseiral. Estava ajoelhado, cheirando uma rosa. Masha sorriu. Ele estava mesmo parando para cheirar as flores, apreciando as coisas simples.

Enquanto isso, sua esposa corria. Heather estava quase no topo da Tranquillity Hill. Masha a observou por um instante, impressionada com sua velocidade no trecho íngreme. Não era tão rápida quanto a própria Masha, mas era rápida.

Onde estava a filha? Masha clicou nas imagens granuladas em preto e branco e a encontrou na sala de ginástica, fazendo musculação.

Tony Hogburn deixava a área da piscina, onde Frances Welty estava sentada em uma espreguiçadeira, secando o rosto com uma toalha.

Lars Lee estava deitado em uma rede na pérgola com uma bebida que obviamente persuadira os funcionários da cozinha a lhe dar. Devia ter usado a linguagem de sinais e sua beleza. Masha conhecia o tipo.

Ninguém mais? Ela clicou nas imagens dos corredores do andar de cima e encontrou uma mulher de canga, apressada. Carmel Schneider. A outra solteira.

Carmel tirou os óculos e esfregou o rosto. Estava chorando?

— Respire fundo — murmurou Masha ao ver que Carmel, tendo dificuldades com a chave do quarto, socava a porta, frustrada.

Por fim, ela abriu a porta e quase caiu lá dentro. Se ao menos Masha conseguisse ver o que ela fazia no quarto… Mas as pessoas eram tão pudicas. Yao e Delilah haviam ficado nervosos por causa das questões legais. Masha não tinha qualquer interesse em ver o corpo nu dos hóspedes! Queria simplesmente adquirir *conhecimento* para fazer seu trabalho da melhor forma possível.

Teria que contar apenas com o áudio. Girou o botão na tela e digitou o número do quarto de Carmel.

Uma voz feminina e embargada surgiu, em alto e bom som, no monitor de Masha:

— Controle-se. Controle-se. Controle-se.

VINTE E UM

Carmel

Carmel ficou parada no quarto, então deu um tapa no próprio rosto. Uma vez. Duas vezes. Na terceira, o tapa foi tão forte que seus óculos caíram.

Ela os catou, foi até o banheiro e olhou a bochecha corada no espelho.

Por um instante, quando estava na piscina, nadando, a endorfina percorrendo seu corpo após a caminhada fantástica, ela se sentira bem, mais do que bem: exultante. Fazia anos que não tinha tempo para nadar.

Enquanto nadava, ela se deliciava com o fato de que não tinha outro lugar aonde ir, nada a fazer, ninguém com quem se preocupar. Ninguém para buscar na aula de jazz ou de caratê, nenhum dever de casa para supervisionar, nenhum presente de aniversário para comprar, nenhuma consulta médica para marcar; o turbilhão de detalhes ínfimos que compunham sua vida. Cada obrigação por si só parecia ser de uma facilidade risível. O volume delas é que ameaçava soterrá-la.

Ali, Carmel não precisava sequer lavar as próprias roupas. Ela só precisava deixar as roupas sujas do lado de fora da porta do quarto em um cestinho de pano e as devolveriam, lavadas e passadas, em vinte e quatro horas. Ela literalmente chorara de felicidade ao ler aquilo.

Estabelecera para si o objetivo de dar cinquenta voltas a nado livre na piscina, acelerando a cada vez. Ia ficar tão, tão em forma ali! Já quase sentia o excesso de peso deixando seu corpo. Tudo de que precisava era *tempo* para se exercitar e uma despensa livre de doces. Enquanto nadava, ela cantava mentalmente, no ritmo das braçadas: *Estou tão feliz, estou tão feliz, estou tão feliz*, respire, *estou tão feliz, estou tão feliz, estou tão feliz*, respire.

Mas então aquela vozinha surgira sob a cantoria exultante, apenas um sussurro discreto: *O que será que elas estão fazendo agora?*

Ela tentara ignorar, cantando mais alto: *Estou tão FELIZ, estou tão FELIZ.*

A voz ficara mais alta, até virar um grito: *Não, mas é sério, o que acha que elas estão fazendo AGORA?*

Até que sentiu a sanidade vacilar. O pânico a fez pensar em um dos seus sonhos recorrentes, em que perdia as quatro filhas de uma forma absurdamente negligente, como deixando-as na beira da estrada ou esquecendo que existiam e saindo para dançar.

Ela tentara se acalmar com pensamentos racionais. Suas filhas não estavam perdidas na beira da estrada; estavam com o pai e Sonia, a nova namorada perfeitamente gentil, futura esposa dele. Pelo itinerário, Carmel sabia que hoje estavam em Paris, hospedados em um Airbnb "maravilhoso". Sonia, que "simplesmente adorava viajar", já havia ficado lá. Estaria frio, é claro, inverno no hemisfério norte, mas as crianças tinham casacos novos. Estavam fazendo uma viagem única, vivendo uma experiência educacional incrível, enquanto a mãe delas tirava férias maravilhosas para "recarregar a bateria".

O pai as amava. A namorada do pai as amava. "Sonia disse que ama a gente mais do que a própria vida", disse Rosie a Carmel depois do *terceiro* encontro com a mulher, e Carmel respondeu, mas não em voz alta: "Bem, *essa daí* parece doida de pedra!" Em voz alta, disse apenas: "Que legal!"

Tinha sido um divórcio amigável. Amigável por parte de Joel, de qualquer forma. Por parte de Carmel, pareceu uma morte que ninguém reconheceu. Ele simplesmente deixou de amá-la, só isso. Para ele deve ter sido muito difícil morar com uma mulher que não amava mais. Ele realmente sofrera muito, coitado, mas tinha que ser verdadeiro consigo mesmo.

Acontece. Acontece o tempo todo. É essencial que a esposa descartada mantenha a dignidade. Não deve se lamentar ou chorar, a não ser no banho, quando as crianças estão na escola e na creche e ela está sozinha no subúrbio com todas as outras esposas que se lamentam e choram. A esposa descartada não deve ser desagradável ou antipática a respeito da esposa nova e melhorada. Deve engolir o fato sem fazer careta. Também é melhor para todos os envolvidos que ela seja magra.

Carmel tocara uma extremidade da piscina e se virara para mais uma volta quando reparou que alguém se juntara a ela. A mulher de cabelo louro-escuro e aparência amigável. Carmel quase a cumprimentou, mas se lembrou do silêncio e a ignorou.

Continuou nadando e se deu conta de que o cabelo da mulher tinha uma cor parecida com o de Sonia. Sem dúvida, as duas pagavam generosamente por aquilo.

Uma das filhas de Carmel, Lulu, tinha cabelo claro. Lulu não se parecia em nada com Carmel, e aquilo nunca tivera importância até o dia em que a menina lhe dissera que, quando Sonia e o pai a levaram para jantar, uma senhora se aproximara da mesa deles e comentara: "Você tem o cabelo lindo que nem o da mamãe, não é?"

Carmel dissera, com a voz aguda e embargada: "Hum, que engraçado. Você disse para ela que Sonia não é sua mamãe?"

Lulu falou que papai tinha dito que não era necessário esclarecer sempre que Sonia não era sua mãe de verdade, e Carmel dissera "Claro que é necessário, querida; você deve esclarecer isso *toda vez* e bem alto", mas só para si. Em voz alta, respondera: "Está na hora de escovar os dentes, Lulu."

Lembrando-se daquilo, ela acelerara, os braços e pernas cortando a água, cada vez mais forte, mais rápido, porém não podia manter o ritmo, não tinha preparo físico o suficiente, estava muito fora de forma e gorda, e preguiçosa, e *nojenta*. Pensou nas suas quatro meninas, do outro lado do mundo, em Paris, aonde ela mesma nunca fora, com Sonia penteando o cabelo delas, que provavelmente ficavam paradinhas para a madrasta. De repente, Carmel engoliu muita água.

Pulou para fora da piscina sem encarar a mulher loura simpática, como ditavam as regras, felizmente, porque Carmel estava chorando feito uma idiota, e chorou durante todo o caminho até o quarto. O sujeito grandalhão com quem ela cruzara na trilha não tinha como não ter percebido.

— Controle-se — disse então para seu reflexo no espelho.

Passou os braços em torno do corpo.

Sentia falta das filhas. Aquilo a atingiu como uma febre repentina. Ansiava pelo conforto dos seus quatro corpinhos lindos de menina e do uso descuidado e possessivo que faziam do corpo *dela*: a forma como se jogavam em seu colo, como se ela fosse uma cadeira, o jeito como aninhavam a cabecinha morna em sua barriga, em seus seios. Ela estava sempre gritando para alguém: "Me *largue*!" Quando estava com as filhas, Carmel era necessária… Essencial, na verdade: tudo dependia dela. Sempre tinha alguém dizendo "Cadê a mamãe?", "Vou contar para a mamãe o que você acabou de dizer", "Mããããe".

Mas ali estava livre de obrigações, tão solta e sem amarras quanto um balão.

Ela desfez o laço do traje de banho e o deixou cair, formando um montinho no chão do banheiro, enquanto examinava seu corpo nu no espelho.

"Eu sinto muito mesmo. Ainda tenho muito carinho por você, mas sempre valorizamos a honestidade na nossa relação, não é?", dissera-lhe Joel um ano antes, enquanto servia uma taça de vinho para ela. "Sofro ao dizer isso, mas a questão é que não me sinto mais atraído por você."

Ele realmente achara que estava sendo gentil e ético. Acreditava ser o tipo de homem que faz a coisa certa. Nunca a trairia. Mas a largara, em seguida entrara em um site de relacionamentos e a substituíra. Sua consciência estava leve. Ele sempre gostara

de cuidar bem dos seus pertences, e, se não pudessem ser consertados, ficar "como novos", então os substituía.

Carmel ergueu os seios com ambas as mãos até onde costumavam ficar quando eram "como novos". Observou as estrias em sua barriga molenga e lembrou de um post cafona que lera havia pouco tempo no Facebook, sobre como estrias eram lindas por causa do que representavam, gerar vida, blá blá blá. Talvez estrias pudessem ser consideradas lindas se o pai dos bebês ainda amasse seu corpo.

Quando Joel perguntara se ele e Sonia podiam, por favor, viajar com as meninas para a Europa durante as férias escolares de fim de ano — Disneylândia em Paris! Esqui na Áustria! Patinação no gelo em Roma! —, Carmel dissera "Está de brincadeira? A viagem que nós sempre falamos em fazer? E sem mim?", mas só para si. Em voz alta, respondera: "Que divertido!" Então providenciara todos os passaportes.

Dissera à irmã que ia passar o tempo em que as filhas estivessem fora fazendo uma dieta "paleo", exercício cardiovascular, ioga e musculação. O plano era transformar o corpo.

Não queria Joel de volta. Só queria que ele ficasse boquiaberto quando a visse. Não seria necessário ficar *estupefato*, mas até que seria bom. Apenas queria que seu corpo ficasse o mais bonito possível fisicamente, e então, talvez, quem sabe, provavelmente não, mas quem sabe, ela própria entrasse em um daqueles sites de relacionamento que as pessoas usavam para substituir o cônjuge.

"Não há nada de errado com seu corpo. Você é *normal*, sua louca! É uma mulher atraente e esperta, sua idiota! Deveria passar o mês de janeiro deitada em uma rede comendo queijo", dissera a irmã de Carmel, Vanessa, que andava furiosa com Joel e o patriarcado gordofóbico.

Carmel largou os seios e levou uma das mãos à curva da barriga. Normal não era bom o bastante. Normal era grande demais. Todo mundo sabia disso. Havia uma epidemia de obesidade no país! Ela não queria humilhar outras pessoas por suas gorduras, mas certamente queria humilhar a si mesma, porque merecia. Costumava vestir dois tamanhos a menos, e o motivo de estar usando dois tamanhos a mais não era suas quatro filhas, era porque ela "não se cuidava". As mulheres tinham que "se cuidar". Era isso que os homens diziam nos sites de relacionamento: *Gosto de mulheres que se cuidam.* Queriam dizer: *Gosto de mulheres magras.*

E não era como se as informações sobre *como* se cuidar não estivessem disponíveis! Todo mundo sabia que bastava eliminar carboidratos, açúcar e gorduras trans da dieta! As celebridades generosamente revelavam seus segredos. Comiam um "punhado de nozes" na hora do lanche ou "dois quadradinhos de chocolate amargo rico em

antioxidantes"! Bebiam muita água, ficavam longe do sol e subiam os andares de escada! Não era uma ciência complexa! Mas Carmel por acaso subia de escada? Não, claro que não.

É verdade que muitas vezes estava com as crianças, e, se elas subissem muitos degraus, uma delas poderia disparar na frente enquanto outra se sentava, avisando que suas pernas tinham parado de funcionar, mas, ainda assim, Carmel poderia incluir um pouco de "exercício casual" no seu estilo de vida. Mas não o fizera. Negligenciara seu corpo, não cortara o cabelo por meses a fio, não fizera as sobrancelhas, esquecera-se de raspar as pernas. Não surpreendia que seu marido a tivesse deixado, porque, como ela tentava ensinar às filhas, *ações têm consequências*.

Ela pensou nas linhas compridas e definidas do corpo de Masha.

Imaginou *Masha* levando a mesma vida que a dela, de pé na porta da frente quando Joel e Sonia deixavam as meninas em casa. Joel não teria largado Masha, para começo de conversa, mas, se o tivesse feito, o coração dela não bateria com dor e humilhação ao ver o ex-marido e a nova namorada. Masha não curvaria o corpo atrás da porta em um ângulo estranho como se quisesse escondê-lo de Joel. Ficaria ereta e orgulhosa. Não encolheria o corpo para proteger seu coração ferido, em carne viva.

Sua irmã dizia que a tal "falta de atração" de Joel era problema dele, não dela. A irmã de Carmel dizia que ela deveria aprender a se amar e enviava artigos sobre "comer intuitivamente" e "saúde em qualquer tamanho" por mensagem de texto. Carmel sabia que aqueles artigos eram escritos por pessoas gordas para fazer as pessoas gordas se sentirem melhor sobre sua vida gorda e triste.

Se ela conseguisse transformar seu corpo, poderia transformar sua vida, e superaria o casamento fracassado. Aquilo não era ilusão. Era um fato.

Sua irmã, muito rica e também muito generosa — uma excelente combinação —, deu de aniversário para Carmel um cartão: *Carmel, eu não acho que você precise perder peso. Você é linda, e Joel é um idiota superficial, e você deveria ESTAR POUCO SE FODENDO para o que ele pensa. Mas, se está decidida a entrar em uma onda de saúde, quero que faça isso com estilo e conforto. Reservei para você os dez dias de purificação da Tranquillum House enquanto as crianças estão viajando. Aproveite! Bjo, Ness. P.S.: Depois volte para casa e coma queijo.*

Carmel não ficava tão feliz com um presente desde que era criança.

Pensou então na frase de Masha: "Daqui a dez dias, vocês não vão ser mais as pessoas que são agora." As palavras "por favor" preencheram sua mente. *Por favor, por favor, por favor, faça com que isso seja verdade, por favor, por favor, por favor, permita que eu me torne outra pessoa*. Ela olhou para o seu rosto estúpido, apalermado e suplicante no

espelho. Sua pele estava áspera e vermelha feito as mãos de uma velha lavadeira. Pequenas linhas formavam uma cerca cuidadosamente esculpida no lábio superior, que era tão fino que desaparecia quando ela sorria. A única parte magra do seu corpo era o lábio superior. Lábios deviam ser como botões de rosa, carnudos, não linhazinhas finas e sem graça.

Ah, Carmel, é claro que ele parou de sentir atração por você! O que estava pensando? Como ele poderia se sentir atraído por uma pessoa com sua aparência física? Ela ergueu a mão para estapear o próprio rosto mais uma vez.

Houve uma leve batida à porta. Carmel levou um susto. Vestiu o roupão da Tranquillum House e foi abrir.

Era Yao. Estava cabisbaixo. Não a encarou nem disse coisa alguma. Estendeu um cartãozinho para ela.

Carmel o pegou e Yao se afastou imediatamente. Ela fechou a porta.

Era um quadrado de papelão espesso bege, feito um convite de casamento. As palavras haviam sido escritas à mão com uma tinta preta densa e impositiva.

Cara Carmel,

Embora você esteja no seu tempo livre, pedimos que se dirija imediatamente ao spa para o Tratamento Facial Definitivo de Relaxamento e Rejuvenescimento da Tranquillum House. É um procedimento de noventa minutos, que vai terminar pouco antes do jantar. Sua massagista está aguardando.

Atenciosamente,

Masha

P.S.: Yao foi escolhido como seu consultor de bem-estar, mas, por favor, saiba que também vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para lhe dar a saúde, a cura e a felicidade de que você necessita e que tanto merece.

Foi naquele instante que Carmel Schneider se entregou para Masha com o mesmo abandono voluptuoso com que as noviças antigamente se entregavam a Deus.

VINTE E DOIS

Yao

Eram nove da noite. Os hóspedes haviam sido alimentados e estavam seguros nos quartos, dormindo profundamente, ou assim ele esperava. Yao, Masha e Delilah estavam sentados a uma mesa circular no canto do escritório de Masha, com bloquinhos à sua frente. Era a reunião diária deles, durante a qual Yao e Delilah deveriam dar as últimas notícias.

Masha tamborilou na mesa. Sempre havia uma diferença clara em seu comportamento durante aquelas reuniões. Era possível notar sua antiga identidade corporativa na linguagem que escolhia, na clareza da sua fala e na rigidez da sua postura. Delilah achava engraçado, mas Yao, que nunca havia trabalhado naquele universo, achava charmoso.

— Certo. Próximo item na agenda. O silêncio. Alguém o quebrou hoje? — perguntou Masha.

Ela parecia irritada. Devia estar nervosa por causa do novo protocolo. O próprio Yao estava nervoso.

— Lars — disse Delilah. — Estava tentando se livrar dos exames de sangue diários. Eu disse a ele para parar de agir como uma criança.

Yao nunca diria aquilo a um hóspede. Delilah simplesmente falava o que pensava, enquanto Yao, às vezes, tinha a impressão de ser um pouco… impostor. Feito um ator. Por exemplo, ele podia estar ajudando um hóspede mal-educado a fazer uma prancha e encorajando-o com palavras gentis e pacientes — "Você consegue!" —, enquanto pensava: *Você nem está tentando, seu merda grosseiro e preguiçoso.*

— Frances escreveu um bilhete para mim — contou Yao. — Perguntou se podia, por favor, não fazer o exame de sangue porque seu nariz tinha sangrado. Eu disse a ela que era mais uma razão para fazer o exame.

Masha resmungou.

— Ninguém gosta de exames de sangue — afirmou. — Eu não gosto! Odeio agulhas. — Ela estremeceu. — Quando a gente estava tentando vir para cá, tantos

anos atrás, tivemos que fazer *muitos* exames de sangue: de Aids, de sífilis. O governo de vocês queria nossos cérebros, mas nossos corpos também tinham que estar perfeitos. Verificaram até nossos dentes. — Ela bateu nos próprios dentes brancos com o dedo. — Lembro que uma amiga minha disse: "Parece que estão escolhendo um cavalo!" — Seu lábio se contorceu com a lembrança, como se aquilo ferisse seu orgulho. — Mas a gente faz o que tem que fazer — completou ela, sem olhar para nenhum dos dois.

Era como se falasse com outra pessoa, que não estava ali.

Yao observou a clavícula de Masha sob as alças da sua blusa branca simples e sem mangas. Ele nunca considerara as clavículas uma parte especialmente sensual do corpo de uma mulher, até conhecer Masha.

"Você está apaixonado por essa mulher ou alguma coisa assim?", perguntara sua mãe ao telefone na semana anterior. "É por isso que trabalha para ela feito um cachorro?"

"Ela tem quase sua idade, mãe", argumentara Yao. "E eu não trabalho para ela feito um cachorro."

"Mais como um filhote de cachorro", dissera Delilah quando eles estavam na cama. "Você tem uma quedinha por ela."

Delilah era linda e muito habilidosa sexualmente. Yao gostava muito dela, mas as transas deles sempre pareciam meio como uma negociação, por mais que não envolvesse dinheiro.

"Sou grato a ela", falara Yao com as mãos atrás da cabeça, olhando para o teto, refletindo sobre aquilo. "Salvou minha vida."

"Ela não salvou sua vida. *Você* salvou a vida *dela*."

"Meu supervisor salvou a vida dela", corrigira Yao. "Eu não sabia o que estava fazendo."

"E agora aaaaaaaama ela", insistira Delilah, colocando o sutiã.

"Como uma irmã", dissera Yao.

"Aham, sei."

"Como uma prima."

Delilah bufou.

Ele realmente tinha um grande carinho por Masha. Era tão estranho assim? Amar a chefe? Certamente não era tão estranho quando você morava e trabalhava com ela, e quando ela tinha a aparência de Masha. Ela era interessante e estimulante. Ele achava seu sotaque exótico tão atraente quanto seu corpo. Podia admitir que tinha uma quedinha considerável por ela. Talvez a atração que sentisse fosse estranha e revelasse

algum defeito da sua personalidade ou uma consequência disfuncional da sua infância, embora tivesse tido uma infância comum e feliz de menino tímido e sério que podia ser um pouco intenso demais com as coisas, mas que, de modo geral, não se destacava. Seus pais eram pessoas humildes, de fala mansa. Os pais de Yao preferiam manter as expectativas baixas para evitar decepções. Seu pai *dissera* isso em voz alta uma vez, sem ironia: "Espere o fracasso, Yao, assim nunca vai se decepcionar." Por isso achava o egotismo de Masha tão revigorante. Ela era impressionante. Nunca havia praticado autodepreciação e não compreendia isso nos outros.

E Masha *salvara* sua vida.

Depois do ataque cardíaco, escrevera cartas de agradecimento para Finn e Yao, falando sobre como sua "experiência de quase morte" a mudara para sempre. Ela dizia que, enquanto flutuava acima deles, vira a marquinha de nascença no couro cabeludo de Yao. Masha a descrevera perfeitamente: em forma de morango.

Finn nunca respondeu à carta de Masha.

"É uma doida. Não precisava flutuar acima das nossas cabeças para ver sua marca de nascença. Deve ter visto quando estava sentada diante da escrivaninha, antes de desmaiar."

Mas Yao ficou intrigado com a experiência de quase-morte de Masha. Enviou um e-mail para ela e, ao longo dos anos, os dois mantiveram contato esporádico. Ela contou a ele que, depois de se recuperar da cirurgia cardíaca, abrira mão da carreira corporativa "extremamente bem-sucedida" (suas palavras) e vendera suas ações na empresa para comprar um famoso casarão histórico no campo. Ia construir uma piscina e reformar a casa. Seu plano inicial fora abrir uma pousada exclusiva, mas, à medida que seu interesse por saúde e bem-estar aumentava, mudou de ideia.

Ela escreveu: *Yao, transformei meu corpo, minha mente, minha alma, e quero fazer o mesmo por outras pessoas.*

Havia um elemento grandioso em seus e-mails que ele achava divertido e meigo, mas ela não era particularmente importante para Yao. Apenas uma antiga paciente cheia de gratidão e com um jeito de falar engraçado.

Então, logo após seu aniversário de vinte e cinco anos, tudo desabou feito dominós: pã-pã-pã. Primeiro, seus pais anunciaram que estavam se divorciando. Venderam a casa da família e se mudaram para apartamentos separados. Foi confuso e estressante. Então, no meio de todo aquele drama, sua noiva, Bernadette, terminou com ele. Do nada. Ele achava que estavam totalmente apaixonados. A cerimônia, a festa e a lua de mel já tinham sido reservadas. Como era possível? As estruturas da sua vida pareciam ruir sob seus pés. Um término não era uma *tragédia*, mas, ainda assim,

para sua completa vergonha, parecia cataclísmico.

Seu carro foi roubado.

Ele começou a sofrer de dermatite causada por estresse.

Finn se mudou para outro estado, e o serviço de ambulância transferiu Yao para uma região onde ele não conhecia ninguém, onde as chamadas envolviam, em geral, violência e drogas. Certa noite, um homem apontou uma faca para seu pescoço e falou:

— Se você não salvar ela, corto seu pescoço.

A mulher já estava morta. Quando a polícia chegou, o sujeito se jogou em cima deles com a faca e levou um tiro. Yao acabara salvando a vida *dele*.

Voltou a trabalhar. Então, dois dias depois, acordou poucos minutos antes do despertador, como sempre, mas, no instante em que o alarme tocou, algo catastrófico aconteceu com seu cérebro. Ele o sentiu implodir. Parecia algo físico. Achou que fosse um sangramento no cérebro. Foi parar em um hospital psiquiátrico.

— Parece que você tem estado sob muita pressão — falou um médico com olheiras escuras.

— Ninguém morreu — disse Yao.

— Mas parece que sim, não é?

Era exatamente aquilo que parecia: uma morte atrás da outra. Finn se fora. A noiva se fora. A família se fora. A casa de sua família se fora. Até seu *carro* se fora.

— A gente costumava chamar isso de colapso nervoso — explicou o médico. — Hoje em dia chamamos de depressão profunda. — Ele passou o contato de um psiquiatra e receitou antidepressivos. — Uma crise dessas, quando controlada, pode acabar se tornando uma coisa boa — disse ele a Yao. — Tente ver como uma oportunidade. Uma oportunidade para crescer e aprender sobre si mesmo.

No dia seguinte em que voltou do hospital para casa, recebeu um e-mail de Masha no qual ela dizia que, se ele por acaso precisasse fugir da "corrida desenfreada", seria muito bem-vindo para experimentar seus quartos de hóspedes novos.

Pareceu um sinal.

O momento é oportuno, não estou bem, escreveu ele. *Talvez eu passe alguns dias aí para descansar*.

Yao não reconhecera Masha ao chegar na casa, quando uma deusa vestida de branco apareceu na varanda; uma deusa que o abraçou e disse em seu ouvido:

— Vou cuidar de você.

Toda vez que ele saía da Tranquillum House para recepcionar novos hóspedes, queria criar a mesma experiência: como se estivessem vendo terra depois de muito

tempo perdidos ao mar.

Masha cuidou de Yao como se fosse um passarinho ferido. Cozinhou para ele e ensinou-o a meditar e a praticar ioga. Aprenderam tai chi juntos. Passaram três meses sozinhos naquela casa. Não transaram, mas compartilharam *alguma coisa*. Algum tipo de jornada. De rejuvenescimento. Durante aquele período, o corpo dele mudou; ficou mais em forma e forte à medida que sua mente se curava. Ele se tornou uma pessoa completamente diferente enquanto sentia uma paz e uma certeza que jamais experimentara. Largou o antigo Yao como se fosse uma pele morta.

O antigo Yao só se exercitava esporadicamente e comia muitos alimentos processados. O antigo Yao vivia preocupado, tinha insônia e acordava no meio da noite com frequência pensando em todas as coisas que *poderiam* ter dado errado no trabalho.

O novo Yao dormia a noite toda e acordava revigorado de manhã. O novo Yao já não pensava obsessivamente na noiva transando com outro homem. Na realidade, era raro o novo Yao pensar em Bernadette, e acabou erradicando-a de vez dos seus pensamentos. O novo Yao vivia no presente e era apaixonado por "bem-estar", inspirado pela visão que Masha tinha para a Tranquillum House. Em vez de apenas tapar as feridas das pessoas, como Yao fizera enquanto paramédico, o plano era *transformá-las*, da mesma forma que ele fora transformado. Era como uma religião, mas tudo que faziam se baseava na ciência e em pesquisas científicas.

Seus pais o visitaram separadamente e disseram que estava na hora de ele voltar para Sydney e dar um jeito na própria vida, mas, seis meses depois de Yao ter chegado, ele e Masha abriram as portas da Tranquillum House para os primeiros hóspedes. Foi um sucesso. E divertido. Muito mais divertido do que ser paramédico.

Alguns dias tinham se tornado cinco anos. Delilah se juntara à equipe quatro anos antes e, juntos, os três haviam aprendido muito, aperfeiçoando e melhorando constantemente o retiro. Masha pagava um salário generoso. Era a carreira dos sonhos.

— Amanhã vou começar as sessões de terapia particulares — disse Masha. — Vou compartilhar minhas anotações com vocês.

— Que bom, porque quanto mais soubermos sobre cada hóspede, melhor — opinou Yao.

Aquele retiro específico estabeleceria novos precedentes na forma como trabalhavam. Era natural ficar nervoso.

— Quero saber mais sobre o passado de Tony Hogburn — disse Delilah. — Tem alguma coisa nele que não consigo entender.

— Vai dar certo — murmurou Yao, quase que para si mesmo.

Masha estendeu a mão por cima da mesa e segurou o braço de Yao, seus incríveis olhos verdes brilhando com a energia e a paixão que ele considerava tão inspiradoras.

— Vai dar mais do que *certo*, Yao — afirmou ela. — Vai ser lindo.

VINTE E TRÊS

Frances

Já era o quarto dia do retiro.

Frances percebeu que tinha se acostumado ao ritmo calmo da vida na Tranquillum House com uma facilidade surpreendente. Raramente tinha que decidir como ocupar seu tempo.

Todas as manhãs começavam com tai chi no roseiral na companhia de Yao. Seu cronograma incluía pelo menos uma, às vezes *duas*, massagens terapêuticas com Jan. Em alguns dias, tinha que ir ao spa várias vezes (quando, por exemplo, a "designavam" para um tratamento facial). Não achava aquilo oneroso. Tratamentos faciais eram experiências com aromas divinos, feito sonhos, que deixavam Frances rosada e radiante, com o cabelo eriçado feito as pétalas de uma flor. Fazia aulas no estúdio de ioga e meditação e caminhadas meditativas pela mata que cercava a casa. As caminhadas meditativas se tornavam mais rápidas e íngremes a cada dia.

Ao anoitecer, quando esfriava, alguns hóspedes iam correr com Yao (a família Marconi parecia não fazer nada *além* de correr, até mesmo durante o tempo livre; Frances ficava sentada na varanda, observando os três subirem a Tranquillity Hill como se a vida deles dependesse daquilo), enquanto outros faziam uma aula de ginástica "suave" no roseiral com Delilah. Delilah, aliás, parecia considerar uma missão ensinar Frances a fazer flexões nas pontas dos pés, feito um homem, e como Frances tinha que ficar em silêncio, não podia dizer: "Não, obrigada, nunca entendi o objetivo de fazer flexões." Ela entendia agora que o objetivo era "trabalhar todos os músculos do corpo", o que, supostamente, era uma coisa boa.

Todo dia, Frances se comportava ao deixar que Yao tirasse seu sangue e verificasse sua pressão, depois subia na balança sem dizer nada para que ele pudesse registrar seu peso, que ela ainda evitava olhar, mas que imaginava estar *despencando*, provavelmente em *queda livre*, com todo aquele exercício, além da ausência de calorias e vinho.

O silêncio nobre, que parecera tão frágil e bobo no início, tão arbitrário e facilmente rompível, se fortalecera de alguma forma, ganhando substância à medida

que os dias passavam, feito uma onda de calor se instalando, e, de fato, o calor do verão se intensificara. Era um calor seco e parado, luminoso e branco, como o próprio silêncio.

A princípio, sem a distração do barulho e das conversas, os pensamentos de Frances ficaram dando voltas loucas em um circuito interminável e repetitivo: Paul Drabble, o dinheiro que ela havia perdido, a surpresa, a mágoa, a raiva, a surpresa, a mágoa, a raiva, o filho de Paul, que provavelmente nem era seu filho, o livro, que ela escrevera com um amor ilusório no coração e fora rejeitado, a carreira possivelmente arruinada, a crítica que ela nunca deveria ter lido. Não encontrou soluções nem teve qualquer revelação arrasadora, mas o ato de observar os pensamentos darem voltas pareceu desacelerá-los, até que pararam completamente, e percebeu que em certos intervalos de tempo ela não pensava… em nada. Nadinha. Sua mente ficava vazia. E aqueles momentos eram muito agradáveis.

Os outros hóspedes eram figuras silenciosas e oportunas em sua visão periférica. Tornou-se perfeitamente normal ignorar as pessoas, não dizer oi quando encontrava alguém sentado na fonte termal, apenas entrar em silêncio na água borbulhante com cheiro de ovo, a cabeça virada para o lado oposto.

Em uma ocasião, ela e o homem alto e bonito de cabelo escuro haviam ficado sentados na fonte termal da Gruta Secreta durante o que pareceu uma eternidade, sem dizer nada, ambos observando a vista do vale, perdidos nos próprios pensamentos. Embora não tivessem conversado ou se entreolhado, foi como se houvessem compartilhado algo espiritual.

Houve outras surpresas agradáveis também.

Por exemplo, na tarde anterior, quando ela passou por Zoe na escada, a menina esbarrou nela e colocou algo na palma da sua mão. Frances conseguiu manter o olhar fixo à frente e não dizer nada (o que era extraordinário, porque ela era péssima naquele tipo de coisa; seus dois ex-maridos a haviam informado que não imaginavam ninguém com menos capacidade para ser espiã, enquanto eles, pelo visto, apesar das personalidades muito diferentes, eram igual e eminentemente qualificados para se juntar à CIA a qualquer momento), e, quando chegou ao quarto, viu que tinha um chocolate Reese na mão. Nunca provara nada mais divino. À exceção de Zoe, Frances não interagia muito com ninguém. Já não se assustava mais quando Napoleon espirrava. Percebeu que a tosse seca de Tony havia diminuído progressivamente até desaparecer, e, aliás, a própria tosse também desaparecera mais ou menos ao mesmo tempo. Sua respiração ficou lindamente límpida. O corte em seu dedo sumira, e suas costas melhoravam a cada dia. Era realmente uma "jornada de cura". Quando chegasse

em casa, enviaria um cartão de agradecimento efusivo para Ellen por ter sugerido aquele lugar.

Segundo o cronograma do dia, Frances tinha uma sessão de terapia com Masha logo após o almoço. Frances nunca fizera qualquer tipo de *terapia*. Tinha amigas para isso. Elas se aconselhavam e geralmente era um processo mútuo. Frances não imaginava ficar sentada contando seus problemas a alguém sem ouvir os problemas do outro e oferecer conselhos sábios em troca. Geralmente, tinha a impressão de que os conselhos que dava eram superiores aos que recebia. Os problemas das outras pessoas eram muito simples; os nossos é que costumam ser mais *complexos*.

Mas o silêncio, o calor e as massagens diárias tinham se reunido para criar um sentimento pacífico de resignação. Masha poderia "aconselhar" Frances se aquilo a deixava feliz.

Frances almoçou um curry vegetariano. Tinha parado de prestar atenção ao ruído das outras pessoas mastigando e passara a sentir um prazer extraordinário ao comer; extraordinário porque achava que já sentia um prazer substancial com a comida! O curry, que ela saboreava uma pequena garfada por vez, tinha uma pitada de açafrão que foi quase arrebatadora. Açafrão sempre fora tão bom assim? Ela não sabia, mas pareceu uma experiência religiosa.

Depois do almoço, ainda refletindo sobre os mistérios do açafrão, Frances abriu a porta em que estava escrito PRIVADO, subiu os dois lances de escada até a torre no alto da casa e bateu à porta do escritório de Masha.

— Entre — disse uma voz, em tom levemente peremptório.

Frances obedeceu, lembrando-se das visitas à sala do diretor na época do colégio interno.

Masha anotava algo e indicou com um gesto que Frances se acomodasse no assento à sua frente enquanto ela terminava o que estava fazendo.

O comportamento de Masha normalmente irritaria Frances, e ela ainda não estava tão zen a ponto de não notar o fato de que tinha o *direito* de se irritar. Era uma hóspede pagante que aparecia no horário marcado, muito obrigada, não era uma empregada. Mas ela não suspirou, não pigarreou nem se remexeu na cadeira, porque estava praticamente transformada, com certeza mais magra, e, no dia anterior, fizera duas flexões *seguidas*. Era provável que em breve ficasse muito parecida com Masha.

Uma gargalhada surgiu em seu peito, e, para se distrair, ela examinou a sala.

Adoraria ter um escritório como aquele. Se tivesse um escritório como aquele, muito provavelmente escreveria uma obra-prima, e sem precisar de chocolate. Havia janelas de vidro enormes nas quatro paredes, dando a Masha uma vista de trezentos e

sessenta graus do campo verde e ondulante. Visto ali de cima, o campo lembrava uma pintura renascentista.

Assim como o silêncio, pelo visto a regra sobre "nenhum aparelho eletrônico" também não se aplicava a Masha. Ela não parecia avessa à tecnologia de última geração. Tinha não apenas um, mas dois monitores enormes e elegantes na escrivaninha, além de um laptop.

Será que ficava na internet enquanto todos os hóspedes passavam por uma desintoxicação digital? Frances sentiu a mão tremer. Imaginou que estava segurando um mouse, direcionando o monitor para si, entrando em um site de notícias. O que havia acontecido nos últimos quatro dias? Talvez um apocalipse zumbi tivesse sido desencadeado, ou algum casal de celebridades importante se separado, e Frances não tinha a menor ideia.

Ela desviou o olhar das telas sedutoras e voltou-o para os itens na mesa de Masha. Não havia porta-retratos revelando algo pessoal. Mas havia algumas antiguidades que Frances invejou. Sua mão se moveu para tocar um abridor de cartas. No pegador de ouro tinha um desenho detalhado de… elefantes?

— Cuidado — disse Masha. — Esse abridor de cartas é tão afiado quanto uma adaga. Dá para matar alguém com isso, Frances.

A mão de Frances recuou tão rapidamente quanto a de um batedor de carteiras.

Masha pegou o abridor de cartas e tirou-o do estojo protetor.

— Tem pelo menos duzentos anos — falou. Ela tocou o polegar na ponta afiada. — Está na minha família há muito tempo.

Frances emitiu um murmúrio interessado. Não sabia ao certo se podia romper o silêncio, e, de repente, aquilo a irritou.

— Imagino que o silêncio nobre não se aplique agora, não é? — disse ela, e sua voz, sem uso há tanto tempo, lhe pareceu estranha e desconhecida.

Ela se comportara tão bem! Não falara nem *consigo mesma* quando estava sozinha no quarto, e em geral era uma tagarela quando ficava sozinha, feliz ao narrar as próprias ações e estabelecer diálogos amigáveis com objetos inanimados. "Onde está se escondendo, ó descascador de cenouras?"

— Ah, é você que gosta de seguir regras, não é? — indagou Masha, apoiando o queixo nas mãos para examinar Frances.

Seus olhos eram mesmo de um tom extraordinário de verde.

— Geralmente, sim — falou Frances. Masha não desviou o olhar. — Imagino que já saiba, mas havia alguns itens proibidos na minha mala — disse Frances.

Ficou satisfeita com o tom de voz frio, mas seu rosto estava quente.

— Sim — disse Masha. — Estou ciente.

— E continuo *lendo* — declarou Frances, em tom de desafio.

— Ah, é?

— Aham.

— Algo de bom?

Masha devolveu o abridor de cartas à mesa.

Frances refletiu. Supostamente o livro era mais um romance policial que envolvia um assassinato, porém o autor introduzira personagens demais, cedo demais, e até então todos ainda estavam vivíssimos. O ritmo desacelerara. Andem logo. Matem alguém de uma vez.

— É bom — disse ela a Masha.

— Me conte, Frances. Você *quer* ser uma pessoa diferente quando sair daqui?

— Bem — disse Frances. Ela pegou o globo de vidro colorido na mesa de Masha. Aquilo pareceu um gesto vagamente mal-educado, afinal não se mexia nos pertences dos outros, mas ela não pôde evitar. Queria sentir o peso frio da bola em sua mão. — Acho que sim.

— Pois eu acho que não — discordou Masha. — Acho que veio aqui para descansar um pouco, e está bem satisfeita com quem é atualmente. Acho que isso tudo não passa de uma piada para você. Prefere não levar as coisas muito a sério na vida, não é?

Seu sotaque ficara mais carregado.

Frances lembrou a si mesma que aquela mulher não tinha *qualquer* autoridade sobre ela.

— De que importa se estou aqui só para "descansar um pouco"? — indagou, devolvendo a bola à mesa e afastando-a de si, causando um instante de pânico quando ela começou a rolar.

Frances parou a bola com as pontas dos dedos e levou as mãos ao colo. Aquilo era ridículo. Por que se sentia envergonhada como uma adolescente? Ali era um *spa*.

Masha não respondeu à sua pergunta.

— Eu queria saber: você acha que já passou por alguma *dificuldade* na vida?

Frances se remexeu no assento.

— Já sofri perdas — disse ela, na defensiva.

Masha fez um gesto de desdém com a mão.

— É claro que já. Você tem cinquenta e dois anos. Essa não foi a minha pergunta.

— Eu tive sorte — declarou Frances. — Sei que tive muita sorte.

— E você mora no "país da sorte". — Masha ergueu os braços para mostrar os

campos que as cercavam.

— Bem, essa expressão sobre nosso país ser sortudo é usada meio incorretamente. — Frances notou um tom de voz pedante invadir sua fala e se perguntou por que estava imitando seu primeiro marido, Sol, que sempre achava necessário ressaltar aquilo quando alguém se referia à Austrália como o país da sorte. — O autor que escreveu essa frase quis dizer que nós não fizemos por merecer nossa prosperidade.

— Então a Austrália não é tão sortuda?

— Bem, não, é, mas… — Frances se interrompeu.

O que Masha estava tentando dizer exatamente? Que Frances não fizera por merecer sua prosperidade?

— Você nunca teve filhos — disse Masha, referindo-se a uma pasta aberta na mesa à sua frente.

Frances se surpreendeu torcendo o pescoço para olhar, como se a pasta contivesse um segredo. Masha só sabia que Frances não tinha filhos porque ela mesma mencionara isso ao preencher o formulário da reserva.

— Foi uma escolha? Ou foi algo imposto pelas circunstâncias?

— Escolha — respondeu Frances.

Isso não é da sua conta, mocinha.

Ela pensou em Ari e nos jogos de PlayStation que ele ia mostrar a ela quando chegasse nos Estados Unidos. Onde será que ele estaria agora? Ou o menino que fingia ser Ari? Estaria no telefone com alguma outra mulher?

— Entendo — disse Masha.

Masha a considerava egoísta por não querer filhos? Não seria a primeira vez que ouviria aquela acusação. Mas nunca a incomodara especialmente.

— *Você* tem filhos? — perguntou Frances. Tinha o direito de fazer perguntas. Aquela mulher não era sua terapeuta. Provavelmente nem tinha qualificação! Ela se debruçou, curiosa. — Está se relacionando com alguém?

— Não estou me relacionando com ninguém e não tenho filhos — respondeu Masha.

Ela havia ficado totalmente imóvel. Olhava com firmeza para Frances, com tanta firmeza que Frances duvidou de que estivesse mentindo, embora fosse impossível imaginar Masha envolvida com alguém. Ela nunca poderia ser a *metade* de nenhum relacionamento.

— Você mencionou perdas — continuou Masha. — Me conte sobre essas perdas.

— Meu pai morreu quando eu era muito nova — disse Frances.

— O meu também — falou Masha.

Frances ficou surpresa com aquela revelação pessoal não solicitada.

— Sinto muito.

Pensou na última lembrança que tinha do pai. Era verão. Um sábado. Ela estava saindo para o trabalho de meio período como caixa da Target. Ele estava sentado na sala de estar ouvindo *Hot August Night*, fumando um cigarro, os olhos fechados, assobiando no ritmo, com emoção, ao som de Neil Diamond, que considerava um gênio. Frances beijou sua testa.

"Até mais, querida", dissera ele, sem abrir os olhos.

Para ela, cheiro de cigarro era cheiro de amor. Namorara muitos fumantes por esse motivo.

— Uma motorista não parou na faixa de pedestres — disse Frances. — O sol estava bem nos olhos dela. Meu pai tinha saído para caminhar.

— Meu pai foi baleado no mercado por um assassino que trabalhava para a máfia russa — contou Masha. — Também foi um acidente. Acharam que ele era outra pessoa.

— *Sério?*

Frances tentou não parecer ávida demais pelos detalhes exóticos.

Masha deu de ombros.

— Minha mãe diz que meu pai tinha um rosto comum demais. Banal demais. Como o de todo mundo, o de qualquer um. Sentiu muita raiva dele por causa de seu rosto comum.

Frances não sabia se devia sorrir. Masha não sorriu, portanto ela também não.

— Minha mãe sentiu raiva de meu pai por ter ido caminhar. Durante anos falou: "Estava tão quente naquele dia! Por que ele não ficou em casa como uma pessoa normal? Por que tinha que ir a pé para todos os lugares?"

Masha assentiu com a cabeça uma única vez.

— Meu pai não deveria estar no mercado — contou ela. — Era um homem *muito* inteligente, tinha um cargo importante em uma empresa que fabricava aspiradores de pó, mas, depois da queda da União Soviética, quando a inflação fez… — ela assobiou e apontou para cima — todas as nossas economias acabaram! A empresa do meu pai não podia mais pagar com dinheiro. Pagava com aspiradores de pó. Então… ele ia ao mercado para vender os aspiradores. Não deveria fazer aquilo. Estava abaixo dele.

— Que horrível — comentou Frances.

Por um instante, foi como se o precipício gigantesco que separava suas culturas, suas infâncias e seus corpos diferentes desaparecesse devido à perda comum do pai por um acaso terrível e ao sofrimento da mãe amargurada. Mas então Masha fungou, como

que subitamente enojada por algum comportamento não mencionável. Fechou a pasta à sua frente.

— Enfim, foi bom conversar com você, Frances, conhecê-la um pouco melhor.

Ela emitiu um ruído, como se já soubesse tudo que havia para saber sobre a hóspede.

— Como você veio parar na Austrália? — indagou Frances, de repente desesperada para que a conversa não terminasse.

Não queria voltar ao silêncio depois de experimentar o prazer da interação humana, e tudo bem se Masha não quisesse saber mais nada sobre ela, Frances com certeza queria saber mais sobre Masha.

— Meu ex-marido e eu apresentamos pedidos a várias embaixadas — explicou Masha com frieza. — Estados Unidos, Canadá, Austrália. Eu queria Estados Unidos, meu marido, Canadá, mas a Austrália quis a gente.

Frances tentou não levar aquilo para o lado pessoal, mas teve a impressão de que Masha queria que ela levasse.

Outra coisa: ex-marido! Também tinham um divórcio em comum! Mas Frances percebeu que não chegaria a lugar algum dividindo histórias de divórcio. Algo a respeito de Masha fazia Frances se lembrar de uma amiga da faculdade que era ao mesmo tempo profundamente egocêntrica e profundamente insegura. O único jeito de fazê-la se abrir era com adulação: uma adulação extremamente *cuidadosa*. Era como desarmar uma bomba. A qualquer momento, você podia ofendê-la sem querer.

— Acho uma coisa muito corajosa de se fazer — opinou Frances. — Começar uma vida nova em outro país.

— Bem, a gente não precisou viajar em um barquinho frágil em mar aberto, se é o que está pensando. O governo australiano pagou nossas passagens. Foram nos buscar no aeroporto. Arcaram com as nossas acomodações. *Vocês precisavam* de nós. Nós dois éramos muito inteligentes. Eu tinha um diploma em matemática. Meu marido era um cientista talentoso, um dos melhores do mundo. — Seus olhos miravam um passado que Frances também sentiu vontade de ver. — Extremamente talentoso.

A forma como ela falou "extremamente talentoso" deu a impressão de que ela não era divorciada, mas viúva.

— Tivemos sorte de vocês terem vindo, então — falou Frances com humildade, em nome do povo australiano.

— Sim, tiveram. Muita sorte — concordou Masha. A mulher então se debruçou para a frente, o rosto iluminado de repente. — Vou contar por que viemos! Por causa de um videocassete. Tudo começou com um videocassete. E agora ninguém mais tem

videocassete! Tecnologia…

— Videocassete? — perguntou Frances.

— Nossos vizinhos do apartamento ao lado haviam comprado um. Ninguém podia pagar por um negócio daqueles. Eles herdaram dinheiro de um parente que tinha morrido na Sibéria. Esses vizinhos eram nossos amigos e nos chamavam para ver filmes na casa deles.

Seu olhar perdeu o foco, recordando mais uma vez.

Frances não se moveu; não queria que Masha interrompesse a súbita revelação de confidências. Como quando seu chefe certinho vai ao bar com você, se solta depois de beber e de repente começa a conversar de igual para igual.

— Foi uma janela para outro mundo, o mundo capitalista. Tudo parecia tão diferente, tão incrível, tão… *abundante*. — Masha deu um sorriso sonhador. — *Dirty Dancing*, *Procura-se Susan Desesperadamente*, *Clube dos Cinco*… Não muitos, porque os filmes eram caros demais, então as pessoas tinham que trocar. As vozes de todos eram dubladas pela mesma pessoa, que tapava o nariz para disfarçar, porque aquilo era ilegal. — Ela tapou o nariz e falou com a voz nasalada para demonstrar. — Se não fosse por aquele videocassete, por aqueles filmes, talvez a gente não tivesse se esforçado tanto para ir embora. Não era fácil ir embora.

— E a realidade correspondeu às suas expectativas? — indagou Frances, pensando no mundo brilhante e exageradamente colorido dos filmes da década de oitenta e em como seria o subúrbio sem graça de Sydney quando ela e os amigos saíssem do cinema.
— Era tão maravilhoso quanto nos filmes?

— Era tão maravilhoso quanto — disse Masha. Ela pegou o globo de vidro que Frances largara e o segurou na palma aberta da mão, como que o desafiando a rolar. O globo ficou imóvel. — E não era.

Largou o objeto com um gesto decidido. De repente, lembrou-se da sua posição superior. Como quando seu chefe lembra que vocês têm que trabalhar juntos no dia seguinte.

— Então, Frances, amanhã vamos romper oficialmente o silêncio e você vai poder conhecer os outros hóspedes.

— Estou ansiosa para…

— Aproveite o jantar de hoje, porque não vamos servir nenhuma refeição amanhã. Seu jejum leve vai começar.

Ela estendeu a mão de tal maneira que Frances automaticamente ficou de pé.

— Já fez jejum alguma vez? — perguntou Masha, encarando-a.

Tinha dito "jejum" como se estivesse se referindo a uma prática exótica e

maravilhosa, tipo dança do ventre.

— Não — respondeu Frances. — Mas é só um jejum *leve*, não é?

Masha deu um sorriso radiante.

— Talvez amanhã seja um dia difícil para você, Frances.

VINTE E QUATRO

Carmel

— Estou vendo aqui que você já perdeu um pouco de peso.

Masha abriu a pasta de Carmel para iniciar a sessão de terapia.

— *Perdi?* — perguntou Carmel, com a sensação de que tinha ganhado um prêmio. — Quanto?

Masha ignorou a pergunta. Passou o dedo por uma folha de papel dentro da pasta.

— Achei que talvez tivesse perdido um pouco… mas não tinha certeza.

Carmel ouviu sua voz, que não usava há dias, tremer de prazer. Ela não tinha ousado criar esperanças. Todo dia Yao ficava em pé de propósito para que ela não visse o temido número na balança.

Ela levou a mão à barriga. Suspeitara de que estivesse ficando mais lisa, e suas roupas, mais largas! Começara a tocar secretamente a barriga, igual a quando engravidara pela primeira vez. O spa parecia muito aquela época eufórica: tinha a sensação de que seu corpo estava mudando de formas inéditas e milagrosas.

— Acho que devo perder ainda mais quando começarmos o jejum amanhã, não é?

Carmel queria demonstrar entusiasmo e compromisso com o spa. Faria tudo que fosse necessário.

Masha ficou calada. Fechou a pasta de Carmel e apoiou o queixo nas mãos entrelaçadas.

— Espero que não seja só perda de líquidos — comentou Carmel. — Dizem que nos primeiros dias da dieta a pessoa perde principalmente líquidos.

Masha continuou quieta.

— Sei que as refeições aqui têm calorias controladas. Acho que o desafio vai ser continuar perdendo peso quando eu voltar para casa. Eu agradeceria muito por qualquer conselho nutricional que pudesse me dar daqui para a frente. Quem sabe um plano de receitas?

— Você não precisa de um plano de receitas — afirmou Masha. — É uma mulher inteligente. Sabe o que fazer para perder peso, se é isso que deseja. Não é

especialmente gorda. Não é especialmente magra. Você quer ser mais magra. É uma escolha sua. Não acho isso muito interessante.

— Ah — disse Carmel. — Desculpe.

— Me diga algo sobre você que não tenha a ver com peso — pediu Masha.

— Bem, eu tenho quatro filhas — contou Carmel, e sorriu ao pensar nas meninas. — Elas têm dez, oito, sete e cinco anos.

— Já sei disso. Você é mãe — disse Masha. — Me conte outra coisa.

— Meu marido me deixou. Ele tem uma namorada nova. Então, isso tem sido…

Masha balançou a mão, irritada, como se aquilo não tivesse nenhuma relevância.

— Outra coisa.

— Não *há* outra coisa no momento. Não tenho tempo para mais nada. Sou só uma mãe ocupada normal. Com excesso de peso, estressada, morando no subúrbio. — Enquanto falava, Carmel olhava pela mesa de Masha em busca de fotos de família. Ela não devia ter filhos. Se tivesse, saberia como a maternidade engole você por completo. — Trabalho em meio período — tentou explicar. — Tenho uma mãe idosa que não está bem de saúde. Estou sempre cansada. Sempre, sempre cansada.

Masha suspirou, como se Carmel não estivesse se comportando direito.

— Sei que preciso incluir mais exercícios na minha rotina… — sugeriu Carmel.

Era aquilo que Masha queria ouvir?

— Sim — disse Masha. — Precisa mesmo. Mas também não acho isso muito interessante.

— Quando as crianças crescerem, vou ter mais tempo para…

— Me conte sobre a sua época de estudante — interrompeu Masha. — Como você era? Inteligente? Uma das melhores da turma? Uma das piores da turma? Malcriada? Barraqueira? Tímida?

— Eu estava quase sempre entre os melhores da turma — disse Carmel. Sempre. — Não era malcriada. Não era tímida. Não era barraqueira. — Pensou sobre aquilo. — Mas eu *podia* ser bem barraqueira. Se estivesse convicta de alguma coisa.

Ela se lembrou de uma discussão acalorada com um professor que escrevera: "Os trovões soavam, os relêmpagos brilhavam" no quadro-negro. Carmel ficara de pé para corrigir a ortografia de "relâmpagos". O professor não acreditou nela. Carmel não recuou, mesmo quando o professor gritou. Tornava-se um ser todo-poderoso quando tinha certeza. Mas com que frequência temos certeza de algo? Quase nunca.

— Interessante — comentou Masha. — Porque neste momento você não parece uma pessoa muito barraqueira.

— Você deveria me ver de manhã, quando grito com as minhas filhas — disse

Carmel.

— Por que eu não vi essa Carmel "barraqueira"? Onde ela está?

— Hum… Porque a gente não pode falar aqui?

— É um argumento válido. Mas, mesmo agora, quando você apresentou um argumento válido, disse isso como se fosse uma pergunta. Você coloca uma entonação de pergunta no fim de todas as frases. Assim? Seu tom de voz aumenta? Como se não tivesse certeza? De tudo que diz?

Carmel se retesou com a imitação que Masha fazia do seu jeito de falar. Era assim que ela soava?

— E seu jeito de andar — continuou Masha. — Ainda tem isto: não gosto do jeito como você anda.

— Você não *gosta* de como eu *ando*? — lançou Carmel.

Aquilo não era uma grosseria?

Masha se levantou e saiu de trás da mesa.

— É assim que você anda. — Ela curvou os ombros, baixou o queixo e deu alguns passinhos apressados e arrastados pela sala. — Como se estivesse torcendo para que ninguém a visse. Por que faz isso?

— Acho que não ando exatamente…

— Anda, sim. — Masha voltou a se sentar. — Aposto que não anda assim desde sempre. Acho que houve uma época em que andava direito. Quer que suas filhas andem igual a você? — Era obviamente uma pergunta retórica. — É uma mulher no auge da vida! Deveria entrar marchando em qualquer cômodo, com a cabeça erguida! Como se estivesse subindo no palco, no campo de batalha!

Carmel fixou o olhar à frente.

— Vou tentar? — Ela tossiu, lembrando-se de transformar aquilo em uma afirmação. — Vou tentar. Vou tentar fazer isso.

Masha sorriu.

— Ótimo. No início, vai ser estranho. Você vai ter que fingir. Mas depois vai lembrar. Vai pensar: Ah, é mesmo, é assim que eu falo, é assim que eu ando. Esta sou eu, Carmel. — Masha bateu no peito com o punho fechado. — Eu sou esta pessoa. — Ela se inclinou para a frente e baixou a voz: — Vou contar um segredo para você. — Seus olhos dançaram. — Vai parecer mais magra se andar assim!

Carmel retribuiu o sorriso. Ela estava fazendo uma piada?

— Tudo vai ficar mais claro ao longo dos próximos dias — continuou Masha, com um gesto que fez Carmel se levantar depressa, como se tivesse passado tempo demais ali.

Masha pegou um bloquinho e começou a escrever algo.
Carmel espiou. Tentou encaixar os ombros.
— Pode só me dizer quantos quilos já perdi?
Masha não ergueu os olhos.
— Feche a porta quando sair.

VINTE E CINCO

Masha

Masha examinou o grandalhão sentado à sua frente, do outro lado da mesa, com os pés solidamente apoiados no chão, os punhos cerrados sobre as coxas, como se fosse um prisioneiro torcendo para ganhar liberdade condicional.

Ela se lembrou da insinuação de Delilah de que havia algo estranho ou secreto a respeito de Tony Hogburn. Masha não concordava. O homem não era particularmente complexo. Parecia ser mal-humorado, simples assim. Já havia perdido peso. Homens que bebiam muita cerveja sempre perdiam peso quando paravam, enquanto mulheres como Carmel, que tinham muito menos peso para perder, demoravam bem mais. Na realidade, Carmel não emagrecera nada, mas saber disso não lhe proporcionaria benefício algum.

— Como foi que descobriu a Tranquillum House, Tony? — perguntou Masha.

— Busquei "como mudar minha vida" no Google — respondeu ele.

— Ah — disse Masha.

À guisa de experimento, ela se recostou na cadeira e cruzou as pernas, aguardando que os olhos dele percorressem seu corpo, o que aconteceu, é claro (o sujeito ainda não estava morto), mas não por muito tempo.

— Por que quer mudar sua vida?

— Bem, Masha, a vida é curta.

O olhar dos dois se cruzou, depois o dele focou na janela atrás da cabeça da diretora. Masha percebeu que ele parecia muito mais calmo e confiante do que quando reclamara sobre o confisco de seu contrabando. Ah, os efeitos positivos da Tranquillum House!

— Eu não queria desperdiçar o tempo que me restava. — Ele voltou a olhar para Masha. — Gostei do seu escritório. Parece que você está no topo do mundo aqui em cima. Fico claustrofóbico naquele estúdio de ioga.

— E como gostaria de mudar sua vida?

— Só quero ficar mais saudável e em forma — disse Tony. — Perder um pouco

de peso.

Os homens usavam com frequência a expressão "perder peso". Diziam isso sem vergonha ou emoção, como se peso fosse um objeto que pudessem facilmente largar quando quisessem. As mulheres diziam que precisavam "emagrecer" com os olhos baixos, como se o excesso de peso fosse parte delas, um pecado terrível que haviam cometido.

— Eu costumava estar em ótima forma física. Devia ter feito isso mais cedo. Eu me arrependo muito de… — Tony não terminou a frase e pigarreou, como se tivesse dito mais do que gostaria.

— Do que se arrepende? — indagou Masha.

— De nada que eu tenha *feito*. É mais de tudo que *não* fiz. Eu meio que passei vinte anos empacado.

Ela levou uma fração de segundo para traduzir o sentido de "empacado", uma palavra que não ouvia muito.

— Vinte anos é muito tempo para ficar *empacado* — disse Masha.

Que homem tolo. Ela nunca havia ficado empacada. Nenhuma vez sequer. Isso era para os fracos.

— Eu meio que me acostumei — explicou Tony. — Não sabia como parar.

Ela esperou para ouvir o que ele ia dizer em seguida. Mulheres gostavam que perguntassem sobre elas, mas com os homens era melhor ser paciente, ficar em silêncio e ver o que acontecia.

Ela aguardou. Dez minutos se passaram. Estava pensando em desistir quando Tony se mexeu na cadeira.

— Sua experiência de quase morte — disse ele sem olhar para Masha. — Você disse que não tem mais medo da morte, ou algo assim?

— Isso mesmo — respondeu ela. Então o examinou, perguntando-se de onde vinha seu interesse por aquele assunto. — Não tenho mais medo. Foi lindo. As pessoas acham que morrer é como dormir, mas para mim foi como acordar.

— Um túnel? — indagou Tony. — Foi isso que você viu? Um túnel de luz?

— Um túnel, não.

Ela fez uma pausa, pensou em mudar de assunto e voltar o foco da conversa a ele. Já havia revelado muito da sua vida pessoal àquela Frances Welty, de cabelo eriçado e batom vermelho, que quase derrubou o globo de vidro, feito uma criança, e fez perguntas ávidas e intrometidas, deixando que Masha se esquecesse da sua posição.

Era difícil acreditar que tinha exatamente a mesma idade que Frances. Para Masha, ela parecia uma menininha no segundo ano do ensino fundamental. Uma menininha

gorducha, bonita e vaidosa com os bolsos sempre cheios de docinhos Vzletnaya. Pessoas como Frances levavam uma vida repleta de docinhos.

Mas ela não tinha a impressão de que a vida de Tony tivesse sido repleta de docinhos.

— Não era um túnel, era um lago — contou. — Um grande lago de luz brilhante e colorida.

Ela nunca havia contado aquilo a um hóspede. Contara a Yao, mas não a Delilah. Enquanto Tony acariciava o maxilar com barba por fazer, refletindo sobre suas palavras, Masha reviu o incrível lago colorido: escarlate, turquesa, limão. Ela não apenas vira o lago, como o experimentara com todos os sentidos: ela o respirara, o ouvira, o cheirara e o provara.

— Você viu… entes queridos? — perguntou Tony.

— Não — mentiu Masha, enquanto via a imagem de um rapaz caminhando na sua direção pelo lago de luz, a cor escorrendo dele feito água.

Era um jovem comum, mas deslumbrante. Usava boné, como tantos garotos. Ele o tirou e coçou a cabeça. Ela só o vira quando bebê, seu lindo bebê bochechudo e sem dentes, mas imediatamente soube que aquele era seu filho, aquele era o homem que teria ou deveria ter se tornado, e todo aquele amor continuava vivo dentro dela, tão fresco, tão potente e tão chocante quanto na primeira vez que ela o segurara no colo. Masha não sabia se tinha sido um presente precioso ou um castigo cruel vivenciar aquele amor outra vez. Talvez tivesse sido ambos.

Ela viu o filho durante um tempo que podia ter sido eterno ou durado só alguns segundos. Não tinha nenhuma noção de tempo. E então ele se foi, e ela flutuou perto do teto do escritório, acima dos dois homens que cuidavam do seu corpo sem vida. Viu um botão no chão, onde eles haviam rasgado sua blusa de seda. Viu uma de suas pernas aberta em um ângulo estranho, como se ela tivesse caído de um lugar muito alto. Viu o topo da cabeça de outro rapaz, o repartido branco da sua cabeleira preta revelando uma marquinha de nascença em forma de morango, a testa molhada enquanto enviava pulsos elétricos pelo corpo dela, e, de alguma forma, ela sentia tudo que ele sentia: seu medo, seu foco.

Sua próxima lembrança consciente era do dia seguinte. Estava de volta aos confins do seu corpo e uma enfermeira linda e alta dizia: "Olá, bela adormecida!"

Foi como voltar para uma prisão.

Só que não era uma enfermeira. Aquela mulher era a médica que operara seu coração: quatro pontes de safena. Nos anos que se seguiram, Masha pensou muitas vezes em como sua vida teria sido diferente se o cirurgião tivesse a aparência da

maioria dos cirurgiões cardíacos. Seus preconceitos a teriam feito desconsiderar tudo que ele tivesse para dizer, independentemente da exatidão. Ela o teria colocado na mesma categoria que os homens grisalhos que trabalhavam para ela. Sabia mais do que todos eles. Mas aquela mulher fez Masha prestar atenção. Sentia um orgulho estranho dela. Também era uma mulher no auge da carreira, em um mundo masculino, e ela era *alta*; por algum motivo, o fato de ela ser alta como Masha importava. Portanto, Masha escutou com atenção enquanto a mulher falava sobre reduzir seus fatores de risco no que dizia respeito a dieta, exercício e tabagismo, e ela ouviu quando a mulher disse: "Não deixe que seu coração seja vítima da sua mente." A médica queria que Masha entendesse que seu estado mental era tão importante quanto seu estado físico.

"Quando eu fazia plantão, no meu primeiro período como cirurgiã cardíaca, tínhamos algo chamado 'sinal da barba'", dissera ela. "Significava que, se um dos nossos pacientes homens estivesse tão infeliz a ponto de não se dar o trabalho de fazer a barba, suas chances de recuperação não eram boas. Você tem que cuidar de si como um todo, Masha."

Ela raspou as pernas no dia seguinte pela primeira vez em anos. Foi ao programa de exercícios para reabilitação cardíaca que a médica sugerira, determinada a ser a primeira da turma. Ela *atacou* o desafio da saúde e do coração da mesma forma como atacava antes os desafios do trabalho, e naturalmente se sobressaiu, superando as expectativas.

"Minha nossa", dissera a cirurgiã quando Masha foi fazer o primeiro check-up.

Ela nunca ficara empacada. Havia se reinventado. Fizera aquilo pela médica alta e bonita. Fizera aquilo pelo rapaz no lago.

— Minha irmã também teve uma experiência de quase morte — contou Tony. — Sofreu um acidente enquanto andava a cavalo. Depois disso, ela mudou. A carreira. Tudo na vida dela. Mergulhou de cabeça na *jardinagem*. — Ele lançou um olhar incomodado para Masha. — Eu não gostei.

— Não gosta de jardinagem? — perguntou Masha, provocando-o de leve.

Ele deu um sorrisinho para ela, e Masha teve um vislumbre de um homem mais bonito.

— Acho que eu só não queria que minha irmã mudasse — disse Tony. — Foi como se ela tivesse virado uma desconhecida. Talvez eu tenha ficado com a impressão de que ela passou por algo que nunca vou entender.

— As pessoas têm medo do que não entendem — declarou Masha. — Antes daquilo eu nunca acreditei em vida após a morte. Hoje em dia, acredito. E tenho uma vida melhor graças a isso.

— Certo — disse Tony. — É.

Masha aguardou novamente.

— Enfim…

Tony expirou e bateu as mãos nas coxas, como se tivesse terminado. Masha não tiraria mais nada de interessante dele. Não importava. As próximas vinte e quatro horas lhe diriam muito mais sobre aquele homem. Ele descobriria coisas que não sabia sobre si mesmo.

Uma sensação gloriosa de tranquilidade tomou conta dela enquanto observava Tony sair do escritório, levantando a calça com uma das mãos. Aqueles últimos resquícios de dúvida se foram, talvez porque ela havia pensado em seu filho.

Os riscos eram calculados. Os riscos eram justificados.

Ninguém nunca sobe uma montanha sem risco.

VINTE E SEIS

Napoleon

Amanhecia na Tranquillum House. Era o quinto dia no spa.

Napoleon repartiu a crina do cavalo selvagem três vezes de cada lado.

Gostava dos movimentos suaves e amplos do tai chi, e aquele era um dos seus preferidos, embora, ao flexionar as pernas, tivesse escutado os joelhos rangerem como pneus no cascalho. Seu fisioterapeuta dizia que ele não precisava se preocupar: pessoas da idade de Napoleon rangiam. Era a cartilagem da meia-idade.

Yao guiava a aula daquela manhã no roseiral, nomeando em silêncio e com calma cada movimento diante dos nove hóspedes de pé que formavam um semicírculo ao seu redor, todos vestindo os roupões verdes da Tranquillum House. As pessoas pareciam usar o roupão na maior parte do tempo agora. No horizonte atrás de Yao, dois balões de ar quente ascendiam tão lentamente acima dos vinhedos que pareciam uma pintura. Napoleon e Heather haviam feito aquilo uma vez, durante uma viagem romântica de fim de semana: degustação de vinho, lojas de antiguidade; muitas vidas atrás, antes dos filhos.

Veja que interessante: quando você tem filhos, acha que sua vida mudou para sempre, e é verdade até certo ponto, mas não é nada comparado a como sua vida muda depois que perde um filho.

Quando Masha, uma mulher de aparência extraordinariamente saudável e forte, visivelmente apaixonada pelo que fazia (a esposa dele não confiava em paixão e Zoe ainda era muito nova para achá-la constrangedora, mas para Napoleon era admirável), falara, no primeiro dia, sobre como aquela experiência os transformaria "de um jeito que nunca imaginaram que fosse possível", Napoleon, que antes acreditara em autoaperfeiçoamento, tivera uma rara sensação de ceticismo amargo. Ele e sua família já haviam sido transformados de um jeito que nunca haviam imaginado que fosse possível. Só precisavam de silêncio e tranquilidade, e sem dúvida de uma melhora na dieta.

Embora eu admire e reconheça sua paixão, Masha, não estamos procurando nem desejando

mais transformações.

— A garça branca abre as asas — disse Yao, e todos se moveram com graciosidade em sincronia com ele.

Era lindo de se ver.

Napoleon, que estava lá atrás, como sempre (tinha aprendido a ficar ao fundo de qualquer grupo de pessoas quando chegara a um metro e noventa), observou a esposa e a filha erguerem os braços ao mesmo tempo. As duas mordiam o labo inferior, como esquilos fazem quando estão concentrados.

Ele ouviu os joelhos do sujeito ao seu lado rangerem também, o que foi agradável, porque supunha que o outro era pelo menos uma década mais novo. Até Napoleon considerava o cara extraordinariamente bonito. Voltou-se para Heather para descobrir se ela estava observando aquele homem lindo, mas seus olhos estavam opacos feito os de uma boneca; como sempre, ela estava perdida em algum lugar profundo e triste dentro de si.

Heather estava destruída.

Sempre fora frágil, como um objeto de porcelana delicada.

No início do relacionamento deles, Napoleon a considerara espevitada, engraçada, durona, atlética e competente, o tipo de garota que você podia levar ao jogo de futebol ou para acampar, e tinha razão, ela *era* exatamente esse tipo de garota. Gostava de esportes, adorava acampar e nunca era exigente ou carente. Ao contrário: tinha dificuldade em admitir que precisava de algo ou de alguém. Logo que começaram a namorar, ela quebrou o dedo do pé tentando mover uma estante de livros sozinha, antes que Napoleon tivesse tempo de ajudar e levantar com uma mão só aquela porcaria de madeira compensada. Mas, não, Heather tinha que fazer sozinha.

A fragilidade por baixo daquele comportamento espevitado foi se revelando aos poucos, de jeitos estranhos: uma atitude peculiar em relação a certas comidas que talvez se tratasse apenas de um estômago sensível, mas talvez fosse algo mais; uma incapacidade de encará-lo quando a discussão ficava emotiva demais ou de dizer "eu te amo" sem travar o maxilar, como se estivesse se preparando para levar um soco. Ele pensara, romanticamente, que poderia proteger seu coraçãozinho frágil e engraçado como um passarinho na palma da mão. Pensara, cheio de amor e testosterona, que protegeria aquela mulher de homens maus, móveis pesados e comida indigesta.

Assim que conheceu os pais dela, estranhos e distantes, Napoleon entendeu que Heather havia crescido com carência de amor, e quando a pessoa cresce com carência de algo que deveria receber em abundância é difícil confiar naquilo depois. Os pais de Heather não eram abusivos, mas eram frios a ponto de fazer a pessoa tremer.

Napoleon se tornava excessivamente amoroso na presença deles, como se de alguma forma pudesse *obrigá-los* a amar sua esposa como ela devia ser amada.

— Heather não está linda com esse vestido? — dizia ele.

— Heather contou que tirou a melhor nota nas provas para se tornar obstetriz?

Até que um dia, Heather murmurou: *Pare com isso*. Então ele parou, mas ainda a tocava mais do que de costume sempre que visitavam a família dela, querendo desesperadamente comunicar com seu toque: *Você é amada, você é amada, você é muito, muito amada.*

Ele era jovem e feliz demais para saber que amor não era o suficiente; jovem demais para saber sobre todas as formas que a vida tinha de destruir alguém.

A morte do filho deles a destruíra.

Talvez a morte de um filho destruísse qualquer mãe.

O aniversário de morte seria no dia seguinte. Napoleon sentia sua sombra escura e maligna. Era irracional ter medo de um dia. Era apenas um dia triste, um dia que nunca esqueceriam, de qualquer jeito. Ele lembrou a si mesmo que aquilo era normal. As pessoas se sentem assim em aniversários de morte. Ele tivera a mesma sensação de desastre iminente no ano anterior. Era quase como se fosse acontecer outra vez, como se aquilo fosse uma história que já havia lido e soubesse o que vinha pela frente.

Tivera esperança de que o spa o deixasse mais calmo em relação à data que se aproximava. Era uma casa maravilhosa, tão calma e de fato "tranquila", e os funcionários pareciam gentis e carinhosos. No entanto, Napoleon estava agitado. Durante o jantar da noite anterior, sua perna direita começara a tremer incontrolavelmente. Tivera que levar a mão à coxa para contê-la. Seria só o aniversário? Ou o silêncio?

Devia ser o silêncio. Ele não gostava de ter todo aquele tempo sozinho com seus pensamentos, suas lembranças e seus arrependimentos.

O sol se ergueu mais um pouco no céu enquanto os hóspedes da Tranquillum House se moviam em sintonia com Yao.

Napoleon viu o perfil do sujeito grandalhão e rechonchudo que tentara trazer contrabando. Ele parecia um encrenqueiro, e Napoleon ficara de olho nele como um bom professor, mas parecia ter se acalmado, como um daqueles alunos que considerava que seriam os inimigos do ano, mas acabavam se mostrando bons garotos. Algo no perfil do homem fez Napoleon pensar em alguém ou algo do seu passado. Um ator de algum programa antigo de televisão de que ele gostava quando criança, talvez? Parecia uma lembrança boa, havia algo de agradável na sensação que ele evocava, mas Napoleon não sabia dizer o quê.

Um chicote-oriental cantou ao longe. Ele amava o canto daquele pássaro: o estalo demorado e musical do chicote era parte tão integrante da paisagem australiana que era preciso deixar o país para perceber o quanto fazia falta, como aquilo acalmava sua alma.

— Espantem o macaco — disse Yao.

Napoleon espantou o macaco e se lembrou de três anos antes: aquele dia, aquela hora. A véspera.

Fora mais ou menos naquele horário, três anos antes, que Napoleon fizera amor com a esposa sonolenta pela última vez. (Ele presumia que tinha sido a última vez, mas ainda não desistira completamente. Saberia se ela algum dia estivesse pronta. Bastaria um olhar. Ele entendia. Sexo parecia uma coisa banal agora, de mau gosto, cafona. Mas ainda diria sim a um sexo banal e de mau gosto.) Ela voltara a dormir — adorava dormir, naquela época —, e Napoleon saíra de casa em silêncio e fora até a baía. Deixava o caiaque no teto do carro durante todas as longas férias de verão. Quando ele voltou para casa, Zach estava tomando café da manhã na pia da cozinha, sem camisa — vivia sem camisa —, o cabelo em tufos eriçados. Ele ergueu a cabeça, sorriu para o pai e disse "Acabou o leite", ou seja, ele tinha bebido tudo. Disse que talvez acompanhasse Napoleon no surfe do dia seguinte. Depois disso, Napoleon trabalhou por algumas horas no jardim e limpou a piscina, e Zach foi à praia com o amigo Chris. Então, Napoleon adormeceu no sofá e as mulheres saíram: Heather foi trabalhar e Zoe foi a uma festa. Quando Zach voltou para casa, Napoleon preparou costelas de porco na churrasqueira para os dois, e em seguida nadaram na piscina e conversaram sobre o Australian Open, as chances de Serena, sobre teorias da conspiração (Zach gostava de teorias da conspiração) e sobre o fato de Chris ter dito que queria estudar gastrenterologia. Zach ficou chocado com a especificidade bizarra dos planos de carreira do amigo, porque ele mesmo não sabia o que queria fazer *no dia seguinte*, que dirá pelo resto da vida. Napoleon dissera que tudo bem, ele tinha tempo de sobra para escolher uma carreira, e hoje em dia ninguém mais tinha uma carreira só, de qualquer forma (ele com certeza dissera que tudo bem; verificara sua memória cerca de um milhão de vezes), então jogaram tênis de mesa em homenagem ao torneio, melhor de três, Napoleon ganhou duas, depois assistiram ao filme *Os Excêntricos Tenenbaums*. Os dois adoraram. Riram muito. Ficaram acordados até tarde vendo o filme. Por isso Napoleon estava cansado na manhã seguinte. Por isso apertara o botão "soneca" do despertador.

Foi uma decisão de uma fração de segundo da qual ele se arrependeria até o dia de sua morte.

Napoleon sabia tudo sobre aquele dia porque tinha analisado suas lembranças repetidamente, como um detetive investigando um homicídio, revendo as provas. Repassou a cena inúmeras vezes em sua mente: sua mão pegando o celular, o polegar no botão "soneca". Viu inúmeras vezes sua outra vida, na qual tomava uma decisão diferente, a decisão certa, a decisão que tomava normalmente, em que não apertava o botão, em que desligava o despertador e se levantava da cama.

— Segurem o rabo do pássaro — disse Yao.

Foi Heather quem encontrou Zach.

O som do grito da sua esposa naquela manhã foi diferente de tudo o que ele já tinha ouvido.

Lembrava-se de como correra escada acima: parecia ter demorado milênios, como se corresse na lama, em um sonho.

Zach usara o cinto novo para fazer o nó.

Era um cinto marrom de couro da marca R.M. Williams que Heather lhe dera de Natal, poucas semanas antes. Custara noventa e nove dólares, o que era ridículo.

"Que cinto caro", dissera Napoleon quando ela mostrara o presente.

Ele se lembrava de ter pegado o recibo na sacola e erguido as sobrancelhas. Ela deu de ombros. Zach tinha dito que gostara do cinto. Ela gastava mais do que devia em todos os Natais.

Você destruiu sua mãe, cara.

O garoto não deixou carta nem bilhete. Escolheu não se explicar.

— Carreguem o tigre por cima da montanha — disse Yao, que era jovem, devia ter só dez anos a mais que Zach.

Zach poderia ter trabalhado em um lugar como aquele. Poderia ter deixado o cabelo crescer. Teria ficado bonito com a barba que as pessoas costumavam usar hoje em dia. Poderia ter levado uma vida fantástica. Tantas oportunidades. Era inteligente, bonito, tinha pelos para deixar a barba crescer. Era hábil com as mãos. Poderia ter feito trabalho manual! Poderia ter cursado direito, medicina ou arquitetura. Poderia ter viajado. Poderia ter se drogado. Por que não tinha se drogado, simplesmente? Que maravilha seria ter um filho que tomava decisões ruins, mas não decisões irreversíveis; um filho que usasse drogas, que *traficasse* drogas até, que fosse preso, que saísse dos trilhos. Napoleon o teria colocado de volta nos trilhos.

Zach nunca sequer chegara a ter o próprio carro. Como era possível decidir morrer antes de conhecer o prazer — o prazer espetacular — de ter o próprio carro?

Aparentemente, o rapaz diante de Napoleon dirigia um *Lamborghini*.

Zach tinha escolhido dar as costas àquele mundo lindo de pássaros e Lamborghinis,

de garotas de pernas compridas e hambúrgueres à moda australiana. Escolheu pegar o presente que ganhara da mãe e usá-lo como arma do crime.

Essa foi uma má escolha, filho. Foi a coisa errada a fazer. Foi uma escolha muito errada.

Napoleon ouviu um ruído e percebeu que era ele mesmo. Zoe virou-se para olhá-lo. Ele tentou sorrir para tranquilizá-la. *Estou bem, Zoe, só estou gritando com seu irmão*. A visão dele ficou turva.

— Agulha no fundo do mar — disse Yao.

Meu menino. Meu menino. Meu menino.

Ele não estava destruído. Nunca deixaria de sofrer a perda do filho, mas tomara uma decisão na semana após o funeral. *Não posso ficar destruído*. Sua função era se curar, estar presente para a esposa e a filha, superar aquilo. Portanto, ele estudou tudo, comprou livros na internet e leu cada palavra, baixou os podcasts, pesquisou no Google. Frequentou o grupo de terça-feira à noite para Sobreviventes do Suicídio com a mesma dedicação com que sua mãe frequentava a missa aos domingos, e atualmente comandava o grupo. (Heather e Zoe achavam que ele falava demais, mas isso só acontecia em ocasiões sociais. Nas noites de terça ele mal dizia uma palavra; ouvia, ouvia e ouvia enquanto um tsunami de dor estourava ao seu redor.) Discursava para grupos de pais e em escolas, dava entrevistas no rádio, editava um boletim informativo na internet e ajudava a angariar fundos.

"É o novo hobby dele", tinha escutado Heather dizer ao telefone certa noite para alguém, e Napoleon nunca descobrira quem porque nunca tocara no assunto, mas também nunca se esquecera daquilo, do tom amargo, próximo ao ódio.

Doía porque era ao mesmo tempo uma mentira maliciosa e uma verdade vergonhosa.

Ele também podia encontrar ódio por Heather em seu coração, se procurasse. O segredo de um casamento feliz era não procurar.

Viu os braços magros da esposa curvados em direção ao sol para "dominar sua força vital", e seu coração se encheu de carinho condoído por ela. Heather não conseguia se curar e se recusava a tentar. Foi ao grupo de apoio apenas uma vez. Não queria ouvir o que os outros pais que haviam perdido os filhos falavam, porque acreditava que Zach era superior àqueles filhos bobos. Napoleon também achava que Zach era superior àqueles filhos bobos, mas mesmo assim encontrava consolo no ato de contribuir para aquela comunidade da qual nunca quisera participar.

— A garça branca abre as asas.

Às vezes não há indícios.

Era o que ele falava aos pais recém-enlutados do grupo de terça-feira à noite. Dizia

que as pesquisas indicavam que suicídios na adolescência eram muitas vezes a consequência de uma decisão impulsiva. Muitos só pensavam em suicídio oito horas antes de tentá-lo. Alguns jovens imbecis só refletiam sobre a decisão catastrófica por *cinco minutos*.

Não dizia aos pais as outras coisas que aprendera com sua pesquisa, como o fato de que pessoas que haviam sobrevivido a uma tentativa de suicídio frequentemente contavam que o primeiro pensamento após terem engolido os comprimidos, terem pulado, terem se cortado, era alguma versão de: *Meu Deus, o que foi que eu fiz?!* Não contava a eles que muitos sobreviventes eram transformados pela experiência e acabavam tendo uma vida feliz, às vezes com um pouco de intervenção psiquiátrica. Não contava que se a decisão de acabar com a própria vida fosse atrapalhada de alguma forma, se o meio fosse retirado, os pensamentos suicidas costumavam desaparecer com o tempo e nunca retornavam. Não contava que o índice de suicídio da Grã-Bretanha caíra trinta por cento quando eliminaram o gás de carvão, porque, sem a opção de enfiar impulsivamente a cabeça no forno, os pensamentos sombrios e temíveis acabavam passando. Ele achava que não era útil os pais saberem exatamente quanto azar estava envolvido na perda dos seus filhos, saber que talvez bastasse uma interrupção na hora certa, um telefonema, uma distração.

Mas Napoleon sabia, porque Zach era assim. *Impulsivo*. A definição perfeita de impulsivo. Ele nunca pensava nas coisas até o fim. Nunca pensava nas consequências dos seus atos. Vivia o momento, como todos deveriam viver. Concentrava-se no instante. Não havia ontem nem amanhã. Só o agora. *Estou sentindo isso agora, então é o que vou fazer*.

Se você correr perto das ondas na praia, seus tênis novos vão molhar e continuar molhados pelo resto do dia. Se você passar o dia na rua quando há muito pólen no ar (mesmo depois de termos dito para ficar em casa), vai ter crise de asma. Se abrir mão da sua vida, não vai tê-la de volta, garoto, já era.

"Zach, você tem que pensar!", Napoleon costumava gritar.

Era por isso que Napoleon sabia, sem sombra de dúvida, que, se tivesse se levantado na hora que havia planejado, se não tivesse apertado o botão "soneca" no despertador naquela manhã, se tivesse batido na porta de Zach e dito "vamos surfar", ele ainda teria uma esposa que não estaria destruída, uma filha que ainda cantaria no chuveiro e um filho prestes a comemorar o aniversário de vinte e um anos.

Supostamente, era Napoleon quem conhecia e entendia de garotos. Tinha uma gaveta cheia de cartões e cartas dos meninos a quem lecionara ao longo dos anos, dos pais, todos dizendo como ele era especial, como tinha contribuído para a vida daqueles

garotos, que nunca se esqueceriam dele, que os tirara de um precipício terrível, do caminho errado, que seriam eternamente gratos ao maravilhoso Sr. Marconi.

No entanto, ele falhara com seu garoto. O único no mundo que importava.

Passou um ano buscando respostas. Conversou com todos os amigos, todos os colegas, todos os professores, todos os treinadores. Nenhum deles tinha respostas. Não havia mais nada a saber.

— Movimento de leque para trás — disse Yao.

Napoleon obedeceu e sentiu os músculos se alongarem, sentiu o sol quente em seu rosto e gosto de mar nas lágrimas que escorriam livremente por suas bochechas.

Mas ele não estava destruído.

VINTE E SETE

Zoe

Zoe viu as lágrimas escorrerem pelo rosto do pai e se perguntou se ele sabia que estava chorando. Seu pai chorava muito e parecia não perceber, feito um arranhão que não percebemos que está sangrando, como se seu corpo excretasse dor sem seu conhecimento.

— Toquem o céu — disse Yao.

Zoe seguiu o arco gracioso dos braços de Yao e se virou na direção da mãe, notando as rugas profundas no rosto dela e ouvindo mais uma vez o som do seu grito naquela manhã terrível. Fora como o grito de um animal preso em uma armadilha. Um grito que rasgara a vida de Zoe como uma navalha.

No dia seguinte completaria três anos. Será que algum dia aquilo seria mais fácil para seus pais? Porque não parecia estar ficando mais fácil. Não adiantava esperar que quando passassem por mais um aniversário as coisas melhorariam, porque ela já havia esperado por aquilo nos dois últimos anos. Sabia que quando voltassem para casa tudo seria exatamente igual.

Tinha a impressão de que seus pais sofriam de uma doença terrível, incurável, que destruía o corpo deles. Parecia que haviam sido agredidos, como se alguém os tivesse espancado com um taco de beisebol. Ela não sabia que o luto podia ser físico. Antes da morte de Zach, achava que o luto era algo que acontecia na mente. Não sabia que o corpo todo doía também, que alterava o sistema digestivo, o ciclo menstrual, o sono, a pele. O luto era algo que não desejaria nem para o pior inimigo.

Às vezes, Zoe tinha a impressão de estar *esperando* sua vida acabar, suportando-a, riscando eventos, dias, meses e anos, como se só precisasse passar por algo não especificado para que as coisas melhorassem, só que ela nunca passava por nada, as coisas nunca melhoravam e ela nunca o perdoaria. A morte dele fora o derradeiro "vá se foder".

"Pelo menos vocês não eram próximos", repetira sua amiga Cara em sua mente.

Pelo menos não éramos próximos. Pelo menos não éramos próximos. Pelo menos não éramos

próximos.

VINTE E OITO

Heather

Heather não viu as lágrimas de Napoleon enquanto faziam tai chi.

Estava pensando em algo que acontecera na semana anterior, após uma noite longa e exaustiva em que ela ajudara no parto de dois menininhos.

Era impossível não pensar em Zach sempre que ela segurava um menino recém-nascido e olhava dentro daqueles olhos tristes e sábios. Todos os bebês tinham o mesmo olhar sábio, como se tivessem acabado de sair de outra esfera onde haviam aprendido uma realidade belíssima que não podiam compartilhar. Todos os dias traziam um fluxo constante de vida nova.

Heather fora pegar um café na lanchonete do hospital após o trabalho e encontrara um rosto familiar do passado. Não houve tempo para desviar os olhos e fingir que não a vira. Reconheceu-a no mesmo instante. Era uma das mães do futebol. Antes de Zach sair do time. Lisa Alguma Coisa. Uma mulher simpática, animada. Fazia anos. O rosto de Lisa Alguma Coisa se iluminou ao ver Heather. *Ah, eu conheço você!* Então, como acontecia com frequência, no instante seguinte sua expressão murchou ao recordar a notícia. Dava praticamente para ler seus pensamentos: *Puta merda, é aquela mãe, mas não dá tempo de virar o rosto!*

Algumas pessoas atravessavam a rua para fugir dela. Heather já vira aquilo acontecer. Algumas pessoas recuavam. Recuavam literalmente, como se o que havia acontecido com a família dela fosse vil e vergonhoso. Aquela mulher era uma das corajosas. Não se encolheu, não se escondeu nem fingiu.

— Eu lamentei muito quando soube de Zach — disse ela, sem baixar a voz ao falar o nome dele.

— Obrigada — disse Heather, desejando um café. Ela reparou no garoto de muletas ao lado da mulher. — Esse deve ser… Justin?

O nome lhe ocorreu junto com uma enchente de memórias de manhãs de sábado geladas no campo de futebol, e, de repente, sem qualquer aviso, a raiva explodiu em seu peito, e aquele garoto, aquele garoto vivo e inútil, foi seu alvo.

— Eu me lembro de você — sibilou Heather. — Você era o garoto que nunca passava a bola para Zach!

Ele a encarou boquiaberto, horrorizado.

— Você nunca passava para Zach! Por quê? — Heather se voltou para Lisa. — Você deveria ter obrigado seu filho a passar a bola!

Sua voz se ergueu acima do limite aceitável em um local público.

A maioria das pessoas teria arranjado alguma desculpa e se retirado rapidamente. Outras talvez tivessem reagido. *Seu filho morto não lhe dá o direito de ser grossa*. Mas Lisa, aquela mulher que Heather mal conhecia, que certa vez (Heather lembrou) levara Zoe para casa e lhe dera almoço em um dia que Zach sofrera um ataque de asma no campo, simplesmente olhou para Heather com firmeza e disse, com tristeza na voz:

— Você tem razão, Heather, eu deveria ter falado para ele passar a bola.

Então Justin, que tinha *nove anos* na época em que jogava com Zach, falou com sua voz grave de jovem adulto:

— Zach era ótimo atacante, Sra. Marconi. Eu deveria ter passado a bola para ele mais vezes. Eu era muito ruim em fazer isso.

A generosidade, a gentileza e a maturidade que o menino demonstrara naquele dia… Heather observara seu rosto — as sardas no nariz, os pelos pretos minúsculos ao redor da boca masculina — e enxergara o rosto grotesco do próprio filho em seu último dia de vida.

— Mil desculpas — disse ela, fraca e tremendo de arrependimento.

Foi embora sem encarar nenhum dos dois, sem pegar o café. Mais uma vez, jogara em outra pessoa a raiva que só deveria dirigir a si mesma.

— A cobra desliza pela grama — disse Yao.

Ela se viu sentada sozinha no quarto de Zach, abrindo a gaveta do armário ao lado da cama. Heather era a cobra que deslizava pela grama.

VINTE E NOVE

Frances

Eram quase três da tarde quando Frances desceu, um pouco ansiosa, até o estúdio de meditação para romperem o silêncio. Ela não comia nada sólido desde a noite anterior e estava faminta. Quando os sinos do café da manhã e do almoço tocaram, Frances fora até a sala de jantar e encontrara uma fileira de sucos no aparador, rotulados com os nomes dos hóspedes. Encontrara o seu e tentara beber de forma lenta e consciente, mas acabara num piscar de olhos, e seu estômago começara a roncar, ruidosa e vergonhosamente.

Não estava morrendo de fome, mas ansiava por comida; talvez não tanto por comida, mas pelo ritual da comida. Talvez, se estivesse em casa, correndo para lá e para cá com suas tarefas, fosse mais fácil pular algumas refeições (não que ela fizesse isso, sempre tivera dificuldade em entender a frase "esqueci de almoçar"), mas ali, sobretudo durante o silêncio, as refeições eram cruciais para dividir o dia.

Havia tentado se distrair lendo na rede, mas o livro tomara um rumo estranhíssimo, com o qual ela não conseguia lidar de barriga vazia.

Sentiu seu humor melhorar quando entrou no estúdio. As luzes haviam sido apagadas e o cômodo estava iluminado por velas cintilantes. Estava fresco ali, um difusor de óleos essenciais expelia uma fumaça inebriante e uma música delicada saía de autofalantes invisíveis.

Frances sempre apreciava um pouco de esforço quando se tratava do ambiente. Reparou que camas dobráveis haviam sido dispostas pelo cômodo, com travesseiros e cobertores. Em cima dos travesseiros havia fones de ouvido e máscaras para dormir, com garrafas de água ao lado, feito assentos da classe executiva cuidadosamente arrumados para um voo longo.

Masha, Yao e Delilah estavam sentados de pernas cruzadas no meio da sala, acompanhados dos três membros da família Marconi e do homem alto e bonito.

— Bem-vindos. Por favor, juntem-se ao círculo — pediu Masha quando outras pessoas seguiram Frances para dentro do cômodo.

Masha usava um vestido longo, branco e sem mangas, de cetim e renda, uma mistura de vestido de noiva e camisola. Tinha maquiado os olhos, deixando-os ainda mais proeminentes. Yao e Delilah, dois jovens extremamente atraentes, pareciam quase banais e sem graça perto daquela criatura celeste.

Em poucos instantes, todos chegaram. Frances estava sentada entre Heather e Ben. Como será que Ben estava? Devia sentir falta do carro. Ela examinou a perna cabeluda e bronzeada dele à luz de velas… Não de forma sexual, graças a Deus, só com certo fascínio, porque toda aquela meditação silenciosa dos últimos dias deixava tudo fascinante. Cada pelinho individual na perna de Ben era como uma árvore *minúscula* em uma *florestinha adorável…*

Ben pigarreou e mexeu a perna. Frances endireitou a coluna e cruzou o olhar com o homem alto e bonito de cabelo escuro, sentado à sua frente no círculo. Sua postura era ereta e solene, porém de alguma forma parecia anunciar que não levava nada daquilo muito a sério. Automaticamente, Frances fez menção de desviar o rosto, mas ele manteve o olhar fixo e piscou. Frances piscou de volta e ele pareceu surpreso. Ela não sabia piscar; achava difícil fechar um olho só e já haviam lhe dito que sua tentativa parecia mais um espasmo facial.

— E assim chegamos ao fim do nosso silêncio nobre — disse Masha. Ela sorriu e deu um soco no ar. — Conseguimos!

Ninguém falou nada, mas houve um murmúrio discreto: exalações, corpos se mexendo e risinhos de confirmação.

— Eu gostaria que reintroduzíssemos lentamente a conversa e o contato visual — falou Masha. — Cada um de nós vai ter a chance de se apresentar ou falar sobre o que quer que venha à mente: talvez a razão de você ter escolhido vir até a Tranquillum House, do que mais está gostando nessa experiência até agora e o que achou mais desafiador. Está louco por um cappuccino ou uma taça de Sauvignon Blanc? Eu entendo! Compartilhe sua dor com o grupo! Está sentindo falta de uma pessoa amada? Pode nos contar sobre isso! Ou talvez você prefira recitar fatos: sua idade, sua ocupação, seus hobbies, seu signo. — Masha deu aquele seu sorriso extraordinário e todos retribuíram. — Ou recitem um verso de poesia, se quiserem — continuou. — Não importa o que digam. Apenas apreciem a experiência da fala, da conexão, do contato visual com os outros hóspedes.

As pessoas pigarrearam, ajustaram as posturas e passaram as mãos no cabelo, se preparando para falar em público.

— Enquanto nos conhecemos um pouco melhor, Yao e Delilah vão distribuir os sucos da tarde — disse Masha.

O charme carismático de Masha era tanto que Frances não percebera que Yao e Delilah haviam ficado de pé. Começaram então a percorrer o cômodo distribuindo copos altos. Os sucos daquela tarde eram todos da mesma cor verde-esmeralda. *Espinafre?*, pensou Frances, alarmada, até que pegou o seu, tomou um gole e sentiu gosto de maçã, melão e pera, com uma pitada de musgo e tronco de árvore. Ela virou o suco como se fosse tequila.

— Por que não começa, Frances? — sugeriu Masha.

— Ah. Está bem. Bom, meu nome é Frances. Olá. — Ela largou o copo vazio, baixou a cabeça e passou a língua nos dentes para tirar qualquer rastro de batom. Percebeu que tinha adotado automaticamente sua postura profissional para falar em público: calorosa, humilde, graciosa, mas também um pouco distante, para repelir qualquer um que quisesse abraçá-la na fila de autógrafos. — Eu vim para a Tranquillum House porque estava numa fase meio ruim: minha saúde, minha vida pessoal, minha carreira. — Ela permitiu que seu olhar percorresse o círculo. Parecia estranhamente íntimo olhar outras pessoas nos olhos de novo. — Ganho a vida escrevendo romances, histórias de amor, e meu último manuscrito foi rejeitado. Também me ferrei em um golpe de amor pela internet. Então…

Por que estava contando para todos sobre o golpe? Que tagarela.

Tony a encarava com firmeza. Tinha mais barba que antes e seu rosto parecia mais definido. Os homens sempre perdiam peso com muita facilidade, esses filhos da mãe. Frances hesitou um pouco. Estava zombando dela de novo? Ou estava só… olhando para ela?

— Então, os primeiros cinco dias foram bons! — De repente, ela sentiu uma vontade desesperada de falar. Não se importava em dar "informação demais". As palavras jorravam da sua boca. Era como aquela sensação ávida de se sentar para fazer uma refeição excelente quando você está morrendo de fome e, depois da primeira garfada, de repente, começa a enfiar comida na boca feito uma máquina. — Gostei mais do silêncio do que eu tinha imaginado, pareceu mesmo acalmar meus pensamentos. Além de ter sido rejeitada, eu estava bem chateada com uma crítica muito cruel, pensando nela obsessivamente no começo, mas parei, então isso é bom, e, bem, eu estou sentindo falta de café, de champanhe, da internet e… — *Cale a boca, Frances.* — E, vocês sabem, de todos os luxos normais da vida normal.

Ela se ajeitou, o rosto quente.

— Eu sou o próximo — disse o homem alto e bonito de cabelo escuro. — Meu nome é Lars. Sou viciado em spas. Eu me solto, depois me contenho, me solto e me contenho. Funciona para mim.

Frances observou o maxilar definido e a pele dourada dele. *Funciona mesmo, Lars, seu lindo*.

— Sou advogado de família, então preciso beber muito vinho depois do trabalho. — Ele fez uma pausa, como se fosse uma brecha para o público rir, mas ninguém riu. — Sempre vou para um retiro em janeiro, porque fevereiro é a época mais cheia de trabalho para mim. O telefone começa a tocar no dia de volta às aulas. Sabem como é, mamãe e papai perceberam que não podem passar mais um verão juntos.

— Puxa vida — falou Napoleon sombriamente.

— Quanto à Tranquillum House, estou adorando a comida e a localização, e estou bem. Não sinto falta de nada, só da Netflix.

Ele ergueu o copo de suco como se fosse um drinque e fez um brinde.

A Afobada de Óculos falou em seguida, embora estivesse visivelmente menos afobada do que no primeiro dia.

— Meu nome é Carmel. Estou aqui para emagrecer. É óbvio.

Frances suspirou. O que queria dizer com *é óbvio*? Carmel era mais magra que ela.

— Estou amando tudo — disse Carmel. — *Tudo*.

Olhou para Masha com uma intensidade quase perturbadora. Ela ergueu o copo de suco e bebeu um gole grande.

Jessica falou em seguida, ansiosa, como se mal pudesse esperar sua vez.

— Então, meu nome é Jessica. — Estava sentada de pernas cruzadas com as mãos nos joelhos, como uma criança em uma foto escolar, e Frances enxergou a menininha meiga que ela fora muito tempo atrás, antes de sucumbir à tentação de todos aqueles procedimentos estéticos. — A gente veio até aqui porque estava com problemas sérios no casamento.

— Não precisamos contar isso para todo mundo — resmungou Ben com a cabeça baixa.

— Não, mas, amor, sabe o que foi? Você tinha razão quando disse que sou muito obcecada com aparências. — Ela se virou para olhá-lo com atenção. — Você tinha *razão*, amor!

Sua voz alcançou um agudo incômodo.

— É, mas… Tudo bem, caramba.

Ben cedeu. Frances viu a nuca dele ficando vermelha.

— A gente estava caminhando para o *divórcio* — contou Jessica, com uma seriedade emocionada, como se a palavra "divórcio" fosse chocar todos ali.

— Posso dar meu cartão para vocês — disse Lars.

Jessica o ignorou.

— Esse silêncio nobre foi muito bom para mim, muito mesmo, bem *esclarecedor*. — Ela se voltou para Masha. — É que, tipo, eu tinha muito barulho na minha cabeça antes de chegar aqui. Eu era, tipo, obcecada com redes sociais, admito. Tinha sempre uma conversa acontecendo. — Ela abriu e fechou a mão junto da orelha para demonstrar. — E agora estou vendo tudo com mais clareza. Começou com o dinheiro. A gente ganhou na loteria, sabe, e tudo mudou e fodeu com nossa vida.

— Vocês ganharam na loteria? — repetiu Carmel. — Eu nunca conheci ninguém que tivesse ganhado na loteria.

— Na verdade, a gente ia meio que ficar… shhh — revelou Jessica, levando o dedo aos lábios. — Mas mudamos de ideia.

— Mudamos? — perguntou Ben.

— Quanto vocês ganharam? — indagou Lars, erguendo a mão imediatamente. — Que inapropriado! Não respondam! Não é da minha conta.

— Como descobriram que tinham ganhado? — perguntou Frances. — Contem a história.

Ela queria saber sobre o instante em que a vida dos dois havia mudado para sempre.

— Fico muito feliz em saber que o silêncio lhe trouxe clareza, Jessica — interrompeu Masha antes que a conversa seguisse por aquele caminho. Tinha um talento impressionante para ignorar tudo que não a interessava. — Quem mais?

Ben se manifestou:

— Hum, meu nome é Ben. Sou o marido da Jessica. Ela já disse por que estamos aqui. Estou bem. O silêncio foi ok. A comida é melhor do que eu esperava. Não sei bem o que estamos alcançando, mas está tudo bem. Sinto falta do meu carro novo.

— Qual é o carro? — perguntou Tony.

— Um Lamborghini — respondeu Ben, o olhar carinhoso, como se tivessem lhe perguntado o nome do seu filho recém-nascido.

Tony sorriu. Era a primeira vez que Frances o via sorrir, e seu sorriso era a coisa mais inesperada do mundo. Erguia as bochechas. Transformava seu rosto. Parecia o sorriso de um bebê. Seus olhos desapareciam em uma montanha de rugas.

— É claro que sente falta — disse ele.

— Se eu ganhasse na loteria, sempre achei que compraria um Bugatti — opinou Lars.

Ben discordou com a cabeça.

— Não vale a pena.

— Ele disse que não vale a pena! O carro mais lindo do mundo *não vale a pena*!

— Se eu ganhasse na loteria algum dia, compraria uma Ferrari vermelha —

intrometeu-se Zoe.

— É, bem, Ferrari é…

Masha interrompeu a conversa sobre carros esportivos:

— Quem ainda não falou? Tony?

— Vocês todos me conhecem como o bandido que tentou trazer contrabando — começou Tony, sorrindo outra vez. — Estou aqui para perder peso. Sinto falta de cerveja, pizza, costelas com molho de ameixa, batata frita com sour cream, barras de chocolate tamanho família… Já deu para entender. — Seu entusiasmo inicial desapareceu e ele baixou os olhos, claramente querendo deixar de ser o centro das atenções. — Obrigado — encerrou com formalidade, olhando para o chão.

Frances não acreditou nele. Sua decisão de estar ali não se resumia só a querer perder peso.

Napoleon levantou a mão.

— Vá em frente, Napoleon — autorizou Masha.

Ele ergueu o queixo e recitou:

— *Não importa quão estreita a passagem, quantas punições ainda sofrerei, sou o senhor do meu destino, e o condutor da minha alma.* — Seus olhos brilhavam na escuridão à luz de velas. — Isso é, hum, do poema preferido de Nelson Mandela, "Invictus". — Ele pareceu incerto por um momento. — Você disse que a gente podia recitar poesia.

— Com certeza, disse, sim — falou Masha, calorosamente. — Adorei a emoção.

— Pois é, isso me veio à mente. Sou professor de ensino médio. Os jovens gostam de ouvir que mandam no próprio destino, embora… — Ele deu uma risada estranha. Heather, que estava sentada ao seu lado, colocou a mão delicada no joelho inquieto do marido. Ele pareceu não notar. — Amanhã faz três anos da morte do nosso filho. É por isso que estamos aqui. Ele tirou a própria vida, foi assim que *meu* filho escolheu mandar no próprio destino.

Tudo ficou imóvel, como se, por um único instante, todos tivessem prendido a respiração. As pequenas chamas douradas das velas tremeluziam.

Frances comprimiu os lábios para não deixar nenhuma palavra escapar. Tinha a impressão de que todos os sentimentos eram grandes e pesados demais para seu corpo, como se estivesse prestes a explodir de tanto rir ou chorar, como se fosse dizer algo muito sentimental ou íntimo. Parecia ter exagerado na bebida em uma ocasião inadequada, uma reunião de negócios com executivos do mercado editorial.

— Sinto muito por sua perda, Napoleon — falou Masha, estendendo a mão como se quisesse tocá-lo, mas ele estava longe demais. — Sinto muito mesmo.

— Obrigado, Masha — respondeu ele, tagarela.

Se Frances não soubesse das circunstâncias, teria achado que *ele* estava bêbado. Será que tinha aberto a garrafa que Zoe contrabandeara? Estaria tendo um colapso nervoso? Ou será que aquela era apenas uma reação natural ao fim do silêncio?

Zoe olhou para o pai, a testa da menina franzida como a de uma idosa, e Frances tentou imaginar o menino ausente que deveria estar sentado ao lado dela. *Ah, Zoe*, pensou Frances. Suspeitara de que tivesse sido suicídio quando Zoe não explicou como ele morrera. Sua amiga, Lily, que costumava escrever lindos romances históricos, perdera o marido dez anos antes, e apenas dissera para as pessoas que "Neil morreu de forma inesperada", e todos entenderam o que aquilo significava. Lily não escrevia desde então.

— Quem mais gostaria de…

Mas Napoleon interrompeu Masha.

— Já sei! — gritou. — Sei quem você é — disse ele a Tony. — Isso estava me enlouquecendo. Heather, querida, está vendo quem é?

Napoleon se voltou para a esposa. Ela tirou os olhos do copo de suco vazio que examinava.

— Não.

— Eu sei quem ele é — soltou Lars com orgulho. — Descobri no primeiro dia.

Frances se voltou para Tony, que olhava incomodado para seu copo com uma expressão de desconforto, mas não de confusão, como se soubesse do que estavam falando. Quem *era* ele? Um assassino em série *famoso*?

— Heather! — exclamou Napoleon. — Você o conhece! Juro que conhece!

— Da… escola? Do trabalho? — Heather balançou negativamente a cabeça. — Não tenho…

— Vou dar uma pista — disse Napoleon, e então cantarolou: — *Somos os Navy Blues!*

Heather observou Tony. O rosto dela se iluminou.

— Hogburn Sorridente!

Napoleon apontou para Heather como se ela tivesse acertado a resposta de um enigma.

— Exatamente! É o Hogburn Sorridente! — Então Napoleon pareceu duvidar de si mesmo. — Não é?

Tony estava tenso.

— Anos atrás eu era — disse ele. — Trinta quilos atrás.

— Mas o Hogburn Sorridente jogava no Carlton — interveio Jessica. — Eu sou torcedora do Carlton! Você não é, tipo, uma superlenda?

Ela disse aquilo como se estivessem enganados.

— Deve ter sido antes de você nascer — falou Tony.

— Carlton é um time de *futebol americano*, não é? — sussurrou Frances para Ben.

Ela era muito ignorante em matéria de esporte; certa vez uma amiga lhe dissera que parecia ter passado a vida inteira em um bunker.

— Quase — respondeu Ben. — Futebol *australiano*.

— Aquele com os pulos?

Ben riu.

— Com os pulos, é.

Hogburn Sorridente, pensou Frances. Havia *mesmo* algo vagamente familiar naquele nome. Sentiu sua impressão sobre Tony mudar. Era um homem que costumava ser alguém, assim como Frances costumava ser alguém. Tinham aquilo em comum. Se bem que a carreira de Frances estava desaparecendo aos poucos, enquanto imaginava que a de Tony devia ter terminado de forma oficial, provavelmente com algum tipo de lesão — todos aqueles pulos! —, e ele não saltava mais a esmo no campo de futebol.

— Eu sabia que você era o Hogburn Sorridente! — repetiu Lars. Ele parecia estar atrás de algum reconhecimento que não vinha. — Não costumo ser bom fisionomista, mas descobri de cara quem você era.

— Você teve que parar de jogar por causa de alguma lesão? — perguntou Frances.

Achou que aquilo era uma pergunta muito inteligente e empática de se fazer a um atleta. Devia ter a ver com *ligamentos*.

Tony ficou ligeiramente risonho.

— Sofri muitas lesões.

— Ah — disse Frances. — Sinto muito.

— Duas reconstruções do joelho, uma substituição de quadril… — Ele suspirou. — Um problema crônico no tornozelo.

— Chamavam você de Hogburn Sorridente porque você *sorria* muito ou porque *não* sorria? — perguntou Zoe.

— Porque eu sorria muito — respondeu Tony, sem sorrir. — Eu era um cara simples naquela época. Despreocupado.

— *Era?* — disse Frances, sem esconder sua surpresa.

— Aham — confirmou Tony, sorrindo para ela.

Ele parecia achá-la divertida.

— Não foi você que tatuou carinhas sorridentes na bunda? — perguntou Lars.

— Eu já vi! — gritou Frances antes de se conter.

— Sério? — disse Lars, com um tom de voz sugestivo.

— *Frances* — repreendeu Tony, levando um dedo aos lábios como se os dois tivessem algo a esconder.

Espere aí! Estava flertando com ela?

— Ah, não, não *assim* — falou Frances. Olhou para Masha, nervosa. — Vi sem querer.

— Meu irmão tinha um pôster seu no quarto! — Era Delilah, insubordinadamente falando como um ser humano. — Aquela foto em que você está pulando, a quase dois metros do chão, enquanto outro jogador puxa sua bermuda e mostra suas tatuagens! Hilário!

— Que curioso. Temos um atleta famoso entre nós. — Havia um tom de irritação na voz de Masha. Talvez quisesse ser a única atleta no meio deles.

— Ex-atleta — corrigiu Tony. — Faz muito tempo.

— Então... Quem não falou ainda? — perguntou Masha, visivelmente querendo mudar de assunto.

— Depressão pós-esporte — disse Napoleon. — É isso que você tem? Já li sobre o assunto. Afeta muitos atletas de elite. Você tem que focar na saúde mental, Tony... Hogburn... Tony, espero que não se incomode se eu chamar você de Hogburn Sorridente... Enfim, tem mesmo, porque depressão é uma coisa *insidiosa*...

— Quem é o próximo? — interrompeu Masha.

— Eu — disse Zoe. — Meu nome é Zoe.

Ela pareceu refletir. Ou será que estava nervosa? *Ah, querida*.

— Como meu pai já falou, decidimos vir para a Tranquillum House porque não suportamos ficar em casa em janeiro, afinal foi o mês em que meu irmão se enforcou.

Masha emitiu um ruído estranho e levou a mão à boca. Era a primeira vez que Frances via Masha demonstrar qualquer sinal de fraqueza. Até mesmo quando falara do pai, cuja perda certamente a fizera sofrer, ela fora contida.

Frances observou Masha engolir convulsivamente por alguns segundos, como se estivesse engasgando, até que recuperou a compostura e continuou escutando Zoe, embora seus olhos parecessem um pouco úmidos, como se ela de fato tivesse se engasgado.

Zoe olhou para o teto. O círculo de pessoas pareceu se inclinar na sua direção com o peso da empatia inútil.

— Ah, calma, meu pai não disse que Zach se enforcou, mas se vocês estavam se perguntando, tipo, qual foi o *método escolhido*, bem, foi esse! É bem popular. — Ela sorriu e balançou o corpo, descrevendo pequenos círculos. Os brincos prateados em sua orelha brilharam. — Um amigo dele disse que foi muito "corajoso" da parte de

Zach… escolher esse jeito para se matar. Em vez de comprimidos. Como se ele tivesse pulado de *bungee jump*. Meu Deus! — Ela bufou com força e seu cabelo se afastou da testa. — *Enfim*, depois que viramos, tipo, especialistas em suicídio, paramos de contar para as pessoas como tinha sido. Por causa do efeito de contágio. Suicídio é muito contagioso. Meus pais ficaram morrendo de medo que eu pegasse também. Como catapora. Rá-rá. Mas eu nunca peguei.

— Zoe? — chamou Napoleon. — Querida, acho que já chega.

— A gente não era muito próximo — explicou a menina ao grupo. Ela olhou para as próprias mãos e repetiu a frase. — Tipo, às vezes as pessoas acham que, por sermos gêmeos, éramos muito próximos, mas estudávamos em escolas diferentes. Nossos interesses eram diferentes. Nossos *valores* eram diferentes.

— Zoe — disse sua mãe. — Talvez agora não seja…

— Ele acordou muito cedo naquele dia. — Zoe ignorou a mãe. Mexeu em um dos vários brincos que tinha na orelha. O copo de suco vazio estava caído de lado perto da sua coxa. — Ele quase nunca acordava cedo. Tirou o lixo reciclável, porque era a vez dele, então voltou para o quarto e se matou. — Ela suspirou, como se estivesse entediada. — A gente revezava na hora de tirar o lixo. Não sei se ele fez aquilo para provar alguma coisa. Fiquei com muita raiva. Tipo, muito obrigada, Zach, parabéns, isso compensa o fato de você ter se matado.

— Zoe? — falou Heather com rispidez.

A menina se virou na direção da mãe, só que muito devagar, como se estivesse com dor nas costas.

— O quê?

Heather pegou o copo de suco e o colocou de pé no chão, fora do caminho. Inclinou-se para perto da filha e afastou uma mecha de cabelo dos olhos dela.

— Tem alguma coisa… — Os olhos de Heather percorreram o círculo de pessoas. — Errada aqui. — Voltou-se para Masha e perguntou: — Você anda medicando a gente?

TRINTA

Masha

Concentre-se. Apenas. Na sua respiração. Concentre-se. Apenas. Na sua respiração.

Masha estava bem, perfeitamente bem, estava sob controle. Por um instante, quando Zoe falou aquilo, Masha chegou muito perto de perder de vez o foco; já tinha perdido a noção do tempo. Mas agora estava de volta, com a respiração regular e o controle retomado.

Aquela informação sobre o irmão deveria ter surgido durante as sessões particulares de terapia com a família Marconi. Todos haviam dito livremente que estavam ali para o aniversário da morte dele, mas ninguém mencionara que ele havia se suicidado. Masha deveria ter enxergado além do comportamento evasivo dos três. Não era do seu feitio deixar passar uma coisa dessas. Era muito perceptiva. Eles a haviam enganado de forma deliberada e o resultado era que ela estava despreparada. Fora *surpreendida*.

E agora aquela pergunta de Heather: "Você anda medicando a gente?"

Antes de Heather falar, Masha observava o grupo: notou os gestos de todos se tornando mais livres, suas pupilas se dilatando e suas línguas se soltando. Claramente estavam perdendo as inibições, falando com fluidez, com uma honestidade revigorante. Alguns, como Napoleon, se remexiam, enquanto outros, feito Frances, ficavam imóveis. Alguns estavam corados, outros, pálidos.

Naquele momento, Heather tinha os dois sintomas: estava muito branca e com manchas aleatórias nas bochechas.

— Hein? — questionou ela. — Anda medicando a gente?

— De certa forma — respondeu Masha com calma.

A pergunta de Heather não era ideal, nem fora prevista, embora talvez devesse ter sido, porque Heather era obstetriz, a única hóspede ali, pelo que Masha sabia, com algum conhecimento médico. Mas Masha podia lidar com aquilo.

— Como assim, "de certa forma"?

Ela não gostou do tom de voz de Heather. Irritado. Desrespeitoso.

— Bem, *medicar* implica… — Masha buscou as palavras certas. — Um entorpecimento dos sentidos. O que estamos fazendo aqui é *elevando* os sentidos.

— Você precisa dizer exatamente o que tem nos dado! Agora!

Heather ficou de joelhos, como se estivesse prestes a se levantar em um pulo. Sua pose fez Masha pensar em um cãozinho feroz. Um cãozinho que ela gostaria de chutar.

— Espere aí, o que está havendo? — perguntou Napoleon a Heather.

Masha olhou para Yao e Delilah: *Estejam prontos se necessário*. Eles acenaram com a cabeça de forma quase imperceptível, ambos segurando as pochetes médicas discretas que tinham nas cinturas.

Não era para ser assim.

TRINTA E UM

Lars

Em seu longo histórico como hóspede de spas, Lars vira algumas práticas bizarras e nada convencionais, mas aquilo era a primeira vez. Era irônico, porque um dos benefícios colaterais de estar ali era *reduzir* o consumo recreativo de drogas.

— Chama-se microdosagem e é perfeitamente seguro — explicou a estimada líder, que, como sempre, estava sentada de pernas cruzadas, a coluna ereta, suas incríveis pernas brancas e compridas tão enroscadas que às vezes Lars se distraía tentando descobrir onde começava e terminava cada uma. — Há vários benefícios: níveis elevados de criatividade, aumento do foco, crescimento da consciência espiritual, melhoria dos relacionamentos… É uma lista interminável. Basicamente, você funciona um pouco melhor do que uma pessoa normal. É cerca de um décimo de uma dose normal de LSD.

— Espere aí… O quê? — perguntou Frances. Ela riu, incerta, como se tivesse ouvido uma piada sem entender direito. Lars já gostava dela. — Desculpe. Você não está dizendo que *nós* estamos tomando *LSD*, está?

Lars viu a maior parte dos outros hóspedes encarar Masha com uma incompreensão absoluta. Aquele público certamente era conservador demais para lidar com uma revelação sobre drogas, mesmo levando em conta a popularidade da cocaína nos subúrbios. O próprio Lars consumia cocaína, ecstasy e maconha de vez em quando, mas nunca LSD.

— Como eu disse, se chama microdosagem — falou Masha.

— Isso se chama colocar droga alucinógena no nosso suco — corrigiu Heather.

Heather. Lars nunca teria imaginado que o nome daquela mulher era Heather. Era um nome delicado demais para uma mulher magérrima e bronzeada com quadríceps que pareciam partes de uma máquina e um cenho permanentemente franzido, como se ela olhasse sempre na direção do sol. Em todas as vezes que Lars a observara durante o silêncio, imaginara-se levando o polegar à testa da mulher, entre as sobrancelhas, e dizendo: "Relaxe." Agora se sentia culpado por sua irritação, porque ela havia perdido

o filho. A mulher tinha o direito de franzir a testa.

— Isso se chama "absurdo" — continuou Heather.

Ela não estava franzindo o cenho no momento. Seus olhos estavam iluminados de fúria.

— Não estou entendendo direito — falou seu marido adoravelmente confuso, um homem que mais parecia um talo de aipo, tão nerd que chegava a ser descolado.

Seu nome era *Napoleon*, o que só o tornava mais maravilhoso.

Lars não sentia onda nenhuma. Sentia-se ótimo, mas costumava ficar bem em qualquer tipo de desintoxicação. Talvez as doses fossem baixas demais para afetá-lo, ou vai ver ele tinha desenvolvido uma tolerância. Passou discretamente o dedo pela borda do copo e o lambeu. Pensou no que dissera a Delilah, no primeiro dia: "Isso é muito bom. O que tem aqui dentro?" E ela respondera: "Vamos dar a receita quando forem embora." Lars tinha imaginado que a receita especificaria quantas colheres de chia, não quantos miligramas de LSD.

— Mas… mas… a gente está aqui para se desintoxicar! — exclamou Frances para Masha. — Está dizendo que paramos com a cafeína e a substituímos por ácido?

Tony, também conhecido como Hogburn Sorridente, falou:

— Não acredito que você confiscou minha cerveja e agora está me dando drogas. Eu nunca usei drogas!

— Você acha que álcool não é uma droga? — perguntou Masha. — LSD foi classificado como dez vezes menos perigoso que álcool! O que acha disso?

— Imagino que LSD não tenha calorias — falou Carmel.

Era fácil lembrar o nome dela porque uma amiga de Lars também se chamava Carmel e tinha a mesma convicção entediante de que era gorda. Os óculos de Carmel estavam tortos em seu rosto, mas ela parecia não ter reparado. Passara os últimos cinco dias perambulando com aquela expressão dos recém-rejeitados que Lars conhecia tão bem por causa dos clientes. Aquela que provocava uma fúria ardente na barriga; a fúria que movera toda sua carreira. Ele apostaria um milhão de dólares que Carmel havia sido trocada por uma esposa-troféu.

— LSD também acelera o metabolismo? — indagou Carmel, esperançosa. — Acho que meu metabolismo está acelerado. Também nunca usei drogas, mas não tenho problema nenhum com isso. Tenho total respeito por você e pelos seus métodos, Masha.

Emagrecer não vai ajudar você a se sentir melhor, querida. Deixe o babaca sem um tostão. Lars ia conversar com ela depois. Descobrir quem era seu advogado.

— Não acredito que você vem dando LSD para minha filha menor de idade —

falou Heather.

— Não sou menor de idade, mãe — corrigiu Zoe. — Estou me sentindo muito bem agora, melhor que nos últimos tempos. São só microdoses. Está tudo bem.

— Não está tudo bem! — exclamou a mãe, suspirando. — Pelo amor de Deus.

— Masha, escute — falou Napoleon com seriedade —, eu tive uma experiência horrível com drogas quando era adolescente. Uma "bad trip", como dizem. Foi uma das piores experiências da minha vida e eu sempre disse aos meus filhos que naquela ocasião prometi a mim mesmo que nunca mais usaria drogas. Então, entendo o que está querendo dizer, mas não vou tomar nada.

— Meu Deus, Napoleon, você *já tomou*! — disse Heather com os dentes cerrados. — Não está prestando atenção?

— Isso é um absurdo — disse o rapaz que ganhou na loteria.

Como era o nome dele mesmo? Um nome bom, direito, de homem heterossexual. Qual era? O rapaz tremia de tanta raiva contida e parecia estar tendo uma convulsão enquanto falava com o maxilar travado.

— *Eu não escolhi isso*.

Sua esposa se manifestou:

— Ben é, tipo, totalmente antidrogas.

Ben, pensou Lars. Era isso. Ben, e a esposa cosmeticamente aperfeiçoada era… *Jessica*. Ben e Jessica. Não havia a menor possibilidade de os dois terem feito um acordo pré-nupcial, e agora haveria muito dinheiro em jogo se o casamento terminasse. Eles perderiam tudo para os advogados.

— Ele não gosta nem de tomar aspirina — explicou Jessica. — A irmã dele é drogada. Drogada de verdade. Isso não é nada bom. — Ela levou a mão ao ombro do marido. — Não sei como isso pode ajudar nosso casamento. Também não estou feliz com isso. Nada feliz.

Seu pobre rostinho de Barbie parecia mesmo muito infeliz. Lars sentiu algo se desdobrar no peito: uma onda profunda e gigantesca de empatia por Jessica. Coitada da garota de plástico. Uma menininha rica e confusa. Tinha todo aquele dinheiro e não fazia a menor ideia de como usá-lo, a não ser com procedimentos estéticos que não ajudavam em nada.

— Entendo o medo de vocês — afirmou Masha. — Sofreram lavagem cerebral por causa da desinformação disseminada pelos governos.

— Eu não sofri *lavagem cerebral* — interveio Ben. — Eu *vi* com meus próprios olhos.

— Sim, mas essas são drogas de rua, Ben — falou Masha. — O problema com as

drogas de rua é que não dá para controlar a qualidade nem a dosagem.

— Não estou acreditando nisso — disse Ben, ficando de pé.

— Na verdade, o LSD já foi usado com sucesso para tratar vício em drogas — explicou Masha. — Sua irmã poderia se beneficiar com o uso do LSD. No contexto certo.

Ben bateu as mãos no rosto.

— Inacreditável.

— Sabem, há um homem muito importante sobre o qual devemos conversar. O nome dele era *Steve Jobs* — falou Masha.

Lars, que esperava que ela dissesse Dalai Lama, conteve o riso.

— Eu sempre o admirei muito — continuou Masha.

— Então não sei por que confiscou nossos iPhones — resmungou Tony.

— Sabem o que Steve Jobs disse? Ele disse que tomar LSD foi uma das experiências mais importantes e profundas que teve na vida.

— Ah, então tudo bem — falou Lars, divertindo-se muito. — Se Steve Jobs disse que devemos tomar LSD, então devemos mesmo!

Masha balançou a cabeça com tristeza para eles, como se fossem crianças equivocadas mas encantadoras.

— Os efeitos colaterais das drogas psicodélicas são *mínimos*. Pesquisadores respeitados das universidades mais reconhecidas do mundo estão fazendo testes clínicos com esse tipo de substância neste exato momento! Os resultados têm sido excelentes! A microdosagem permitiu que vocês se concentrassem nas práticas de meditação e ioga ao longo da última semana, além de ter aliviado os sintomas de abstinência que estariam sofrendo por cortar substâncias muito mais perigosas, como álcool e açúcar.

— Sim, mas, Masha… — interveio Heather. Ela parecia mais calma. Afastou os dedos das mãos como quem espera as unhas recém-pintadas secarem. — Os efeitos que estou sentindo agora, que suspeito que todos nós estejamos começando a sentir, não podem ser só de uma microdose.

Masha sorriu para ela, como se não pudesse estar mais orgulhosa.

— Ah, Heather — disse. — Você é uma mulher inteligente.

— O último suco foi diferente — continuou Heather. — Não foi?

— Você está certa, Heather. Eu estava prestes a explicar isso, mas você fica botando o caminhão na frente dos bois! — Ela corrigiu a frase quase instantaneamente: — O *carro* na frente dos bois! — Seus dentes brancos e fortes brilhavam à luz das velas. Era difícil saber se era um sorriso ou uma careta. — O que

está acontecendo agora é o próximo passo de um protocolo planejado e executado com rigor. — Ela olhou ao redor, acenando com discrição com a cabeça para cada um, como se distribuísse respostas afirmativas a perguntas tácitas. *Sim, sim, sim*, parecia dizer. — Vocês estão prestes a embarcar em uma experiência *verdadeiramente* transformadora. Nunca fizemos isso antes na Tranquillum House e estamos muito animados. Vocês são os primeiros nove hóspedes a ter essa oportunidade extraordinária.

Uma gloriosa sensação de bem-estar se espalhou como mel pelo corpo de Lars.

— Para a maioria de vocês, o último suco tinha tanto uma dose de LSD quanto uma forma líquida de psilocibina, uma substância naturalmente presente em alguns cogumelos.

— *Cogumelos mágicos* — falou Tony, enojado.

— Ai, meu Deus — disse Frances. — Parece que voltei à época em que estudava arte na faculdade.

Lars estava muito feliz por ter escolhido a Tranquillum House para aquela desintoxicação. Que lugar maravilhoso! Tão inovador e vanguardista.

— Foi isso que causou minha experiência ruim — interveio Napoleon. — Minha "bad trip". Foram cogumelos mágicos.

— Não vamos permitir que isso aconteça, Napoleon — assegurou Masha. — Temos treinamento médico e estamos aqui para ajudar e guiar vocês. As drogas que tomaram foram testadas para garantir que estão em estado puro.

Drogas puras, ótimas, da melhor qualidade, pensou Lars, sonhador.

— Chama-se terapia psicodélica guiada — esclareceu Masha. — À medida que o ego se dissolve, a pessoa acessa um nível superior de consciência. Uma cortina vai ser aberta e vocês vão ver o mundo como nunca antes.

Lars tinha um amigo que passara dias viajando pela Amazônia para participar de uma cerimônia Ayahuasca, durante a qual vomitara sem parar e fora devorado por insetos enquanto buscava esclarecimento. Aquilo, em comparação, era incrivelmente civilizado. Esclarecimento cinco estrelas!

— Quanta baboseira — disse Tony.

— Mas eu fiquei louco — insistiu Napoleon. — Realmente fiquei louco, e não gostei nada daquilo.

— Isso é porque você não estava em um ambiente seguro. Os especialistas chamam de "conforto mental e físico" — disse Masha. — Para ter uma experiência positiva, você precisa entrar com a mentalidade correta em um ambiente físico controlado como o que criamos aqui hoje. — Ela fez um gesto amplo indicando o cômodo. —

Yao, Delilah e eu estamos aqui para guiar vocês e mantê-los em segurança.

— Você sabe que vai ser processada por isso — falou Heather serenamente.

Masha sorriu com carinho para ela.

— Daqui a pouco, vou pedir a vocês que se dirijam a uma das camas dobráveis, onde vão poder se deitar e curtir o que eu garanto que vai ser uma experiência realmente transcendental.

— E se não quisermos essa experiência? — perguntou Tony.

— Acho que já estamos com os cintos afivelados na nave espacial — disse Lars, cutucando o ombro grande e carnudo de Tony com o seu. — Só nos resta relaxar e curtir a viagem. Acho seu sorriso muito charmoso, aliás.

— Ah, eu também acho! — exclamou Frances. — Adoro o sorriso dele. Parece que a cabeça dele toda se amassa que nem… que nem… um lenço amassado.

— Meu Deus — disse Tony.

— Você é muito bonito — comentou Frances para Lars. — Estupidamente bonito, na verdade.

Lars sempre apreciava pessoas que comentavam sobre sua aparência de forma inequívoca.

— Você é muito gentil — falou ele com modéstia. — Não posso levar o crédito por isso. Venho de uma longa linhagem de homens estupidamente bonitos.

— Acho que nos drogar sem nossa permissão deve ser ilegal — disse Jessica.

Claro que é ilegal, sua anta, pensou Lars.

— Por favor, não me chame de anta — disse Jessica.

O sangue de Lars gelou. Ela conseguia ler sua mente e era absurdamente rica. Agora ela teria a capacidade de dominar o mundo para seus propósitos nefastos.

— Estamos aqui para fazer terapia de casal — protestou Jessica para Masha. — Pagamos para isso. Essa coisa toda não tem a menor utilidade para a gente.

— Isso vai ter um impacto profundo no casamento de vocês — discordou Masha. — Você e Ben não vão se separar nessa jornada. Vão ficar sentados juntos e vivenciar isso como um casal. — Masha apontou para um dos montinhos de almofadas no canto. — O suco de vocês tinha uma fórmula diferente da dos outros. Estudamos cuidadosamente as pesquisas e descobrimos que MDMA era o melhor…

— Ecstasy — interrompeu Heather. — Ela quer dizer ecstasy. Deu uma droga *de boate* para vocês. Inacreditável. Jovens morrem todos os anos depois de tomar ecstasy, mas não se incomodem com isso.

— Mãe, você está sendo meio desmancha-prazeres — opinou Zoe.

— Vamos embora — disse Ben para Jessica. Ele estendeu a mão para a esposa e

olhou para Masha. — Estamos indo embora.

— Só… Espere.

Jessica não segurou a mão dele.

— Vou repetir: quando usado em um ambiente controlado, o MDMA é perfeitamente seguro. Foi testado em psicoterapia medicada com grande sucesso no tratamento de estresse pós-traumático, ansiedade social e em terapia de casal! — falou Masha. — Nunca houve nem uma única morte nem reação adversa a uma dose clinicamente administrada de MDMA.

— Isto não é um ambiente clínico! — gritou Heather.

Masha a ignorou.

— MDMA é um empatógeno. Produz sentimentos de empatia e abertura.

— É *mesmo* uma experiência muito boa, gente — falou Lars de forma amorosa.

Masha olhou para ele com desaprovação.

— Mas isto aqui não tem a ver com dançar a noite toda em uma boate. É *terapia guiada*. Vocês vão perceber, Ben e Jessica, que estão mais sensíveis e mais dispostos a aceitar o ponto de vista do outro. Estão prestes a se comunicar de uma forma como nunca devem ter feito.

— Consentimento — falou Napoleon. — Acho que é isso que está faltando aqui. Sinto que… Tenho certeza de que… — Ele ergueu o dedo. — Eu li a papelada com muita atenção, e tenho certeza de que não consentimos com isso.

— Não, não consentimos, porra — disse Tony.

Jessica enfiou uma das unhas postiças compridas na boca e a mordeu.

Cuidado, pensou Lars. *Isso parece afiado.*

— O que parece afiado? — perguntou Jessica, franzindo o cenho para Lars. Virou-se em seguida para Ben. — Será que a gente deveria tentar?

Ben, que ainda estava de pé, fez que não com a cabeça, os olhos fixos em algum horizonte distante que só ele enxergava.

— Eu não escolhi isso — insistiu ele. — Drogas são perigosas. Drogas são *ruins*. Drogas *estragam vidas*.

— Eu sei, amor — disse Jessica, olhando para ele. — Mas talvez seja melhor a gente entrar na onda.

— Acho que vocês dois deveriam entrar na onda — opinou Lars. — Já vi muitos casamentos ruins, mas acho que o de vocês tem…

Havia uma bela palavra da qual ele precisava para encerrar sua bela frase, mas ela fugira do seu cérebro.

A palavra flutuou entre Jessica e Ben como uma borboleta agitada, antes de pousar,

trêmula, na mão de Tony. Lars se inclinou para a frente e leu:

— *Potencial!* — exclamou ele. — Acho que o casamento de vocês tem potencial.

O tempo desacelerou, depois voltou ao normal.

Delilah estava de pé na frente dele. Tinha se teletransportado, aquela danada.

— Está na hora de se deitar, Lars — disse ela.

Teletransporte era uma habilidade que Lars gostaria de desenvolver. Ia encomendar o livro *Teletransporte para iniciantes*. Tinha a impressão de que aquele era o tipo de piada de que sua nova amiga Frances gostaria, mas percebeu que ela estava com Yao, deitada em uma das camas dobráveis, erguendo a cabeça com confiança enquanto o assistente colocava uma venda em seus olhos.

— Vamos, de pé — falou Delilah, estendendo a mão.

Lars ficou momentaneamente hipnotizado por um cacho espesso e brilhante de cabelo escuro sobre o ombro dela. Ele o observou por uma hora, depois segurou sua mão.

— Sei tudo sobre casamentos ruins — explicou enquanto deixava que ela o ajudasse a ficar de pé.

Delilah era tão forte e poderosa quanto a Mulher-Maravilha, e também se parecia muito com a Mulher-Maravilha. Era muito maravilhosa em vários sentidos, mas ele não deixaria que ela chegasse perto de seu cabelo.

— Vamos conversar mais sobre esse assunto daqui a pouco — falou Delilah, enquanto o guiava até uma das macas. — Podemos explorar isso durante a terapia guiada.

— Não, obrigado, querida, já fiz anos de terapia — disse Lars. — Não há nada que eu não saiba sobre minha psique.

Ele pensou em todas as pastas gordas repletas de páginas de palavras escritas à mão sobre os Grandes Mistérios de Lars, que na verdade podiam ser resumidos a poucos parágrafos irrisórios.

Quando Lars tinha dez anos, seu pai trocou sua mãe por uma mulher chamada *Gwen*. Talvez houvesse Gwens boazinhas no mundo, mas Lars duvidava. Sua mãe se dera mal no acordo financeiro. Agora, Lars passava os dias eviscerando homens ricos que largavam a esposa: uma fantasia de vingança inútil e interminável contra o pai havia muito falecido, um emprego que o satisfazia do ponto de vista financeiro e emocional.

Ele era maníaco por controle porque tinha perdido o controle da sua vida na infância, e tinha uma relação estranha com dinheiro porque crescera sem ele, e não era *vulnerável* o suficiente em seus relacionamentos porque… não queria ser vulnerável.

Ele amava Ray, mas escondia uma parte de si, porque a infância de Ray fora feliz e saudável, e era como se Lars tivesse uma vontade inconsciente de socar a cara dele por ter vivido a infância feliz que ele não tivera. Só isso. Não havia nada mais para saber, nada mais para descobrir. Alguns anos antes, Lars trocara a terapia por spas, e Ray, que começara a andar de bicicleta, ficara magrinho e obcecado como todos os ciclistas urbanos. A vida era boa.

— Você nunca fez esse tipo de terapia — afirmou Delilah.

— Não, obrigado — falou Lars com firmeza e educação. — Vou só curtir minha onda.

Lars se deitou em uma posição confortável. O Grande Tony, Hogburn Sorridente, estava deitado na maca ao lado. Masha se ajoelhou junto dele, cobrindo-o com movimentos seguros e ágeis, como se ele fosse um bebê gigante e grisalho. Lars cruzou olhares com Tony pouco antes de Masha tapar a vista dele com uma venda. Foi como olhar dentro dos olhos apavorados de um prisioneiro. Pobre Tony. *Só relaxe e curta, cara*.

Delilah aproximou o rosto do de Lars, o hálito morno e doce.

— Vou deixar você por um instante, mas volto logo para ver como está e conversar sobre o que está passando pela sua cabeça.

— Não está passando nada pela minha cabeça — respondeu Lars. — Não encoste no meu cabelo enquanto eu durmo, Delilah.

— Muito engraçado. Nunca ouvi essa piada. Masha e Yao também estão aqui. Você não está sozinho. Está em boas mãos, Lars. Se precisar de alguma coisa, é só pedir.

— Que gentil — disse Lars.

Delilah tapou os olhos dele com a máscara de dormir, e os ouvidos, com os fones.

— Procure as estrelas — instruiu ela.

A música clássica se derramou dos fones de ouvido diretamente para dentro do seu cérebro. Ele ouvia cada nota isoladamente, em sua totalidade, com uma pureza absoluta. Era extraordinário.

Um menininho de cabelo escuro e rosto sujo disse para Lars:

— Venha comigo. Tenho uma coisa para mostrar.

— Não, obrigado, cara — falou Lars. — Estou ocupado.

Ele reconheceu o menino. Era ele mesmo criança, o pequeno Lars, tentando lhe dar um recado.

— Por favor — pediu o menininho, segurando a mão de Lars. — Preciso mostrar uma coisa para você.

— Talvez mais tarde — disse Lars, soltando sua mão. — Estou ocupado agora. Vá

brincar.

Lembre-se disso, pensou ele. *Lembre-se de tudo*. Ia contar aquilo a Ray quando voltasse para casa. Ray ficaria interessado. Ele sempre se interessava por tudo que acontecia com Lars, sua expressão sempre tão sincera, aberta e esperançosa.

Ray não queria *tirar* nada dele. Tudo que Ray queria era seu amor.

Por um instante, aquele pensamento simples foi tudo, ficou suspenso em sua consciência, a resposta para todas as perguntas, a chave para todos os cadeados, mas então sua mente explodiu em um bilhão de pétalas roxas.

TRINTA E DOIS

Zoe

O pai de Zoe se recusava a deitar e colocar os fones de ouvido, e aquelas eram as *regras*, mas seu pai não queria segui-las, e era a primeira vez na vida que ela via o pai não seguir as regras, o que era muito engraçado e maravilhoso.

Zoe pressionava cuidadosamente a ponta de cada dedo contra os polegares enquanto via Masha tentando convencer seu pai a se deitar. Sua mãe gritava:

— Ilegal… Inconcebível!… Revoltante!

Ela parecia uma bolinha de papel selvagem e raivosa. Era meigo. O que Zach costumava dizer quando a mãe deles ficava brava? "Mamãe está uma fera."

Ela fechou os olhos. *Mamãe está uma superfera agora.*

Achei que você não estava falando comigo. A voz dele soou com muita nitidez em seu ouvido.

Não estou. Odeio você. Não suporto você.

É. Também não suporto você. Por que fica dizendo para as pessoas que a gente não era próximo?

Porque é verdade. Antes de você morrer, a gente não se falava havia, tipo, um mês.

Porque você estava sendo uma chata.

Não, porque você estava sendo um completo babaca.

Vá se foder.

Vá se foder você. Baixei aquele seu Gerador de Insultos Shakespearianos.

Eu sei. É engraçado, não é? Gostou? Sua monstra desditosa malfadada.

E eu quebrei sua guitarra.

Eu vi. Você jogou longe. Sua cobra covarde avarenta.

Estou tão brava com você…

Eu sei.

Você fez de propósito. Para se vingar de mim. Para ganhar.

Hum, não. Nem lembro por que a gente estava brigando.

Sinto saudade de você todos os dias, Zach. Todos os dias.

Eu sei.

Nunca mais vou ser uma pessoa normal. Você tirou isso de mim. Você me deixou ANORMAL, e é muito solitário ser anormal.

Você já era meio anormal.

Muito engraçado.

Acho que nossos pais estão nos chamando ali.

O quê?

Zoe abriu os olhos e o estúdio de ioga tinha quilômetros de extensão, e sua mãe e seu pai eram pontinhos minúsculos ao longe, chamando-a.

— Venha se sentar com a gente.

TRINTA E TRÊS

Frances

Frances sentia a carícia macia e gelada de flocos de neve em seu rosto enquanto ela e a amiga Gillian voavam por um céu cravejado de estrelas em um trenó puxado por cavalos brancos.

Tinha uma pilha de livros no colo. Eram todos os livros que ela já havia escrito, inclusive as edições estrangeiras. Os livros estavam abertos no topo feito caixas de cereal. Frances enfiou a mão dentro de cada um e puxou grandes punhados de palavras para espalhar pelo céu.

— Peguei um! — exclamou Sol da parte de trás do trenó, onde ele e Henry estavam sentados, fumando cigarros e matando adjetivos desnecessários com catapultas.

— Deixem eles em paz — falou Frances, irritada.

— Vamos pegar todos os advérbios também! — exclamou Sol com alegria.

— Até os que rimam? — perguntou Henry afavelmente.

— Só tem rima imperfeita — ressaltou Frances.

— São só palavras, Frances — disse Gillian.

— Que profundo, Gillian — comentou Sol.

— Cale a boca, Sol — retorquiu Gillian.

— Ela nunca gostou de você — disse Frances a Sol.

— Esse tipo de mulher sempre deseja secretamente um macho alfa — retrucou ele.

Frances sorriu carinhosamente para ele. Convencido, mas sexy para caramba.

— Você foi meu primeiro marido.

— Fui seu primeiro marido — concordou Sol. — E você foi minha primeira segunda esposa.

— Segundas esposas são tão jovens e bonitas… — disse Frances. — Gostei de ser a segunda esposa.

— A propósito, Gillian me beijou uma vez — contou Henry. — Na festa de trinta

anos de alguém.

— Ela estava bêbada — argumentou Frances. — Não fique se achando por isso.

— Eu estava bêbada — confirmou Gillian. — E me senti culpada por isso até morrer.

— Henry, você foi meu segundo marido — lembrou Frances. — Mas eu fui sua *primeira* esposa. Portanto, não tão bonita.

— Por que fica identificando seus maridos? — perguntou Gillian.

— Os leitores ficam impacientes quando têm dificuldade para saber que personagem é quem — explicou Frances. — Você precisa ajudar. Ninguém aqui tem tempo a perder.

— Só que isto não é um livro — disse Gillian.

— Vai ver é — falou Frances. — Sou a protagonista, óbvio.

— Acho que aquela mulher russa é sua concorrente — disse Gillian.

— Não é — retorquiu Frances. — É tudo sobre mim. Só não entendi direito ainda quem é meu par romântico.

— Ai, pelo amor de Deus, é tão óbvio — afirmou Gillian. — Até Freddy, o cego veria. — Ela gritou para o céu: — Vocês sabiam desde o começo, não é?

— Gillian! Você acaba de tentar quebrar a quarta parede?

Frances estava chocada.

— Eu, não! — defendeu-se Gillian, mas com uma expressão culpada. — Tenho certeza de que ninguém percebeu.

— Que cafona — disse Frances. — Muito forçado.

Ela ousou olhar para cima, e as estrelas eram milhões de olhos atentos em busca de violações de regras na sua história: sexismo, etarismo, preconceito, tokenismo, capacitismo, plágio, apropriação cultural, discriminação contra gordos, contra mulheres, contra vegetarianos, contra agentes imobiliários. A voz da Internet Todo-Poderosa soou no céu: *Que vergonha!*

Frances baixou a cabeça.

— É só uma história — sussurrou ela.

— É o que estou tentando dizer para você — rebateu Gillian.

Uma frase interminável, feito uma teia de aranha com bordados de metáforas tão reluzentes quanto joias, com orações demais e de sentido tão obscuro que só podia ser profundo, enrolou-se no pescoço de Frances, mas não lhe caiu bem, então ela a arrancou e a jogou no espaço. A frase flutuou até que finalmente um autor tímido a caminho de um festival para receber um prêmio a agarrou e a usou para amordaçar um dos seus lindos cadáveres. Ficou ótimo nele. Críticos de barba grisalha aplaudiram

aliviados e gratos por aquilo não ter virado um livro de férias de verão.

— Será que leitores mais jovens vão reconhecer a referência a "Freddy, o cego"? O cara foi vendedor ambulante da década de 1920. — perguntou Jo, que flutuava ao lado de Frances revisando o texto. Estava montada em uma lapiseira gigantesca. — Será que não é capacitismo?

— O que é interessante é que eu sou um personagem fictício — disse o vigarista da internet na parte de trás do trenó, sentado entre Henry e Sol, com os braços em seus ombros. — Mas ela me amou mais do que amou vocês dois.

— Você não passa de um golpista — disse Sol. — Ela nunca nem encontrou com você, muito menos trepou com você, seu escroto.

— !!!! — gritou Jo.

— Concordo. Apague isso — aconselhou Gillian. — Minha mãe lê seus livros.

— Como os ex-maridos carinhosos de Frances que somos, é nosso dever acabar com você — disse Henry a Paul Drabble. — Desista, golpista.

— A vida não passa de um golpe — falou Gillian. — É tudo uma ilusão gigantesca.

— Desista, golpista — repetiu Sol, rindo. — Boa.

Sol e Henry se cumprimentaram batendo os punhos cerrados.

— Vocês são velhos demais para se cumprimentarem com soquinhos — opinou Frances, suspirando, mas seus ex-maridos estavam ocupados fazendo amizade.

Ela sempre soubera que gostariam um do outro caso se conhecessem. Deveria ter convidado os dois para seu aniversário de cinquenta anos.

Percebeu que Paul Drabble tinha desaparecido do nada. Não havia dor no espaço vazio deixado por ele. Pelo visto, ele não significara nada. Nadinha.

— Ele foi só um crédito no meu saldo bancário — disse ela a Gillian.

— Um débito, sua imbecil — corrigiu Gillian.

— Débito, crédito — disse Frances. — Tanto faz. Já superei ele completamente.

— Eu é que fui importante — manifestou-se uma voz de criança. Era Ari, o filho de Paul Drabble.

Frances não olhou para trás. Não podia olhar para ele.

— Achei que eu ia me tornar mãe dele — contou a Gillian. — Foi a única vez na vida em que cogitei ser mãe.

— Eu sei — disse Gillian.

— Que constrangedor… — sussurrou Frances. — Estou muito constrangida.

— É uma perda, Frances — declarou Gillian. — Você tem o direito de sofrer, mesmo sendo constrangedor.

A neve caiu silenciosamente por dias a fio enquanto Frances sofria pela perda de

um menino imaginário, com Gillian sentada ao seu lado, a cabeça baixa em solidariedade, até que as duas congelaram, cobertas de neve.

— E meu pai? — perguntou Frances na primavera, quando a neve derreteu, as borboletas dançaram e as abelhas zumbiram. — Por que ele não está aqui na minha viagem? Eu é que estou escrevendo isso, Gillian, não você. Vamos chamar meu pai.

— Estou aqui — respondeu seu pai da parte de trás do trenó.

Ele estava sozinho, vestindo a roupa de safári que usara no almoço do Natal de 1973, registrada para sempre na foto emoldurada na escrivaninha de Frances. Ela estendeu o braço para trás e segurou a mão dele.

— Oi, pai.

— Você sempre foi doida pelos meninos.

Seu pai balançou a cabeça. Frances sentiu o cheiro da sua loção pós-barba.

— Eu ainda era muito nova quando você morreu — disse Frances. — Foi por isso que fiz escolhas tão ruins no quesito homens. Eu estava tentando substituir você.

— Clichê? — perguntou Jo, montada na lapiseira, que empinava feito um cavalo. — *Epa,* garoto!

— Pare de me editar — replicou Frances a Jo. — Você está aposentada. Vá cuidar dos seus netos.

— Não finja que você tem questões não resolvidas com seu pai… porque não tem — afirmou Gillian. — Assuma a responsabilidade.

Frances beliscou o braço de Gillian.

— Ai! — gritou ela.

— Desculpe. Achei que não fosse doer. Não é como se isto aqui fosse real — disse Frances. — É só uma história que estou inventando e improvisando.

— Falando nisso, sempre achei que suas tramas poderiam ser mais estruturadas — opinou Gillian. — Penso o mesmo da sua vida. Todas essas separações e trocas de marido… Talvez você deva considerar um planejamento a longo prazo nos capítulos finais. Nunca tive coragem de dizer isso para você quando era viva.

— Na verdade, você me disse isso quando era viva — corrigiu Frances. — Mais de uma vez, inclusive.

— Você sempre age como se fosse a heroína de um dos seus romances. Simplesmente cai nos braços do primeiro homem que o narrador coloca na sua frente.

— Você também me falou isso!

— Falei? — perguntou Gillian. — Que falta de educação da minha parte.

— Também sempre achei isso — concordou Frances.

— Eu podia ter sido mais gentil — confessou Gillian. — Acho que eu tinha um

grau leve de autismo.

— Não fique achando que vai desenvolver mais sua personagem agora que morreu — disse Frances. — Acabou para você. Vamos focar no desenvolvimento de *minha* personagem.

— Você é fácil: é a princesa — afirmou Gillian. — A princesa passiva à espera de mais um príncipe.

— Eu poderia matar a ema — declarou Frances.

— Bem, vamos ver, não é, Frances? Vamos ver se você é capaz de matar a ema.

— Talvez. — Frances viu a ema, viva outra vez, mas ainda sem conseguir voar, correr pelo céu estrelado. — Sinto muita saudade de você, Gillian.

— Obrigada — disse ela. — Eu diria que também sinto sua falta, mas não seria totalmente verdade, por causa do meu estado constante de êxtase.

— Não me surpreende. É tão bonito! — concedeu Frances. — Parece um pouco a aurora boreal, não acha?

— Está sempre aí — comentou Gillian.

— O quê? A aurora boreal? Não está sempre aí. Ellen pagou uma fortuna e não viu nada.

— Isso, Frances. Essa beleza. Bem do outro lado. É só você ficar quieta. Parada. Sem falar. Parar de querer. Só existir. Vai ouvir ou sentir. Feche os olhos e vai ver.

— Interessante — disse Frances. — Contei a você sobre a crítica?

— Frances, *esqueça* a crítica!

Caramba. Gillian parecia bastante mal-humorada para alguém que não tinha nada para fazer a não ser deitar e aproveitar a beleza extraordinária do além.

TRINTA E QUATRO

Yao

— Onde você está agora, Frances? — perguntou Yao.

Ele estava sentado no chão ao lado da maca de Frances e tirou os fones de ouvido dela para que pudesse escutá-lo.

— Estou em uma história, Yao — respondeu.

Ele não via seus olhos por causa da venda, mas seu rosto parecia empolgado.

— Estou escrevendo uma história e *participando dela*. É bem boa. Está rolando uma onda de realismo mágico, o que é novo para mim. Estou gostando! Nada precisa fazer sentido.

— Certo — disse Yao. — Quem mais está na história com você?

— Minha amiga Gillian. Ela morreu. Enquanto dormia, aos quarenta e nove anos. Chama-se Síndrome da Morte Súbita Adulta. Achei que isso só acontecia com bebês. Eu nem sabia que era possível.

— Gillian tem alguma coisa para dizer a você?

— Não muito. Contei a ela sobre a crítica.

— Frances, *esqueça* a crítica!

Não era muito profissional, mas Yao não conseguiu esconder sua frustração. Frances não parava de falar sobre a crítica. Escritores não deviam estar acostumados com críticas negativas? Não eram ossos do ofício?

Experimente ser paramédica. Veja o que acontece quando um marido psicopata coloca uma faca no seu pescoço enquanto você tenta salvar a vida da esposa dele, sendo que não dá mais para salvar, porque ela já está morta. Experimente isso, Frances.

Ela tirou a venda e olhou para Yao. O cabelo dela estava comicamente bagunçado, como se tivesse acabado de acordar.

— Vou querer o linguine de frutos do mar. Muito obrigada.

Ela fechou um cardápio imaginário, voltou a tapar os olhos e começou a cantarolar "Amazing Grace".

Yao verificou sua pulsação e pensou em uma noite, muito tempo antes, após uma

festa da faculdade, em que ele cuidara de uma garota bêbada no quarto de alguém. Yao havia escutado sua tagarelice incoerente e arrastada durante horas e garantira que ela não se engasgasse com o próprio vômito, até que finalmente a garota dormira. Ele acordara ao raiar do dia com o rosto a centímetros do dela, o hálito azedo em suas narinas.

"Saia daqui", dissera ela.

"Não encostei em você", esclarecera Yao. "Não aconteceu nada."

"Dê o fora daqui, porra."

Ele tivera a impressão de que *tinha* se aproveitado dela, de que estuprara uma garota inconsciente. Não importava o fato de que jamais faria uma coisa dessas, de que queria dedicar sua vida a curar as pessoas; naquele momento ele era um representante do gênero masculino e tinha que baixar a cabeça por todos os pecados cometidos.

Guiar Frances em sua jornada terapêutica psicodélica não tinha nada a ver com cuidar de uma garota bêbada. Mas, ao mesmo tempo… era bem parecido.

— Eu não transo há tanto tempo… — falou ela.

A saliva branca se acumulava nos cantos da boca de Frances.

Yao ficou enjoado.

— Que pena — disse ele.

Olhou para Masha, sentada com Ben e Jessica, as sombras dos três estavam enormes na parede. Masha assentia com a cabeça enquanto o casal falava. A terapia deles parecia estar indo bem. Delilah conversava com Lars, que tinha se sentado na maca e falava calmamente, como se os dois estivessem em uma festa.

Todos os pacientes estavam bem. Ele tinha um carrinho de reanimação a postos. Estavam sendo monitorados. Não havia nada com que se preocupar, no entanto era muito estranho que, naquele instante, todos os seus sentidos gritassem uma palavra inexplicável: *Corra*.

TRINTA E CINCO

Tony

Tony corria por um campo verde-esmeralda interminável, carregando uma bola de futebol de formato estranho, com o peso de três tijolos. Seus braços doíam. Bolas de futebol não costumavam ser tão pesadas.

Banjo, novamente um filhote, corria ao seu lado, pulando junto dele com a alegria despreocupada de uma criança, passando entre as pernas de Tony e abanando o rabo.

Tony compreendia que, se queria ser feliz outra vez, precisava simplesmente chutar aquela bola deformada e estranha dentro do gol. O futebol representava tudo que ele odiava em si mesmo: todos os seus erros, seus arrependimentos e sua vergonha.

— Senta! — disse ele para Banjo.

O cachorrinho obedeceu. Seus grandes olhos castanhos se fixaram em Tony com confiança.

— Fica — ordenou.

Banjo ficou. Abanava o rabo de um lado para outro na grama.

Tony viu as traves brancas se agigantarem como dois arranha-céus acima dele.

Ergueu o pé, fez contato. A bola desenhou um arco perfeito no céu azul sem nuvens. Soube imediatamente que funcionara. Teve aquela sensação de montanha-russa na barriga. Não havia nada melhor. Era melhor que sexo. Fazia tanto tempo…

A multidão gritou quando a bola passou bem no meio das traves, e a euforia decolou como um foguete no corpo de Tony, que pulou alto no céu, com o punho cerrado, feito um super-herói.

TRINTA E SEIS

Carmel

Carmel estava sentada em um sofá de veludo felpudo dentro de uma loja pretensiosa especializada em corpos de marca da última moda.

Ela não usava um corpo. Era tão maravilhoso e relaxante não usar um corpo. Não tinha coxas. Não tinha barriga. Não tinha bunda. Não tinha bíceps. Não tinha tríceps. Não tinha celulite. Não tinha pés de galinha. Não tinha rugas de preocupação. Não tinha cicatriz de cesariana. Não tinha danos causados pelo sol. Não tinha linhas finas. Não tinha os sete sinais da idade. Não tinha cabelo ressecado. Não tinha cabelo rebelde. Não tinha cabelo grisalho. Nada para depilar, tingir ou condicionar. Nada para deixar mais comprido ou liso, escondido ou disfarçado.

Era apenas Carmel, sem seu corpo.

Como era seu rosto antes dos seus pais nascerem?

Suas meninas estavam sentadas de ambos os lados dela no sofá, aguardando que escolhesse um corpo novo. Estavam lendo calmamente livros com capítulos, apropriados para a idade delas, e comendo frutas frescas cortadas em pedaços. Nenhum aparelho eletrônico. Nenhuma comida açucarada. Nenhuma briga. Carmel era a melhor mãe da história da maternidade.

— Vamos encontrar um novo corpo divino para sua nova vida divina — disse Masha, que era a gerente da loja e estava vestida como uma princesa da Disney. Ela passou o dedo por uma arara repleta de corpos diferentes pendurados em cabides. — Não, não, talvez… Ah, *este* aqui é bonito! — Ela estendeu o corpo sobre o braço. — Este ficaria lindo em você. Está muito na moda, e tem um caimento ótimo!

Era o corpo de Sonia. Seu cabelo louro brilhante. Sua cintura fina.

— Não gosto dos tornozelos — disse Carmel. — Prefiro tornozelos mais desenhados. Além disso, a nova namorada do meu marido tem exatamente esse corpo.

— Não queremos este, então! — exclamou Masha. Ela o pendurou de volta no cabide e escolheu outro. — E este aqui? É bastante chamativo. Vai atrair muitos olhares com este.

Era o corpo de Masha.

— É maravilhoso, mas, sinceramente, acho que não dou conta — disse Carmel. — É meio dramático demais para mim.

Sua filha Lulu largou o livro. Estava com a boca suja de pêssego. Carmel foi limpar, mas lembrou que não tinha dedos. Era útil ter dedos.

— Aquele ali é seu corpo, mamãe — disse Lulu, apontando para o corpo de Carmel pendurado em uma maçaneta, sem cabide.

— Aquele é meu corpo antigo, querida — explicou Carmel. — A mamãe precisa de um novo.

— É o seu.

Lulu era implacável como sempre.

Masha pegou o corpo antigo de Carmel.

— Parece mesmo muito confortável — falou ela.

— Podemos pelo menos diminuir alguns centímetros? — pediu Carmel.

— Claro que podemos. — Masha sorriu para ela. — Vamos deixá-lo lindo. Aqui. Experimente.

Carmel suspirou e vestiu seu velho corpo.

— Cai muito bem em você — disse Masha. — Só precisa de alguns pequenos ajustes.

— Eu gosto bastante dos tornozelos — admitiu Carmel. — O que acham, meninas?

Suas filhas se jogaram em cima dela. Carmel ficou impressionada com as veias azuis nas próprias mãos quando envolveu a cabeça das filhas, com a batida do seu coração e com a força dos seus braços ao erguer cada uma na altura do quadril.

— Vou levar este — afirmou.

— Você vai amar seu corpo — declarou Masha.

TRINTA E SETE

Masha

Minha nossa, está tudo indo muito bem, pensou Masha. A terapia estava funcionando exatamente como a pesquisa indicara. Carmel Schneider acabara de ter uma revelação em relação a seus problemas de imagem corporal. Houve um momento em que, por algum motivo, ela tentou tirar as roupas, mas Masha a conteve e as duas tiveram uma ótima conversa sobre aceitação do corpo.

O triunfo era tão tangível quanto um troféu, sólido e de ouro reluzente nas mãos de Masha.

TRINTA E OITO

Napoleon

Napoleon estava sentado com as costas apoiadas em uma parede do estúdio, observando o chão respirar que nem um bebê dormindo: com uma rapidez e uma vulnerabilidade de partir o coração.

Aconteceu da última vez, lembrou a si mesmo. Era só ilusão de ótica. Paredes e chãos não respiravam. E daí se respirassem? O que havia de tão ruim nisso?

As paredes daquela boate decadente e enfumaçada também haviam respirado, e ele se convencera de que estava preso em uma ameba jogada no espaço. Fizera total sentido na época. A ameba o havia engolido assim como a baleia engolira Jonas e ele ficara preso na ameba por mil anos.

Tinha vinte anos e a certeza absoluta de que seu cérebro já era, e ele se orgulhava tanto do seu cérebro, e o único jeito de se consolar nos dias que se seguiram fora repetir: *Nunca mais, nunca mais, nunca mais*.

No entanto, lá estava ele, preso outra vez.

Não estou dentro de uma ameba, disse a si mesmo. *Estou em um spa. Eles me drogaram sem meu consentimento e vou ter que esperar passar*.

Pelo menos ele estava naquele estúdio agradável e cheiroso, à luz de velas, não em um bar lotado de rostos ameaçadores.

Estava de mãos dadas com as meninas. A mão de Heather na sua mão esquerda, a mão de Zoe na direita. Napoleon tinha se recusado a se deitar em uma das camas dobráveis e a colocar a venda e os fones de ouvido. Sabia que o único jeito de manter o controle da sua mente era ficar sentado com os olhos abertos.

Masha fingiu que não via problemas naquilo, mas Napoleon sabia que ela se irritara por não estarem seguindo o procedimento correto para "os resultados ideais".

Ele reconheceu o instante em que ela decidiu não insistir. Era como se pudesse ler sua mente. *Escolha suas batalhas*, pensou ela. Napoleon tinha que escolher suas batalhas com os alunos. Era bom nisso. Costumava fazer o mesmo com as crianças.

— Escolha suas batalhas — disse ele baixinho. — Escolha com cuidado.

— Eu sei qual batalha vou escolher… Não vou descansar até colocar essa mulher atrás das grades — afirmou Heather. Ela observava Masha circular pelo cômodo, conversando com os hóspedes, levando o dorso da mão à testa deles. — Olhe só para ela, rebolando por aí como se fosse Florence Nightingale, porra. Terapia psicodélica uma ova.

Napoleon se questionou se havia alguma inveja profissional envolvida.

— Está vendo as paredes respirarem? — perguntou ele, para distraí-la.

— São só os efeitos da droga — respondeu Heather.

— Sim, eu sei disso, querida — falou Napoleon. — Só queria saber se você estava sentindo os mesmos efeitos.

— Eu estou vendo as paredes respirarem, pai — disse Zoe. — Parecem peixes. É o máximo. Está vendo as cores?

Ela mexeu as mãos de um lado para outro, como que dentro d'água.

— Estou! — exclamou Napoleon, impressionado. — Parece fosforescência.

— Que ótimo. Uma bela experiência de aproximação de pai e filha sob o efeito de drogas — disse Heather.

Napoleon percebeu que ela estava de péssimo humor.

— Zach ia achar isso hilário — comentou Zoe. — Nós três chapados juntos.

— Ele está aqui, na verdade — disse Napoleon. — Oi, Zach.

— Oi, pai.

Não pareceu muito extraordinário o fato de Zach estar sentado bem na frente dele, de bermuda e sem camisa. Ele nunca usava camisa. Tudo pareceu no lugar outra vez, como costumava ser, os quatro juntos, cada um com a ilusão de que a existência dos outros era garantida, como uma família, uma família comum.

— Está vendo ele? — perguntou Napoleon.

— Estou — disse Zoe.

— Também estou vendo — falou Heather, a voz embargada pelas lágrimas.

— Sua vez de tirar o lixo reciclável, Zach — afirmou Zoe.

O menino ergueu o dedo do meio para a irmã, e Napoleon gargalhou.

TRINTA E NOVE

Frances

Frances se sentou na cama dobrável, tirou os fones dos ouvidos e baixou a máscara de dormir para o pescoço.

— Obrigada — disse a Delilah, que estava sentada ao seu lado, sorrindo para ela, de um jeito que poderia ser chamado de condescendente, diga-se de passagem. — Foi muito agradável. Uma experiência e tanto. Estou sentindo que aprendi muita coisa. Quanto eu lhe devo?

— Acho que você ainda não acabou — falou Delilah.

Frances olhou ao redor.

Lars e Tony estavam lado a lado nas camas. A cabeça de Tony pendia para um lado, os pés estirados formando um V. Enquanto isso, o perfil de Lars lembrava o de um deus grego, e suas pernas estavam impecavelmente cruzadas na altura dos tornozelos, como se tirasse uma soneca no trem enquanto ouvia um podcast.

Ben e Jessica estavam no canto se beijando feito dois jovens apaixonados que acabavam de descobrir o beijo e tinham todo o tempo do mundo. Suas mãos se moviam pelo corpo um do outro com uma reverência lenta e passional.

— Minha nossa — disse Frances. — *Aquilo*, sim, parece divertido.

Ela continuou observando o estúdio.

Carmel estava deitada na cama, o cabelo grosso e preto espalhado feito algas em torno da cabeça. Ela ergueu as mãos e mexeu os dedos como se tentasse vê-los através da venda.

Napoleon, Heather e Zoe estavam sentados com as costas apoiadas na parede, feito jovens viajantes presos no aeroporto. Havia um menino sentado na frente dos três. Ele ergueu o dedo do meio para Zoe.

— Quem é aquele ali? — perguntou Frances. — O menino sem camisa?

— Não tem menino nenhum — afirmou Delilah, e estendeu o braço para pegar os fones de ouvido de Frances.

— Ele está rindo. — Frances tentou segurar o braço de Delilah para impedi-la de

vendar seus olhos outra vez, mas falhou. — Acho que vou ali falar com ele.

— Fique comigo, Frances — pediu Delilah.

QUARENTA

Heather

Heather se concentrou em respirar. Estava decidida a manter uma pequena parte do cérebro segura e sóbria, encarregada de monitorar os efeitos da psilocibina e do LSD; uma janela com as luzes acesas em um prédio escuro.

Ela sabia, por exemplo, que seu filho apodrecia debaixo da terra; não estava ali com eles de verdade. No entanto, parecia tão real, e, quando ela estendeu a mão para tocar seu braço, sentiu sua pele firme, lisa e bronzeada. Ele se bronzeava com facilidade e nunca passava protetor solar, por mais que ela insistisse.

— Não vá embora, Zach — pediu Napoleon, ficando de pé em um pulo e estendendo as mãos.

— Ele não está indo embora, pai — falou Zoe. — Está bem ali.

— Meu menino — disse Napoleon, chorando. Seu corpo chacoalhava. — Ele se *foi*. — Seus soluços eram guturais, incontroláveis. — Meu menino, meu menino, meu menino.

— Pare com isso — falou Heather.

Não era lugar nem hora para aquilo.

Eram as drogas. Nem todo mundo reagia da mesma forma. Algumas mulheres em trabalho de parto ficavam totalmente dopadas após uma única inalação de óxido nitroso. Outras gritavam para Heather que não estava funcionando.

Napoleon sempre fora suscetível. Não conseguia lidar nem com café. Uma grande xícara de café preto e parecia que ele tinha tomado anfetamina. Um analgésico não controlado já o deixava zonzo. Na única vez que tomara anestesia geral, para a reconstrução do joelho no ano anterior à morte de Zach, ele tivera uma reação adversa ao acordar e dera um baita susto na coitada da jovem enfermeira falando, supostamente, "em línguas" sobre o Jardim do Éden — embora não tivesse ficado claro como ela entendia o que ele dizia se estava *falando em línguas.* "Ela deve ser fluente em línguas", dissera Zach, e Zoe gargalhara. Não havia prazer maior na vida de Heather do que ver os filhos fazendo um ao outro rir.

Fique de olho no seu marido, pensou ela. *Monitore-o*. Ela estreitou os olhos e cerrou o maxilar para manter o foco, mas sentiu que deslizava incontrolável e inevitavelmente para um mar de lembranças.

Está andando na rua empurrando seus dois bebês em um grande carrinho duplo, todas as velhinhas param para comentar. Desse jeito Heather nunca vai chegar na loja.

É uma menininha olhando fixamente para a barriga da mãe, desejando que um bebê cresça ali dentro para que ela ganhe um irmão ou uma irmã, mas desejar não funciona, desejar nunca funciona, e quando ela crescer nunca vai ter um filho só, um único solitário.

Está abrindo a porta do quarto do filho porque vai colocar roupas na máquina, e por que não catar algumas das peças que ele larga no chão? Até que seu corpo todo resiste ao que ela vê, e pensa: estou indo lavar roupa, não faça isso, Zach, eu quero lavar roupa, quero manter esta vida, por favor, por favor, me deixe manter esta vida, mas ela ouve o próprio grito porque sabe que é tarde demais, não há nada a ser feito, a vida de um segundo atrás se foi.

Ela está no enterro do filho e sua filha está fazendo um elogio fúnebre, depois as pessoas ficam tocando em Heather, tocando sem parar, todos querem encostar nela, é repulsivo, e todos dizem: Ah, você deve estar tão orgulhosa, o que Zoe falou foi tão lindo, como se aquela fosse a porra de uma noite de discurso na escola, não o enterro do seu filho. E não estão vendo que minha filha está sozinha agora, como poderá viver sem o irmão, ela nunca existiu sem ele, e quem liga para o discurso lindo que ela fez se mal consegue ficar de pé, o pai dela a está segurando, minha filha nem consegue andar.

Está vendo Zoe dar seus primeiros passinhos com onze meses, e Zach, que nunca cogitou aquilo, está chocado, sem acreditar, sentado no carpete com as pernas gorduchas estendidas à frente e olhando para a irmã com os olhos arregalados de surpresa, e dá para saber que está pensando: O que ela está FAZENDO? Ela e Napoleon estão morrendo de rir, e talvez os desejos se realizem, sim, na verdade, porque aquilo é família, é aquilo que ela nunca teve, nunca conheceu, nunca sonhou, aquele é um momento muito perfeito e engraçado e aquela é sua vida agora, apenas uma série de momentos perfeitos e engraçados, um seguido do outro, como um colar de pérolas, e que vai continuar para sempre.

Só que não vai.

Ela está chorando sozinha no quarto de Zach, e acha que Napoleon e Zoe estão em algum lugar da casa chorando sozinhos também, em quartos separados, e acha que as famílias devem sofrer juntas e eles não estão fazendo isso direito. Para se distrair, ela mexe nas gavetas de Zach pela centésima vez, mesmo sabendo que não há nada para encontrar, nenhum bilhete, nenhuma explicação, ela sabe exatamente o que vai achar… Só que desta vez encontra algo.

Estava de volta.

Napoleon continuava se balançando e chorando.

Ela estivera ausente por um segundo, uma hora ou um ano? Não sabia.

— Como a família Marconi está se sentindo agora? — perguntou Masha, sentada diante deles. — Acham que esta seria uma boa oportunidade para fazermos uma sessão de terapia sobre a perda de vocês?

Masha tinha vários braços e pernas, mas Heather se recusou a reconhecer seus novos membros porque aquilo não era real, as pessoas simplesmente não tinham tantos membros. Heather nunca participara do parto de um bebê com tantos braços e pernas, nem uma vez sequer. Não ia cair nessa.

— Quando diz que é culpa sua, Napoleon, está se referindo a Zach? — perguntou Masha, cheia de preocupação fingida.

— Puta que pariu — murmurou Heather consigo mesma.

Heather era uma cobra com uma língua comprida e bifurcada que saía da sua boca feito um chicote para furar a pele de Masha, injetando veneno em suas veias, envenenando-a da mesma forma como Masha havia envenenado a família de Heather.

— Não ouse falar do nosso filho! Você não sabe nada sobre ele.

— Minha culpa, minha culpa, minha culpa.

Napoleon batia a cabeça na parede. Estava arriscando ter uma concussão.

Heather reuniu toda a sua força mental para se concentrar e se arrastou até ficar de frente para o marido, de quatro no chão. Ela segurou o rosto dele entre as mãos. Sentiu as orelhas dele nas suas palmas, o calor da pele com a barba por fazer.

— Escute — disse ela, com a voz alta e potente que usava para se sobrepor aos gritos das mulheres em trabalho de parto.

Os olhos de Napoleon se remexeram, esbugalhados e cheios de vasos sanguíneos, como um cavalo agitado.

— Eu apertei o botão de soneca no despertador — disse ele, e repetiu aquilo sem parar. — Apertei o botão de soneca no despertador. Apertei o botão de soneca no despertador.

— Eu sei — falou Heather. — Você já me disse isso várias vezes, querido, mas não teria feito diferença.

— Não foi culpa sua, pai — disse Zoe, a filha única solitária, e Heather teve a impressão de que ela falava feito um zumbi, não como uma universitária, e que sua linda mente jovem já estava frita como um ovo, torrada como um torresmo. — Foi culpa minha.

— Ótimo — disse Masha, a Envenenadora. — Isso é bom! Vocês estão falando do fundo do coração.

Heather se virou e gritou no rosto dela:

— Vá se foder!

Uma bolinha de cuspe percorreu um arco lento ao sair da boca de Heather e atingiu o olho de Masha.

Masha sorriu. Limpou o olho.

— Excelente. Liberte toda essa raiva, Heather. Coloque para fora. — Ela ficou de pé e os inúmeros membros se moveram ao seu redor feito os tentáculos de um polvo. — Já volto.

Heather se virou novamente para sua família.

— Escutem — disse ela. — Escutem o que eu vou dizer.

Napoleon e Zoe a encararam. Os três estavam em um momento de clareza. Não ia durar. Heather tinha que falar rápido. Ela abriu a boca e começou a puxar um verme interminável do fundo da garganta, o que a fazia arquejar e vomitar, mas também trazia alívio, porque pelo menos estava arrancando aquilo do seu corpo.

QUARENTA E UM

Zoe

As paredes não respiravam mais. As cores sumiam. Zoe tinha a impressão de estar ficando sóbria. Era como aquela sensação de fim de festa, quando você sai de um cômodo abafado para o ar noturno e sua mente fica mais lúcida.

— Zach estava tomando remédio — disse a mãe dela. — Para asma.

De que importava aquilo? Zoe percebeu que a mãe achava que estava dando uma notícia séria, mas ela já havia aprendido que o que era sério para os pais muitas vezes não era tão sério para você, e o que era sério para você muitas vezes não era tão sério para os pais.

— Gosto de chamar isso de Teoria da Gravidade Zachariana — falou Zach, que ainda estava lá com eles.

— Não me conte suas teorias. Estou sozinha, cuidando dos nossos pais — disse Zoe. — E é uma responsabilidade onerosa, Sr. Escroto, porque os dois são doidos.

— Eu sei, desculpa, Sra. Indigente Desfigurada pela Varíola — retrucou Zach.

— Preciso que você se concentre, Zoe — disse sua mãe.

— Eu sei que ele estava tomando remédio para asma — falou o pai. — Um remédio preventivo. E daí?

— Um dos efeitos colaterais pode ser depressão e pensamentos suicidas — explicou Heather. — Eu disse a você que o especialista queria receitar isso para ele e você perguntou se tinha efeitos colaterais, e eu falei… eu falei… que não.

O arrependimento se prendeu ao rosto dela feito duas garras.

— Você disse que não — repetiu o pai de Zoe.

— Eu disse que não — afirmou a mãe, os olhos implorando perdão. — Sinto muito mesmo.

Um penhasco de seriedade surgiu diante de Zoe.

— Eu nem tinha lido a bula — falou a mãe. — Sabia que o Dr. Chang era o melhor, sabia que ele não receitaria nada com efeitos colaterais perigosos, eu confiava nele, então só falei: "Não. Não tem problema. Eu verifiquei." Mas menti para você,

Napoleon, eu menti.

O pai de Zoe piscou. Após um tempo, ele falou devagar:

— Eu também teria confiado nele.

— Você teria lido a bula. Teria olhado tudo com cuidado, lendo cada palavra, fazendo perguntas para mim e me enlouquecendo. Fui eu que estudei medicina, mas nem sequer li a bula. Achei que estava muito ocupada na época. Nem sei o que achei que estava me ocupando tanto. — A mãe esfregou as bochechas com as mãos como se tentasse se apagar. — Li a bula uns seis meses depois de ele morrer. Encontrei em uma gaveta no quarto dele.

— Bem, querida, não teria feito nenhuma diferença — falou o pai monotonamente. — A gente precisava controlar a asma.

— Mas se soubéssemos que depressão era uma possibilidade, teríamos monitorado ele — disse a mãe de Zoe, parecendo desesperada para fazê-lo entender a amplitude real da culpa dela. — *Você* teria, Napoleon, sei que teria!

— Não houve sinais — disse o pai. — Às vezes não há sinais. Ele estava perfeitamente feliz.

— Houve sinais — discordou Zoe. Os pais se voltaram para ela, e seus rostos lembravam os palhaços dos parques de diversão, virando-se de um lado para outro, boquiabertos, esperando a bola cair. — Eu sabia que ele estava chateado com alguma coisa.

Ela se lembrava de ter passado pelo quarto do irmão e notado que ele estava deitado na cama, mas sem olhar o celular, ouvir música ou ler, estava simplesmente *deitado*, o que não era do feitio de Zach. Ele não ficava deitado na cama olhando para o teto.

— Achei que estava acontecendo alguma coisa na escola — contou ela aos pais. — Mas eu estava irritada com ele. A gente não estava se falando. Eu não queria dar o braço a torcer. — Zoe fechou os olhos para não ver a dor e a decepção no rosto dos pais. Ela sussurrou: — Era uma competição para ver quem seria o primeiro a ceder.

— Ah, Zoe, querida — disse sua mãe de muito, muito longe. — Não é culpa sua. Você sabe que não é culpa sua.

— Eu ia puxar assunto no nosso aniversário — contou Zoe. — Eu ia dizer: "Parabéns, seu otário."

— Ah, Zoe, sua idiota — disse Zach.

Ele envolveu os ombros dela com o braço. Eles nunca se abraçavam. Não eram esse tipo de irmãos. Às vezes, quando os dois se encontravam no corredor, se empurravam aleatoriamente, sem motivo algum. Tipo, com força o bastante para doer. Mas agora

ele a abraçava, falava ao seu ouvido, e era ele, era Zach, era ele com certeza, tinha o cheiro daquela maldita loção que ele dizia usar ironicamente, mas que passava porque acreditava nos anúncios que falavam que o produto deixava os homens mais gatos aos olhos das garotas.

Zach a puxou para perto e sussurrou ao seu ouvido:

— Não teve nada a ver com você. Não fiz aquilo para me vingar. — Ele segurou o braço dela para ter certeza de que Zoe estava entendendo. — *Não era eu.*

QUARENTA E DOIS

Napoleon

Ele faria tudo por suas garotas, tudo, então pegou aqueles segredos terríveis e pesados que elas estavam carregando e notou o alívio com que os entregavam, mas agora ele mesmo tinha um segredo, porque nunca contaria como os segredos delas o deixavam bravo, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca.

As paredes continuavam pulsando e a esposa e a filha seguravam suas mãos, e ele sabia que aquele pesadelo duraria uma eternidade.

QUARENTA E TRÊS

Masha

Ben e Jessica estavam sentados de pernas cruzadas em almofadas, um de frente para o outro. Suas mãos agarravam os respectivos antebraços como se estivessem tentando se equilibrar em uma viga estreita. Era maravilhoso de se ver. Ben falava do fundo do coração e Jessica escutava, fascinada com cada palavra dele.

Masha só guiava quando necessário. O MDMA estava fazendo exatamente o que devia: quebrando barreiras. Talvez demorassem *meses* na terapia para chegar àquele ponto. Era um atalho instantâneo.

— Sinto falta do seu rosto — disse Ben a Jessica. — Do seu rosto lindo. Não reconheço você. Não reconheço a gente nem nada na nossa vida. Sinto falta do nosso antigo apartamento. Sinto falta do meu trabalho. Sinto falta dos amigos que perdemos por causa disso. E, mais que tudo, sinto falta do seu rosto.

Suas palavras eram nítidas e articuladas. Ele não enrolava a língua. Não havia ambiguidade.

— Ótimo — disse Masha. — Maravilha. Jessica, o que você quer dizer?

— Acho que Ben está me discriminando pelo meu corpo — disse Jessica. — Ainda sou eu. Ainda sou a *Jessica*. Ainda estou aqui dentro! E daí se minha aparência mudou um pouco? Essa é a moda. É só moda. Não é importante!

— É importante para mim — falou Ben. — A sensação que tenho é de que você pegou uma coisa preciosa e ferrou com ela.

— Mas eu me sinto linda — afirmou Jessica. — Sinto que era feia antes e agora sou linda. — Ela esticou os braços acima da cabeça feito uma bailarina. — A pergunta é: quem decide se eu sou linda ou não? Eu? Você? A internet?

Naquele momento ela estava mesmo linda.

Ben refletiu por um instante.

— É o seu rosto — disse ele. — Então acho que quem decide é você.

— Mas… espere! A beleza está… — Jessica apontou para o próprio olho e começou a rir. — A beleza está *nos olhos de quem vê*.

Ela e Ben gargalharam juntos. Agarravam-se um ao outro, repetindo "A beleza está nos *olhos* de quem vê" sem parar, e Masha sorria para eles, hesitante. Por que aquilo era engraçado? Talvez fosse uma piada interna. Ela começou a ficar impaciente.

Finalmente, os dois pararam de rir e Jessica se empertigou, tocando o lábio inferior.

— Olhe. Admito. Talvez eu tenha exagerado nos lábios da última vez.

— Eu gostava dos lábios de antes — disse Ben. — Achava seus lábios lindos.

— É, já entendi, Ben — falou Jessica.

— Eu gostava da nossa vida de antes — continuou ele.

— Era uma vidinha de merda. Uma vidinha banal de merda.

— Não acho que era uma merda.

— Acho que você ama mais seu carro do que a mim — confessou Jessica. — Tenho ciúme do seu carro. Fui *eu* que arranhei ele. Fui eu. Porque tenho a impressão de que o carro é uma vagabunda tendo um caso com meu marido, então arranhei a cara de vadia dela.

— Uau — disse Ben, levando as mãos à cabeça. — *Uau*. Isso é... uau. Não acredito que você fez isso.

Ele não parecia bravo. Só impressionado.

— Eu *amo* o dinheiro — continuou Jessica. — Amo ser rica. Mas eu queria que a gente pudesse ser rico e ainda ser nós dois.

— O dinheiro — falou Ben devagar — é que nem um cachorro.

— Hummm — disse Jessica.

— Um cachorro de estimação grande e descontrolado.

— É — concordou Jessica. — É. É isso. — Ela fez uma pausa. — Por que é que nem um cachorro?

— Então, é como se a gente tivesse adotado um cachorro, o cachorro que a gente sempre quis ter, sonhamos com esse cachorro, é nosso cachorro dos sonhos, mas ele mudou tudo em nossa vida. É, tipo, uma baita distração, late a noite inteira querendo nossa atenção, não nos deixa dormir, não conseguimos fazer *nada* sem pensar antes no cachorro. Temos que levar para passear, dar comida, nos preocupar com ele e... — Ben franziu o rosto, pensativo. — Sabe, o problema desse cachorro é que ele *morde*. Ele morde a gente, morde nossos amigos e nossa família; tem uma personalidade muito difícil, esse cachorro.

— Mas mesmo assim nós o amamos — disse Jessica. — Amamos o cachorro.

— Amamos, mas acho que temos que abrir mão do cachorro — falou Ben. — Acho que não é o cachorro certo para nós.

— Poderíamos adotar um *labradoodle* — sugeriu Jessica. — *Labradoodles* são muito fofos.

Masha lembrou a si mesma que Jessica era muito nova.

— Acho que Ben está usando o cachorro como uma… história para explicar o impacto que ganhar na loteria teve na vida de vocês — explicou ela. — Quer dizer, uma metáfora.

A palavra metáfora lhe ocorreu uma fração de segundo mais tarde do que ela gostaria.

— É — falou Jessica, lançando um olhar astuto e sagaz para Masha e erguendo o polegar para ela. — Se vamos adotar um cachorro, é melhor fazermos isso antes do bebê nascer.

— Que bebê? — perguntou Masha.

— Que bebê? — repetiu Ben.

— Estou grávida — respondeu Jessica.

— Está? — indagou Ben. — Mas que maravilha!

Masha cambaleou.

— Mas você nunca…

— Você deu drogas para minha esposa grávida — disse Ben para Masha.

— É, eu meio que estou muito irritada — revelou Jessica a Masha. — Tipo, acho que você tem que passar muito tempo na cadeia por causa disso.

QUARENTA E QUATRO

Heather

Heather acordou, mas não abriu os olhos.

Estava deitada de lado, em algo fino e macio, as mãos formando um travesseiro sob a cabeça.

Seu relógio interno a informou de que tinha amanhecido. Talvez umas sete da manhã, ela diria.

Não estava mais dopada. Sua mente parecia lúcida. Estava no estúdio de ioga e meditação da Tranquillum House e era o dia do aniversário da morte de Zach.

Após anos de náusea, ela vomitara seu segredo e agora se sentia trêmula, estranha e vazia, mas também melhor. Sentia-se *purificada*, e, curiosamente, fora isso que a Tranquillum House prometera. Heather teria que escrever uma crítica maravilhosa para eles: *Estou me sentindo muito melhor depois do tempo que passei na Tranquillum House! Gostei particularmente de "viajar" com meu marido e minha filha.*

Era óbvio que eles sairiam daquele lugar de imediato. Não comeriam nem beberiam mais nada que Masha oferecesse. Iriam direto para o quarto, fariam as malas, entrariam no carro e iriam embora. Talvez fossem até uma lanchonete na cidadezinha mais próxima e pedissem um generoso café da manhã cheio de frituras em homenagem a Zach.

Esse ano Heather gostaria de passar a data sozinha com a família, falando sobre Zach, e, no dia seguinte, queria marcar de alguma forma o aniversário de vinte e um anos dos filhos, de um jeito que não tivesse a ver com vergonha e luto, nem com todos fingindo esquecer que também era aniversário de Zoe. Napoleon dizia aquilo havia muito tempo: temos que separar Zach da forma como ele escolheu encerrar a vida. Ele era muito mais do que seu suicídio. Uma única lembrança não deveria eclipsar todas as outras. Mas ela não dera ouvidos. Achara de alguma forma que a infelicidade do filho naquele único dia anulava tudo o mais que ele fizera na vida.

Agora, de repente, ela sabia que Napoleon tinha razão. Naquele dia marcariam o aniversário da sua morte reunindo as melhores lembranças dos dezoito anos da sua

vida, e a dor seria insuportável, mas Heather sabia melhor que ninguém que o insuportável podia ser suportado. Fazia três anos que ela sofria pelo suicídio do filho. Mas finalmente chegara a hora de sofrer sua perda. A perda de um menino lindo, brincalhão, inteligente e impetuoso.

Ela esperava que a irmã de Zach conseguisse lidar com aquele dia. Toda aquela baboseira sobre "não ser próxima" de Zach… O coração de Heather ficava apertado por ela. A menina venerava o irmão. Só aos dez anos os dois pararam de subir na cama um do outro no meio da noite quando tinham pesadelos. Heather precisaria repetir inúmeras vezes para Zoe que não, ela não tinha culpa. Era um fracasso só de Heather. Ela falhara ao não perceber a mudança no comportamento do filho, e falhara ao não dar a ninguém, *incluindo ao próprio Zach*, uma razão de ficar atento a uma mudança.

E em dado momento do dia eles prestariam queixa à polícia pelas ações daquela mulher louca.

Heather abriu os olhos e viu que estava deitada em um tapete de ioga, o rosto próximo ao da filha adormecida. Ela ainda dormia, as pálpebras tremendo. Heather estava perto o bastante para sentir o hálito de Zoe em seu rosto. Levou a mão à bochecha dela.

QUARENTA E CINCO

Frances

Frances afastou os fones de ouvido da cabeça. Embolaram em seu cabelo. Ela puxou para soltá-los, os olhos ainda fechados.

Estava no avião. Só dormia com fones de ouvido durante um voo.

Ouvia o barulho de uma obra ao longe. Uma broca. Uma britadeira. Uma escavadeira. Alguma coisa assim. Era um rugido mecânico intermitente. Um cortador de grama? Um soprador de folhas. Ela se virou de lado, puxou o cobertor por cima dos ombros e tentou voltar para o sono profundo e delicioso. Mas, não, lá estava o som outra vez, puxando-a inexoravelmente, mais e mais, e não era uma máquina, era o barulho de um homem roncando.

Será que tinha ficado bêbada e ido para a cama com um desconhecido na noite anterior? Minha nossa, esperava que não. Fazia décadas. Não tinha nenhum dos sintomas de uma ressaca nem sentia a vergonha de um encontro sexual decadente. Sua mente parecia lúcida e límpida, como se tivesse sido lavada.

Sua memória voltou de uma só vez com um clique.

Estava no estúdio de ioga e meditação da Tranquillum House, e havia bebido no dia anterior um suco delicioso que continha drogas alucinógenas e que resultara em um sonho muito vívido e extremamente bonito que durara para sempre, sobre Gillian, seu pai, seus ex-maridos, com muitos símbolos e metáforas visuais que ela estava ansiosa para interpretar. Yao, às vezes Delilah, outras vezes Masha, ficavam interrompendo seu sono delicioso, fazendo perguntas irritantes e tentando guiá-la em determinadas direções. Frances os ignorara; estava se divertindo muito, e eles a incomodavam. Sentiu que desistiram depois de um tempo.

Ela estivera no espaço.

Fora uma *formiga*.

Uma borboleta também!

Andara em um trenó com Gillian, atravessando um céu estrelado deslumbrante, e mais, muito mais.

Era como acordar na própria cama na primeira manhã após uma longa viagem ao exterior em que visitara vários lugares exóticos.

Ela abriu os olhos dentro da escuridão e se lembrou da máscara de dormir. O som do ronco ficou ainda mais alto quando ela a tirou. Seus olhos não ardiam e sua visão não estava turva. Tudo estava nitidamente colorido. Ela viu o teto de pedra abobadado. Fileiras de luzes. Todas acesas.

Ela se sentou e olhou em volta.

O homem que roncava era Lars. Estava deitado na maca ao lado da dela, de barriga para cima, ainda com a venda, o cobertor puxado até o queixo, a boca bem aberta. O corpo dele tremia ao ritmo de cada ronco. Era um prazer ver alguém tão bonito com um ronco tão alto e desagradável. Aquilo meio que equilibrava a balança.

Frances esticou o pé descalço e cutucou a perna dele. Henry costumava roncar. Certa vez, perto do fim do casamento, ele estava de bermuda e olhou para baixo, confuso: "Não sei por que vivo com hematomas na canela. Parece que fico esbarrando em alguma coisa." *No meu pé direito*, pensara Frances. Ela se sentira muito culpada por causa daquilo até o último dia que passaram juntos, quando brigaram sobre a divisão dos talheres.

Ela observou todo o cômodo.

Tony — não ia chamá-lo de "Hogburn Sorridente" — tinha acabado de se sentar na maca. Parecia estar com dor de cabeça pela forma como apoiava a testa nas mãos.

Carmel também estava sentada e tentava passar os dedos no cabelo preto arrepiado, que formava um halo rebelde ao redor da cabeça.

Os olhares das duas se cruzaram.

— Banheiro? — murmurou ela, embora já tivesse estado no estúdio tantas vezes quanto Frances.

Frances apontou para o banheiro atrás da adega, e Carmel ficou de pé, cambaleando um pouco.

Ben e Jessica estavam sentados lado a lado com as costas apoiadas na parede, bebendo uma garrafa de água.

Heather e Zoe estavam diante uma da outra no tapete de ioga onde tinham adormecido. Heather acariciava distraidamente o cabelo da filha.

— Quer água? — perguntou Napoleon, agachando-se com dificuldade sobre suas pernas compridas diante de Frances e oferecendo uma garrafa de água. — Acho que não tem drogas. Mas se houver dúvida podemos beber água da pia. Se bem que, se quisessem mesmo, poderiam ter feito algo com a caixa d'água.

— Obrigada. — Frances aceitou, sentindo um desespero repentino para beber

água, e tomou a garrafa quase inteira em um só gole. — Era exatamente do que eu precisava.

— Acho que é um bom sinal terem nos deixado com água — aventou Napoleon, ficando de pé. — Não nos abandonaram de vez.

— Como assim? — perguntou Frances.

Ela se espreguiçou voluptuosamente. Estava *doida* para tomar café da manhã.

— Estamos trancados aqui — falou Napoleon em tom de desculpa, como se ele fosse o responsável. — Parece que não há saída.

QUARENTA E SEIS

Carmel

— Tenho certeza de que isso tudo faz parte do processo — disse Carmel, sem saber por que todos pareciam tão preocupados. — Não vão nos deixar aqui por muito mais tempo. Está tudo bem.

Segundo Napoleon, o único com um relógio de pulso, já eram quase duas horas da tarde, e ainda não havia sinal da equipe da Tranquillum House. Ia completar vinte e quatro horas que estavam lá embaixo.

Estavam sentados em um círculo semelhante ao da véspera, quando haviam se apresentado. Todos pareciam exaustos e sujos. Os homens precisavam fazer a barba. Carmel estava desesperada para escovar os dentes, mas não sentia muita fome, embora não comesse havia quase *quarenta e oito horas*, então isso meio que era maravilhoso. Se um dos efeitos colaterais da experiência com drogas perfeitamente agradável da noite anterior era redução de apetite, ela estava dentro.

Cada um deles confirmara por conta própria que o único meio de acesso ao cômodo era pela porta pesada de carvalho ao pé da escada, e que a porta estava inegável e irrefutavelmente trancada com o que parecia ser um teclado de segurança dourado novo em folha perto da maçaneta. Presumiam que era necessário um código para destrancar a porta, e já haviam tentado inúmeras combinações sem sucesso.

Frances sugerira que talvez fosse o mesmo código do portão de entrada da Tranquillum House.

Napoleon disse que tinha pensado naquilo, mas não se lembrava da sequência de números.

Carmel também não. Estava chorando quando chegara na Tranquillum House, subitamente atingida por uma lembrança da lua de mel, quando haviam se hospedado em um hotel com um interfone semelhante. Aquilo parecia idiota agora. Sua lua de mel nem fora *tão* boa assim. Ela tivera uma infecção urinária terrível.

Ben achou que se lembrava do código de acesso do portão, mas, mesmo que estivesse certo, o número não funcionou.

Tony também achou que se lembrava, embora sua memória apresentasse um dígito diferente da de Ben, mas a sequência de números tampouco deu certo.

Carmel sugeriu o telefone da Tranquillum House, que, por algum motivo, tinha decorado, mas também não deram sorte com ele.

Frances questionou se o código estava relacionado às letras do alfabeto. Tentaram várias palavras: Tranquillum. Desintoxicação. Masha.

Nada funcionou.

Zoe imaginou se aquilo era um jogo. "Escape Room". Contou a eles que era uma moda bizarra em que as pessoas *permitiam* que as trancassem em um cômodo pelo prazer de tentar descobrir como sair dali. Zoe já tinha brincado uma vez. Disse que foi muito divertido, com diversas pistas escondidas em objetos aparentemente comuns. Por exemplo, Zoe e os amigos tiveram que encontrar e montar as partes de uma lanterna que estavam escondidas em diferentes partes da sala. A lanterna pôde então ser usada para iluminar uma mensagem secreta no fundo de um armário com outras instruções. Um cronômetro na parede contava os minutos, e Zoe disse que eles conseguiram sair poucos segundos antes de o alarme tocar.

Mas se aquilo era um jogo, era um muito difícil. O estúdio de ioga estava praticamente vazio. Havia toalhas, tapetes de ioga, camas dobráveis, garrafas de água, fones de ouvido, máscaras de dormir, velas derretidas da noite anterior e só. Não havia estantes de livros com mensagens escondidas. Não havia quadros na parede. Nada que de alguma forma pudesse representar uma pista.

Não havia janelas que pudessem ser quebradas nos banheiros masculino ou feminino. Não havia bueiros ou dutos de ar-condicionado.

— Parece que estamos presos em um *calabouço* — disse Frances.

Carmel achou aquilo melodramático, mas, bem, o ganha-pão da mulher era escrever ficção romântica, portanto era de se esperar que tivesse uma imaginação fértil demais.

Todos acabaram se sentando outra vez, desanimados e desgrenhados.

— É, isso tudo é parte do processo — disse Heather a Carmel. — Colocar drogas ilegais na nossa bebida, trancar a gente aqui dentro e assim por diante. Não há nada com que se preocupar, está tudo bem.

Ela usava um tom muito sarcástico e familiar para alguém que Carmel acabara de conhecer.

— Só estou dizendo que devemos confiar no processo — retrucou Carmel, tentando permanecer racional.

— Você está tão louca quanto ela — disse Heather.

Bem, aquilo era definitivamente uma grosseria. Carmel lembrou a si mesma que Heather havia perdido o filho. Então falou, com calma:

— Sei que todos nós estamos cansados e estressados, mas não precisamos dizer ofensas pessoais.

— Isso é pessoal! — gritou Heather.

— Querida, pare — pediu Napoleon.

A delicadeza com que ele repreendeu a esposa fez o coração de Carmel apertar.

— Você tem filhos, Carmel? — perguntou Heather com um tom de voz mais civilizado.

— Tenho quatro meninas — respondeu ela com cautela.

— E como se sentiria se alguém desse drogas para elas?

Era verdade que não queria que qualquer droga passasse pelos lábios preciosos delas.

— Minhas filhas são muito pequenas. É claro que Masha nunca…

— Você tem ideia das consequências a longo prazo que isso pode trazer para nossa saúde? — interrompeu Heather.

— Eu nunca me senti pior em toda a minha vida — declarou Jessica.

— Está vendo? — falou Heather, satisfeita.

— Bem, eu nunca me senti *melhor* em toda a minha vida — afirmou Carmel.

Não era totalmente verdade, havia a questão dos dentes, mas de fato ela estava se sentindo muito bem. Sua mente estava repleta de imagens que ainda não tivera a chance de interpretar, como se houvesse passado o dia em uma incrível exposição de arte imersiva.

— Estou me sentindo muito bem por enquanto — admitiu Frances.

— Estou com uma dor de cabeça considerável — disse Lars.

— É, eu também — falou Tony.

— Sinto que perdi medidas. — Carmel puxou o elástico frouxo da calça de ginástica. Ela franziu o cenho, tentando se lembrar de alguma revelação importante que tivera na noite anterior sobre seu corpo. Ele não importava… Importava, sim… Era o único que tinha? Por algum motivo, a revelação não parecia tão profunda e transcendental quando ela tentava explicar com palavras comuns. — Mas não estou tentando mudar *totalmente* meu corpo. Só estou aqui para ficar saudável.

— Saudável?! — Heather bateu na testa com a palma da mão. — Este lugar foi muito além de uma porcaria de dieta!

— Mãe! — Zoe tocou o joelho da mãe. — Ninguém morreu. Estamos todos aqui. Só… relaxe, por favor.

— Relaxar?! — Heather segurou a mão da filha e a chacoalhou. — *Você* podia ter morrido! Qualquer um de nós podia ter morrido! Se alguém aqui tivesse problemas mentais subjacentes que pudessem ter sido exacerbados ou problemas no coração! Seu pai tem pressão alta! Não deviam ter dado drogas para ele.

— As pessoas devem achar que é você quem tem problemas mentais — murmurou Zoe.

— Isso não está ajudando — disse Napoleon.

— Não podemos simplesmente mexer na fechadura? — sugeriu Frances, lançando um olhar esperançoso para Tony.

— Por que está olhando para mim? Pareço ter experiência em invasão a propriedades? — retrucou ele.

— Desculpe — disse Frances.

Carmel entendeu o ponto de vista dela. Tony parecia *mesmo* já ter invadido a casa dos outros quando era mais novo.

— Poderíamos tentar. Mas precisaríamos de algo para arrombar a fechadura — disse Ben, dando um tapinha em si mesmo, sem conseguir pensar em nenhum objeto que ajudasse.

— Tenho certeza de que ainda não há motivo para pânico — afirmou Napoleon.

— Está óbvio que é um exercício de resolução de problemas e eles vão acabar percebendo que somos incapazes de solucionar — disse Lars, bocejando e em seguida se deitando em um tapete de ioga e cobrindo os olhos com o braço.

— Eles devem estar nos assistindo aqui dentro — observou Jessica, apontando com o braço estendido para um canto do teto. — Aquilo ali em cima não é uma câmera?

Todos olharam para a pequena câmera de segurança com a luzinha vermelha piscando, acima da televisão desligada.

— Yao me disse que eles tinham um sistema de segurança com interfones — contou Frances.

— Ele também me disse isso — falou Carmel. — No primeiro dia.

Parecia ter sido um século atrás.

Heather ficou de pé em um pulo e se dirigiu à câmera:

— Nos deixem sair imediatamente! — gritou. — Não viemos até aqui para passar o aniversário de morte do nosso filho *trancados em um cômodo com desconhecidos*!

Carmel estremeceu. Havia esquecido que o dia era *hoje*. A mulher tinha o direito de se irritar e gritar o quanto quisesse.

Fez-se silêncio. Nada aconteceu.

Heather bateu o pé no chão.

— Não acredito que estamos *pagando* por isso.

Napoleon se levantou e abraçou a esposa.

— Não importa onde estamos hoje — disse ele.

— Importa, sim — resmungou Heather baixinho com o rosto na camisa dele.

De repente, ela pareceu menor, sem toda aquela raiva; apenas uma mãe triste e traumatizada.

— Shhh — disse Napoleon.

Ela repetia algo sem parar, e Carmel demorou um instante para distinguir as palavras:

— Me desculpe, me desculpe, me desculpe.

— Tudo bem — falou Napoleon. — Estamos bem. Está tudo bem. Está tudo bem.

Todos desviaram os olhos do que parecia ser um momento insuportavelmente íntimo. Zoe também evitou olhar para os pais. Foi até um canto da sala, apoiou a mão na parede, ergueu uma perna e segurou o tornozelo com a outra mão: uma aula de ioga particular.

Carmel olhou para a tela apagada da televisão, desejando de forma repentina e desesperada estar muito longe da dor daquela família, que tanto ofuscava a sua. Sentiu uma pontada aguda de saudade de casa. Sua casa era linda. Lembrou-se daquilo como se fosse uma informação inédita. Não era uma mansão, de modo algum, mas era uma casa de família confortável e repleta de luz, até mesmo quando era destruída pelas quatro menininhas. Fora ela quem reformara a casa, para deixá-la bonita. As pessoas diziam que ela "levava jeito". Quando voltasse, se lembraria de apreciá-la.

— Posso tentar arrombar a porta com um chute — falou Tony.

— Ótima ideia — concordou Carmel.

As pessoas sempre chutavam portas nos filmes. Parecia bem simples.

— Deixe que eu faço — disse Ben.

— Ou então posso empurrar com o peso do meu corpo.

Tony se alongou, girando os ombros.

— *Eu* empurro — afirmou Ben.

— A porta abre para dentro — interrompeu Lars.

Houve uma pausa.

— Isso importa? — perguntou Frances.

— Pense bem, Frances — disse Lars.

Tony desanimou.

— Vamos tentar mexer na fechadura, então. — Ele levou a ponta dos dedos à testa e respirou fundo. — Estou começando a ficar um pouco… claustrofóbico. Quero sair daqui.

Carmel também queria.

QUARENTA E SETE

Frances

Eles cataram tudo que encontraram que pudesse arrombar a fechadura: uma presilha de cabelo, uma fivela de cinto, uma pulseira. A pulseira era de Frances, e ela não podia contribuir com mais nada além do seu entusiasmo ignorante, então saiu de perto. O comitê de arrombamento foi composto por Ben, Jessica, Napoleon, Tony e Carmel. Eles pareciam se divertir destruindo a pulseira dela e debatendo exatamente o que seria necessário: "dentes para empurrar os pregos" ou algo assim.

Ela foi falar com Zoe, que estava sentada em um canto do estúdio, abraçando os joelhos.

— Você está bem? — perguntou Frances, se acomodando ao lado dela e levando a mão hesitante às costas da menina.

Zoe ergueu a cabeça e sorriu. Seus olhos estavam límpidos. Ela estava linda. Não parecia ter passado a noite anterior dopada.

— Estou bem. Como foi sua… experiência ontem à noite?

Frances baixou a voz:

— Eu não aprovo o que Masha fez, um absurdo e tal, sua mãe tem razão, drogas são ruins, ilegais, é errado, diga não e tudo o mais… Contudo, tenho que admitir que concordo com Steve Jobs: foi uma das experiências mais fantásticas da minha vida. E você?

— Tiveram partes boas e ruins — disse Zoe. — Eu vi Zach. Nós três vimos. Bem… alucinamos, não vimos de verdade.

— Eu também achei que tinha visto ele — falou Frances, sem pensar. Zoe virou a cabeça. — Eu vi um garoto — explicou. — Com você, sua mãe e seu pai.

— Você viu Zach? — perguntou Zoe, o rosto se iluminando.

— Desculpe — falou Frances. — Espero que não ache falta de respeito. Óbvio que eu não conheci seu irmão. Foi só a minha imaginação criando a imagem dele.

— Tudo bem — disse Zoe. — Fico feliz que tenha visto. Você teria gostado do meu irmão. Zach teria falado com você. Ele falava com todo mundo. — Ela fez uma

pausa. — Não quis dizer isso em um sentido negativo…

— Entendi o que quis dizer.

Frances sorriu.

— Ele se interessava por todo mundo — contou Zoe. — Era que nem meu pai. Tagarela. Teria feito perguntas para você sobre, sei lá, o mercado editorial. Era muito nerd. Gostava de ver documentários, de escutar podcasts complexos. Era fascinado pelo mundo. Por isso que… — Sua voz falhou. — Por isso nunca acreditei que ele tenha escolhido abrir mão de tudo. — Ela bateu o queixo nos joelhos. — Quando ele morreu a gente não estava se falando. A gente não se falava havia, tipo, semanas. A gente brigava a sério por causa de… muitas coisas: banheiro, televisão, carregador. Tudo parece uma idiotice agora.

— É o que irmãos fazem — disse Frances, vislumbrando os lábios contraídos da própria irmã.

— Uma coisa que a gente fazia: se a briga ficasse muito feia, a gente parava de se falar e aí virava uma competição para ver quem ia ceder primeiro, e a pessoa que falasse primeiro estava *meio que* pedindo desculpa sem pedir desculpa, se é que você me entende, então eu não queria ser a primeira a falar.

Ela olhava para Frances como se estivesse lhe contando algo realmente terrível.

— Eu tinha um acordo muito parecido com meu primeiro ex-marido.

— Mas eu percebi que havia alguma coisa errada com ele — disse Zoe. — Naquela semana. Eu percebi. Mas não perguntei. Não falei nada. Só ignorei ele.

Frances manteve a expressão neutra. Não adiantava dizer: *Você não deve se sentir responsável*. Claro que ela se sentia responsável. Negar seu arrependimento seria como negar sua perda.

— Sinto muito, querida.

Frances queria envolver a menina em um grande abraço provavelmente indesejado, mas se contentou em tocar o ombro dela.

Zoe olhou para a mãe.

— Eu senti tanta raiva dele. Parecia que tinha feito aquilo *de propósito* só para que eu me sentisse culpada para sempre, e eu não conseguia perdoar ele por isso. Parecia a coisa mais malvada e cruel que ele já tinha feito comigo. Mas ontem à noite… Parece besteira, mas ontem à noite eu tive a impressão de que a gente voltou a se falar.

— Eu sei — disse Frances. — Eu falei com minha amiga Gillian, que morreu ano passado, e com meu pai. Foi diferente de um sonho. Foi muito intenso. Pareceu mais real do que a realidade, para ser sincera.

— Você acha que talvez a gente tenha visto eles *de verdade*?

Havia muita esperança trêmula na expressão de Zoe.

— Talvez — mentiu Frances.

— É só que… Eu estava pensando no que Masha disse: que, depois da experiência de quase morte, ela percebeu que havia outra realidade e achei que… talvez a gente tenha acessado essa outra realidade.

— Talvez — repetiu Frances, mas ela não acreditava em universos paralelos. Acreditava no poder transcendental do amor, da memória e da imaginação. — Tudo é possível.

Zoe baixou tanto a voz que Frances teve que se inclinar para a frente para ouvir.

— Tenho a sensação de ter recuperado Zach de algum jeito. É como se eu pudesse mandar uma mensagem de texto para ele, se quisesse.

— Ah — disse Frances.

— Não quero dizer que *vou* fazer isso — explicou a menina.

— Não. Claro que não. Entendi o que você quis dizer. Você tem a impressão de que não estão mais brigados.

— É — concordou Zoe. — Fizemos as pazes. Eu ficava muito aliviada quando a gente fazia as pazes.

As duas continuaram sentadas em silêncio por alguns confortáveis minutos e observaram os arrombadores de fechadura agachados perto da porta.

— Aliás, me esqueci de dizer: li seu livro durante o silêncio — falou Zoe. — Adorei.

— Adorou? — perguntou ela. — Jura? Tudo bem se não for muito seu estilo.

— Frances — falou Zoe com firmeza —, era meu estilo. Eu *adorei*.

— Ah — disse ela. Seus olhos arderam ao perceber que Zoe dizia a verdade. — Obrigada.

QUARENTA E OITO

Zoe

Ela mentiu. O livro era muito, muito cafona.

Tinha terminado de ler na manhã anterior (não havia mais nada para fazer ali), e tudo bem, virara uma página atrás da outra, mas desde o início sabia que a garota ia ficar com o cara, embora se odiassem no começo, e que haveria testes e tribulações, mas que tudo daria certo no final, então de que adiantava ler o livro? Havia uma parte em que a garota desmaiava nos braços do sujeito, o que era, tipo, romântico e tal, mas quem desmaiava assim na vida real? E, se desmaiasse, quando é que haveria alguém a postos para segurar você de forma tão conveniente?

Além disso, onde estava o *sexo*? Só depois de, tipo, trezentas páginas, aconteceu o primeiro beijo, e o livro se chamava *O beijo de Nathaniel*.

Zoe preferia histórias de espionagem internacional.

— Achei o livro fantástico — disse ela a Frances, com a expressão perfeitamente impassível.

Seu país está contando com você, Zoe.

— Talvez você ainda esteja dopada — falou Frances.

Zoe riu. Talvez estivesse.

— Acho que não.

Ela não acreditava que tinha se drogado com os *pais*. Essa fora a parte mais bizarra de toda a experiência, o fato de que sua mãe e seu pai estavam lá com ela. *Eita*, ela ficava pensando. *Ali está minha mãe. Eita. Ali está meu pai*. Os mundos colidiam com faíscas vulcânicas e explosões supersônicas.

Zoe tinha a impressão de que poderia passar o resto da vida recordando tudo que acontecera na noite anterior. Ou tudo poderia desaparecer. As duas coisas eram possíveis.

Mas o que não mudaria quando ela fosse embora dali seria a revelação da sua mãe.

Ela e a mãe mal tinham se falado naquela manhã. Naquele exato instante, Heather fazia abdominais, embora Zoe tivesse percebido que fazia com menos… *agressividade*

do que de costume. Inclusive, enquanto Zoe observava, ela parou e se deitou de costas com as mãos na barriga, olhando para o teto.

Durante todos aqueles anos, Zoe desejara ter alguém para culpar além de si mesma. Após a morte de Zach, ela vasculhara toda a tecnologia: o celular, os e-mails, as redes sociais dele. *Queria* achar provas de que ele havia sofrido bullying, de que havia algo acontecendo na vida dele que não tinha nada a ver com ela e que explicasse aquela decisão. Mas não havia nada. Seu pai também tentara. Encontrara-se com cada um dos amigos de Zach e os entrevistara, tentando entender. Mas ninguém entendia. Todos os amigos dele estavam arrasados, tão perplexos quanto a família.

Agora parecia possível que não houvesse nada acontecendo no mundo externo. Era tudo dentro da cabeça dele. Os efeitos do remédio de asma o haviam enlouquecido temporariamente.

Talvez. Ela nunca teria certeza.

A revelação da mãe não exonerava Zoe, mas lhe dava alguém com quem dividir a culpa. Por um instante apenas, ela se deu o prazer de odiar a mãe. Heather não deveria ter deixado que ele tomasse aqueles comprimidos idiotas. Deveria ter lido a bula *como uma mãe responsável*, como uma mãe com treinamento médico.

Mas então se lembrou do grito da mãe naquela manhã e soube que nunca poderia culpá-la de verdade.

Fora completamente errado e quase *infantil* da parte da sua mãe guardar aquele segredo, mas a própria infantilidade da coisa fez com que Zoe se sentisse melhor. Pela primeira vez na vida, viu a mãe como apenas uma garota: uma garota que cometia erros como ela, que metia os pés pelas mãos, que estava só improvisando, um dia depois do outro.

Sim, sua mãe deveria ter lido sobre os efeitos colaterais, assim como Zoe deveria ter entrado no quarto do irmão quando o viu deitado na cama. Ela deveria ter entrado no quarto, sentado-se na beira da cama, segurado o pé gigantesco dele, dado uma sacudida no garoto e perguntado:

— O que houve com você, otário?

Talvez ele tivesse contado para ela, e, se *tivesse* contado, e aquilo houvesse parecido sério o bastante, ela teria abordado o pai e dito: "Conserte." E seu pai teria consertado. Ela olhou para o pai, o único inocente da família, no chão, de quatro, espiando a fechadura. Ele as tiraria dali. Podia consertar qualquer coisa se lhe dessem a oportunidade. Só não tivera a oportunidade de consertar Zach.

Não estava tudo bem, nunca estaria tudo bem, mas Zoe tinha a sensação de que os nós sólidos dentro da sua barriga estavam se desfazendo, e ela não ia resistir. Outras

vezes, quando começara a se sentir melhor, quando se surpreendera rindo ou até se empolgara com algo, ela imediatamente se interrompera. Tinha a impressão de que se sentir melhor era o mesmo que esquecer Zach, traí-lo, mas agora parecia haver uma forma de se lembrar não apenas das vezes que eles tinham brigado, mas também das vezes que tinham rido tanto que as bochechas doeram, das vezes em que pararam de se falar, das vezes que conversavam, sobre tudo e qualquer coisa. De se lembrar dos segredos que escondiam um do outro, mas também dos que compartilhavam.

Zoe observou o perfil de Frances enquanto ela também olhava o grupo que tentava arrombar a fechadura. Parecia mais jovem, sem o batom vermelhão que usava todo dia, até para fazer exercício. Era como se achasse que o batom vermelho era uma peça de roupa sem a qual não podia ser vista.

Zoe teve a impressão repentina de que *era* Frances, uma mulher de meia-idade que escrevia romances, mas caíra em um golpe romântico pela internet; e era também seu pai, que chorava o tempo todo sem nem perceber e no momento estava de joelhos tentando abrir uma fechadura; e era sua mãe, com tanta raiva do mundo mas sobretudo de si mesma e dos erros que cometera; e era o cara gato que ganhara na loteria, mas não parecia nada feliz; e era a esposa dele com o corpo incrível; e era o lindíssimo advogado gay de divórcio; e era a mulher que se achava gorda; e era o homem que costumava sorrir e jogar futebol. Era todos eles, e ainda era Zoe.

Uau. Talvez ela *ainda estivesse* dopada.

— Significa muito para mim que você tenha gostado do livro — disse Frances, voltando-se para ela com os olhos brilhantes.

Que fofo. Parecia que a opinião de Zoe importava de verdade para ela.

Muito bem, garota, falou Zach. *Sua amora negra cruel e entediante*.

Zach ainda estava ali. Não iria a lugar nenhum. Ia ficar por ali enquanto ela terminava a faculdade, viajava, arrumava um emprego, se casava e envelhecia. Só porque ele tinha escolhido a morte não significava que Zoe não podia escolher a vida. Ele continuava presente no seu coração e na sua memória, e ia ficar ao lado dela, ia lhe fazer companhia até o fim.

QUARENTA E NOVE

Ben

Eles não conseguiram arrombar a fechadura. Ben percebeu de cara que não daria certo. Não tinham as ferramentas adequadas, e o mecanismo que trancava a porta era novinho. Houve palavrões e comentários mal-humorados:

— Tente você, então!

As pessoas não paravam de sugerir códigos para o teclado de segurança, mas a luz vermelha piscava com o sinal de rejeição como se dissesse *vá se foder*. Ben odiava aquela luz vermelha.

Pensou que nem mesmo seu amigo Jake, que era chaveiro, conseguiria abrir aquilo. Certa vez perguntara a Jake se ele era capaz de abrir qualquer fechadura, em qualquer lugar.

"Com as ferramentas certas, sim", respondera Jake.

Eles não tinham as ferramentas certas.

Finalmente, Ben desistiu. Deixou Carmel e os homens mais velhos, Napoleon e Tony, com seus esforços inúteis e foi se juntar a Jessica, sentada com as costas apoiadas na parede, roendo as unhas falsas. Ela olhou para ele e sorriu com hesitação. Seus lábios estavam ressecados e rachados. Os dois haviam se beijado sem parar na noite anterior, na frente das pessoas. Às vezes Masha estava presente, sentada ao lado deles, e os dois simplesmente continuavam se beijando, feito adolescentes excitados no transporte público.

Mas ele não se sentira como um adolescente excitado, porque não havia objetivo final. Ele não estava beijando Jessica só para chegar ao sexo. O interesse era o próprio beijo. Ben tinha a impressão de que poderia ter feito aquilo para sempre. Não eram beijos babados e embriagados, eram hiper-reais, como se cada parte do seu corpo estivesse envolvida. Ele não podia fingir que tinha odiado sua primeira experiência com drogas. Fora incrível. Fora por aquilo que sua irmã destruíra a própria vida?

Será que Ben era capaz de roubar para viver aquilo outra vez?

Ele pensou no assunto. Não. Continuava não querendo repetir a experiência,

graças a Deus. Então não havia se viciado depois de experimentar drogas uma única vez.

Sua mãe, com o rosto abatido de preocupação pela filha, dizia a ele desde que tinha dez anos: "Basta uma vez, Ben, uma vez só e sua vida já era."

Ele ouvira aquilo dia após dia, como se fosse uma história na hora de dormir. Era sobre como a linda princesa, sua irmã, fora raptada pelo monstro mau das drogas.

"Você nunca, nunca, nunca, nunca, nunca deve fazer isso", falava sua mãe, segurando seu braço com tanta força que doía e olhando para ele com uma intensidade tão apavorante que Ben sempre queria desviar os olhos, mas tinha que manter o contato visual porque senão ela recomeçava o refrão: *nunca, nunca, nunca, nunca, nunca*.

Ele não precisava que sua mãe lhe dissesse que drogas acabavam com a vida das pessoas. A prova estava bem diante de seus olhos. Ele tinha apenas dez anos quando tudo começou, Lucy tinha cinco anos a mais, mas ainda se lembrava da antiga Lucy, da primeira Lucy, da Lucy real que se fora. A Lucy de verdade jogava futebol e era muito boa. Sentava-se à mesa de jantar e comia, dizia coisas que faziam sentido, ria quando algo era *engraçado*, não durante horas de absolutamente nada, e, quando se irritava, era uma raiva normal, não a raiva que deixava seus olhos vermelhos e cruéis feito os de um demônio. Ela não roubava, não quebrava coisas e não levava garotos magrelos com cara de rato para casa, com olhos de demônio iguais aos dela. Ele não precisava que lhe dissessem *nunca, nunca, nunca*. Sabia o que o monstro fazia.

A pobre mãe de Ben teria um ataque de pânico se soubesse que tinham lhe dado drogas.

— Está tudo bem, Ben — falou Jessica baixinho, como se tivesse lido seus pensamentos. — Você não está viciado.

— Eu sei.

Ele cobriu a mão dela com a sua e se perguntou se a terapia de casal havia funcionado. Mas, se tivesse, por que não se sentia mais feliz? Talvez fosse a calmaria da droga. Era assim que as pessoas se viciavam. A onda era ótima, mas a calmaria era tão ruim em comparação que elas arriscavam tudo para voltar a sentir o barato.

Eles tinham conversado. Ben se lembrava disso. Haviam falado sobre muitas coisas. Sobre tudo. Talvez mais do que em todo o relacionamento. Tinham conversado sobre o dinheiro. Ele se lembrava de ter dito a Jessica que não gostava de como ela havia mudado o rosto e o corpo. Era estranho porque aquilo parecera tão importante antes, a coisa mais importante do mundo, e agora não parecia nada de mais. Por que ele ligara tanto para aquilo? E daí se não gostava dos novos lábios carnudos dela? Por que

aquilo era o fim do mundo?

E o carro. Fora ela quem arranhara o carro. Isso também não parecia importar muito no momento. Era como se o suco tivesse sugado todo o ar que havia nas brigas deles, e agora elas estavam murchas, enrugadas e um pouco constrangedoras. Como se antes eles estivessem fazendo tempestade em copo d'água.

Tinham conversado sobre mais alguma coisa também. Algo que ele achava ter sido mais significativo. Lembraria em um instante.

Jessica puxou a blusa e cheirou a gola.

— Estou fedendo. Vou tentar tomar um banho de esponja na pia do banheiro.

— Está bem.

— Preciso lavar o rosto — acrescentou Jessica, passando a mão pela bochecha.

— Ok — disse Ben, olhando para ela. — Ninguém aqui vai se importar se você está de maquiagem ou não.

— Uma pessoa vai — falou Jessica, ficando de pé. — Eu. *Eu* me importo.

Mas ela não soou irritada.

Ele a observou ir até o banheiro.

Estamos consertados? Temos as ferramentas certas agora?

Ele queria um McMuffin de bacon e ovo. Queria estar no trabalho ouvindo a rádio FM, deixando os carros bonitos outra vez. Ia voltar para o trabalho quando fossem para casa. Não importava se não precisavam do dinheiro; ele precisava do trabalho.

Quanto tempo mais iam ficar ali embaixo? Ele precisava ver o *céu*. Mesmo na época em que trabalhava, nunca passava um dia sem sair ao ar livre para almoçar.

Lembrou-se de um programa de TV sobre um sujeito na prisão que tinha sido condenado, talvez injustamente, e dissera à mãe que não via a lua havia sete anos. Ben sentira um calafrio percorrer o corpo todo ao ouvir aquilo. Coitado dele.

— Oi. Você se importa se eu me sentar aqui?

Era Zoe, a garota que estava lá com os pais.

Ela se sentou ao lado dele.

Quando ele a vira nos últimos dias, havia se perguntado por que alguém da idade dela, que era visivelmente saudável e atlética, escolheria ir para um lugar como aquele. Agora ele sabia o porquê.

— Sinto muito pelo seu irmão — disse Ben.

Ela olhou para ele.

— Obrigada. — Zoe puxou de leve o rabo de cavalo. — Sinto muito pela sua irmã.

— Como sabe sobre minha irmã?

— Sua esposa falou… quando a gente descobriu o que tinha no suco ontem. Ela disse que sua irmã é viciada em drogas.

— Ah, é — disse Ben. — Tinha esquecido.

— Deve ser difícil — falou Zoe, flexionando os dedos dos pés.

— É difícil para Jessica — contou Ben. — É como se ela tivesse que ouvir a mesma história o tempo todo. Não conheceu Lucy antes das drogas, então ela é só uma drogada fodida para Jessica.

— A gente nunca entende a família dos outros — falou Zoe. — Eu terminei com meu namorado porque ele queria ir para Bali esta semana e eu disse que não poderia viajar para lugar nenhum porque tinha que passar o aniversário da morte do meu irmão com meus pais. Ele disse, tipo: "Então você vai ter que passar essa semana de janeiro com seus pais *pelo resto da vida*?" E eu falei: "Hum, é."

— Ele parece meio babaca — opinou Ben.

— É difícil saber quem são os babacas — disse Zoe.

— Aposto que seu irmão saberia que ele é um babaca — falou Ben, porque os homens não tinham dificuldade em perceber quem era babaca, mas então se arrependeu.

Seria uma coisa insensível de se dizer no dia do aniversário da morte dele? Talvez o garoto não fosse do tipo que cuidava da irmã. Mas Zoe sorriu.

— Provavelmente.

— Como era seu irmão? — perguntou Ben.

— Ele gostava de ficção científica, teorias da conspiração, política e de música que ninguém mais conhecia — contou Zoe. — Nunca ficava sem assunto. A gente discordava em basicamente tudo que é possível discordar. — Por um instante terrível, ele achou que ela ia chorar, mas isso não aconteceu. — Como era sua irmã? Antes das drogas? Ou por trás das drogas?

— Por trás das drogas — respondeu Ben. Ele refletiu: *Lucy por trás das drogas*. — Ela era a pessoa mais engraçada que eu conhecia. Às vezes ainda é. Ela ainda é uma pessoa. Costumam tratar os viciados como se não fossem mais pessoas de verdade, mas ela ainda… ela ainda é uma pessoa.

Zoe concordou com a cabeça uma única vez, com um ar quase profissional, como se tivesse escutado o que Ben dissera e entendido de imediato.

— Meu pai queria deserdar ela — disse Ben. — Não queria ter mais nada a ver com ela. Fingir que… ela nunca existiu. Disse que era para se autopreservar.

— E isso funcionou para ele? — perguntou Zoe.

— Funcionou superbem — respondeu Ben. — Ele foi embora. Meus pais se

divorciaram. Ele nem pergunta sobre Lucy quando nos encontramos.

— Acho que cada um tem, tipo, um jeito diferente de lidar com as coisas — disse Zoe. — Depois que Zach morreu, meu pai queria falar sobre ele o tempo todo, e minha mãe não suportava nem dizer o nome dele, então… — Ficaram sentados em silêncio por um instante. — O que acha que está acontecendo aqui? — indagou Zoe.

— Não sei — respondeu Ben. — Não sei mesmo.

Ele observou Jessica sair do banheiro. Ela olhou para Ben e sorriu, um pouco tímida. Devia ser porque não estava maquiada. Ultimamente, ele quase não a via sem aquela gosma no rosto.

Ben olhou para a esposa e soube que a amava, mas ao mesmo tempo um pensamento lhe ocorreu. Todos aqueles beijos não foram uma reconexão. Foram uma despedida.

CINQUENTA

Frances

Ninguém apareceu. As horas passavam lentamente, como se eles fossem passageiros presos em um avião que não saía da pista.

Todos iam com frequência até o teclado e tentavam combinações aleatórias de números, de novo e de novo.

Frances tentou o código do alfabeto com várias palavras: LSD, Psicodélico (difícil de soletrar). Destravar. Abrir. Chave. Saúde.

A luz vermelha piscava toda vez e aquilo começou a parecer uma ofensa pessoal.

Os humores passaram a oscilar de formas estranhas e inesperadas.

Heather ficou quieta e isolada, os braços frouxos. Foi até um canto do cômodo, empilhou três tapetes de ioga, se deitou de lado e dormiu.

Lars cantava. Sem parar. Tinha uma voz grave e melódica, mas mudava de uma música para outra como se alguém virasse o sintonizador do rádio em busca de uma estação específica.

Por fim, Tony falou em um tom abrupto:

— Pelo amor de Deus, cale a boca, cara.

Lars ficou surpreso e parou no meio de "Lucy in the Sky with Diamonds", como se não tivesse percebido que estava cantando durante todo aquele tempo.

Carmel fazia um som irregular estalando a língua, e Frances tentou apostar consigo mesma quanto tempo conseguiria suportar aquilo. Chegara a trinta e dois estalos quando Lars perguntou:

— Por quanto tempo pretende continuar com isso?

Algumas pessoas se exercitavam. Jessica e Zoe praticavam ioga juntas. Ben fez um número impressionante de flexões, até que finalmente parou, a respiração arfante, encharcado de suor.

— Vocês deveriam preservar energia — sugeriu Napoleon. — Enquanto estamos em jejum.

Jejum não parecia a palavra certa na opinião de Frances. Jejum implicava uma

escolha.

Napoleon não falava tanto quanto Frances esperara. Desde que o conhecera, ela o considerara um tagarela, mas lá estava ele, apenas calado e contemplativo, franzindo a testa enquanto olhava, confuso, para o relógio e depois para a câmera do teto, como se dissesse: *Sério?*

— E se tiver acontecido alguma coisa com eles? — perguntou Frances, por fim. — E se tiverem sido assassinados, raptados ou ficado doentes?

— Eles nos trancaram aqui — lembrou Lars. — Então parece que planejaram isto.

— Talvez tenham planejado, mas era para durar só uma hora ou algo assim — continuou Frances. — E *aí* alguma coisa horrível aconteceu com eles.

— Se for isso, vão acabar nos encontrando — disse Napoleon. — Nossas famílias e nossos amigos vão perceber se não voltarmos.

— Então pode ser que a gente fique aqui por mais, o quê? Quatro, cinco dias? — indagou Frances.

— Vamos ficar tão magros! — comentou Carmel.

— Talvez eu enlouqueça — disse Ben, e sua voz tremeu, como se aquilo já estivesse acontecendo.

— Pelo menos temos água corrente — lembrou Napoleon. — E banheiros. Poderia ser pior.

— Poderia ser melhor — disse Tony. — Serviço de quarto ajudaria.

— Eu *amo* serviço de quarto — disse Frances.

— Serviço de quarto e um filme — acrescentou Tony, suspirando.

Eles se entreolharam e Frances desviou os olhos primeiro, porque acidentalmente já estava imaginando os dois em um quarto de hotel. Aquelas tatuagens no bumbum dele enquanto saía do banheiro. Aquele *sorriso*.

Ela deu um tapa mental no próprio rosto e pensou no pai dizendo: "Você sempre foi doida pelos meninos." Mesmo com cinquenta e dois anos ainda não tinha juízo. Só porque os dois gostavam de serviço de quarto não significava que eram compatíveis. Sobre o que falariam enquanto comiam o que haviam pedido pelo serviço de quarto? Futebol?

— Vamos oferecer *dinheiro* para eles — falou Jessica de repente. — Para que nos deixem sair. Todo mundo tem um preço, não é?

— Quanto? — perguntou Ben. — Um milhão? Dois milhões?

— Calma aí — falou Lars.

— Não vão deixar vocês saírem com uma promessa — opinou Tony, mas Jessica já tinha ido até o meio do estúdio e se dirigia à câmera.

— Estamos dispostos a pagar uma taxa para sair daqui, Masha! — Ela levou os punhos fechados à cintura. — Dinheiro não é problema para nós. Temos de sobra. Francamente, ficamos felizes em pagar por um… hum… *upgrade*. Queremos pular esta parte do programa, obrigada, e ficamos felizes em pagar a multa. — Ela olhou ao redor, incomodada. — Isto é, para todos nós. Vamos cobrir o custo para que todos possam sair.

Nada aconteceu.

— Acho que Masha não é motivada por dinheiro — disse Napoleon baixinho.

O que será que a motiva?, pensou Frances.

Lembrou-se da sua sessão de terapia e da forma como os olhos de Masha haviam se iluminado quando ela falara sobre o videocassete e como aquilo fora uma janela para outro mundo, mas provavelmente já não se interessava por filmes. Com certeza quisera que Frances soubesse que a Austrália precisava da sua inteligência. Aprovação? Admiração? Seria só isso?

Ou seria amor? Algo tão simples? Ela só queria amor, como todo mundo. Mas algumas pessoas tinham um jeito muito peculiar de manifestar essa necessidade.

— Nem sabemos se eles estão nos assistindo — disse Lars. — Talvez estejam com os pés para o ar em algum lugar vendo *Orange is the New Black*.

— Nós não pagamos por um quarto comunitário! — exclamou Jessica, apontando o dedo para a câmera. — Não vou dormir esta noite aqui de novo! Pagamos por um quarto de casal e eu quero voltar para o meu! Estou com fome, estou cansada! — Ela ergueu uma mecha do cabelo e a cheirou. — E preciso lavar a cabeça agora mesmo!

— Ai, meu Deus. — Ben levou as mãos às têmporas. Ele correu em um semicírculo cômico. — Acabei de lembrar o que você disse! Está grávida! Ontem à noite você disse que está grávida!

— Ah, é — falou Jessica, voltando-se para o marido. — Eu tinha esquecido.

CINQUENTA E UM

Delilah

— Ela não está grávida. — O rosto de Yao estava pálido de pânico. — Ela não está grávida de jeito nenhum.

Delilah, Masha e Yao estavam no escritório de Masha, assistindo ao vídeo da câmera de segurança que mostrava os hóspedes na sala de meditação.

— Eu nunca teria permitido que uma mulher grávida tomasse aquelas substâncias — disse Yao. — Nunca.

— Então por que ela fica dizendo que está grávida? — perguntou Masha.

Eles estavam ali havia horas. Masha e Yao andavam de um lado para outro enquanto olhavam para a tela, mas Delilah acabara se sentando na cadeira de Masha.

Ela estava cansada, com fome e meio farta daquilo. Talvez estivesse farta de ser consultora de saúde. Já fazia quatro anos, e os hóspedes começavam a se misturar na sua mente. Eram tão autocentrados, e às vezes Delilah tinha a impressão de ser uma personagem sem importância em uma história que tratava de tudo, menos dela.

Ao longo dos anos, poucos foram os hóspedes que lhe fizeram alguma pergunta sobre ela. Certo, tudo bem, os hóspedes não tinham que falar com ela se não quisessem, mas todos achavam que ela ficaria totalmente fascinada com *eles*! As coisas que lhe contavam: sobre seus casamentos, suas vidas sexuais, suas evacuações! Se tivesse que ouvir mais uma história sobre alguém com síndrome do intestino irritável, ia cortar os próprios pulsos.

E também havia as reclamações, que não eram poucas: a maciez dos travesseiros, a temperatura dos quartos, o *clima* — como se ela pudesse controlar o clima.

Era legal quando as pessoas pareciam acreditar genuinamente que estavam "transformadas" no fim do retiro, mas Delilah não tinha a mesma crença ferrenha de Masha e Yao naquele negócio de transformação.

Sim, ela gostava de ioga, seu abdômen era muito forte, tinha uma barriga de tanquinho e gostava de ter um tanquinho, meditar era relaxante, fazer as coisas com consciência era ótimo, e ela não tinha problemas em incluir drogas na equação, já que

deixava a vida interessante e, certo, talvez desse uma nova perspectiva às pessoas sobre suas psiques, mas, sinceramente, a maioria das psiques não parecia assim tão *complexa*... Não era o trabalho de Deus. Era um spa.

Delilah era ótima em dar a impressão de que ligava para aquilo tanto quanto Masha e Yao. Podia fingir muito bem. Já fizera aquilo em relação a produtos derivados de leite, quando era assistente de Masha. *Sim, sim, sou apaixonada por iogurte*. Então, após o ataque cardíaco de Masha, ela largara os laticínios e fizera o mesmo com *seguros*. Todos aqueles anos trabalhando como assistente a haviam treinado muito bem para ser consultora de bem-estar: acenar, sorrir, concordar, fazer as coisas acontecerem nos bastidores e não perguntar nada a não ser que fosse realmente necessário. Masha pagava bem. Delilah estava quase atingindo seu objetivo financeiro. Ia passar um ano viajando.

— Fiz testes de gravidez em todas as mulheres — disse Yao. — Até nas mais velhas. Ela não está grávida.

— Então por que disse que está? — perguntou Masha outra vez.

— Não sei — respondeu Yao.

Ele estava muito perturbado, quase chorando.

— Para poder nos processar por termos dado drogas para ela — falou Delilah.

— Ela não precisa de dinheiro — retrucou Masha com um gesto para a tela. — Como ela disse, dinheiro não é problema.

Delilah deu de ombros e suspirou.

— Talvez ela só esteja querendo provar um argumento: "E se eu *estivesse* grávida e você tivesse me drogado?!"

— Ela não está grávida — afirmou Yao mais uma vez.

— Ela não sabe que sabemos disso — retorquiu Delilah. — E a irmã do marido dela é viciada em drogas, então, sabe como é, eles são totalmente antidrogas. É uma pena que a gente não soubesse disso.

Masha deu meia-volta.

— Mas eles deveriam estar felizes, a terapia foi tão boa! Eles se beijaram!

— Porque estavam dopados — disse Delilah.

Às vezes Masha era de uma inocência bizarra. Achava mesmo que os beijos entre eles tinham *significado* algo?

— Eles se beijaram por muito tempo — falou Masha a Delilah.

— Aham — disse Delilah. — É o que acontece quando você toma ecstasy. É por isso que chamam de droga do amor.

Na primeira vez que Delilah tomara ecstasy, beijara Ryan, seu namorado da época,

por mais de duas horas seguidas, e foram beijos incríveis, os melhores da sua vida, mas não significava que queria se *casar* com aquele babaca inglês arrogante que usava camisas roxas justas. Eram só beijos.

— Não foi só a droga — afirmou Masha. — Eu os conduzi a descobertas importantes.

— Humm — disse Delilah.

Como todos os chefes que Delilah já tivera, Masha era uma narcisista completa. Delilah achava hilário quando Masha falava tão solenemente com os hóspedes sobre a "dissolução do ego", como se o ego gigantesco dela algum dia pudesse se dissolver. Nos últimos anos, Delilah vira o ego de Masha florescer, alimentado pelos hóspedes, que ouviam atentamente cada palavra sua, e pela devoção canina de Yao.

— Eu tenho dom para isso — falou ela, séria.

Mas, na verdade, o que Masha poderia saber sobre relacionamentos?

Em todos aqueles anos, Delilah nunca vira Masha em um. Não sabia se ela era hétero, lésbica ou bi, ou se simplesmente não tinha nenhuma orientação sexual.

— Achei que eles estariam mais positivos neste estágio da jornada — falou Masha. — Mais *agradecidos*.

Delilah e Yao se entreolharam. Uau. Aquilo era *quase* o reconhecimento de um erro. Era pelo menos o reconhecimento de um instante de dúvida.

Yao parecia apavorado, como se seu mundo inteiro estivesse desabando. Ele era obcecado por Masha, provavelmente apaixonado por ela. Delilah não sabia se o interesse dele era sexual; parecia se comportar mais como um superfã diante de uma estrela de rock, como se não acreditasse que podia ficar no mesmo cômodo que ela.

— Vai ficar tudo bem — assegurou Masha a Yao. — Só precisamos refletir sobre como prosseguir.

— Temos que alimentá-los — disse Delilah.

Ela sabia disso graças à época em que trabalhara como garçonete. Leve uns pães de alho até a mesa por conta da casa. Encha-os de carboidratos e vão parar de reclamar sobre a longa espera pelos pratos principais.

— Não faz nem quarenta e oito horas ainda! — lembrou Masha. — Todos sabiam que havia jejum incluído.

— Sim, mas *não* sabiam que havia LSD incluído — falou Delilah. — Ou que iam ficar trancados.

Ela achava que Masha tinha superestimado o compromisso dos hóspedes com a transformação. Quando as pessoas diziam que iam até a Tranquillum House para ganhar "conhecimento", o que queriam dizer era que queriam ficar "mais magros".

De qualquer forma, pelo que Delilah estava vendo, nenhuma das pessoas naquela sala parecia particularmente *transformada*. Não havia a menor possibilidade de Heather Marconi sair dali e dar cinco estrelas para eles no TripAdvisor.

Masha, sendo Masha, nunca duvidara de que o protocolo novo seria um sucesso. Não tinha qualquer preocupação com consentimento. Dissera que era arriscado demais pedir consentimento, porque os que mais precisavam de ajuda seriam os mais propensos a recusar. Os gloriosos fins justificariam os meios. Ninguém ia reclamar depois de passar pela transformação pessoal!

— Vamos continuar focados em soluções — falou Masha, então, enquanto contemplava o movimento dos hóspedes dentro da prisão temporária.

Ela nem sequer parecia cansada.

Delilah se lembrou de uma noite, mais de dez anos antes, na época em que ainda trabalhava como assistente de Masha. Alguém descobrira um erro grave na análise orçamentária que iam apresentar ao conselho de administração no dia seguinte. Masha trabalhara durante trinta horas seguidas, incluindo uma noite inteira, sem parar, para retificar o problema. Delilah ficara com ela no escritório, mas tirara algumas sonecas para dar conta do recado. A apresentação foi um triunfo.

Seis meses depois, Masha teve o ataque cardíaco.

Cinco anos mais tarde, quando Delilah tinha realmente quase se esquecido da existência de Masha, recebeu um telefonema dela querendo saber se gostaria de ser treinada para virar consultora de bem-estar em um spa que ela ia abrir.

Masha gostava de dizer aos hóspedes que Delilah ia lhes contar sobre sua suposta "jornada de bem-estar", mas eles nunca a ouviam, porque não existia. Delilah pedira demissão do seu trabalho como assistente do diretor executivo babaca de uma seguradora. Sua jornada de bem-estar fora basicamente uma viagem de trem da Central Station até o spa, em Jarribong.

— Acho que a gente devia soltá-los — disse Yao. — Já era para terem saído a esta altura.

— Temos que estar dispostos a nos adaptar — falou Masha. — Eu disse isso a vocês dois no começo. Resultados dramáticos demandam ações dramáticas. Sei que não é confortável para eles, mas é o único jeito de fazer as pessoas *mudarem*. Eles têm água. Têm abrigo. Estamos tirando essas pessoas da zona de conforto, só isso. É aí que o crescimento ocorre.

— Só não sei se é correto — disse Yao, preocupado.

— Ligue o áudio — pediu Masha.

— Obviamente, somos obrigados a prestar queixa na polícia assim que sairmos

daqui — falou uma mulher.

— Quem é? — perguntou Masha.

— Frances — respondeu Yao, com os olhos fixos na tela.

Ela estava de costas para eles, conversando com Lars.

— *Frances!* — exclamou Masha. — Ela adorou a experiência. Pareceu tirar tanta coisa boa!

— Moralmente obrigados — dizia Lars. — Legalmente obrigados. Temos o dever de fazer isso. Vão acabar matando alguém se não fizermos.

— Não sei se quero que eles realmente sejam presos — comentou Frances. — Acho que a intenção era boa.

— Neste exato momento, estou sendo privado da minha liberdade, Frances — lembrou Lars. — Não estou muito preocupado se alguém vai passar um tempinho na cadeia por isso.

— Ai, meu Deus — gemeu Yao com a boca grudada no punho fechado. — É um desastre. Eles não estão nem… tentando!

— Não é um desastre — retrucou Masha. — Eles vão conseguir. Só está demorando um pouquinho mais do que esperamos.

— Não parecem ter mudado nada depois da terapia — opinou Yao. — Parecem só muito… irritados.

Delilah reprimiu um suspiro. *Isso se chama ressaca, seus idiotas.*

— Alguém quer chá verde? — perguntou ela.

— Obrigada, Delilah, é muito atencioso da sua parte — falou Masha, agradecida, tocando o braço da funcionária e dando aquele seu sorriso de aquecer a alma.

Mesmo antes, quando não parecia uma deusa, quando era só uma executiva importante e desarrumada muito boa em seu trabalho, Masha tinha carisma. Você queria agradá-la. Delilah trabalhara para Masha com mais afinco do que jamais trabalhara para alguém, mas estava na hora de encerrar aquele capítulo da sua vida.

Estava claro que aquilo acabaria envolvendo a polícia. Fora Delilah quem tinha conseguido as drogas pela dark web, um processo que ela considerara divertido, além de ser uma nova habilidade para acrescentar ao currículo, junto do PowerPoint. Ela achava que seus atos não bastariam para mandá-la à cadeia, mas talvez bastassem, e tinha a impressão de que não ia gostar de lá.

No fundo, ela sempre soubera que ia acabar assim. Havia certa inevitabilidade, desde o instante em que Masha lhe entregara o livro sobre terapia psicodélica, dizendo: "Isto vai revolucionar a forma como trabalhamos." Delilah se lembrava de ter pensado: *Isto não vai acabar bem*. Mas andava entediada havia algum tempo. Fazer

experimentos com drogas seria interessante, e ela meio que queria presenciar a catástrofe.

Colocaram microdoses de drogas nos sucos dos hóspedes durante um ano sem qualquer efeito negativo. As pessoas não faziam ideia. Acreditavam que era a comida orgânica e a meditação que as fazia se sentir tão bem. Voltavam a se hospedar lá porque queriam se sentir bem assim outra vez.

Então Masha decidiu que queria mais do que microdosagem. Queria fazer algo "revolucionário". Queria "romper barreiras". Disse que eles estariam mudando o curso da história. Yao discutira com ela. Não queria mudar o curso da história. Ele só queria "ajudar as pessoas". Masha disse que aquilo ia ajudar as pessoas de uma forma que mudaria de verdade e para sempre a vida delas.

O momento decisivo foi quando o próprio Yao experimentou a terapia psicodélica tendo Masha como guia. Delilah não estava presente — era seu fim de semana de folga —, mas no momento em que o viu depois daquilo, percebeu um brilho ainda mais louco e obsessivo no olhar dele, que citava a pesquisa como se fosse isso que o tivesse feito mudar de ideia, quando fora só o poder das drogas alucinógenas e de Masha.

Evidentemente, Delilah também havia testado a terapia psicodélica. A experiência fora incrível, mas ela não era burra a ponto de achar que aqueles sentimentos ou aquelas supostas "revelações" eram *reais*. Eram apenas drogas. Ela já havia tomado chá de cogumelo. Era como confundir desejo com amor, ou achar que as emoções que determinada música evocava eram genuínas. Fala sério. Aqueles sentimentos eram *fabricados*.

Quando Yao começou a tagarelar sobre o que supostamente tinha *aprendido* com a terapia psicodélica, ela teve vontade de dar um tapa nele. Era só mais um exemplo do quanto aquele garoto meigo e burro era viciado em Masha. Ele era uma causa perdida. Nada jamais mudaria em relação àquilo.

Delilah não foi até a cozinha para fazer chá verde. Foi para o quarto e pegou sua identidade. Tudo o mais que dizia respeito àquela vida — os uniformes brancos, o aromatizante de sândalo, seu tapete de ioga —, ela deixou para trás.

Desde que tinha começado a trabalhar, ela sabia aquilo sobre si mesma: no fundo, era uma assistente. Abria caminhos, feito um mordomo ou uma dama de companhia. Era vista, mas não ouvida. Não era a capitã daquele barco e com certeza não afundaria com ele.

Cinco minutos depois, estava ao volante do Lamborghini de Ben, dirigindo rumo ao aeroporto da região, onde pegaria o próximo voo disponível, aonde quer que a levasse.

Dirigir aquele carro era um sonho.

CINQUENTA E DOIS

Jessica

— Está com quantas semanas? — perguntou Heather do canto da sala.

Ela se sentou e esfregou os nós dos dedos nos olhos com tanta força que Jessica estremeceu. As pessoas precisavam tomar cuidado com a pele delicada ao redor dos olhos.

— Hum, vejamos. Dois dias — respondeu Jessica, levando a mão à barriga.

— *Dois dias*? — perguntou Carmel. — Quer dizer que sua menstruação está dois dias atrasada?

— Não, ainda não está atrasada — respondeu Jessica.

— Você não fez um teste?

— Não — confirmou Jessica. Minha nossa. O que era aquilo, a Inquisição Espanhola? — Como poderia ter feito?

Era tudo muito estranho, todos eles de pé naquela salinha como se estivessem em uma festa do escritório, mas conversavam sobre a menstruação dela.

— Então pode ser que você não esteja grávida — sugeriu Ben.

Jessica não soube dizer se os ombros dele murcharam de alívio ou decepção.

— Estou, sim — afirmou Jessica.

— Por que você acha isso? — indagou Carmel.

— Simplesmente sei — disse Jessica. — Eu soube na hora que aconteceu.

— Quer dizer que soube na hora da *concepção*? — continuou Carmel.

Jessica a viu cruzar olhares com Heather, como se dissesse: *Dá para acreditar nessa maluquice?* Mulheres mais velhas podiam ser muito condescendentes.

— Bem, algumas mães realmente dizem que souberam que estavam grávidas no momento da concepção — falou Heather com gentileza. — Talvez ela esteja grávida mesmo.

— Aposto que muitas mulheres dizem que "sabem" e depois descobrem que estavam erradas — argumentou Carmel.

— Qual é o problema? — perguntou Jessica. Por que aquela mulher estranha de

cabelo rebelde estava com raiva dela? — Quer dizer, eu sei que não era para a gente se tocar durante o silêncio. — Ela ergueu a cabeça em direção ao olho escuro e silencioso da câmera que os vigiava. — Também não era para tomarmos drogas.

O sexo acontecera no escuro, na segunda noite ali. Nenhuma palavra fora dita. Tudo se resumira a um toque silencioso e cego, cru e real, e depois ela ficara deitada, sem dormir, e uma onda de paz a invadira, porque o casamento deles podia até ter terminado, mas agora haveria um bebê, e, mesmo que não se amassem mais, o bebê fora concebido em um momento de amor.

— Mas espera… Ela toma pílula — disse Ben a Heather e Carmel, como se Jessica não estivesse ali. — É possível?

— O único método anticoncepcional cem por cento eficaz é a abstinência, mas se ela… — Heather se voltou para Jessica. — Se você está tomando pílula todos os dias no mesmo horário, é improvável que esteja grávida.

Jessica suspirou.

— Eu parei de tomar pílula há dois meses.

— Ah — disse Heather.

— Sem me avisar — enfatizou Ben. — Você parou de tomar pílula sem me avisar.

— Eita — falou Lars baixinho.

— Você não mencionou isso ontem à noite — lembrou Ben. — Quando a gente estava "falando do fundo do coração".

Ele citou as palavras de Masha com sarcasmo, o rosto seríssimo, e Jessica pensou na noite anterior, e em como as frases deles haviam fluído como água. Mas ela não contara que tinha parado de tomar pílula. Guardara segredos mesmo dopada. Porque sabia que era uma traição.

Ela *deveria* ter contado na noite anterior, quando a expressão dele estava tranquila e ela teve a sensação de que eram as duas metades de uma mesma pessoa. Ela sentira que aquilo era uma belíssima verdade que as drogas a haviam ajudado a descobrir, mas fora uma belíssima mentira.

— É — disse Jessica.

Ela ergueu o queixo e se lembrou dos beijos e de como, enquanto se beijavam, um único pensamento se acendera e se apagara várias vezes em sua mente feito um letreiro em neon: *Estamos bem. Estamos bem. Estamos bem.*

Mas eles não estavam bem. Nada que ela pensara na noite anterior fora real. Eram apenas as drogas. E as drogas *mentiam*. As drogas fodiam com você. Ela e Ben sabiam disso melhor do que ninguém. Às vezes a mãe de Ben se sentava e chorava olhando as fotos de Lucy antes de ela cair na mentira das drogas. Aquilo, sim, era uma

"transformação".

"Não desperdice seu dinheiro nesse spa idiota", dissera a mãe de Jessica antes de eles irem para lá. "Doe tudo o que ganharam e volte a *trabalhar*. Aí o casamento de vocês vai ficar bem. Vão ter algo sobre o que conversar no fim do dia."

A mãe dela realmente achava que Jessica poderia voltar para aquele reles emprego, sendo que agora ganhava mais em juros em um único mês do que costumava receber em um ano inteiro. Jessica não conseguia fazer com que sua mãe entendesse que, depois de ganhar todo aquele dinheiro, você mudava para sempre. Valia mais. Era boa demais para aquilo. Não podia *voltar atrás*, porque nunca mais poderia se ver daquela maneira. Racionalmente, ela sabia que ter ficado rica fora pura sorte, mas no fundo, bem no fundo, uma voz insistente lhe dizia: *Eu mereço isso, fui feita para isso, SOU esta pessoa, sempre fui esta pessoa.*

— Ah, querida. Acredite em quem sabe do que está falando: engravidar não é o melhor jeito de tentar salvar um casamento — falou Carmel.

— Bem, obrigada, mas eu não estava tentando salvar meu casamento — disse Jessica.

— O que estava tentando fazer, Jes? — perguntou Ben baixinho, e por um instante foi como na noite anterior: só os dois juntos dentro do seu barquinho, flutuando em um rio de ecstasy.

— Eu queria um bebê — respondeu Jessica.

Ela ia documentar sua jornada no Instagram. Fotos de perfil com seu "barrigão". Uma festa de revelação do sexo do bebê bem estilosa. Balões azuis ou cor-de-rosa sairiam de uma caixa. Ela esperava que fossem cor-de-rosa. As pessoas comentariam com emojis de coração.

— Eu tive medo de que você dissesse não — contou para Ben. — Achei que se a gente ia terminar era bom eu correr e engravidar logo.

— Por que eu diria não? A gente sempre disse que teria filhos.

— É, eu sei, mas isso foi antes de começarmos a ter… problemas.

Ela não suportaria ouvi-lo dizer: "Está brincando? Nós?"

— Então esse bebê não tem nada a ver comigo — concluiu Ben. — Você achou que a gente ia terminar e quis ter um bebê sozinha?

— É claro que tem a ver com você — retorquiu Jessica. — Eu só queria um bebê seu. — Ela notou a expressão de Ben se suavizando, mas então, estupidamente, sem pensar, acrescentou: — Você é o pai. Vai poder ver a criança quando quiser.

— Vou poder ver a criança quando quiser! — explodiu Ben. Dava a impressão de que ela tinha dito a pior coisa do mundo. — Nossa. Obrigado.

— Não, eu não quis dizer… só quis dizer, *minha nossa*.

As palavras já não fluíam como água. Agora as conversas entre eles paravam e recomeçavam aos trancos.

— Acho que é um pouco prematuro estarem organizando as visitas — disse Lars.

— Duvido que ela esteja grávida — interveio Carmel.

— *Estou* grávida — insistiu Jessica. — Só espero que essas drogas não tenham machucado o bebê.

— Você não é a primeira nem a última pessoa a ter se embebedado ou se drogado nos primeiros dias da gravidez — disse Heather. — Eu sou obstetriz, e você não imagina as coisas que algumas mães confessam para mim, ainda mais quando os parceiros não estão presentes! Se *estiver* grávida, há grande chance de que seu bebê fique bem.

— A justiceira antidrogas em você já era, mãe — disse Zoe.

— Bem, não há nada que possa ser feito agora — comentou Heather baixinho, embora Jessica a tivesse escutado muito bem.

— Venho tomando ácido fólico — disse Jessica.

— Ótimo — elogiou Heather.

— É, ótimo: ácido fólico, um pouquinho de LSD e uma pitada de ecstasy — falou Ben com amargura. — Um início de vida perfeito.

— Não se preocupe com isso, ela nem deve estar grávida — sussurrou Carmel.

— Puta merda, qual é seu *problema*? — A voz de Jessica soou vergonhosamente aguda. Ela sabia que não devia falar palavrão nem demonstrar emoção daquela maneira, mas estava muito irritada.

— Calma lá — interveio Napoleon, apaziguador.

Frances, a escritora de romances, sentou-se e seu rosto ficou vermelho-vivo, como se nunca tivesse escutado um palavrão na vida.

— Desculpe — disse Carmel, baixando a cabeça. — Deve ser só inveja.

— Inveja? Você tem, tipo, inveja de *mim*? — perguntou Jessica. Aquela mulher não era velha demais para sentir inveja? — Por quê?

— Bem…

Carmel deu uma risadinha.

O dinheiro, pensou Jessica. *Tem inveja do dinheiro*. Demorara um tempo para entender que pessoas de todas as idades, pessoas que ela considerava adultas, da geração de seus pais, que aparentavam não ligar muito para dinheiro porque a vida delas já tinha praticamente acabado, ainda eram capazes de ter inveja e um comportamento estranho diante disso.

— Bem, você é magra e linda — explicou Carmel. — Sei que é constrangedor admitir isso na minha idade… afinal, tenho quatro filhas maravilhosas, já deveria ter superado isso há muito tempo… mas meu marido me trocou por uma…

— Loira burra? — sugeriu Lars.

— Infelizmente, não. Ela tem doutorado — respondeu Carmel.

— Ah, querida, ela pode muito bem ser uma loira burra com doutorado — disse Lars. — Quem foi seu advogado? Imagino que você tenha ficado com a casa onde moravam.

— Está tudo bem. Obrigada. Não estou reclamando do acordo financeiro. — Ela fez uma pausa e olhou para Jessica. — Sabe de uma coisa? Devo estar com inveja da sua gravidez.

— Mas você não tem quatro filhas? — lembrou Lars. — Parece mais do que o suficiente.

— Não quero ter mais filhos — disse Carmel. — Só queria voltar para a época em que tudo estava só começando. Gravidez é um *começo* por definição. — Ela levou a mão à barriga. — Eu sempre me sentia bonita quando estava grávida, embora deva admitir que meu cabelo ficava ridículo. Tenho esse cabelo preto e grosso de romena, então na gravidez ficava rebelde.

— Espere, por que ficava rebelde? — indagou Jessica.

Ela não estava preparada para que seu cabelo ficasse rebelde, muito obrigada. Certamente existia um xampu e um condicionador para dar um jeito naquilo.

— Seu cabelo para de cair na gravidez — explicou Heather. — Então fica mais cheio. — Ela tocou o próprio couro cabeludo. — Eu adorava meu cabelo durante a gravidez.

— Tenho certeza de que *está* grávida, Jessica — assegurou Carmel. — Me desculpe. — Fez uma pausa. — Parabéns.

— Obrigada — disse Jessica.

Talvez não estivesse grávida. Talvez tivesse feito papel de boba na frente daquelas pessoas. Olhou para Ben. Ele observava os próprios pés descalços como se tivessem a resposta. Seus pés eram imensos. Será que o bebê deles também teria pés enormes? Poderiam mesmo ser pais juntos? Não eram tão jovens. Podiam bancar um bebê. Podiam bancar uma dúzia de bebês. Então por que aquilo parecia tão inimaginável?

Tony tinha ido ao banheiro e voltara com uma toalha úmida, que entregou discretamente para Frances. Ela a levou à testa. Estava suando.

— Não está se sentindo bem, Frances? — perguntou Carmel.

Todos olharam para ela.

— Não — respondeu. Ela balançou a mão sem energia diante do rosto. — É só… Sabe o que estava falando sobre como gosta de começos? Estou lidando com o meu *fim* aqui.

— Ah — disse Heather, como se aquilo fizesse todo o sentido para ela. — Não pense nisso como um fim. Considere um começo.

— Quando eu era adolescente — complementou Carmel —, minha mãe usava um broche que dizia: "Não são ondas de calor, são picos de energia." Eu *morria* de vergonha daquilo.

As três deram aquela típica risada prepotente de mulheres de meia-idade que fazia qualquer um ter vontade de ser jovem para sempre.

CINQUENTA E TRÊS

Frances

— Você está bem?

Tony se sentou no chão ao lado de Frances, daquele jeito desconfortável que os homens costumam se sentar no chão durante piqueniques, como se procurassem onde guardar as pernas.

— Estou bem — disse Frances. Ela pressionou a toalha úmida na testa enquanto continuava sendo engolida pela onda de calor. Sentia-se estranhamente disposta, embora estivesse trancada em um cômodo com desconhecidos tendo uma onda de calor. — Obrigada pela toalha. — Ela o observou. O rosto dele estava pálido e havia gotículas de suor em sua testa. — *Você* está bem?

Ele tocou a própria testa.

— Só um pouco claustrofóbico.

— Você é claustrofóbico de verdade? Ou só do tipo que pensa *quero muito sair daqui*?

Frances deixou a toalha cair em seu colo.

Tony tentou dobrar os joelhos, então desistiu e esticou as pernas outra vez.

— Sou um pouco claustrofóbico. Não é nada de mais. Não gostei de estar aqui dentro nem antes de nos trancarem.

— Certo, então preciso distrair você — concluiu Frances. — Fazer você pensar em outra coisa.

— Vá em frente — disse Tony, mostrando uma versão reduzida do seu sorriso.

— Então... — falou Frances. Pensou no que Napoleon dissera no dia anterior, antes que os sucos fizessem efeito completo. — Você teve aquela "depressão pós-esporte" quando largou o futebol?

— É um assunto muito animador para começar uma conversa — falou Tony.

— Desculpe — disse Frances. — Não estou na minha melhor forma. Além do mais, isso me interessa. Talvez minha carreira esteja meio que acabando.

Tony fez uma careta.

— Bem, dizem que as estrelas dos esportes morrem duas vezes. A primeira é quando se aposentam.

— E foi mesmo como uma morte? — perguntou Frances.

Para ela seria como uma morte se tivesse que parar de escrever.

— Bom, é, mais ou menos. — Ele pegou uma vela semiderretida e arrancou um pedaço de cera. — Não quero ser dramático, mas o futebol era tudo que eu conhecia durante todos aqueles anos, quem eu era. Eu era moleque, tinha acabado de sair da escola quando comecei a jogar profissionalmente. Minha ex-mulher diria que eu ainda era moleque quando parei. Ela falava que o jogo havia impedido meu crescimento. Tinha uma frase que ela aprendeu em algum lugar: atleta profissional, ser humano amador. — Ele largou a vela no chão e deu um peteleco no pedaço de cera. — Ela repetia isso toda vez que eu… demonstrava minha abordagem amadora da vida.

O olhar magoado desmentia seu tom de voz leve e bem-humorado. Frances decidiu que a ex-mulher dele era uma bruxa.

— Além disso, eu não estava pronto para parar. Achava que ainda tinha uma temporada pela frente, mas meu joelho não concordou.

Ele ergueu uma das pernas e apontou para o joelho culpado.

— Maldito joelho direito — disse Frances.

— É, eu fiquei com raiva dele. — Tony massageou o joelho. — Um médico do esporte amigo meu disse que se aposentar é como parar de cheirar cocaína; seu corpo está acostumado com todas aquelas substâncias químicas que fazem você se sentir bem: serotonina, dopamina, e, *pã*, de repente, elas vão embora e seu corpo tem que se reajustar.

— Acho que nunca senti essas substâncias químicas fazendo exercício — admitiu Frances.

Ela pegou a vela que ele tinha largado e enfiou a unha do polegar na cera macia perto do pavio.

— Provavelmente sim — disse Tony. — Com certos tipos de exercício.

Ele fez uma pausa.

Ela piscou. Espere aí. Seria uma *insinuação*?

Tony continuou falando. Talvez ela estivesse enganada.

— Você deve achar graça, mas, em alguns jogos, todos nós estávamos onde era para estar, fazendo o que era para fazer, e tudo se encaixava, como música ou poesia, ou… não sei… — Seu olhar encontrou o dela e ele se retesou, como que se preparando para ser zoado. — Às vezes parecia transcendental. Como drogas. De verdade.

— Não é engraçado — disse Frances. — Isso me dá vontade de entrar para a Liga de Futebol Australiano.

Ele deu uma risada em agradecimento.

— Minha ex-mulher dizia que eu só pensava no jogo. Não devia ser muito divertido ser casada comigo.

— Ah, tenho certeza de que era — falou Frances sem pensar, então se surpreendeu olhando para os ombros imensos dele. Ela rapidamente mudou de assunto. — Então, o que você fez depois que parou de jogar? Como foi que se reinventou?

— Eu abri uma empresa de consultoria de marketing esportivo — respondeu Tony. — Tem ido bem… Quer dizer, para um negócio administrado por um ser humano amador. Achei que estava me saindo melhor do que vários colegas meus. Alguns realmente foderam com… Quer dizer, acabaram com a própria vida.

— Acho que "foderam com a própria vida" é a expressão correta para esse caso — falou Frances.

Ele abriu seu sorriso inteiro de "Hogburn Sorridente". Era mesmo um sorriso muito engraçado.

— Você está meio que aniquilando essa vela — falou Tony.

Ela olhou com culpa para a vela em seu colo.

— Foi você que começou. — Frances varreu a cera para o chão. — Continue. Aí você abriu essa empresa.

— Um amigo meu me perguntou: "Você não odeia como todo mundo só quer falar sobre quem você *costumava ser*?" Mas, sinceramente, isso nunca me incomodou. Eu gostava quando as pessoas me reconheciam; nunca me incomodei em falar sobre o homem que eu era. Mas, enfim… no fim do ano passado comecei a ter uns sintomas, um cansaço extremo, senti que alguma coisa estava errada antes mesmo de consultar o doutor Google.

Frances sentiu seu corpo gelar. Estava em uma idade em que as pessoas ao seu redor não imaginavam doenças sérias, elas tinham doenças sérias.

— E…?

— Então fui ver meu clínico geral e ele me passou um monte de exames, e eu percebi que ele estava levando a coisa a sério, então perguntei: "Acha que é câncer no pâncreas?" Porque era isso que eu estava achando, foi assim que perdi meu pai, e sei que é genético. E o médico, conheço ele há anos… Ele me olhou de um jeito diferente e falou: "Estou tomando todas as precauções."

Ah, que inferno.

— Foi pouco antes do Natal, e ele me chamou até o consultório para me dar os resultados. Ele pegou a pasta, e depois eu percebi que estava com algumas palavras na cabeça, estava dizendo aquilo para mim mesmo, e só… fiquei muito chocado de ter pensado aquilo.

— Que palavras? — perguntou Frances.

— Eu estava pensando: *Espero que seja terminal.*

Frances empalideceu.

— E… Mas… É?

— Ah, eu estou bem — disse Tony. — Não há nada de errado comigo, a não ser o fato de eu obviamente não levar uma vida saudável.

Frances expirou. Torceu para que não tivesse sido exagerado.

— Bem, graças a Deus.

— Mas isso mexeu comigo, ser capaz de pensar aquilo, ter *esperado* um diagnóstico terminal. Pensei: *Cara, sua cabeça está muito fodida.*

— É, é sério — concordou Frances.

Ela se sentiu energizada com aquela autoridade feminina que sabia que enlouquecia os homens, mas não podia fazer nada quando sentia aquele moralismo tomar conta dela, porque eles eram muito idiotas.

— Então, de verdade, você tem que dar um jeito nisso. Precisa de…

Ele ergueu a mão.

— Está tudo sob controle.

— Você ter pensado uma coisa dessas é muito sério!

— Eu *sei* que é. Por isso estou aqui.

— Então deve precisar de…

Ele levou um dedo aos lábios.

— Shhh.

— Terapia! — Ela conseguiu falar.

— Shhh.

— E…

— Quieta.

Frances ficou calada. Levou a toalha molhada ao rosto para esconder seu sorriso. Pelo menos ele não estava mais pensando na claustrofobia.

— Me conte sobre o babaca que deu um golpe em você — pediu Tony. — E depois me diga onde ele mora.

CINQUENTA E QUATRO

Yao

— O que essa daí tem agora? Está doente? Por que está tocando o rosto com a toalha desse jeito?

O sotaque de Masha, geralmente muito discreto, estava mais carregado do que de costume aos ouvidos de Yao. Os pais dele também eram assim. Ficavam muito chineses quando se estressavam com o provedor da internet ou com a saúde.

Ele deveria ligar para os pais.

"Você está desperdiçando sua vida com essa mulher!", dissera a mãe na última vez que haviam conversado.

— Yao? — chamou Masha.

Ela se sentara na cadeira desocupada por Delilah e olhava para ele, seus grandes olhos verdes muito preocupados e vulneráveis. Era raro ela ficar vulnerável. Era uma tortura divina vê-la daquele jeito.

— Frances está na menopausa — disse Yao.

Masha estremeceu.

— Está?

Yao sabia que Masha tinha mais ou menos a idade de Frances, cinquenta e poucos, mas não parecia ter nenhum sintoma da menopausa. Masha era um enigma que Yao nunca conseguia desvendar. Gostava de conversar sobre as complexidades mais íntimas do sistema digestório, não tinha vergonha em relação a nudez (por que teria?) e com frequência andava nua pela propriedade quando não havia hóspedes, mas a palavra "menopausa" a fazia estremecer, como se algo tão desagradável nunca pudesse acontecer com ela.

Yao observou o pescoço de Masha e notou um pequeno inchaço: uma picada de mosquito. Era estranho ver qualquer defeito naquele corpo lindo.

Ela levou a mão ao pescoço e coçou.

— Vai acabar sangrando — disse ele, cobrindo a mão de Masha com a sua.

Ela afastou a mão de Yao, irritada.

— Delilah está demorando — comentou ele.

— Delilah foi embora — disse Masha com os olhos fixos na tela.

— Foi buscar chá para você — falou Yao.

— Não, ela foi embora — repetiu Masha. — Não vai voltar.

— Do que você está falando?

Masha suspirou. Ergueu a cabeça para olhá-lo.

— Não entendeu ainda? Delilah cuida de Delilah. — Ela se voltou para a tela. — Pode ir também, se quiser. Vou me responsabilizar por tudo. O protocolo novo foi ideia minha, decisão minha.

Ela nunca poderia ter colocado o protocolo novo em prática sem o conhecimento médico dele. Se alguém devia pagar, era Yao.

— Não vou a lugar algum — disse ele. — Aconteça o que acontecer.

Mais de um ano antes, Masha encontrara por acaso um artigo sobre microdosagem no Vale do Silício. Os empresários usavam microdoses de LSD para aumentar a produtividade, a atenção e a criatividade. A microdosagem também era usada com algum sucesso para tratar problemas mentais, como ansiedade e depressão.

Masha ficou fascinada, do seu jeito habitual. Yao adorava seus entusiasmos ferozes e súbitos, a forma temerária com que entrava em territórios desconhecidos. Rastreou a pessoa que escrevera aquele primeiro artigo e ligou para ela. Com isso, aprendeu sobre terapia psicodélica, em que se tomava "doses completas" de drogas psicodélicas. Em pouco tempo, ficou obcecada. Encomendou livros pela internet. Fez outros telefonemas para especialistas no mundo todo.

Era a resposta, dizia ela. Aquilo os levaria ao próximo nível. A terapia psicodélica, segundo Masha, era *o atalho para as revelações*. Exames mostravam que a atividade cerebral de alguém que havia ingerido psilocibina tinha semelhanças impressionantes com o cérebro de alguém acostumado ao estado meditativo, enquanto em meditação profunda.

De início, Yao apenas riu, sem acreditar. Não tinha interesse. Quando era paramédico testemunhara o impacto terrível das drogas ilegais. O homem que colocara uma faca no pescoço dele estava sofrendo os efeitos psicóticos do cristal de metanfetamina. Yao já havia tratado viciados. Não eram uma boa propaganda dos efeitos maravilhosos das drogas.

Mas Masha o corroeu, dia após dia.

— Você não está ouvindo. Não tem nada a ver com isso — dissera ela. — Você não usaria penicilina por causa da heroína?

— Penicilina não afeta a química do cérebro.

— Certo, e antidepressivos? Antipsicóticos?

Aquela voz baixa, persuasiva, o sotaque no seu ouvido, aqueles olhos verdes fixos nos seus, aquele corpo, aquele belo poder que Masha tinha sobre ele.

— Pelo menos leia a pesquisa — pedira ela.

Foi o que ele fez. Aprendera sobre os testes clínicos aprovados pelo governo feitos com drogas psicodélicas para ajudar a reduzir a ansiedade em pacientes com câncer terminal. Os resultados eram esmagadoramente positivos, assim como em testes semelhantes com veteranos de guerra que sofriam de estresse pós-traumático.

Yao ficara curioso e intrigado. Acabara aceitando tentar a terapia em si mesmo.

Delilah havia arranjado os suprimentos na dark web, incluindo os kits para testar as drogas. Yao fizera todos os testes.

Ele e Delilah aceitaram ser as cobaias. Masha seria a terapeuta psicodélica. Devido ao histórico médico, ela não podia fazer a terapia, mas tudo bem, porque havia tido vivências transcendentais por meio da meditação e da sua famosa experiência de quase morte.

A terapia psicodélica fora transformadora, conforme Masha prometera.

Mesmo que medicar os hóspedes acabasse se revelando um erro, ele nunca se arrependeria da sua experiência.

Começara com uma viagem por um túnel que talvez fosse um tobogã (mas a água não era molhada; uma ideia genial), que acabava cuspindo Yao dentro de um cinema, onde ele se sentou em uma cadeira de veludo vermelho e comeu pipoca amanteigada enquanto assistia ao filme da sua vida inteira, quadro por quadro, do momento do seu nascimento, passando pela escola e pela faculdade, até o instante em que chegara à Tranquillum House. Só que ele não apenas observara tudo acontecer; revivera cada incidente, cada fracasso, cada sucesso, e dessa vez entendera *tudo*.

Entendera que tinha amado Bernadette, sua noiva, muito mais do que ela o amara, mas ela nunca seria a mulher certa para ele. Entendera que seus pais também não haviam sido feitos um para o outro. Entendera que tinha a personalidade errada para ser paramédico. (Os picos de adrenalina o deixavam esgotado, não energizado.)

E o mais importante de tudo: ele descobrira que sua fobia de cometer erros começara na infância.

Era um incidente que ele tinha certeza que nunca havia escutado da boca dos pais nem recordado antes, mas que, sob a influência das drogas psicodélicas, ele revivera em detalhes nítidos.

Yao não tinha mais do que dois ou três anos, estava na cozinha da sua antiga casa. A mãe saiu do cômodo por um instante e ele pensou: *Já sei! Vou ajudar a mexer a panela*,

então puxou com cuidado uma cadeira para perto do fogão e ficou muito satisfeito consigo mesmo por ter pensado naquela solução esperta. Subiu na cadeira e estava prestes a enfiar a mão na água fervente quando a mãe entrou na cozinha e *berrou* com ele, muito alto, fazendo o coração de Yao pular dentro do seu peito, e ele caiu da cadeira no espaço infinito, e sua mãe o segurou, sacudindo-o com tanta força que fez seus dentes baterem. Ele finalmente entendeu que tinha internalizado o terror da mãe sobre o erro *dela*, não dele.

Delilah, que se recusava a dividir suas experiências, não havia ficado muito impressionada com as revelações de Yao.

— Então é culpa da sua mãe você ser nervosinho? Porque ela salvou você de se queimar? Que mãe terrível. Você não é tão *perturbado* assim à toa, Yao.

Ele a ignorara. Às vezes Delilah parecia ter raiva dele. Não sabia o motivo e não ligava, porque no dia seguinte à terapia psicodélica acordara zonzo devido à sua nova liberdade: a liberdade de errar.

Talvez aquele fosse seu primeiro erro.

Ele olhou para a tela, para as nove pessoas que não pareciam nada transformadas. Pareciam cansadas, agitadas e furiosas. Já deveriam ter saído àquela altura, dando início à nova fase do "renascimento".

O "criptograma" deveria ter levado no máximo uma hora. Era para ser divertido, uma atividade em grupo estimulante, que os ajudasse a se unir. Durante a época de executiva de Masha, certa vez ela participara de um retiro de fortalecimento de equipe em que fizeram um exercício semelhante, e todos adoraram. Ela contara que as pessoas tinham saído da sala rindo e comemorando.

Masha dissera que tinha criado algo sofisticado, sutil e simbólico que se integraria perfeitamente à experiência psicodélica deles. ("Ela nunca tem medo de se vangloriar, não é?", dissera Delilah a Yao. Ele tinha atribuído aquele comentário à inveja. Que mulher não teria inveja de Masha?)

Yao teve medo de que talvez fosse sutil *demais*, mas de que importava? O criptograma não era uma parte fundamental da transformação deles. Se os hóspedes não conseguissem resolver em uma hora, eles os deixariam sair e os levariam diretamente até a sala de jantar, onde encontrariam bandejas de frutas frescas e chocolates quentes orgânicos sem açúcar para o café da manhã. Yao esperava ansiosamente aquele momento, imaginando como a expressão de todos se iluminaria quando ele, Masha e Delilah entrassem de forma triunfante na sala de jantar, levando os pratos. As pessoas iriam aplaudir, ele pensara.

Yao tinha comido uma nectarina após sua sessão de terapia psicodélica, e ainda se

lembrava da sensação dos dentes afundando na polpa macia.

Depois que comessem, os hóspedes deveriam compartilhar o que tinham aprendido com a experiência. Em seguida, lindos blocos encadernados à mão seriam distribuídos para que todos pudessem anotar como planejavam integrar à sua vida o que haviam aprendido quando voltassem para casa.

Mas nada estava progredindo conforme o plano.

Parecia que tinham saído dos trilhos a partir da pergunta inesperada de Heather — "Você anda medicando a gente?" —, que fizera a apresentação de Masha sobre o tratamento começar em tom defensivo, embora ela tivesse respondido brilhantemente, mesmo sendo atacada. As pessoas ficaram furiosas, como se de fato acreditassem que algo sinistro estivesse acontecendo, quando era tudo para o bem delas.

Yao verificara várias vezes as dosagens, os efeitos colaterais possíveis, os históricos médicos dos hóspedes, seus exames de sangue diários. Só deveria ter havido resultados positivos. Ele conferira os sinais vitais de todos ao longo da noite. Nada tinha dado errado. Nenhum efeito colateral inesperado. Napoleon ficara agitado, mas Yao lhe dera uma dose de Lorazepam e ele se acalmara.

De fato, a terapia em si, do ponto de vista de Yao, fora um pouco atrapalhada. Algumas das revelações vividas pelos hóspedes eram de uma banalidade decepcionante, sobretudo quando comparadas às revelações transcendentais que ele mesmo tivera. Mas Masha ficara feliz da vida. Depois que todos os hóspedes dormiram, ela trancara a porta do estúdio de meditação muito animada com o sucesso.

Não tinham imaginado aquilo.

À medida que o tempo passava, tanto Yao quanto Delilah haviam começado a dizer:

— Acho que devemos deixá-los sair. Ou dar uma pista.

Mas Masha estava convencida de que iam resolver o enigma.

— Isso é essencial para o *renascimento* deles — dizia ela. — Precisam descobrir como sair dali, feito um bebê passando pelo canal de parto.

Delilah tinha emitido um ruído parecido com uma tosse ou um engasgo.

— Demos tantas pistas a eles — repetia Masha. — Não podem ser tão burros assim.

O problema era que, quanto mais tempo passavam presos lá dentro, mais famintos, furiosos e burros eles ficavam.

— Mesmo que resolvam o criptograma — disse Yao, de volta ao presente —, acho que a emoção principal deles ainda vai ser a raiva.

— Talvez você tenha razão — falou Masha, dando de ombros. — Pode ser que a gente precise ser mais criativo daqui para a frente. Vamos ver o que acontece.

Yao visualizou a si mesmo naquela cadeira, sua mãozinha rechonchuda se aproximando da panela de água fervente.

— Olhe! — exclamou Masha, apontando para a tela. — *Até que enfim*. Temos progresso.

CINQUENTA E CINCO

Frances

Frances e Tony estavam sentados lado a lado em um silêncio amigável. Quase todos estavam sentados, menos Napoleon, que andava de um lado para outro sem parar. Ninguém tentava adivinhar o código do teclado de segurança da porta.

Alguém assobiava "Brilha, brilha, estrelinha". Frances achou que era Napoleon. Ela cantou mentalmente junto com ele: *Lá no alto, lá no céu, em um desenho de cordel.*

Pensou na noite da meditação à luz das estrelas e na viagem de trenó pelo céu estrelado com Gillian. Lars cantara "Lucy in the Sky with Diamonds" pouco antes. Era essa a música que estava tocando nos fones de ouvido quando eles se deitaram nas macas.

Ela fez uma lista mental das outras músicas que tinham tocado nos fones.

"Vincent".

"When You Wish Upon a Star".

A "Sonata ao Luar" de Beethoven.

Todas estavam relacionadas às estrelas, ao céu ou à lua.

O que Masha dissera na noite anterior? Algo como: *Vocês passaram a vida inteira olhando para baixo. Está na hora olhar para cima*.

— Acho que temos que olhar para cima — disse ela, ficando de pé.

— O quê? — perguntou Lars, se apoiando nos cotovelos. — Olhar o quê?

— Todas as músicas eram sobre estrelas, lua e céu — explicou Frances. — E Masha disse que a gente tem que olhar para cima.

Os mais jovens entenderam primeiro. Zoe, Ben e Jessica se levantaram em um pulo e começaram a percorrer a sala, jogando a cabeça para trás para examinar o teto de pedra abobadado com vigas de madeira curvas. Os mais velhos os seguiram, mais desconfiados e lentos.

— O que acha que estamos procurando? — indagou Napoleon.

— Não sei — respondeu Frances. Após um instante, acrescentou com tristeza: — Talvez eu esteja enganada.

— *Ali!* — exclamou Heather, apontando. — Viram? Estão vendo?

— Eu vi! — disse Jessica.

Frances seguiu seu olhar.

— Não estou vendo nada — falou. — Minha vista é horrível.

— É um adesivo — explicou Tony. — Um adesivo de estrela dourada.

— De que adianta um adesivo? — perguntou Carmel.

— Tem alguma coisa acima do adesivo ali naquela viga — falou Zoe.

— É um embrulho — disse Napoleon.

— Ainda não estou vendo — confessou Frances.

— É um embrulho de papel marrom. — Heather pegou a mão de Frances e a apontou para o teto, tentando fazer com que ela olhasse na direção certa. — Está preso no triângulo onde as duas vigas se encontram, camuflado na madeira.

— Ah, estou vendo — disse Frances, embora não estivesse.

— Certo, então vamos pegar — disse Jessica para Ben. — Me coloque nos seus ombros.

— Não vou botar você nos meus ombros, você está grávida — retorquiu Ben. — Talvez esteja grávida.

— *Você* me levanta, pai — disse Zoe. — É o mais alto.

— Acho que não fica alto o suficiente. — Napoleon inclinou a cabeça para trás, avaliando a distância. — Mesmo se você ficasse de pé nos meus ombros, não ia alcançar.

— A coisa óbvia a fazer é jogar algo para derrubar o embrulho — opinou Lars.

— Vou pular e derrubar o pacote — disse Tony. Ele observou a viga com brilho nos olhos. — Só preciso de duas pessoas para me dar apoio.

— É impossível você pular tão alto — interveio Frances.

— Eu tive a melhor marca três anos seguidos — falou Tony.

— Não sei o que é a "marca", mas é impossível — reafirmou Frances. Era quase uma piada imaginar alguém pulando tão alto. — Vai se machucar.

Tony olhou para ela.

— Você já assistiu a algum jogo de futebol australiano na vida, Frances?

— Sei que vocês pulam para lá e para cá com muita energia…

— Sério — interrompeu Lars. — Só precisamos jogar alguma coisa ali, soltar o pacote da viga.

— *Pulamos para lá e para cá* — repetiu Tony, como se falasse sozinho. — *Pulamos para lá e para cá com muita energia.*

— São pulos *muito* impressionantes — admitiu Frances.

Ela se lembrou do erro que tinha sido rir quando Henry dissera que queria aprender a voar de asa-delta aos cinquenta anos. Todas as amigas dela tinham balançado a cabeça. *Ah, Frances, nunca diga a um homem em plena crise de meia-idade que ele não pode fazer algo*. Henry sofrera uma lesão crônica no quadril três meses depois de ter começado as aulas, antes de achar que tinha provado sua capacidade.

— Minha marca mais alta foi três metros e meio — falou Tony, olhando para a viga. — Consigo alcançar aquilo sem problema.

— Foi nas costas do jogador de Collingwood, não foi? — perguntou Heather. — Jimmy Moyes? Eu estava com Napoleon naquele jogo.

— *... o salto para o paraíso, para a fama, para a lenda, então a queda de volta à terra (Ícaro celebrado) ao som do pio agudo do apito* — recitou Napoleon.

— É um poema sobre futebol? — perguntou Frances.

— É, Frances — confirmou Napoleon em tom professoral. — Chama-se "A marca alta", de Bruce Dawe. É sobre como a marca é a manifestação da aspiração humana ao voo.

— Muito bonito — elogiou Frances.

— Meu Deus do céu, será que podemos deixar de lado a poesia e o futebol e quem sabe nos concentrar em sair daqui? — sugeriu Lars, pegando uma garrafa de água vazia, mirando como um dardo e arremessando-a em direção ao teto.

Bateu na viga e caiu.

— Vou pegar o pacote — disse Tony, e seu peito se inchou e os ombros recuaram, feito um super-herói saindo de uma cabine telefônica.

CINQUENTA E SEIS

Yao

— *O que eles estão fazendo?* — perguntou Masha.

— Acho que Tony vai tentar pular nas costas deles, como em um jogo de futebol australiano — disse Yao, preocupado.

— Isso é uma loucura — falou Masha. — Ele é pesado demais! Vai machucar os dois!

— Estão com fome e cansados — lembrou Yao. — Não estão pensando direito.

— É tão óbvio o que deveriam fazer — disse Masha.

— É — concordou Yao.

A ideia de Lars era a certa.

— Por que não fazem logo uma pirâmide humana? — questionou Masha.

Yao olhou para ela para descobrir se falava a sério.

— Não são inteligentes o bastante — concluiu Masha. — Esse é o nosso problema, Yao. Essas pessoas não são inteligentes.

CINQUENTA E SETE

Frances

Napoleon e Ben tinham se posicionado embaixo da viga, com a cabeça abaixada, o corpo tensionado.

— E se a gente pular ao mesmo tempo? — sugeriu Napoleon. — Para dar mais altura.

— Não — disse Tony. — Fiquem parados.

— Acho que isso não é uma boa ideia — falou Carmel.

— É uma ideia absurda — disse Lars.

— Agora que vocês mencionaram isso… — começou Heather, mas era tarde demais.

Saindo da porta, Tony correu a toda velocidade.

Pulou verticalmente, um joelho nas costas de Napoleon, o outro no ombro de Ben. Por uma fração de segundo, Frances viu o jovem que existia dentro do velho. O atleta que ele costumava ser estava presente no comprimento do seu corpo e na determinação do seu olhar.

Ele chegou lá no alto! Impossivelmente alto! Ia conseguir! Que *herói*! Uma das suas mãos tocou a viga, mas então ele caiu de lado no chão com um baque ensurdecedor. Napoleon e Ben cambalearam em direções opostas, murmurando palavrões.

— Isso não era nem um pouco previsível — resmungou Lars.

Tony se sentou, segurando o cotovelo com uma das mãos, o rosto branco feito pasta de dente.

Frances se ajoelhou ao lado dele, para ser solidária, embora seus joelhos rangessem.

— Você está bem?

— Estou ótimo — respondeu ele entre dentes. — Acho que só desloquei o ombro.

O estômago de Frances se revirou quando ela notou o ombro dele em um ângulo estranho e perturbador.

— Não toque — instruiu Heather.

— Não — falou Tony. — Preciso mexer. Vai voltar para o lugar quando eu mexer.

Ele moveu o braço. Houve um estalo audível.

Frances desmaiou, caindo bem no colo de Tony.

CINQUENTA E OITO

Zoe

O pobre pai de Zoe levou a mão às costas, ao ponto que tinha sustentado o peso inteiro de um Hogburn Sorridente. Ela estava um pouco surpresa que sua mãe tivesse permitido que seguissem em frente com aquele pequeno exercício. Talvez fossem as drogas, ou sua fúria louca por causa das drogas, ou quem sabe fosse apenas o fato de os pais de Zoe estarem embasbacados por terem conhecido uma lenda do futebol australiano.

— Desculpe, gente — disse Tony. — Ontem à noite sonhei que estava jogando de novo. Pareceu que… pareceu que seria fácil. — Ele deu tapinhas leves no rosto de Frances. — Acorde, Sra. Escritora.

Frances se sentou, constrangida, saindo do colo de Tony, e levou o dedo ao meio da testa. Olhou em torno.

— Conseguimos pegar o pacote?

— Não exatamente — falou o pai de Zoe, que nunca queria que as pessoas se sentissem fracassadas. — Mas quase!

Zoe olhou ao redor, procurando algo para jogar na viga. Pegou uma garrafa quase cheia de água, segurou-a e mirou.

Acertou em cheio o pacote, que caiu nas mãos de Ben.

— Belo arremesso.

Ben entregou o pacote para ela.

— Obrigada.

— Abra — instruiu Jessica, como se Zoe pretendesse admirar o pacote por um instante.

O embrulho tinha aquela consistência firme e macia de algo envolto em plástico bolha. Ela mexeu na fita adesiva e rasgou o papel marrom.

— Cuidado — disse sua mãe. — Pode ser frágil.

Zoe puxou a fita do plástico bolha e teve a lembrança de abrir um presente de aniversário em uma festa, cercada de pessoas, todos os olhos fixos nela e em Zach. No

dia seguinte seria seu aniversário de vinte e um anos. Talvez estivesse na hora de reivindicá-lo. Ela pensou que, talvez, quando voltassem a Melbourne, dissesse aos pais que queria ir ao restaurante La Fattoria para comer pizza e comemorar seus vinte e um anos. Teve a súbita impressão de que talvez fosse possível fazer algumas das coisas que haviam deixado de fazer desde a morte de Zach. Não seria igual sem ele, nunca mais seria igual, mas parecia possível. Ela continuaria tirando as azeitonas e as colocaria na beira do prato para Zach.

Então sentiu muita, muita vontade de comer pizza. Ficou com água na boca ao pensar em pepperoni. Ela nunca mais menosprezaria pepperoni.

Desenrolou o plástico bolha. Dentro havia uma bonequinha de madeira pintada à mão, usando um lenço em torno da cabeça e um avental na cintura. Tinha círculos vermelhos nas bochechas e as sobrancelhas inclinadas em um ângulo interrogativo. Parecia dizer a Zoe: "Hum, olá?"

Zoe a virou de cabeça para baixo.

— É uma boneca russa — disse sua mãe.

— Ah, é.

Zoe girou as partes superior e inferior em direções opostas para pegar a boneca menor lá dentro.

Entregou as metades à mãe e abriu a boneca seguinte.

Em instantes, havia uma fileira de cinco bonecas cada vez menores no chão entre eles.

— Espere, essa é a última? — perguntou Carmel. — Está vazia. Normalmente não dá para abrir a última boneca.

— Não tem nenhum recado? — perguntou Frances. — Achei que o código estaria dentro da última!

— Então o que isso quer dizer? — indagou Ben.

— Não sei — respondeu Zoe, tentando conter um bocejo.

Ficou exausta de repente. Ansiava por sua cama, por seu celular, por pizza, queria que tudo aquilo acabasse logo.

— Ok, isso está começando a me deixar puto da vida — disse Lars.

CINQUENTA E NOVE

Masha

Masha viu o sorriso aliviado de Yao desaparecer enquanto ele observava a tela.

— Mas, espere aí, por que o código não está na boneca? — Ele se voltou para Masha. — O plano era botar o código de segurança dentro da boneca!

Masha pegou a última bonequinha em cima do seu teclado e a ergueu entre dois dedos.

— Sim, você tem razão, esse era o plano original.

— Então… por que não está lá?

As sobrancelhas de Yao estavam unidas como as da boneca.

— Tive uma epifania — contou Masha. — Enquanto eu estava meditando. De repente, eu soube o que precisava ser feito para que eles alcançassem a verdadeira transformação depois da experiência psicodélica. Isso, o que está acontecendo com essas nove pessoas neste instante, é literalmente um koan. É um koan *na prática*.

Ele com certeza percebia como aquilo era brilhante.

Yao a olhou fixamente, sem entender.

— Um koan é um paradoxo que traz revelações! — disse Masha. — Um koan demonstra a inadequação do pensamento lógico deles!

— Eu sei o que é um koan — falou Yao devagar.

— Quando eles desistirem e aceitarem que não há solução, bem, então estarão livres. É o paradoxo central deste koan — explicou Masha. — *A solução é que não há solução*.

— A solução é que não há solução — repetiu Yao.

— Exatamente. Você se lembra desse koan? Havia um mestre que vivia como eremita em uma montanha e um homem lhe perguntou: "Qual é o caminho?" E o mestre respondeu: "Que bela montanha é esta." O homem ficou frustrado e disse: "Não estou perguntando sobre a montanha, mas sobre o caminho!" O mestre retrucou: "Enquanto não conseguir ir além da montanha, meu filho, não alcançará o caminho."

— Então neste caso a montanha é… a porta de segurança?

— Anote todos os detalhes — pediu Masha com impaciência. Depois apontou para a tela e para o bloco de Yao. — Não esqueça. Isso é muito importante para o livro que vamos escrever.

— Eles estão lá dentro há muito tempo — disse Yao. — Estão famintos e cansados. Vão enlouquecer.

— *Exatamente* — concordou Masha. Ela própria já não sabia há quantos dias estava sem comer, e não dormia desde a noite anterior às sessões de terapia. Tocou de leve com um dedo no meio do peito de Yao. Ela conhecia o poder que seu toque exercia nele. Ainda não havia explorado totalmente aquele poder, mas o faria caso fosse necessário. — *Exatamente.* Eles precisam enlouquecer! Você sabe disso. O "eu" é uma ilusão. O "eu" não existe.

— Certo, ok. Mas, Masha…

— Precisam se *entregar* — insistiu ela.

— Acho que vão nos denunciar à polícia — falou Yao.

Masha riu.

— Lembre-se da citação de Rumi, Yao. *Para além da ideia de bem-feito e malfeito há um campo. Encontro vocês lá*. Não é lindo?

— Acho que a justiça não está interessada em campos.

— Não podemos desistir deles, Yao — falou Masha, fazendo um gesto para a tela. — Já chegaram tão longe!

— Então quanto tempo pretende deixá-los trancados lá dentro? — A voz de Yao saiu fraca e rouca, como se ele tivesse se tornado um idoso.

— Não é a pergunta certa — declarou Masha com carinho, os olhos fixos no monitor do computador enquanto alguns hóspedes se reuniam em torno da porta do estúdio.

Eles se revezavam para tentar combinações diferentes de números. Lars socou a porta feito uma criança mimada.

— Acho que devo deixá-los sair agora — disse Yao.

— Eles precisam abrir aquela porta — insistiu Masha.

— Não tem como — retrucou Yao.

— Tem, sim.

Ela pensou nas vidas australianas ensolaradas que aquelas pessoas haviam ganhado de mão beijada ao nascer. Só conheciam prateleiras de supermercado superlotadas de opções. Nunca tinham visto um mercado vazio, sem nada além de caixas de chá indiano. Não *precisavam* de atributos como inventividade e desenvoltura. Quando o

relógio marcava cinco horas, eles desligavam o computador e iam à praia porque não havia uma centena de candidatos com formação universitária querendo roubar seus empregos.

"Ah, sim, já fiz isso para um show do U2", dissera uma australiana no trabalho de Masha quando ela descrevera as filas terríveis que duravam dias diante das embaixadas, e como ela e o marido se revezavam para esperar.

E Masha respondera: "Aham, igualzinho."

Lembrou-se de que, bem no meio do processo de candidatura, seu marido recebera um cartão pelo correio ordenando que se dirigisse ao escritório da KGB.

"Vai dar tudo certo", dissera ele. "Não se preocupe."

Era como se ele já fosse australiano, e a expressão "tudo certo" estivesse presente em sua psique antes mesmo que ele a conhecesse, mas na era soviética as pessoas que recebiam aqueles cartões nunca mais voltavam.

Quando Masha o levou até o prédio alto e cinza, ele a beijou e disse: "Vá para casa." Mas ela não foi, ficou sentada no carro durante cinco horas, o terror que fervia dentro dela embaçando as janelas, e nunca se esqueceria do alívio que explodira em seu corpo quando o vira caminhando pela rua na sua direção, sorrindo feito um menino em uma praia australiana.

Alguns meses depois, ela e o marido estavam no aeroporto com dólares americanos escondidos nas meias enquanto um agente da alfândega com ar de desdém revirava todo o conteúdo das malas cuidadosamente arrumadas por eles, porque os consideravam traidores da pátria por estarem indo embora, e o colar da sua avó arrebentou, as pérolas se espalhando feito os pedaços do seu coração.

Só quem já teve medo de perder tudo sente verdadeira gratidão pela vida de sorte.

— Já sei! Temos que apavorá-los — disse ela a Yao. — É disso que precisam.

— Apavorá-los? — perguntou Yao, e sua voz tremeu. Ele também devia estar cansado e faminto. — Acho que não devemos apavorar nossos hóspedes.

Masha ficou de pé. Yao olhou para ela; como um filho, como um amante. Ela sentia a conexão espiritual inquebrável entre os dois. Ele nunca a desafiaria.

— Para eles, esta noite vai ser a noite escura da alma — declarou ela.

— Noite escura da alma?

— Uma noite escura da alma é essencial para um progresso espiritual acelerado — explicou Masha. — Você teve sua noite escura da alma, eu tive a minha. Precisamos estragá-los antes que possamos torná-los inteiros outra vez. Você sabe disso, Yao.

Ela viu a dúvida reluzir nos olhos dele. Aproximou-se de Yao, tão perto que os dois quase se tocavam.

— Amanhã eles vão renascer — afirmou.

— Eu só não sei…

Masha se aproximou ainda mais e, por uma fração de segundo, fixou os olhos nos lábios dele. Deixe o pobre menino acreditar que o impossível é possível.

— Estamos fazendo algo extraordinário por essas pessoas, Yao — afirmou Masha.

— Vou deixá-los sair — falou ele, mas não havia convicção na voz.

— Não — retorquiu ela, erguendo carinhosamente a mão até o pescoço dele, tomando cuidado para não mostrar o brilho prateado da seringa. — Não vai, não.

SESSENTA

Frances

Frances girava com o dedo uma garrafa de água vazia no chão, rodando-a sem parar, até que o objeto escorregou e rolou para longe.

— Pare com isso — falou Carmel severamente.

Frances percebeu que aquele era o tom de voz que ela usava quando uma das suas filhas a irritava.

— Desculpe — falaram as duas ao mesmo tempo.

De acordo com o relógio de Napoleon, eram nove da noite. Estavam ali dentro havia pouco mais de trinta horas. Não comiam havia mais de quarenta e oito horas.

As pessoas reclamavam de dor de cabeça, tontura, cansaço e enjoo. Ondas de irritabilidade percorriam a sala regularmente. As pessoas discutiam, pediam desculpa, depois voltavam a se irritar. As vozes tremiam, emocionadas, então derrapavam para risadas histéricas. Algumas pessoas dormiam e aí acordavam com um arquejo ruidoso. Napoleon era o único que permanecia calmo o tempo todo. Parecia ser o líder não oficial, embora não passasse instruções.

— Não beba água demais — dissera Heather a Frances ao vê-la sair do banheiro depois de encher a garrafa mais uma vez. — Só beba quando estiver com sede. Você pode morrer de tanto beber água, porque isso tira todo o sal do seu sistema. Pode causar uma parada cardíaca.

— Ok — falou Frances, resignada. — Obrigada.

Ela achou que beber bastante água disfarçaria as dores da fome, embora não estivesse tão faminta quanto achou que ficaria. O desejo de comer atingira o auge pouco antes de encontrarem o pacote inútil com a boneca russa, então começara a diminuir gradativamente, até se tornar mais abstrato. Frances tinha a sensação de que precisava de *algo*, mas comida não parecia a resposta.

Sua amiga Ellen gostava de fazer jejuns intermitentes, e dissera a Frances que sempre tinha uma sensação de euforia. Frances não se sentia eufórica, mas sua mente parecia nítida, límpida e clara. Seriam as drogas ou o jejum?

O que quer que fosse, aquela limpidez era uma ilusão, porque estava tendo dificuldade em diferenciar o que havia acontecido do que não havia acontecido desde que chegara ali. Havia sonhado que seu nariz sangrara na piscina? Não tinha realmente visto seu pai na noite anterior, tinha? Claro que não. No entanto, a lembrança da conversa com o pai parecia mais vívida do que a do nariz sangrando na piscina.

Como era possível?

O tempo desacelerou.

E desacelerou.

Desacelerou.

Ao.

Ponto.

De.

Tornar-se.

Tão.

Lento.

Que.

Era.

Insustentável.

Em breve o tempo literalmente pararia, e todos ficariam presos para sempre em um único momento. Aquilo não parecia tão fantástico após a experiência da noite anterior com o suco, durante a qual o tempo se estendera e se contraíra, repetidas vezes, feito um elástico sendo esticado e solto.

Houve uma longa e acalorada discussão sobre quando e se deveriam apagar as luzes.

Frances não se dera conta de que não havia luz natural ali embaixo. Foi Napoleon quem descobriu, encontrando o interruptor de manhã, ao acordar. Disse que havia percorrido o cômodo inteiro de quatro, passando as mãos pelas paredes, até achá-lo. Quando o acionou para demonstrar, o estúdio foi mergulhado em uma escuridão espessa e impenetrável, que mais parecia a morte.

Frances votou para que apagassem as luzes à meia-noite. Queria dormir: dormir faria o tempo passar mais rápido, e ela sabia que nunca conseguiria dormir com aqueles holofotes. Outros achavam que não deveriam correr o risco de dormir: deveriam ficar "preparados para agir".

— Vai saber o que estão planejando… — disse Jessica, lançando um olhar hostil para a câmera.

Em algum momento, ela tirara toda a maquiagem. Parecia dez anos mais jovem, ainda mais jovem que Zoe; jovem demais para estar grávida, jovem demais para ser

rica. Sem a maquiagem, os procedimentos estéticos pareciam acne: um mal da adolescência que passaria quando ela crescesse.

— Acho que não vai acontecer nada de sinistro no meio da noite — disse Carmel.

— Fomos acordados para a meditação à luz das estrelas — lembrou Heather. — É totalmente possível.

— Eu gostei da meditação à luz das estrelas — comentou Carmel.

Heather suspirou.

— Carmel, você precisa muito rever sua opinião sobre o que está acontecendo aqui.

— Voto para apagarmos as luzes — declarou Frances baixinho.

Napoleon mostrara a todos os microfones instalados nos cantos da sala. Dissera a eles, em sussurros, que, se quisessem compartilhar algo sem serem ouvidos, deveriam se sentar no meio da sala, com as costas viradas para a câmera, e falar o mais baixo possível.

— Acho que devemos dar a Masha a impressão de *aceitação* total.

— Concordo — sussurrou Zoe. — Ela é igualzinha à minha professora de matemática do segundo ano. A gente sempre precisava fazer com que ela pensasse que tinha ganhado.

— Prefiro as luzes acesas — disse Tony. — Vamos ficar em desvantagem sem enxergar.

No fim das contas, mais pessoas votaram a favor das luzes acesas.

Portanto, lá estavam eles, sentados com as luzes acesas. De vez em quando, ouviam-se murmúrios de conversas, como os que se ouvem em bibliotecas e consultórios médicos.

Longos períodos de silêncio.

O corpo de Frances não parava de se contrair, então ela se lembrava de que não tinha nenhum livro para pegar, nenhum filme para ligar, nenhuma luz de cabeceira para apagar. Às vezes, já estava quase de pé quando percebia que a decisão que havia tomado era *sair do cômodo*. Seu inconsciente se recusava a aceitar o encarceramento.

Carmel se sentou ao lado dela.

— Acha que já entramos em cetose? — perguntou.

— O que é cetose? — indagou Frances.

Sabia perfeitamente o que era.

— É quando seu corpo começa a queimar gordura porque…

— Você não precisa emagrecer — interrompeu Frances.

Não tivera a intenção de se irritar, mas por conta disso começou a pensar em

comida.

— Eu costumava ser mais magra — falou Carmel, esticando as pernas perfeitamente normais diante de si.

— Todo mundo costumava ser mais magro — falou Frances com um suspiro.

— Ontem à noite eu alucinei que não tinha corpo — contou Carmel. — Talvez meu inconsciente estivesse tentando me dar um recado.

— É tão misterioso… *Qual* poderia ser o recado? — disse Frances.

Carmel riu.

— Pois é. — Ela segurou a própria barriga com as mãos e a apertou. — Estou presa em um ciclo de autoaversão.

— O que você fazia antes de ter filhos?

Frances queria saber se Carmel era mais do que alguém que odiava o próprio corpo e tinha quatro filhas. No início da carreira de Frances, uma amiga dela reclamara de que as mães em seus livros eram muito unidimensionais, e Frances pensara secretamente: *Mas elas não têm só uma dimensão?* Tentara dar mais profundidade a elas depois. Chegara a lhes dar o papel principal em alguns livros, embora fosse difícil saber onde colocar as crianças enquanto as mães se apaixonavam. Quando Jo devolvia o material com os comentários, Frances via que ela havia escrito várias vezes na margem: *Quem está cuidando das crianças?* Então ela editava os manuscritos incluindo planos de babysitting. Era irritante.

— Eu trabalhava com fundos de capital privado — respondeu Carmel.

Minha nossa. Frances não teria adivinhado aquilo. Nem sequer sabia se *entendia* o que significava. Como iam encontrar um meio-termo entre fundos de capital privado e romances?

— Você… gostava?

Aquela com certeza era uma pergunta segura.

— Adorava — disse Carmel. — *Adorava*. Foi muito tempo atrás, claro. Agora trabalho meio expediente em uma vaga júnior que basicamente consiste em lançamento de dados para manter o dinheiro entrando. Mas na época eu tinha um cargo meio importante, ou estava no caminho certo para isso. Trabalhava muito, acordava às cinco da manhã todo dia e ia nadar antes do trabalho, comia tudo que eu queria e achava uma chatice completa as mulheres que falavam sobre peso.

Frances sorriu. Carmel continuou:

— *Pois é*. Então me casei, tive filhos e fui totalmente engolida pela minha versão "mãe". A gente só queria ter dois, mas meu marido queria um menino, então continuamos tentando, e eu acabei tendo quatro meninas… Até que, do nada, ele

disse que não se sentia mais atraído por mim e me largou.

Frances ficou calada por um instante, refletindo sobre a crueldade específica daquele tipo de término tão comum na meia-idade e como aquilo acabava com a autoestima de uma mulher.

— Você ainda sentia *atração* por ele?

Carmel pensou.

— Em alguns dias, sim. — Ela levou o polegar ao espaço vazio em seu dedo anelar. — Eu ainda o amava. Sei que amava, porque havia dias em que eu pensava: Ah, que alívio, ainda amo ele, seria muito inconveniente se não amasse.

Frances pensou em todas as coisas que poderia dizer: Você vai conhecer outra pessoa. Não precisa de um homem para ser completa. Seu corpo não define quem você é. Precisa se apaixonar por si mesma. Vamos falar sobre outra coisa que não homens, Carmel, antes que a gente falhe no teste de Bechdel.

— Sabe do que mais? — acrescentou Frances. — Acho que *com certeza* você está em cetose.

Carmel sorriu, e, naquele instante, a sala ficou escura.

SESSENTA E UM

Napoleon

— Quem apagou as luzes?

Era sua voz de professor mais severa, a que fazia até o menino mais rebelde da turma se sentar e ficar quieto. Eles haviam combinado que as luzes ficariam acesas.

— Não fui eu.

— Não fui eu.

— Não fui eu.

As vozes vinham de todas as partes do cômodo.

A escuridão era tanta que Napoleon perdeu instantaneamente a noção do espaço. Estendeu as mãos para a frente, sem enxergar, como fizera de manhã.

— É você?

Era a voz de Heather. Ela estava sentada ao lado dele. Sentiu-a segurar sua mão.

— Sou. Cadê a Zoe?

— Estou aqui, pai.

A voz dela veio do outro lado do cômodo.

— Ninguém estava perto do interruptor — falou Tony.

Napoleon sentiu o batimento cardíaco acelerado e ficou satisfeito com o medo. Era uma trégua da sensação cinzenta que tomara conta dele desde que acordara naquela manhã. Uma névoa espessa havia espalhado os dedos macios pelo seu cérebro, seu coração, seu corpo, fazendo peso, de forma que era difícil falar, erguer a cabeça, andar. Ele tentava fingir que estava tudo bem. Combatia a névoa com toda a força, numa tentativa de se comportar normalmente, de se obrigar a melhorar. Talvez fosse temporário. Talvez fosse só aquele dia. Igual a uma ressaca. Amanhã, quem sabe, voltaria a ser ele mesmo ao acordar.

— Talvez Masha esteja nos dizendo que está na hora de dormir.

Era Frances. Ele reconheceu a voz leve e rouca dela na escuridão. Antes da noite anterior, Napoleon teria dito que ele e Frances tinham personalidades semelhantes, na medida em que compartilhavam um nível básico de otimismo, mas não naquele

momento. Agora, toda a sua esperança escorrera pelo ralo, saíra dele e evaporara feito suor, deixando-o vazio e exausto.

— Não estou cansado — disse Lars. Ou talvez Ben.

— Que merda, isso. — Aquele era Ben. Ou talvez Lars.

— Acho que Masha está prestes a fazer alguma coisa — disse Jessica, ele tinha quase certeza.

Ela parecia mais inteligente quando não dava para ver seu rosto.

Houve um momento de silêncio. Napoleon esperou que seus olhos se adaptassem, mas isso não aconteceu. Nenhum vulto surgiu. O escuro parecia ficar ainda mais intenso.

— É um pouco assustador — falou Zoe, com a voz trêmula.

Napoleon e Heather se moveram por reflexo, como se pudessem atravessar a escuridão para alcançá-la.

— Só está escuro. Estamos todos aqui. Você está segura. — Com certeza era Hogburn Sorridente reconfortando Zoe.

Napoleon sentiu vontade de poder contar a alguém que de certa forma tinha jogado futebol com Hogburn Sorridente. Percebeu que a pessoa a quem queria contar aquilo era ele próprio, o "ele" que já não existia.

A escuridão se instalou.

Era assustador.

— Talvez Lars devesse cantar — sugeriu Frances.

— Até que enfim alguma apreciação do meu talento — falou Lars.

— Todo mundo deveria cantar — disse Carmel.

— Não, obrigada — retorquiu Jessica.

— Eu e você, Carmel — falou Lars, começando a cantar "I Can See Clearly Now", e Carmel se juntou a ele.

Ela cantava lindamente. Que surpresa ouvir sua voz se erguendo na escuridão daquele jeito, mantendo a melodia com tanta graciosidade. As pessoas podiam surpreender.

Napoleon achara, ao acordar naquela manhã, que a sensação que percorria seu corpo devia ser raiva, porque tinha o direito de estar morrendo de raiva da esposa pelo que ela havia escondido dele, pelo que escolhera finalmente revelar nas circunstâncias mais macabras, enquanto sua mente tentava separar a ficção medonha da realidade. Embora agora ele achasse que estava livre das drogas, não tinha dúvida sobre o que havia e o que não havia acontecido. Ele sonhara com Zach, mas a revelação de Heather não fora um sonho.

Não se lembrava de ter perguntado a ela sobre os efeitos colaterais do remédio para asma, mas podia imaginar perfeitamente como ela teria respondido: com uma impaciência nítida, porque era *ela* quem tomava todas as decisões relativas à saúde da família. Heather tinha formação médica, ele era professor. Ele era encarregado do dever de casa. Ela era encarregada dos remédios. Heather se orgulhava de não questionar as decisões dele sobre educação, embora ele fosse *adorar* ser questionado por ela e estivesse sempre a fim de um debate, mas a esposa só queria riscar itens da lista. Gostava de se considerar uma pessoa eficiente, a mais prática da relação, a que fazia as coisas acontecerem.

Bem, olhe só o que você fez acontecer, Heather.

Ela estava certa ao dizer que, se tivesse tido oportunidade, Napoleon teria lido a bula do remédio e, sim, teria monitorado Zach, e teria *dito* a ele. Teria falado: "É possível que o remédio afete seu humor, Zach, vai ter que ficar de olho nisso e me avisar."

E o filho teria revirado os olhos e respondido: "Eu nunca sofro nenhum desses efeitos colaterais, pai."

Ele poderia, deveria, teria, talvez o tivesse salvado.

Todos os dias, durante três anos, Napoleon acordara de manhã e pensara: *Por quê?* E Heather sabia, ou pelo menos podia considerar uma *possibilidade* sensata de motivo, e tinha deliberadamente negado a ele o conforto do seu conhecimento por causa da culpa. Será que não confiava em seu amor? Achava que ele a culparia, que a largaria?

Além disso, eles tinham a obrigação de *divulgar*, de informar as autoridades de que aquilo acontecera. Meu Deus, outros jovens podiam estar morrendo. Precisavam deixar a comunidade ciente de que aqueles efeitos colaterais deveriam ser levados a sério. Era puro egoísmo Heather ter guardado aquele segredo, ter protegido a si mesma em detrimento dos outros. Ele ia ligar para o Dr. Chang assim que saísse dali.

E Zoe. Sua menina querida. A única a perceber que havia algo errado, porque era quem melhor conhecia Zach. Só precisava ter dito: "Pai, tem alguma coisa errada com Zach."

Napoleon teria agido, porque sabia como os sentimentos de um menino podiam ser perigosos.

Ele poderia, deveria, teria, talvez o tivesse salvado.

Haviam *conversado* sobre depressão à mesa de jantar. Napoleon sabia de todas as conversas que era necessário ter com os filhos e se responsabilizava por garanti-las: não dê suas informações pessoais a ninguém na internet, nunca entre no carro com um motorista bêbado, ligue para nós a qualquer hora da noite, nos conte como está se

sentindo, nos conte se estiver sofrendo bullying, podemos consertar as coisas, juramos que podemos consertar as coisas.

Estou com raiva? Ele fizera aquela pergunta a si mesmo o dia todo, tentando entender se a névoa era apenas raiva disfarçada de outra coisa, mas a sensação que se infiltrara em todas as células do seu corpo era ao mesmo tempo muito maior e muito menor do que raiva. Era um vazio latente com o peso e a textura de cimento molhado.

Sentado ali no escuro, escutando Carmel cantar, enquanto Lars baixava a voz e a deixava levar a música, um pensamento lhe ocorreu: *Talvez fosse assim que Zach estivesse se sentindo*.

Fosse por causa do remédio de asma ou dos hormônios perturbados da adolescência, ou uma combinação dos dois, talvez fosse assim que ele se sentira: como se sua mente, seu corpo e sua alma estivessem envoltos em uma névoa cinzenta. Como se nada tivesse razão de ser. Como se fosse possível ter a mesma atitude e aparência, enquanto por dentro tudo estava diferente.

Ah, cara, você era só uma criança, eu sou um homem, mas faz menos de um dia e eu já quero que acabe.

Ele viu o rosto do filho. O primeiro esboço de barba, a curva dos cílios quando baixava os olhos, evitando encontrar o olhar do pai. Nunca conseguia encarar o pai quando fazia algo errado. Detestava levar bronca, e o pobre garoto estava sempre levando bronca. Zoe era mais esperta. Manipulava a narrativa para dar a impressão de que tinha feito a coisa certa.

Parecia que as garotas eram controladas pelos sentimentos, mas era o contrário. As garotas tinham um excelente controle dos sentimentos. Elas os manipulavam feito bastões: *Agora estou chorando! Agora estou rindo! Quem sabe o que vou fazer depois? Você não sabe!* As emoções dos garotos eram como tacos de beisebol que acertavam sua cara de surpresa.

Naquele momento, naquela manhã, três anos antes, Zach não fizera uma escolha errada. Fizera o que devia ter lhe parecido ser a única escolha. O que mais era possível fazer quando você se sentia daquele jeito? Era como pedir às pessoas nas torres em chamas para não pular. O que mais era possível fazer quando você não conseguia respirar? Faria de tudo para respirar. Qualquer coisa. Claro que você pula. Claro.

Viu seu menino olhando para ele, os olhos implorando compreensão.

Zach era um garoto tão bom… Claro que Napoleon não aceitava e não aprovava a decisão do filho — era a decisão errada, era uma decisão idiota, a pior decisão —, mas, pela primeira vez, sentiu que talvez pudesse entender por que ele a tomara.

Imaginou-se pegando o filho no colo como fazia quando ele era criança, segurando-

o junto de si, sussurrando em seu ouvido:

Você não vai levar bronca, Zach. Me desculpe por ter gritado com você. Eu entendo agora, filho. Você não vai levar bronca, cara.

Você não vai levar bronca.

Você não vai levar bronca.

— Napoleon? — chamou Heather.

Ele esmagava a mão da esposa com muita força. Afrouxou o aperto.

Uma imagem em preto e branco surgiu na tela acima da cabeça deles. Carmel interrompeu a cantoria.

— O que é isso? — perguntou Lars.

A voz de Masha soou em um volume tão alto que fez os ouvidos de Napoleon latejarem. Seu rosto preencheu a tela. Ela sorriu para eles, radiante de amor.

— Boa noite, meus queridinhos, meus lapochki.

— Meu Deus! — exclamou Heather baixinho.

SESSENTA E DOIS

Frances

Ela é louca. É maluca. É doida. É perturbada.

Tudo não passara de uma piada antes. O que Frances queria dizer, na verdade, era que Masha era estranha, alternativa, intensa, excessivamente alta, exótica e diferente de Frances em todos os sentidos. Não questionara de verdade o estado mental de Masha. Parte dela se perguntava se Masha era uma gênia. Todos os gênios não pareciam loucos aos olhos de meros mortais?

Nem as drogas a haviam preocupado de fato. Se Masha tivesse perguntado: "Querem beber esse suco com LSD?", talvez Frances tivesse respondido: "Quero, por que não?" Teria ficado impressionada com todo o discurso sobre as "pesquisas", tranquilizada pelo histórico de Yao como paramédico e intrigada com a possibilidade de ter uma experiência transcendental, e teria ficado particularmente disposta a aceitar se alguém dissesse sim antes dela. (Na adolescência, sua mãe lhe perguntara certa vez: "Se todos os seus amigos pulassem de um precipício, você também pularia?" Frances respondera, sem malícia: "Claro.")

Mas agora, sentada ali no escuro, observando a imagem de Masha na tela, estava claro: ela não batia bem da cabeça. Seus olhos verdes brilhavam com um fervor religioso que não reagiria à lógica ou ao bom senso.

— Parabéns a todos! — disse ela. — Estou muito feliz com o progresso de vocês. Chegaram *tão longe* desde o primeiro dia! — Ela uniu as mãos feito uma atriz recebendo o Oscar. — A jornada de vocês está quase completa.

A tela iluminava o cômodo em focos fantasmagóricos de luz, de forma que Frances via os rostos de todos voltados para Masha.

— Você precisa nos deixar sair daqui! — gritou Jessica.

— Será que ela consegue nos ouvir? — perguntou Carmel, incerta.

— Não precisa gritar, Jessica. Oi, Carmel. Estou vendo vocês, estou ouvindo vocês — afirmou Masha. — A mágica da tecnologia. Coisa maravilhosa! — Seus olhos estavam fixos em um ponto longe da câmera. Aquilo permitia que não sucumbissem à

sua loucura. — Fiquei muito feliz quando resolveram o enigma de fuga e encontraram a matrioska.

— Mas não resolvemos! — exclamou Frances, ficando pessoalmente ofendida com aquilo. — Ainda estamos *aqui*. Não tinha nenhuma porcaria de código dentro da boneca.

— Exatamente — concordou Masha. — *Exatamente*.

— Exatamente o quê? — disse Frances.

— Vocês trabalharam em equipe, por mais que não tenha sido como imaginei. Achei que fossem construir uma pirâmide humana para alcançar a boneca todos juntos, não jogar futebol. — Uma parte do seu lábio superior se ergueu com desdém ao dizer "futebol". Frances se sentiu defensiva em relação a Tony. — Quando eu estava na escola em Serov, muitos anos atrás, fizemos uma pirâmide humana incrível, nunca esqueci. — Seu olhar perdeu o foco, então ela voltou a si. — Enfim, isso não importa. Vocês conseguiram no fim das contas, encontraram a boneca e aqui estamos.

— A boneca não nos deu nenhuma informação — disse Jessica. — Estava vazia.

— Isso mesmo, Jessica — falou Masha com paciência, como se conversasse com uma criancinha que não entende como o mundo funciona.

— Ela não está fazendo nenhum sentido — murmurou Ben.

— O que eu acharia verdadeiramente transformador agora seria um belo de um banho quente — comentou Lars.

Ele sorriu para Masha com toda a força do seu belíssimo rosto. Era como se erguesse um sabre de luz na direção da tela. Frances apostava que aquele sorriso já tinha aberto muitas portas.

Mas não aquela. Masha apenas sorriu de volta. Era uma batalha épica de beleza e carisma.

Lars continuou pelo tempo que pôde, até desistir. Seu sorriso sumiu.

— Pelo amor de Deus, eu só quero sair daqui, Masha.

— Ah, Lars — disse ela. — Precisa se lembrar do que Buda disse: "Nada dura para sempre, a não ser a mudança."

— Isso já parece estar durando para sempre, Masha.

Ela deu um risinho.

— Sei que você gosta da sua solidão, Lars. É difícil ter que interagir com desconhecidos o dia todo, não é?

— Todos são muito gentis — afirmou Lars. — A questão não é essa.

— Só queremos voltar para nossos quartos — disse Heather, soando muito dócil e sensata. — A terapia psicodélica foi fantástica, obrigada, mas…

— Ah, é, foi fantástica? Você mudou de atitude, então, Heather! — Uma agressividade discreta marcava as palavras de Masha. — Espero que esteja sendo sincera. Ouvi uma conversa sobre me denunciarem para a polícia! Devo admitir que isso me magoou.

— Eu estava nervosa — justificou-se Heather. — Como você sabe, hoje é o aniversário da morte do meu filho. Não estava pensando direito. Agora eu entendo. — Ela ergueu os olhos para a tela com o que pareceu ser uma aquiescência absoluta. Era inspirador de ver. — Nós *todos* entendemos — continuou. — Somos muito gratos pelo que fez por nós. Nunca teríamos tido essa oportunidade na nossa vida normal. Mas agora só queremos voltar para o quarto e aproveitar o resto do retiro.

Frances tentou se colocar no lugar de Masha. Deu-se conta de que ela se considerava uma artista e, como qualquer artista, queria elogios. Ansiava por reconhecimento, respeito, avaliações cinco estrelas, gratidão.

— Acho que falo por todos nós quando digo que foi uma experiência *incrível* — começou ela, mas foi interrompida por Tony.

— É Yao atrás de você? — Tony estava de pé, os olhos fixos na tela. — Ele está bem?

— Yao está aqui, sim — disse Masha.

Ela deu um passo para o lado e fez um gesto gracioso com a mão, feito uma modelo em um jogo, indicando o prêmio.

O prêmio era Yao.

Estava jogado de barriga para baixo na cadeira de Masha, dormindo ou desmaiado na mesa dela, uma bochecha esmagada enquanto os braços formavam um semicírculo ao redor da cabeça.

— Está respirando? O que ele tem? — Heather também ficou de pé e avançou até ficar embaixo da televisão. Abandonou o falso tom aquiescente. — O que ele tomou? O que você deu para ele?

— Ele está vivo? — perguntou Frances, em pânico.

— Está só cochilando — respondeu Masha. — Está exausto. Passou a noite toda acordado, trabalhando muito por vocês! — Ela acariciou o cabelo de Yao e apontou para algo que não conseguiam ver no couro cabeludo dele. — Esta é a marca de nascença de Yao. Eu a vi durante a minha experiência de quase-morte. — Ela sorriu para a câmera e Frances estremeceu. — Foi então que fiquei cara a cara com minha mortalidade, do jeito mais incrível e maravilhoso possível. — Seus olhos brilhavam. — Esta noite, vocês também vão encarar a mortalidade. Infelizmente, não posso lhes dar o privilégio de olhar *bem nos olhos* da morte, mas posso deixar que a entrevejam,

que a vislumbrem! Um vislumbre inesquecível que vai… — Ela buscou a palavra certa e a encontrou com evidente satisfação. — Que vai *amalgamar* todas as experiências que tiveram até agora: o silêncio, a terapia psicodélica, o enigma de fuga.

— Ele não parece estar cochilando — disse Heather. — Você deu alguma coisa para ele?

— Ah, Heather — falou Masha. — Você é praticamente médica, não é? Mas posso lhe garantir que Yao só está tirando um cochilo!

— Onde está Delilah? — perguntou Ben.

— Ela não está mais conosco — respondeu Masha.

— Como assim "não está mais conosco"? — retrucou Ben. — O que isso quer dizer?

— Ela nos deixou — falou Masha vagamente.

— Por vontade *própria*? — indagou Frances.

Ela pensou no resto da equipe da Tranquillum House: a chef sorridente e adorável que levara a comida para eles; *Jan*, com suas mãos milagrosas. Onde eles estavam enquanto os hóspedes tinham sido trancados ali e Yao estava desmaiado na mesa de Masha?

— Preciso que ouçam com atenção — disse Masha, ignorando a pergunta de Frances sobre Delilah. Ela ficou na frente da câmera outra vez, escondendo o corpo de Yao. — Agora vamos fazer um jogo divertido para *quebrar o gelo*!

— Acho que o gelo está mais do que quebrado, Masha — falou Lars.

— Buda disse que devemos "irradiar amor irrestrito pelo mundo inteiro", e esse exercício é sobre isso. Tem a ver com amor. Com paixão. Tem a ver com conhecerem uns aos outros — explicou Masha. — Eu chamo de "Sentença de Morte"! — Ela olhou para eles com expectativa, como se aguardasse uma erupção entusiasmada de perguntas e comentários. Ninguém se mexeu. — Gostaram do nome? — perguntou, baixando a cabeça e erguendo os olhos de um jeito que poderia ser considerado um flerte.

— Não gosto do nome — disse Napoleon.

— Ah, Napoleon, eu gosto de *você*. É um homem sincero. Agora me deixem explicar como funciona essa atividade — continuou Masha. — Imaginem o seguinte: vocês todos foram condenados à morte! Estão no corredor da morte! Talvez esse seja um nome melhor. Corredor da Morte. — Ela franziu o cenho. — Acho que é melhor mesmo. Vamos chamar de "Corredor da Morte".

Carmel começou a chorar baixinho. Frances apoiou a mão no braço dela.

— E como funciona esse tal jogo "Corredor da Morte"? Deixem-me explicar. Se

você é condenado à morte, o que acontece? Precisa de alguém para argumentar a seu favor, não é? Alguém que peça clemência, que peça para a execução ser suspensa. Obviamente, essa pessoa é o seu…

Masha ergueu as sobrancelhas, encorajando-os.

— Advogado — completou Jessica.

— Isso! — exclamou Masha. — Seu advogado defende você! É quem diz ao juiz: "Não, esta pessoa não merece morrer! É boa gente, Vossa Excelência! Um membro íntegro da comunidade com muito a oferecer!" Entendem o que eu quero dizer? Então, vocês todos são advogados e cada um tem um cliente. Ficou claro? — Ninguém falou nada. — Já escolhi o cliente de cada um. Vou ler os nomes em voz alta para vocês. — Ela ergueu um pedaço de papel e leu: — Frances defende Lars. Lars defende Ben. — Olhou para eles. — Estão escutando? Só vou dizer uma vez.

— Estamos escutando — falou Napoleon.

— Heather defende Frances, Tony defende Carmel, Carmel defende Zoe, Zoe defende Jessica, Jessica defende Heather, Ben defende Napoleon e… — ela inspirou de forma exagerada — …Napoleon defende Tony! Ufa! Pronto, foram todos! — Tirou os olhos do pedaço de papel. — Todo mundo sabe quem vai defender?

Ninguém respondeu. Todos olharam estarrecidos para a tela.

— Tony, quem você vai defender? — perguntou Masha.

— Carmel — respondeu ele placidamente.

— E você, Zoe?

— Vou defender Jessica — disse a menina. — Mas não sei direito qual crime ela cometeu.

— O crime não é relevante. Todos nós cometemos crimes, Zoe — afirmou Masha. — Acho que você sabe disso. Ninguém é inocente.

— Você é psicótica…

— Então imagino que você seja a juíza, Masha? — disse Napoleon bem alto, encobrindo a voz da esposa.

— Isso mesmo! Eu vou ser a juíza! — confirmou ela. — Cada um de vocês só vai ter cinco minutos para defender o cliente. Não é muito, mas é o bastante. Não percam tempo enchendo linguiça! Garantam que cada palavra seja potente como um soco. — Ela cerrou o punho. — Vão ter a noite para se preparar. As apresentações vão começar ao amanhecer. Devem perguntar a si mesmos: *Por que meu cliente merece viver?*

— Porque *todo mundo* merece viver — disse Tony.

— Mas por que seu cliente, especificamente? Digamos que só haja um paraquedas! Só um lugar no bote salva-vidas! Por que seu cliente merece o paraquedas mais do que

qualquer outra pessoa? — falou Masha.

— Nesse caso, mulheres e crianças primeiro — respondeu Tony.

— Mas e se todos forem do mesmo gênero? Da mesma idade? Quem vive? Quem morre? — continuou Masha.

— O jogo se chama "Último Paraquedas" agora? — indagou Lars, o rosto tenso com a brincadeira amargurada. — Então vamos ficar aqui sentados debatendo dilemas éticos feito calouros de filosofia enquanto Yao está desmaiado na sua mesa? Que ótimo, isso é tudo muito transformador.

— Cuidado — falou Tony entre dentes.

— Esse é um exercício *importante*! — berrou Masha.

Os tendões do pescoço dela estavam saltados de raiva.

Frances se sentiu enjoada. Ia perder o jogo. Sempre se saía mal naquele tipo de "atividade", e agora seu "cliente", Lars, já alienara a juíza.

— Então, pode só explicar, por favor, Masha — pediu Ben em tom conciliador —, o que acontece se, de acordo com você, nossa juíza, *não* conseguirmos defender bem nossos clientes?

Masha respirou fundo.

— Ora, óbvio que não *costumamos* executar nossos hóspedes! Não é bom para os negócios! — Ela riu alegremente.

— Então isso tudo é só… hipotético? — perguntou Ben.

— Chega de perguntas! — gritou Masha tão alto que Carmel deu um passo atrás e pisou com força no dedão do pé de Frances.

— Isso é totalmente ridí… — começou Heather.

Napoleon agarrou o braço dela.

— Todos nós vamos participar do exercício, Masha — disse ele bem alto. — Parece muito… estimulante.

Ela fez que sim com a cabeça de forma graciosa.

— Ótimo. Você vai achar transformador, Napoleon. Vai mesmo. Bem, vão precisar de luz para esse exercício de iluminação!

Ela estendeu a mão e as luzes se acenderam, fazendo todos piscarem e se entreolharem, aturdidos.

— Depois que tivermos defendido nossos "clientes", vai nos deixar sair? — indagou Carmel, esfregando os olhos, a voz rouca.

— Está fazendo a pergunta errada, Carmel — disse Masha. — Só *vocês* podem se libertar. Lembre que falei com você há poucos dias sobre impermanência. Nada dura para sempre. Não se prenda à felicidade *nem* ao sofrimento.

— Queria muito ir para casa agora — falou Carmel.

Masha estalou a língua em solidariedade.

— Crescimento espiritual raramente é fácil, Carmel.

Frances levantou a mão.

— Preciso de uma caneta. Não consigo preparar uma apresentação se não puder escrever! — Ela tateou os bolsos da calça de ginástica. — Não tenho nada com que escrever!

Masha agiu como se Frances não tivesse falado nada.

— Agora, meus queridinhos, desejo sorte a vocês. Volto ao amanhecer. Lembrem-se de focar seus pensamentos. Façam as perguntas certas aos clientes, e ouçam com o coração. Me mostrem por que cada um de *vocês* merece viver. — Ela olhou com carinho para Yao, como se ele fosse seu filho adormecido, deu tapinhas em sua cabeça e se virou de volta para a câmera. — Deixo vocês com as seguintes palavras: "Faça hoje ardentemente o que deve ser feito. Quem sabe? Amanhã a morte vem." Buda. — Ela uniu as mãos em prece e baixou a cabeça. — Namastê.

SESSENTA E TRÊS

Lars

Os hóspedes da Tranquillum House estavam de pé, amontoados em um grupo no meio do estúdio sussurando, as cabeças baixas, como se fossem fumantes banidos do escritório em um dia frio. Lars sentia o cheiro pungente de suor e mau hálito. Ben e Jessica estavam de mãos dadas. Carmel e Frances roíam as unhas. Tony puxava agressivamente o lábio inferior, como se de alguma forma pudesse, contorcendo a boca, encontrar as respostas corretas, e Zoe massageava a própria barriga, examinando os pés enquanto seus pais a observavam.

— Tenho certeza de que Yao está bem, vocês não acham? E Delilah? Masha não machucaria alguém de verdade, claro que não — disse Frances. — Não há a menor possibilidade. Ela se considera uma curandeira.

Lars notou que Frances tentava convencer a si mesma. Quanto mais tempo passavam ali, mais despojada ela ficava. Seu batom vermelho já tinha saído, e seu cabelo loiro, que estivera preso em um rabo de cavalo alto digno de 1995, estava liso e solto colado na cabeça. Lars gostava de Frances, mas ela não era a advogada que ele preferiria, se tivesse escolha, caso estivesse no corredor da morte. Não sabia quem daquele grupo diverso ele teria escolhido. Não tinha certeza de que isso importava. Masha ia fazer o que quisesse.

— Só precisamos fingir que estamos aceitando toda essa loucura — disse Lars.

— Concordo — falou Napoleon. — Temos que entrar no jogo e aproveitar a primeira oportunidade que encontrarmos de sair daqui.

— Eu acreditei nela — afirmou Carmel com tristeza. — Acreditei nisto aqui. — Ela indicou a sala ao redor. — Achei que estava sendo transformada.

— Então, eu estou representando você — falou Frances para Lars com nervosismo. — Precisamos conversar. Nossa, eu daria qualquer coisa por uma *caneta*.

— Bem, estou supostamente representando você, Frances, nesse… *jogo* grotesco — disse Heather, suspirando em seguida. — Então acho que também precisamos conversar.

— Sim, sim, certo, só me deixe falar com meu cliente primeiro — pediu Frances com a respiração arfante.

Ela levou a mão ao peito para tentar se acalmar. Lars sorriu para ela. Devia ser o tipo de pessoa que brincava de mímica com uma seriedade adorável e pouco talento, como se fosse questão de vida ou morte, e agora que talvez de fato fosse questão de vida ou morte (certamente não!) estava correndo o risco de sofrer hiperventilação.

— Vamos bater um papo, Frances — disse Lars em tom tranquilizador. — E depois você pode explicar para Heather por que merece viver.

— Isso é patético — falou Heather quando eles formaram pares.

— Somos um número ímpar — disse Napoleon. — Vou esperar minha vez. — Ele baixou ainda mais a voz: — Vou continuar procurando um jeito de sair daqui.

Ele se afastou com as mãos nos bolsos da bermuda de pai.

Lars e Frances foram se sentar em um canto.

— Certo. — Frances se sentou de pernas cruzadas diante de Lars e franziu a testa. — Conte *tudo* sobre sua vida, seus relacionamentos, sua família.

— Diga a ela que eu sou um filantropo, que faço muitas coisas pela comunidade, trabalho voluntário…

— É mesmo? — interrompeu Frances.

— Você escreve ficção! — exclamou Lars. — Vamos inventar! Não importa o que você diga, contanto que pareça que estamos seguindo o exercício.

Frances discordou com a cabeça.

— A mulher pode ser louca, mas consegue reconhecer uma mentira de longe. Vou fazer o exercício e vou fazer direito. Me conte tudo, Lars, agora mesmo. Não estou brincando.

Lars gemeu e passou os dedos pelo cabelo.

— Eu ajudo mulheres — disse ele. — Só represento mulheres em divórcios.

— É sério? — perguntou Frances. — Não é discriminatório?

— Consigo minhas clientes por indicação — falou Lars. — Todas elas se conhecem, são esse tipo de mulher que joga tênis juntas.

— Então você só representa mulheres ricas? — questionou Frances.

— Não faço isso por *amor* — retorquiu Lars. — Ganho bem. Só garanto que certo tipo de homem pague um preço justo pelos seus pecados.

Frances tamborilou a unha do polegar nos dentes da frente, como se fosse uma caneta imaginária.

— Está se relacionando com alguém?

— Estou — respondeu Lars. — Estamos juntos há quinze anos. O nome dele é

Ray e ele provavelmente iria preferir que eu não fosse "condenado à morte".

Lars sentiu um anseio repentino por Ray e por sua casa, por música e pelo chiado do alho na frigideira, pelas manhãs de domingo. Estava farto de spas. Quando saísse dali, iria tirar férias com Ray, faria um tour gastronômico pela Europa. Ray estava magro demais. Os olhos pareciam enormes para o rosto. Todos aqueles passeios obsessivos de bicicleta. As pernas girando em um borrão, subindo e descendo as ladeiras de Sydney cada vez mais rápido, tentando liberar endorfina, tentando esquecer que estava em uma relação em que dava mais do que recebia.

— Ele é uma boa pessoa — disse Lars, e se surpreendeu ao perceber que estava à beira das lágrimas, porque lhe ocorreu que, se morresse, Ray seria escolhido como se fosse uma promoção boa demais para ser verdade em um supermercado, e outra pessoa poderia facilmente amá-lo da forma como ele merecia.

— Pobre Ray — murmurou Frances, como se soubesse o que ele estava pensando.

— Por que disse isso? — perguntou Lars.

— Ah, é que você é tão bonito. Eu me apaixonei brevemente por um homem lindo na minha juventude e foi terrível, e você é tão… — ela fez um gesto para ele — …absurdo.

— Isso é meio ofensivo — afirmou Lars.

Havia muito preconceito contra pessoas como ele. Ninguém fazia ideia.

— Ah, está bem, conte outra — falou Frances. — Então… Não tem filhos?

— Não — respondeu Lars. — Ray quer ter. Eu, não.

— Eu também nunca quis ter filhos — contou Frances.

Lars lembrou da sogra no aniversário de trinta e cinco anos de Ray, no mês anterior. Como sempre, ela "bebera além da conta", o que significava que tomara duas taças de champanhe.

"Será que você não pode deixar que ele tenha *um* bebê, Lars? Só um bebezinho? Não vai precisar levantar um dedo, eu juro", dissera ela.

— A terapia psicodélica trouxe alguma revelação específica sobre sua vida? — perguntou Frances, então. — Masha provavelmente gostaria que eu mencionasse isso.

Lars pensou na noite anterior. Algumas partes haviam sido espetaculares. Em determinado momento, ele percebera que podia *ver* a música saindo dos fones de ouvido em ondas iridescentes. Ele e Masha haviam conversado, mas ele achava que não houvera nenhuma revelação particular. Passara muito tempo falando com ela sobre a cor da música e sentira que talvez a tivesse deixado entediada, o que Lars considerara um tremendo insulto, porque falava de forma muito eloquente e poética.

Ele não contou para Masha sobre o menininho que ficara aparecendo em suas

alucinações na noite anterior. Ela teria gostado daquilo.

Sabia que a criança de cabelo escuro e rosto sujo que ficava puxando sua mão estava ali para lembrá-lo de algo importante e traumático que acontecera na sua infância, uma daquelas memórias formadoras que os terapeutas sempre ficam felicíssimos em desenterrar.

Ele se recusara a seguir o jovem Lars.

"Estou ocupado", dizia, enquanto voltava a se deitar em uma praia para apreciar as cores da música. "Chame outra pessoa."

Não ligo para o que meu inconsciente está tentando me dizer, mas agradeço mesmo assim.

Em dado momento da noite, ele começara a conversar com Delilah, e não parecera algo terapêutico, e sim um bate-papo; ele tinha certeza de que sentira uma brisa marinha enquanto conversavam.

"Você é igualzinho a mim, Lars", dissera ela. "Está cagando, não é? Não está nem aí."

Será que Delilah tinha um cigarro na mão naquele momento? Certamente não.

"Como assim?", perguntara Lars sem entusiasmo.

"Você sabe o que eu quero dizer."

Ela parecera segura, como se conhecesse Lars melhor do que ele conhecia a si mesmo.

Frances batia depressa os nós dos dedos nas bochechas.

— Pare de se bater — disse Lars.

Ela baixou a mão e falou:

— Nunca representei ninguém no tribunal.

— Isso aqui não é um tribunal. É só um jogo idiota.

Lars olhou para Jessica, supostamente grávida.

— Diga a Masha que meu companheiro e eu estamos planejando ter um bebê — pediu ele em tom casual.

— Não podemos mentir — insistiu Frances, claramente frustrada com ele, coitada.

A expressão de Frances o fazia lembrar de Ray quando Lars fazia algo que o irritava ou o frustrava. Os lábios apertados um contra o outro. A curva resignada dos ombros. Aquele olhar decepcionado.

Ele se lembrou do rosto travesso do menininho da noite anterior e se deu conta de repente de que não era ele próprio. O menino tinha olhos cor de avelã. Os olhos de *Ray*. Ray, a irmã e a mãe tinham os mesmos olhos. Olhos que deixavam Lars com vontade de esconder os seus, por causa de todo aquele amor, confiança e lealdade

apavorantes.

— Diga a Masha que se eu não viver vou processá-la por homicídio culposo — disse Lars a Frances. — Vou ganhar. Garanto a você que vou ganhar.

— O quê? — disse Frances com a testa franzida. — Isso não faz o menor sentido!

— Nada disso faz sentido — falou Lars. — Nada.

Viu o menininho de cabelo escuro e olhos cor de avelã outra vez, sentiu o puxão da mão dele e ouviu sua voz insistente: *Preciso mostrar uma coisa para você.*

SESSENTA E QUATRO

Jessica

Jessica e Zoe estavam sentadas de frente uma para a outra, de pernas cruzadas, em um tapete de ioga, como que prestes a fazer um exercício de Pilates em dupla.

Jessica daria qualquer coisa para estar em uma aula de Pilates naquele momento. Até mesmo em uma daquelas aulas baratas que fazia antes de ganharem dinheiro, naquele salão comunitário frio, com todas as mães da região.

— Você acha que isso é, sei lá… sério?

Os olhos de Zoe se voltavam para seus pais e retornavam rapidamente. Jessica não teve como deixar de notar que a menina tinha lindas sobrancelhas naturais.

— Hum, é, meio que acho — respondeu Jessica. — Acho que Masha é, tipo, capaz de qualquer coisa. Ela parece muito instável.

Tentou controlar a respiração. O medo avançava e recuava em sua barriga, como ondas de enjoo em um brinquedo de parque de diversão.

— Claro que ela não, tipo, *executaria* ninguém — disse Zoe com um sorriso firme, como que decidida a deixar claro que aquilo era uma piada.

— Claro que não — falou Jessica, mas como podia saber o que aquela mulher era capaz de fazer? Dera drogas para eles sem consentimento, e ninguém sabia o que fizera com Yao e Delilah. — É um exercício, só isso, para nos fazer pensar. É só um exercício bobo.

— Estou com medo que minha mãe contrarie Masha. Ela não está levando isso a sério o bastante.

Zoe olhou para Heather.

— Não se preocupe, vou me sair muito bem defendendo sua mãe — afirmou Jessica. — Ela é *obstetriz*. Ajuda a trazer vidas novas para o mundo. Além disso, eu participava da equipe de debate. Era a primeira oradora.

Jessica é uma aluna dedicada. Era o comentário que mais via em seus boletins.

— E eu vou me sair bem defendendo você! — disse Zoe, se empertigando, com a atitude de aluna dedicada. — Então, bom, pensei que, antes de tudo, claro que eu

tenho que mencionar sua gravidez, não é? Não se pode executar uma mulher grávida. Seria contra alguma convenção ou coisa assim, certo?

— É verdade — respondeu Jessica, incerta, embora não soubesse por que se sentia assim.

Seria porque a gravidez não estava confirmada? Porque parecia estar se aproveitando de um detalhe? Ela só merecia viver porque seu bebê inocente merecia viver?

E se ela não estivesse grávida, *por que* mereceria viver? Só porque *queria* muito? Porque seus pais a amavam? Porque sabia que sua irmã também a amava, mesmo que as duas não estivessem se falando? Porque seus seguidores no Instagram costumavam dizer que ela havia mudado o dia deles? Porque no último ano financeiro as doações que fizera para instituições de caridade haviam superado seu antigo salário anual?

— Quando ganhamos o dinheiro, tentamos muito, sabe como é, não ser *egoístas* — contou para Zoe. — Dividir com as pessoas, doar para instituições de caridade. — Passou os dedos pelo cabelo como se fossem um pente e baixou a voz. — Mas não doamos *tudo*.

— Ninguém esperaria isso — afirmou a menina. — O prêmio era de vocês.

— Isso é uma coisa da minha vida antiga de que sinto falta — admitiu Jessica. — Antes de ficarmos ricos, não precisávamos pensar se éramos pessoas "boas", porque não tínhamos tempo para ser bons. Só estávamos pagando as contas, sobrevivendo, levando a vida. Meio que era mais fácil. — Ela estremeceu. — Parece que estou reclamando, mas juro que não.

— Já li sobre pessoas que ganharam na loteria e saíram gastando o dinheiro loucamente, terminaram o relacionamento e perderam tudo, precisando de ajuda do governo.

— Pois é! — disse Jessica. — Quando a gente ganhou, eu fiz uma pesquisa aprofundada sobre ganhadores da loteria. Então, tipo, eu conhecia os riscos.

— Pois eu acho que você lidou muito bem com isso — elogiou Zoe.

— Obrigada — respondeu Jessica, satisfeita, porque às vezes desejava que alguém lhe desse uma nota boa pela forma como lidara com o dinheiro.

Tentara com afinco ser uma ganhadora bem-comportada. Investir com cautela, dividir de forma adequada, ouvir conselhos financeiros, frequentar eventos chiques de arrecadação onde pessoas assustadoramente elegantes bebericavam champanhe francês enquanto gastavam quantias obscenas com itens misteriosos de leilões de caridade: "É tudo por uma boa causa, senhoras e senhores!" Ela pensou em Ben mexendo na gravata-borboleta e resmungando: "Quem *são* essas pessoas?"

Será que ela deveria ter gastado mais naqueles eventos de caridade? Menos? Será que não deveria ter ido e ponto? Devia ter mandado um cheque? O que teria feito dela uma pessoa melhor, mais merecedora da vida naquele momento?

Se aquilo estivesse acontecendo antes do dinheiro, o que Zoe diria? Jessica merece viver porque trabalha duro em um emprego entediante para cacete e nunca viajou de classe executiva, que dirá de primeira classe, então que vida é essa?

Agora o dinheiro a definia. Ela nem sequer sabia quem era antes dele.

— Ben não quis tomar decisão nenhuma a não ser escolher o carro que ia comprar — disse ela a Zoe. — Ele não queria que nada mudasse... E isso é meio que impossível.

Ela tocou os próprios lábios e observou os seios, que eram objetivamente o máximo.

Será que sua defesa seria mais fácil se ela não tivesse aquela aparência? Se não tivesse gastado tanto dinheiro com o corpo?

"Por que alguém *escolheria* ficar igual a uma daquelas Kardashian horrorosas?", perguntara sua mãe certa vez.

Porque Jessica achava que as Kardashian horrorosas eram deslumbrantes. Era um direito seu pensar isso. Antes do dinheiro, Ben babava ao olhar imagens de carros de luxo e Jessica babava ao olhar fotos de modelos e estrelas de reality shows que talvez fossem editadas no Photoshop, mas ela não ligava. Ele conseguiu o carro, ela conseguiu o corpo. Por que seu corpo novo era mais superficial do que o carro novo dele?

— Desculpe.

Voltou a olhar para Zoe e se lembrou de que o irmão da menina havia se suicidado. Ela provavelmente nunca conhecera ninguém mais superficial que Jessica em toda a vida.

— Nada disso ajuda a construir minha defesa, não é? Por que essa garota merece viver? Ah, porque ela se esforçou muito para fazer a coisa certa quando ganhou na loteria.

Zoe não sorriu, mas lançou um olhar muito sério e concentrado para Jessica.

— Não se preocupe, posso dizer isso de um jeito melhor. — Ela olhou a tela da televisão onde o rosto de Masha havia aparecido. — O que acha que vai acontecer depois? Depois desse jogo idiota?

— Não sei — falou Jessica com sinceridade. — Parece que qualquer coisa pode acontecer.

SESSENTA E CINCO

Masha

Masha pegou uma almofada da Sala Lavanda. Yao não emitiu nenhum som quando ela ergueu a cabeça dele e deslizou a almofada para debaixo da bochecha. Suas pálpebras trêmulas não estavam totalmente fechadas, mostravam pedacinhos reluzentes dos olhos.

Ela se lembrou de ajeitar um cobertor em torno de um pequeno ser adormecido. A lembrança parecia pertencer a outra pessoa, mas ela sabia que era sua. A memória não tinha textura, cheiro ou cor; era como as cenas das câmeras de segurança no prédio.

Não, aquilo não estava certo. Podia dar cor e textura à memória se quisesse.

O cobertor era amarelo. Tinha cheiro de xampu Johnson Chega de Lágrimas. O som era a melodia tilintante da canção de ninar de Brahms enquanto um móbile com brinquedos pendurados girava em círculos lentos. O toque era o de uma pele macia e morna sob a ponta dos seus dedos.

Mas ela não escolheu se lembrar daquilo naquele instante.

Desligou o monitor para deixar de ver e ouvir os hóspedes. Precisava de um tempo sem eles. O som das vozes deles parecia uma unha arranhando um quadro-negro.

O sedativo que dera para Yao era o que tinham preparado caso algum hóspede reagisse mal aos sucos da véspera e ficasse violento ou agitado, tornando-se uma ameaça para si ou para os outros. Masha imaginava que Yao dormiria por algumas horas tranquilas e depois ficaria bem. Fora ele próprio quem ensinara Masha e Delilah a dar a injeção no caso de uma emergência.

Aquilo não havia sido planejado, mas ficara claro para ela que a perda de confiança de Yao no protocolo era um risco grave. Ele precisava ser temporariamente afastado do processo estratégico de tomada de decisões. Ela tivera que agir rápido e assim fizera, da mesma forma como costumava afastar membros ineficientes da sua equipe, ou até mesmo departamentos inteiros. Sua habilidade de tomar decisões ágeis e executá-las diante de mudanças fora um dos seus pontos fortes ao longo de toda a vida profissional. *Agilidade*. Era isso. Ela era metafórica e literalmente ágil.

Mas, quando Yao dormiu, ela se sentiu estranhamente só. Sentia falta dele. Sentia falta de Delilah também. Sem Yao ou Delilah ali, não havia ninguém para aconselhar, ninguém observando suas ações, ninguém a quem ela precisasse se explicar. Era estranho. Masha passara sozinha por grandes momentos da vida. Quando estava reformando a Tranquillum House, criando e aperfeiçoando o plano de desenvolvimento pessoal que resultara na sua incrível transformação física e espiritual, ficara meses sem ver ninguém, e não sentira falta de companhia. Mas sua vida era diferente agora. Era raro ela ficar sozinha. Sempre havia gente na casa: sua equipe, seus hóspedes. Aquela dependência das pessoas era uma fraqueza. Precisava trabalhar isso. Ela era um trabalho em andamento.

Nada permanece o mesmo.

Estava oferecendo um exercício hipotético para os hóspedes, mas o medo deles tinha que ser real. Ela não vira medo o bastante. Vira ceticismo e dúvida. Aquelas pessoas eram desrespeitosas. Eram ingratas. E, francamente, nada inteligentes.

As drogas não haviam sido baratas. Tinham diminuído suas margens de lucro. Ela se dispusera a ter menos lucro pelo bem deles. O querido Yao trabalhara muito para garantir as dosagens certas para cada hóspede. Tinham ficado acordados até tarde para acertar aquilo!

O novo protocolo deveria ser uma reviravolta em sua carreira. Ela estava pronta para voltar a fazer parte de um mundo maior. Sentia falta do reconhecimento público que apreciara na vida corporativa: os perfis em revistas de negócios, os convites para discursar em instituições. Ela queria publicar artigos e falar em conferências e eventos. Já tinha lançado a ideia de um possível contrato para escrever um livro. A resposta fora positiva. *Transformação pessoal é um assunto que nunca sai de moda*, escrevera uma editora. *Mantenha-nos informados.*

Masha gostava de imaginar os antigos colegas vendo sua reencarnação. Provavelmente não a reconheceriam de imediato, então reagiriam com surpresa e inveja. Ela havia escapado da corrida de ratos e olhe só o que conquistara. Sairia em revistas e daria entrevistas para a televisão. Ela contrataria uma assessora de imprensa. Sem dúvida mencionaria Yao nos agradecimentos do livro, e até consideraria promovê-lo a um cargo mais importante na Tranquillum House enquanto ela estivesse ocupada com a turnê de lançamento.

O futuro glorioso e reluzente de Masha estava diante dela, e aqueles imbecis eram um obstáculo. Ela previa uma fila de espera de um ano depois que a notícia do seu sucesso se espalhasse. Teriam que aumentar os preços para refletir a demanda. Aquelas pessoas tinham a oportunidade de participar daquele programa incrível a preço de

banana e só reclamavam.

Achavam que estavam com fome! Já tinham passado fome de verdade? Já tinham ficado por *mais de cinco minutos* em uma fila para comprar alimentos básicos?

Masha olhou para a tela vazia do computador e pensou em ligá-la, mas não queria vê-los agora. Estava com muita raiva deles. Aquela Heather Marconi era desrespeitosa demais. Masha não gostava dela.

Se algum deles tivesse cérebro, àquela altura já poderiam ter saído da sala e estar a caminho da delegacia para reclamarem sobre como haviam sido *maltratados*, quando a verdade era que ela cuidara deles com carinho.

Masha pegou uma chave na primeira gaveta e abriu o armário debaixo da mesa.

Por um instante, ficou sentada examinando o conteúdo. Salivou. Ela se inclinou para a frente e agarrou um saco de Doritos e um pote de molho. O saco era gordo e macio e estalava sob sua mão.

Masha se lembrou da mulher que voltava para casa tarde da noite depois de trabalhar dezesseis horas e se sentava em uma sala escura diante da televisão para comer Doritos com molho sem nem sequer prestar atenção. Aquela era a refeição noturna de Masha. Ela não ligava para seu corpo. Seu corpo não significava nada. Só comprava roupas cada vez maiores. A única coisa com que se importava era o trabalho. Ela fumava e não se exercitava. Como dissera a médica, ela era um ataque cardíaco ou um derrame esperando para acontecer.

Ela abriu o pacote e sentiu o cheiro de queijo falso e sal. Ficou com água na boca. Seu estômago se revirou, com nojo de si. Já fazia mais de um ano desde a última vez que se permitira cometer aquele ato depravado e repugnante. Tudo aquilo era por causa dos hóspedes ingratos.

Da última vez que comera Doritos, também fora culpa de um hóspede. Ele avaliara a Tranquillum House no TripAdvisor com uma estrela e escrevera uma litania de mentiras. Dissera que havia percevejos na cama. Postara fotos das picadas. Mas não havia percevejos. Ele tinha inventado aquilo porque no último dia Masha lhe dissera que ele estava na fila de espera para um ataque cardíaco ou um derrame, a menos que continuasse mudando o estilo de vida quando voltasse para casa. Sabia disso porque o *reconheceu* como a pessoa que ela própria já havia sido. Mas o ofendeu com o uso da palavra "gordo". Ele *era* gordo. Por que a surpresa? Não tinha sido por isso que fora até ali?

Masha colocou o primeiro Doritos na língua e seu corpo inteiro tremeu com a reação química provocada. Ela sabia exatamente quantas calorias estava prestes a consumir e quanto exercício seria necessário para queimar todas elas. (Ou poderia

vomitar.)

Quebrou o Doritos com os dentes e abriu o pote de molho girando o pulso com força. Antigamente tinha braços fracos e inúteis que teriam sofrido para abrir o pote. A mulher triste e gorda diante da televisão costumava falar palavrões e afastar a tampa com uma colher, tentando abrir.

Na vida anterior àquela, havia um homem para abrir potes. Ela costumava chamar seu marido com rispidez, como se ele fosse um empregado, então ele abria o pote, sorria e a tocava. Vivia tocando nela. Ela havia sido tocada todos os dias, durante anos e anos.

Mas aquela era outra pessoa. Fazia décadas que não a tocavam com amor.

Pensou brevemente na mão de Yao tocando a sua, pegou outro Doritos do pacote e o cobriu com o molho vermelho e brilhante.

Yao emitiu um ruído discreto, feito uma criança. Suas bochechas estavam rosadas. Parecia um bebê febril.

Masha levou o dorso da mão à testa dele e a manteve ali por um instante. Não estava quente.

Enfiou o Doritos na boca e começou a comer cada vez mais rápido, as migalhas amarelas caindo na mesa e no seu vestido enquanto ela se permitia recordar o último dia daquela vida, tanto tempo atrás.

Era domingo. Seu ex-marido tinha saído, estava sendo um australiano "relaxado". Os australianos gostavam de dizer que eram "relaxados", como se isso fosse bom. Ele aceitara o convite de um colega de trabalho para participar de um jogo em que atiravam uns nos outros com bolas de tinta. Seria "divertido" e "muito engraçado".

Sim, parecia muito relaxante: correr por aí atirando nas pessoas. As outras esposas iam, mas Masha ficou em casa com o bebê. Não tinha nada em comum com aquelas mulheres, e elas se vestiam tão mal que aquilo a deixava deprimida e com saudade de casa. Masha era uma mãe que trabalhava. Tinha trabalho a fazer. Era dez vezes mais inteligente que todos os homens da empresa onde trabalhava, mas precisava trabalhar dez vezes mais para ter o reconhecimento que merecia.

Era alta demais. Às vezes seus colegas fingiam não entendê-la, e outras vezes ela notava que realmente não a entendiam, por mais que falasse inglês melhor do que eles. Não apreciava o humor deles — nunca ria na hora certa — e eles não apreciavam o seu. Quando contava uma piada, muitas vezes uma piada muito engraçada, sofisticada e inteligente, eles a olhavam com expressões confusas e embasbacadas.

Deixara muitos amigos para trás, mas ali sentia uma timidez estranha. Sentir aquilo lhe causava raiva e rancor, porque em seu país jamais teria sido chamada de tímida.

Mantinha uma atitude rígida por não suportar que rissem dela, e sempre havia a possibilidade de que não compreendesse algo, ou de que alguém não a compreendesse. Seu marido não ligava quando aquilo acontecia. Achava engraçado. Mergulhara temerariamente de cabeça na vida social antes de conhecer as regras, e as pessoas o amavam. Masha tinha orgulho dele por isso, mas também um pouco de inveja.

Certa vez, Masha e o marido foram convidados para o que ela imaginara ser um jantar elegante na casa do chefe dela. Vestiu-se muito bem, muito sexy, de salto alto e vestido. Todas as mulheres, à exceção de Masha, tinham ido de calça jeans.

O convite dizia: "Traga sua própria carne." Masha dissera com segurança ao marido: "Não, não, é uma piada! Uma piada australiana. Não é muito engraçada, mas com certeza é uma piada."

Eles não cometeriam o erro constrangedor de levar aquilo a sério.

Mas não era piada. As mulheres de calça jeans seguravam sacolas plásticas nas mãos. As sacolas continham pacotes de carne crua. Só o bastante para duas pessoas. Dois bifes. Quatro salsichas. Masha não acreditava no que estava vendo.

Seu marido foi rápido. Deu um tapa na própria testa.

"Ah, não, deixamos nossa carne em casa!", dissera ele ao anfitrião.

"Não se preocupe. Temos carne de sobra."

Era tão generoso da parte dele dividir um pouco da carne com os convidados que chamara para sua casa.

No instante em que entraram pela porta, as mulheres e os homens se dividiram em grupos separados, como se não pudessem conversar entre si. Os homens ficaram em torno da churrasqueira, cozinhando demais a carne durante o que pareceram horas. A comida estava intragável. Não havia cadeiras. As pessoas se acomodavam em qualquer lugar. Três mulheres se sentaram em uma *mureta*.

Depois daquele dia, Masha decidiu não se preocupar em estabelecer um círculo social em Sydney. Para quê? Tinha um bebê de onze meses, um trabalho exigente em tempo integral e um marido. Tinha uma vida ocupada, prazerosa, e era feliz de verdade, mais feliz do que nunca. Era gratificante ter um bebê tão evidentemente superior aos outros, tanto em termos de beleza quanto de inteligência. Aquilo era um fato. Seu marido concordava. Às vezes sentia pena das outras mães quando elas viam seu bebê sentado com dignidade, a coluna reta dentro do carrinho, o cabelo louro brilhando ao sol (tantos bebês eram carecas, feito velhinhos), virando a cabecinha de um lado para outro enquanto observava o mundo com seus grandes olhos verdes. Quando achava graça em algo, o que acontecia com frequência (puxara isso do pai),

ele dava uma risada que saía da barriga, surpreendentemente profunda, e todos que o ouviam tinham que rir também, e, naquele instante, enquanto Masha trocava sorrisos com todos ao redor, sorrisos verdadeiros, não por educação, ela não se sentia nem um pouco isolada; era uma moradora de Sydney, uma mãe passeando com o filho.

Naquele domingo ela estava quase acabando de trabalhar quando o bebê acordou. Já não chorava mais ao acordar. Só fazia um "aaaah" musical, como se brincasse com a própria voz. Deixava o som aumentar e baixar, aumentar e baixar. Era desafinado como o pai cantando enquanto mexia a panela no fogão.

Em determinado momento, ele chamou: "Ma-ma! Ma-ma!" Era tão inteligente. Muitas crianças daquela idade não tinham uma palavra sequer no vocabulário.

"Estou indo, meu lapochka!", dissera ela.

Só precisava de mais cinco minutos e teria terminado.

Ele voltou a ficar em silêncio. Ela terminou o que estava fazendo. Levou menos de cinco minutos, talvez quatro.

"Cansou de me esperar, meu amorzinho?", perguntara ela, abrindo a porta do quarto.

Achou que ele tivesse dormido outra vez.

Já estava morto.

Tinha se estrangulado brincando com o fio branco e comprido da persiana. Não era um acidente raro, ela descobriu depois. Outras mulheres tinham visto o que ela viu naquele dia. Seus dedos trêmulos haviam desamarrado seu bebê precioso.

Hoje em dia, havia etiquetas com aviso nos fios das persianas. Masha sempre as via quando entrava em um cômodo, mesmo de muito longe.

Seu marido, de pé no hospital vestindo o macacão sujo de tinta que usara no jogo, disse que fora um acidente e não havia o que perdoar. Ela se lembrava dos respingos azuis em seu maxilar, feito chuva azul.

Também se lembrava de um momento estranho em que olhara para todos os desconhecidos ao redor e desejara a presença da própria mãe, uma mulher que nunca gostara realmente de Masha, muito menos a amara, e que não lhe reconfortaria de nenhuma forma. No entanto, por um breve instante de dor, Masha desejou sua presença.

Ela recusou o perdão do marido. Seu filho a chamara e ela não fora. Era inaceitável.

Abriu mão do marido. Insistiu que ele encontrasse outra vida, e ele o fez, por fim, embora tivesse demorado muito, muito mais do que ela desejara. Sentiu um alívio enorme quando ele se foi, quando ela parou de sentir dor ao ver aquele rosto tão parecido com o do seu filho lindo.

Embora Masha se recusasse a ler os e-mails que ele mandava e não quisesse saber nada a respeito dele, descobrira por acaso, muitos anos antes — ao esbarrar com um sujeito em uma praça de alimentação que ainda era amigo do seu ex, um homem que estava presente no dia em que atiraram as bolas de tinta —, que seu ex-marido estava saudável, feliz, havia se casado com uma australiana e tivera três filhos.

Masha esperava que ele ainda cantasse ao cozinhar. Ele talvez fizesse isso. Em sua pesquisa, lera sobre a teoria da adaptação hedônica, que dizia que as pessoas retornavam a um nível preestabelecido de felicidade independentemente do que acontecia com elas, fosse algo muito bom ou muito ruim. Seu marido era um homem simples e feliz, enquanto Masha era uma mulher complexa e infeliz.

O filho de Masha completaria vinte e oito anos em agosto. Ele provavelmente teria uma relação difícil com ela se tivesse vivido. Talvez os dois brigassem como Masha brigava com a própria mãe. Em vez disso, ele seria para sempre seu bebê cantante, risonho, e um jovem lindíssimo de boné caminhando na sua direção em um lago colorido.

Ela deveria ter tido a chance de ficar com ele.

Masha olhou o saco vazio de Doritos. Seus dedos estavam manchados de amarelo como os do seu pai ficavam pela nicotina. Ela esfregou a boca com a base da mão e ligou novamente o monitor para observar os hóspedes.

Viu que estavam todos acordados, sentados em grupinhos, conversando, daquele jeito australiano relaxado. Estavam relaxados demais. Aquilo não era nenhuma noite escura da alma. Poderia ser um churrasco. Aquelas pessoas não acreditavam de verdade que estavam lidando com condenações à morte.

Nenhum funcionário de uma equipe sua jamais a desafiara da forma como aquela gente a desafiava.

A tela do monitor pulsava como se estivesse viva. Seria algum defeito? Encostou o dedo e sentiu a tela se agitar feito um peixe moribundo.

Ficou confusa por um momento até se lembrar de que tomara setenta e cinco miligramas de LSD mais cedo para melhorar a clareza mental na hora das decisões. Aquilo era simplesmente uma alucinação. Ela precisava relaxar e permitir que seu cérebro encontrasse todas as conexões corretas.

Olhou ao redor do cômodo e encontrou um aspirador de pó parado no canto do escritório. Ele não pulsava. Era muito real. Ela só não o notara antes. Os faxineiros deviam tê-lo deixado ali. Havia faxineiros excelentes lá. Ela só recrutava e contratava os melhores. Era importante para manter os padrões de qualidade em todos os níveis do negócio.

Havia algo muito familiar no aspirador de pó.

— *Ah!* — disse ela, pois seu pai estava pegando desajeitadamente o aspirador com ambas as mãos.

Era um objeto pesado. Ele andou até a porta com o aspirador.

— *Não, não, não!* — gritou ela. — *Papochka!* Solte isso! Não vá embora!

Mas ele a olhou com tristeza e sorriu, então foi embora, e nenhum homem jamais a amaria como o pai a amara.

Ele não era real. Ela sabia disso. Era muito fácil ver o que era real e o que não era. Sua mente estava muito lúcida, lúcida o suficiente para notar a diferença.

Ela fechou os olhos.

A voz do seu bebê a chamava. *Não. Não é real.*

Ela abriu os olhos e ele engatinhava pelo escritório, balbuciando palavras sem sentido.

Ela fechou os olhos depressa. *Não. Não é real.*

Abriu os olhos. Um cigarro a acalmaria.

Abriu mais uma vez seu armário secreto e pegou um maço fechado de cigarros e um isqueiro. A geometria do maço a fascinou. Cada um dos ângulos matematicamente alinhados era muito agradável.

Ela abriu o maço, pegou um cigarro e rolou a forma cilíndrica para lá e para cá com as pontas dos dedos. O isqueiro era laranja, uma cor tão intensa e linda que a deixou impressionada.

Passou o dedo pela rodinha rígida do isqueiro. Uma chama dourada surgiu de forma imediata e obediente.

Ela a soltou, depois repetiu o gesto.

O isqueiro era uma fábrica em miniatura produzindo chamas perfeitas sob encomenda. Havia muita beleza na produção eficiente de bens e serviços.

Uma ideia de clareza cristalina: Masha devia esquecer completamente a indústria da saúde e voltar ao mundo corporativo. Esquecer sua reviravolta. Deveria *pular*. Bastaria reativar sua conta no LinkedIn e em poucos instantes estaria sendo procurada, recusaria ofertas.

O menino de boné estava sentado do outro lado da mesa, cobrindo o chão dela com poças iridescentes.

— O que acha? — perguntou a ele. — Devo fazer isso?

Ele ficou calado, mas ela percebeu que achava uma boa ideia.

Chega de hóspedes metidos e ingratos. Ela voltaria a comandar diversos departamentos de uma empresa como se fosse uma orquestra: contabilidade,

pagamentos, vendas e marketing; tudo lhe voltava à mente, a solidez gloriosa e inabalável de uma estrutura hierárquica documentada com seu nome no topo. Tomaria microdoses diárias para otimizar a produtividade. Idealmente, sua equipe faria o mesmo, embora as pessoas do RH fossem ter várias objeções.

Ela começara uma vida nova quando emigrara, quando seu filho morrera, e mais uma vez quando seu coração parara. Poderia fazer de novo.

Venderia aquela propriedade e compraria um apartamento na cidade.

Ou…

Ela examinou a pequena chama tremulante. A resposta estava bem ali.

SESSENTA E SEIS

Ben

— Então, Napoleon, você é meu — disse Ben, acompanhando o homem mais velho, que andava de um lado para outro do cômodo. — Quer dizer, vou defender você.

Achava que deveria chamá-lo de Sr. Marconi ou só de senhor, pelo menos. Ele tinha aquele ar professoral. O tipo de professor que você ainda queria impressionar, mesmo depois de terminar a escola, quando o encontrava no mercado, achando-o surpreendentemente baixo. Se bem que ele não conseguia imaginar Napoleon parecendo baixo.

— Obrigado, Ben — falou Napoleon, como se Ben tivesse escolha.

— Então está bem. — Ele massageou a própria barriga. Nunca sentira tanta fome na vida. — Acho que é muito simples o motivo por que você merece ser suspenso da execução. É marido e pai, e, bem, espero que não tenha problema se eu incluir isso no meu discurso, mas sua esposa e sua filha já perderam muito, não foi? Não podem perder você também.

— Pode dizer isso, se quiser. — Napoleon deu um sorriso triste. — É verdade.

— E é professor — continuou Ben. — Então jovens dependem de você.

— Sim, é.

Napoleon esfregou os nós dos dedos nos tijolos. Ben já o vira fazer aquilo centenas de vezes desde que entraram ali, como se esperasse encontrar um tijolo solto que os deixasse sair. Ben sabia que não havia esperança. A única saída era pela porta.

— Devo dizer mais alguma coisa? — perguntou Ben, e sua voz tremeu.

Quando teve que fazer um brinde no casamento de Pete, achou que ia desmaiar. E agora tinha que defender a *vida* daquele sujeito?

Napoleon parou de olhar a parede e se voltou para Ben.

— Cara, acho que não importa o que você vai dizer. Eu não levaria isso muito a sério. — Deu um tapinha no ombro dele. — Acho que precisamos levar *Masha* a sério, não o jogo em si.

— Você ficou com um péssimo advogado de defesa — confessou Ben. — Eu dei

sorte. Lars vai me defender, e ele já *esteve* em um tribunal.

Quando Lars teve sua "reunião" com Ben, só fez duas ou três perguntas antes de dizer "O que acha disso?" e começar o discurso eloquente, como algo saído da *televisão*, sobre como Ben era um jovem moralmente correto no início da vida adulta, prestes a se tornar pai, bastante comprometido com seu casamento, com muito a oferecer para a esposa, a família, a *comunidade* e assim por diante. Tudo saiu com fluidez, sem um único "hum" ou "né".

"Acha que vai funcionar?", perguntara ele no fim.

"Claro", dissera Ben, impressionado.

Então Lars se dirigira ao banheiro para arrumar o cabelo, preparando-se para sua "apresentação".

— Fico apavorado de falar em público, nem consigo respirar — disse Ben a Napoleon.

— Sabia que a única diferença entre o medo e a empolgação é a respiração? — perguntou Napoleon. — Quando você fica com medo, prende o ar na parte superior dos pulmões. Tem que soltar o ar. Assim: *Ahhhhh*. — Ele levou a mão ao peito e demonstrou, soltando o ar de forma lenta e demorada. — Como o som que as pessoas fazem depois de verem fogos de artifício. *Ahhhhh*.

Ben o acompanhou:

— *Ahhhhh*.

— Isso — disse Napoleon. — Vamos fazer o seguinte: eu vou primeiro. Vou defender Tony, deixando Masha muito entediada enquanto falo sobre a carreira dele no futebol. Quero fazer uma lista de todos os jogos de que ele participou. Ela vai ver só. — Ele parou diante da viga ao lado do tijolo com a inscrição. — Você viu isso?

— O rabisco dos presidiários?

Delilah mostrara para eles durante o primeiro tour que fizeram pela casa. Ben e Jessica não tinham demonstrado muito interesse.

Napoleon sorriu.

— Fascinante, não é? Eu li sobre a história da propriedade antes de virmos. Esses caras conseguiram ser soltos e se tornaram pedreiros respeitáveis, bastante requisitados. Muito mais bem-sucedidos do que teriam sido na Inglaterra, de onde vieram. Eles têm milhares de descendentes nesta área. Quando foram condenados a vir para a Austrália, aposto que ficaram arrasados. Devem ter achado que era o fim do mundo. Mas isso acabou garantindo o sucesso deles. O ponto mais baixo da vida pode levar ao mais alto. Acho isso tão... — ele pareceu profundamente triste por um instante. — ...interessante.

Sem saber por quê, Ben de repente sentiu que corria o risco de chorar. Devia ser a fome. Ocorreu-lhe que, quando voltasse para casa, devia uma visita ao pai. Só porque o pai tinha desistido de Lucy não significava que Ben devia desistir dele.

Levou os dedos à inscrição na parede. Pensou em como todo mundo dizia que era uma sorte tremenda ele e Jessica terem ganhado na loteria, mas às vezes não parecia ser.

Ele olhou para Jessica. Ia mesmo ser pai? Como podia aconselhar uma criança sobre a melhor maneira de levar a vida quando ele próprio ainda não sabia?

— Lembre-se de soltar o ar, cara — disse Napoleon. — Solte o medo.

SESSENTA E SETE

Heather

— Sou uma boa amiga — disse Frances a Heather. — Você pode mencionar isso. — Ela roeu a unha de um dedo. — Lembro o aniversário dos outros.

— Sou péssima com aniversários — confessou Heather.

Na realidade, ela era péssima com amizades, e depois da morte de Zach não entendia o porquê delas. Amigos eram uma indulgência.

Frances estremeceu.

— Bem, me esqueci totalmente do aniversário de uma amiga este ano, mas foi porque eu estava muito envolvida nesse negócio do golpe pela internet e me distraí naquele dia, então deu meia-noite e pensei: Ai, meu Deus, *Monica*! Mas era tarde demais para mandar uma mensagem de texto, então…

— E quanto à sua família? — interrompeu Heather antes que ouvisse a história da vida inteira daquela tal de Monica. Achava Frances um tanto excêntrica. — Você tem família?

Heather olhou por cima do ombro de Frances, para sua família. Zoe estava sentada com Jessica, a cabeça das duas bem próximas, como se fossem amigas contando segredos. Napoleon e Ben andavam enquanto conversavam. Ben ouvia com atenção e balançava respeitosamente a cabeça como se fosse um dos melhores alunos de Napoleon. Ela não sabia o que estava acontecendo com Napoleon. Era como se um impostor estivesse fazendo um excelente trabalho no papel do seu marido. Ele dizia e fazia as coisas certas e quase se safava, mas havia algo errado.

— Sim — respondeu Frances. — Tenho uma família. — Ela pareceu em dúvida. — Bem, não sou muito próxima da minha família. Meu pai morreu e minha mãe se casou outra vez e saiu do país. Foi para o sul da França. Tenho uma irmã, mas ela é muito ocupada. O dia a dia deles não se abalaria se eu morresse.

— Claro que se abalaria — retorquiu Heather.

— Bem… — Frances lançou um olhar nervoso para a tela apagada. — Não estou dizendo que iriam dançar no meu túmulo.

Heather olhou para ela, surpresa. A mulher parecia realmente assustada.

— Sabe que não está no corredor da morte de verdade, não é? É só um jogo de poder idiota para aquela louca.

— Shhh — sibilou Frances. — Ela pode estar ouvindo.

— Não estou nem aí — falou Heather de forma imprudente. — Não tenho medo dela.

— Eu meio que acho que você *deveria* ter.

Frances lançou mais um olhar incomodado para a tela.

— Tudo bem, vou fingir que estou levando a sério — disse Heather para tranquilizar a pobre mulher. — Acho que você não deve ser executada.

— Muito obrigada.

— Então, o que mais devo dizer?

— Alimente o ego dela — respondeu Frances. — Comece dizendo que realmente a vida de Frances não significava grande coisa até agora, mas que, com este retiro, ela foi reabilitada.

— Reabilitada — repetiu Heather.

— Isso mesmo. — Frances estava trêmula feito uma viciada em drogas. — Você precisa usar a palavra "reabilitada". Acho que ela vai gostar. Deixe claro que eu percebi o erro da minha vida autoindulgente. Vou praticar exercício. Fazer uma dieta "limpa". Chega de conservantes. Vou *estabelecer metas*.

— *Bom dia, meus queridinhos!*

A voz de Masha ressoou no cômodo quando sua imagem surgiu mais uma vez na tela.

Frances levou um susto e soltou um palavrão, agarrando o braço de Heather.

— Chegou a hora! — gritou Masha. Ela deu um trago demorado e intenso no cigarro e soprou a fumaça pela lateral da boca. — Está na hora de jogar Sentença de Morte. Espere. Decidimos não chamar assim, não foi? Está na hora de jogar Corredor da Morte. Muito melhor! Quem pensou nesse nome?

— Mas ainda não está na hora! — retrucou Napoleon, olhando seu relógio.

Heather olhava fixamente para a tela. Masha estava *fumando*. Ela não sabia por que estava tão surpresa depois de tudo que havia acontecido, mas era impressionante e perturbador, feito uma freira que ergue o hábito e mostra uma cinta-liga.

— Você está fumando! — acusou Jessica.

Masha riu e deu mais um longo trago.

— Estou fumando, Jessica. Às vezes, em momentos de estresse, eu fumo.

— Você está chapada — falou Ben com cansaço e tristeza, e Heather ouviu na voz

dele os anos de decepção resignada sofridos por ser parente de uma pessoa viciada em drogas.

Ben tinha razão. Os olhos de Masha estavam vidrados, e sua postura era estranha e rígida, como se a cabeça não estivesse presa ao corpo e ela tivesse medo de que pudesse sair rolando.

Masha ergueu um copo de suco vazio.

— Tomei medidas para chegar a um nível mais elevado de consciência.

— Yao está bem? — perguntou Heather. Ela tentou manter um tom de voz respeitoso, embora o ódio fizesse sua garganta arder. — Podemos ver Yao, por favor?

A tela com a câmera parecia virada em um ângulo diferente do da vez anterior. Masha estava diante de uma janela que parecia ser do seu escritório, mas a escuridão lá fora impedia que soubessem ao certo.

— Não precisam se preocupar com ele no momento — disse Masha. — Está na hora de apresentarem o caso dos seus clientes. Vão viver? Vão morrer? Esse exercício é tão estimulante e traz tantas reflexões, na minha opinião.

— São só três horas da manhã, Masha! — exclamou Napoleon, dando tapinhas em seu relógio. — Não amanheceu ainda. Você disse que íamos fazer isso ao amanhecer.

Masha se inclinou na direção da tela e apontou o cigarro para ele.

— Hóspedes não devem usar relógios durante retiros!

Napoleon recuou. Ergueu o pulso.

— Estou usando isto desde que cheguei. Ninguém disse que eu não podia usar relógio.

— Pois deveria ter sido entregue junto com os outros aparelhos eletrônicos! Quem era seu consultor de bem-estar?

— Foi culpa minha, Masha. Eu me responsabilizo por isso.

Ele abriu a pulseira do relógio.

— Foi Yao, não foi? — berrou Masha.

Ela parecia um demônio. Seu grito ecoou pela sala. Gotinhas de saliva encheram a tela.

— Meu Deus — falou Tony baixinho.

Zoe se aproximou de Heather e segurou sua mão, algo que não fazia desde criancinha. Ninguém parecia respirar.

Heather apertou a mão de Zoe e, pela primeira vez desde que estavam presos lá dentro, sentiu medo de verdade.

Pensou nas vezes que, durante sua vida profissional, o ambiente na sala de parto mudara de focado para hiperfocado, porque a vida de uma mãe ou de um bebê estava

em risco, e cada membro da equipe presente sabia que a próxima decisão tinha que ser a certa. Só que neste caso ela não podia contar com sua experiência ou treinamento. Queria *agir*, mas não tinha como, e aquela impotência avassaladora a fez lembrar dos momentos terríveis depois que encontrara Zach, seus dedos buscando um pulso que ela sabia que não acharia.

— Estou *muito* decepcionada com Yao! — gritou Masha. — Foi um erro imperdoável! Vou informar a equipe de RH! Vão fazer uma advertência. Ele vai receber uma carta formal de aviso.

Napoleon ergueu o relógio pela pulseira e o mostrou a Masha.

— Já tirei.

Zoe apertou convulsivamente a mão de Heather.

— Peço desculpa. Foi culpa minha — falou Napoleon no tom de voz lento e cuidadoso de quem tenta acalmar um atirador ensandecido. — Vou destruir o relógio.

Largou-o no chão e fez menção de pisar em cima.

Masha mudou de tom.

— Ah, pare de ser tão dramático, Napoleon, você pode machucar seu pé!

Ela gesticulou alegremente com o cigarro, como se estivesse tendo uma conversa animada durante uma festa, com uma taça de vinho na outra mão.

Heather ouviu a respiração trêmula de Zoe e o medo da filha a deixou com vontade de machucar aquela mulher insana.

— Não sou o tipo de pessoa obcecada com regras burocráticas. Sou flexível! Vejo as coisas com clareza! — Masha deu mais um longo trago no cigarro. — No teste de personalidade Myers-Briggs, eu sou a Comandante! Acho que não vai se surpreender em saber disso.

— Isso não é nada bom — falou Lars, olhando para a tela por entre os dedos abertos da mão.

— Ela está viajando — murmurou Tony.

— Nada é para sempre — declarou Masha de forma irrelevante. — Lembrem-se disso. É importante. Bem, quem vai se apresentar primeiro? — Ela olhou em torno como se procurasse algo. — Todos têm café? Ainda não? Não se preocupem. Delilah vai cuidar de tudo.

Sorriu e estendeu os braços como se estivesse sentada na cabeceira de uma mesa de conferência.

Heather estremeceu com um medo súbito e intenso. *Ela está delirando*.

Naquele instante, o cigarro entre os próprios dedos chamou atenção de Masha. Minutos se passaram e ela continuou com o olhar fixo no cigarro.

— O que ela está *fazendo*? — sussurrou Carmel.

— É o LSD — respondeu Lars baixinho. — Não está acreditando que nunca tinha reparado na beleza inata do cigarro.

Por fim, Masha ergueu os olhos.

— Quem vai se apresentar primeiro? — perguntou ela com calma, e depois jogou a cinza do cigarro no peitoril da janela.

— Eu — disse Tony.

— Tony! Excelente — falou Masha. — Quem você está defendendo?

— Carmel — respondeu ele.

Fez um gesto na direção de Carmel, que se mexeu de um jeito estranho e atrapalhado, como se não conseguisse decidir se devia cumprimentá-la ou se esconder atrás de Lars.

— Vá em frente, Tony.

Tony pigarreou. Estava de pé com as mãos entrelaçadas e olhava respeitosamente para a câmera.

— Hoje estou representando Carmel Schneider. Carmel tem trinta e nove anos, é divorciada e tem quatro filhas pequenas. É a cuidadora principal das quatro. Também é muito próxima da irmã mais velha, Vanessa, e dos pais, Mary e Raymond.

Masha parecia entediada. Ela fungou.

A voz de Tony tremeu.

— A saúde de Mary, mãe de Carmel, não está boa, e Carmel geralmente a leva para as consultas médicas. Carmel diz que é só uma pessoa comum dando o melhor de si, mas acho que qualquer pessoa que cuida de quatro meninas sozinha é bem especial. — Ele puxou a gola da camiseta, nervoso, como se ajustasse uma gravata. — Carmel também faz trabalho voluntário na biblioteca local, ensina inglês para refugiados. Faz isso uma vez por semana desde os dezoito anos, o que eu acho muito impressionante. — Ele juntou as palmas das mãos diante de si. — Obrigado.

Masha bocejou de forma teatral.

— Só isso?

Tony perdeu a paciência.

— Pelo amor de Deus, ela é uma jovem mãe! O que mais você quer ouvir? É óbvio que não merece morrer.

— Mas onde está sua PUV? — perguntou Masha.

— PUV? — repetiu Tony, sem entender.

— Você esqueceu o básico, Tony! Qual é sua proposta única de venda? O que faz de Carmel alguém única e especial?

— Bem — disse ele, desesperado —, ela é muito especial porque…

— Também queria saber por que você não começou com uma análise básica das forças, fraquezas, oportunidades e ameaças. Não é tão difícil, pessoal! E recursos visuais! Não estou vendo recursos visuais! Uma simples apresentação de slides no PowerPoint teria sustentado seus argumentos.

Heather fez contato visual com Napoleon: *O que vamos fazer?* Viu confusão e medo na expressão dele e aquilo fez seu pânico aumentar, porque, se Napoleon não tinha respostas, eles estavam com problemas. Ela pensou nos momentos que passaram em salas de espera de emergências de hospitais com Zach, quando os dois percebiam que estavam lidando com um enfermeiro de triagem estúpido; pensou nos olhares que trocavam acima da cabeça de Zach, sem nunca saber exatamente o que fazer e o que dizer para agir em defesa do filho. Mas nunca tinham lidado com aquela ausência impressionante de lógica.

— Peço desculpa — falou Tony com humildade. — Óbvio que PowerPoint teria sustentado meus argumentos. Sim.

— Pedir desculpa não basta! — rosnou Masha.

— Posso ser a próxima? — Uma voz alta se sobrepôs inesperadamente à de Masha.

Heather ficou surpresa ao ver que era Carmel, com o queixo erguido, o olhar firme.

— Preparei uma *análise estratégica* em nome de Zoe Marconi, e o que devemos fazer, hum, daqui para a frente, e gostaria muito da sua opinião, Masha.

A expressão de Masha se suavizou. Ela ergueu a mão.

— Vá em frente, Carmel.

Carmel avançou até o meio da sala e endireitou um paletó imaginário, embora estivesse vestindo calça de ginástica e camiseta sem manga cor-de-rosa com HAWAII escrito em lantejoulas.

— Sei que você queria que eu fosse bem detalhista, Masha, e que saísse do óbvio.

Era muito difícil conciliar aquela mulher tão confiante com a Carmel que poucas horas antes implorara pateticamente para ir para casa. Quase dava para enxergar o terninho imaginário. Ela era *atriz*? Ou será que estava usando a memória de uma antiga profissão? O que quer que fosse, era impressionante.

— Sem dúvida. — Masha fez um gesto cortante e brusco com a lateral da mão. — *Agora*, sim. Precisamos inovar. Estou muito impressionada, Carmel.

Quase poderia ser engraçado se não fosse tão assustador.

— Do meu ponto de vista, temos uma grande oportunidade aqui para elevar as competências essenciais de Zoe — continuou Carmel — e alcançar, hum… soluções

de práticas melhores.

— Uau, muito *bem* — sussurrou Frances.

— Isso mesmo — concordou Masha, balançando a cabeça. — Devemos sempre ter as melhores práticas em vista.

Era bizarro ver como ela reagia bem àquele jargão corporativo sem sentido, como um bebê reage ao som da voz da própria mãe.

— A questão é: isso se alinha com nossos valores corporativos? — falou Masha com ar astuto.

— Exatamente — disse Carmel. — E quando tudo estiver encaminhado, precisamos perguntar o seguinte: é escalável?

— É? — perguntou Masha.

— *Exatamente* — disse Carmel. — Então, o que estamos procurando é… — Ela hesitou.

— Sinergia — murmurou Lars.

— Sinergia! — falou Carmel, aliviada.

— Sinergia — repetiu Masha, sonhadora, como quem diz: "Paris na primavera."

— Então, para resumir, precisamos de uma solução sinérgica que combine…

— Já ouvi o que precisava — falou Masha abruptamente. — Coloque isso em prática, por favor, Carmel.

— Pode deixar.

Masha apagou o cigarro no peitoril atrás de si. Depois se recostou à janela.

— Sejam bem-vindos à Tranquillum House.

Minha nossa senhora, pensou Heather. *Nós a perdemos de novo.*

Masha sorriu. Ninguém retribuiu o sorriso. Heather viu que todos os rostos na sala estavam frouxos de exaustão e desespero, como a expressão de uma mulher que preparou inocentemente um "plano de parto natural", fez uma lista de músicas, e que, depois de trinta horas em trabalho de parto, descobre que vai ter que fazer uma cesariana de emergência.

— Prometo o seguinte a vocês: daqui a dez dias, vocês não vão ser mais as pessoas que são agora — falou Masha.

— Cacete — disse Jessica. — Cacete, cacete, cacete.

— São só as drogas — esclareceu Lars. — Ela não sabe o que está dizendo.

— Esse não é o problema — retrucou Ben. — Ela não sabe o que está *fazendo*.

Masha baixou a cabeça e levou as pontas dos dedos à gola do vestido.

— Vamos todos fazer flexões agora — afirmou ela. — Flexões são um exercício funcional perfeito de resistência integrada. É o único exercício que trabalha todos os

músculos do corpo. Vinte flexões! Agora!

Ninguém se moveu.

— Por que estão me ignorando? — Masha apontou para a tela. — Flexões! Agora! Ou vou ser obrigada a tomar providências!

Que providências ela poderia tomar? Mas eles não esperaram para descobrir. Deitaram-se de barriga no chão feito soldados.

Heather tentou erguer e baixar seu corpo cansado e faminto em uma linha paralela enquanto Masha contava em voz alta:

— Um, dois, três! Abaixem os quadris! Não quero ver a Harbour Bridge!

Será que continuava naquele estado alucinógeno, em que parecia achar que todos trabalhavam para ela? Tinha a intenção de matá-los? Heather sentiu um súbito pânico desesperado. Levara a filha àquele lugar. A vida de Zoe podia estar nas mãos daquela mulher louca e drogada.

Ela olhou ao redor. Frances fazia flexões com os joelhos no chão. Jessica chorava enquanto também desistia e ia dos dedos dos pés aos joelhos. Tony, o ex-atleta, pingava de suor enquanto fazia flexões perfeitas, duas vezes mais rápido que todos os outros, embora tivesse acabado de deslocar o ombro. Heather notou que seu querido marido acompanhava o ritmo.

— Dezoito, dezenove, vinte! Relaxem! Excelente!

Heather largou o corpo, barriga no chão, e ergueu os olhos. Masha tinha aproximado tanto o rosto da tela que eles só conseguiam ver seu nariz, sua boca e seu queixo.

— Quero saber — falou a boca sem corpo — se já estão sentindo o cheiro.

Foi Napoleon que respondeu com a voz calma e gentil que usaria com uma criança pequena:

— Que cheiro, Masha?

— Da fumaça.

SESSENTA E OITO

Tony

A tela voltou à estática, mas a voz de Masha continuou soando no cômodo:

— A transformação profunda é possível, mas é preciso se *desligar das suas crenças e suposições*!

— Eu *estou* sentindo cheiro de fumaça — falou Zoe, o rosto pálido.

— É isso mesmo, Zoe, você está sentindo cheiro de fumaça porque esta casa, minha casa, está queimando enquanto conversamos aqui — disse Masha. — Bens materiais não significam nada! Você vai se erguer das cinzas? Lembrem o que Buda falou: "Ninguém nos salva a não ser nós mesmos!"

— Olhem — sussurrou Frances.

Colunas de fumaça preta entravam sinuosamente por debaixo da porta pesada de carvalho trancada.

— Deixe a gente sair! — gritou Jessica tão alto que sua voz ficou rouca. — Está me ouvindo, Masha? Deixe a gente sair agora mesmo!

A tela ficou preta.

A ausência de Masha se tornou tão aterrorizante quanto sua presença havia sido.

— Precisamos bloquear a porta — disse Tony, mas Heather e Napoleon já se apressavam, voltando do banheiro com toalhas encharcadas que eles enrolavam, formando cilindros finos, como se fosse o trabalho deles, como se esperassem exatamente aquela situação.

Quando os dois alcançaram a porta, o volume de fumaça aumentou de maneira súbita e assustadora, invadindo a sala como água. As pessoas começaram a tossir. Tony sentiu um aperto no peito.

— Cheguem para trás! — gritou Napoleon enquanto ele e Heather enfiavam as toalhas enroladas entre a porta e o chão, vedando o cômodo.

A pouca claustrofobia que tomou Tony desde que tinham descoberto que a porta estava trancada ameaçou explodir e virar pânico absoluto. Ele sentiu a respiração ficar arfante. Ai, meu Deus, ia perder a cabeça na frente de todas aquelas pessoas. Não

tinha função a cumprir. Não podia sequer colocar as toalhas na porta, porque Heather e Napoleon já estavam fazendo isso. Não podia ajudar. Não podia arrombar a porta, porque abria para dentro. Não podia bater em ninguém. Não podia fazer absolutamente nada.

Tony tossiu de forma tão violenta que seus olhos se encheram de lágrimas.

Frances segurou sua mão e o puxou.

— Saia de perto da porta.

Ele deixou que ela o afastasse. Ela não largou a mão dele. Ele não largou a dela.

Todos se amontoaram na parte do estúdio mais distante da porta.

Napoleon e Heather se juntaram a eles, os olhos vermelhos por causa da fumaça. Napoleon puxou Zoe para perto e ela aninhou o rosto na camiseta do pai.

— A porta não estava quente — disse ele. — É um bom sinal.

— Acho que estou ouvindo — falou Carmel. — Estou ouvindo o fogo.

Todos ficaram em silêncio. De início, pareceu uma chuva forte, mas não era chuva; era o inconfundível estalido das chamas.

Algo pesado e imenso desabou no chão acima deles. Uma parede? Ouviram um ruído dramático de ar, feito o vento de uma tempestade, então as chamas se tornaram ainda mais audíveis.

Jessica emitiu um ruído.

— Vamos todos morrer aqui dentro? — perguntou Zoe, e olhou para o pai, incrédula. — Ela vai mesmo nos deixar morrer?

— Claro que não — respondeu Napoleon com tanta segurança, tanta certeza madura, que Tony quis acreditar que ele tinha algum conhecimento especial, só que Tony também era adulto e sabia que não era o caso.

— Vamos colocar toalhas molhadas na cabeça e no rosto para nos proteger da fumaça — disse Heather. — E vamos esperar passar.

Ela parecia tão calma e segura quanto o marido. Talvez Tony também fosse se comportar assim se seus filhos ou netos estivessem ali.

Ele pensou nos filhos. Sofreriam com a perda. Sim, é claro que seus filhos sofreriam se ele morresse. Não estavam prontos para perdê-lo, mesmo que ele não os visse com tanta frequência atualmente. Aquilo pareceu uma surpresa, como se ele tivesse passado os últimos anos fingindo que os filhos não o amavam, quando sabia muito bem que amavam, pelo amor de Deus. Ele sabia disso. No ano anterior, Will se esquecera da diferença de fuso horário e ligara da Holanda no meio da noite para contar que fora promovido no trabalho.

"Desculpe", dissera. "Eu queria contar para você primeiro."

Tinha trinta anos e ainda queria impressionar o pai. Segundo Mimi, James sempre postava fotos da carreira de Tony na internet.

"Ele fica se gabando de você", dizia Mimi, revirando os olhos. "E se aproveita da sua fama para conquistar as garotas."

Ainda havia a própria Mimi, sua caçula, andando apressada pela casa dele, arrumando tudo. Todas as vezes que terminava com mais um babaca, aparecia na casa dele para "dar uma mãozinha". Ela não podia perder o pai naquele momento, enquanto ainda namorava babacas.

Ele não estava pronto para morrer. Cinquenta e seis anos não era tempo suficiente. Sua vida parecia subitamente riquíssima e cheia de possibilidades. Ele queria pintar a casa, adotar outro cachorro, um filhote; adotar um filhote não significaria trair Banjo. Ele sempre acabava adotando outro. Ele queria ir à praia, comer um belo café da manhã na lanchonete da rua enquanto lia o jornal, ouvir música… Era como se tivesse esquecido que música existia! Queria viajar para a Holanda e ver a neta participar de uma daquelas competições estúpidas de dança irlandesa.

Ele olhou para Carmel, que no começo tinha rotulado como uma intelectual excêntrica por causa dos óculos. Tony perguntara a ela como começara a ensinar inglês para refugiados e ela explicara que seu pai deixara a Romênia como refugiado nos anos 1950 e uma vizinha assumira a responsabilidade de ensinar inglês a ele.

"Meu pai não tinha nenhuma aptidão para línguas", contara Carmel. "E fica muito impaciente quando se sente inseguro. Deve ter sido uma tarefa árdua. Por isso minha irmã e eu ensinamos inglês para estrangeiros agora. Em homenagem à tia Pat."

E quem é que Tony homenageava? Quem é que ele ajudava? Tony nem sequer contribuía para o esporte que lhe trouxera tanta alegria. Fazia anos que Mimi insistia que ele trabalhasse como treinador de um time infantil local.

"Talvez você até goste", dizia ela.

Por que tinha sido tão avesso à ideia? No momento não conseguia imaginar nada mais maravilhoso do que estar em um campo, ao sol, ensinando crianças a enxergar a música e a poesia do futebol.

Ele encontrou o olhar assustado da mulher cuja mão ainda segurava. Era doida de pedra, falava demais e claramente nunca assistira a um jogo de futebol australiano na vida. Ganhava dinheiro escrevendo romances. Os dois não tinham nada em comum.

Ele não queria morrer.

Queria convidá-la para sair.

SESSENTA E NOVE

Frances

Os nove hóspedes estavam agrupados no canto mais fundo do estúdio de ioga e meditação, com toalhas molhadas cobrindo a cabeça e os ombros, enquanto a Tranquillum House queimava.

Frances ouvia o ruído das chamas vorazes e se perguntou se o estrondo que acabara de escutar fora o da linda escadaria. Lembrou-se de Yao dizendo no primeiro dia: "Não vamos afundar, Frances!", e imaginou ondas de fogo consumindo aquela madeira belíssima.

— Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome — murmurou Jessica com o rosto apoiado nos joelhos, repetindo aquilo sem parar. — Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome.

Frances não teria imaginado que Jessica fosse religiosa, mas talvez não fosse mesmo, porque não conseguia passar de "santificado seja o vosso nome".

Frances, que fora criada como anglicana, mas abandonara a religião em algum momento do fim da década de 1980, pensou que talvez não fosse muito educado rezar pedindo salvação agora, quando fazia tanto tempo que nem sequer agradecia. Talvez Deus tivesse gostado de um bilhete de agradecimento ao longo dos anos.

Obrigada pelo verão longo e quente repleto de sexo com Sol na Europa.

Obrigada pelo primeiro ano do meu casamento com Henry, que, para falar a verdade, Deus, foi um dos mais felizes da minha vida.

Obrigada por uma carreira que nunca me deu quase nada além de prazer, e sinto muito pelo drama com a crítica. Tenho certeza de que quem escreveu também é filho de Deus.

Obrigada pela minha saúde, você foi muito generoso nesse aspecto, e foi falta de educação da minha parte reclamar tanto de um resfriado.

Obrigada pelos amigos que são como uma família.

Obrigada pelo meu pai, mesmo você tendo-o levado embora um pouco cedo.

Obrigada pelos Bellinis e por todos os coquetéis com champanhe.

Desculpe por ter reclamado de um corte no dedo enquanto outras pessoas sofriam atrocidades.

Mas, na verdade, foi por isso que parei de acreditar em você: toda essa questão de cortes no dedo versus atrocidades.

Carmel chorava na toalha molhada e se sobressaltou quando mais alguma coisa caiu, provocando um estrondo.

Frances imaginou a varanda do seu quarto pendurada, depois caindo no chão em um chuvisco de cinzas.

Imaginou colunas de fumaça preta iluminadas pela luz flamejante, com o céu de uma noite de verão ao fundo.

— A fumaça aqui dentro não está piorando — disse ela a Carmel, para tranquilizá-la. — Napoleon e Heather fizeram um bom trabalho com as toalhas.

Ela ainda sentia o cheiro e o gosto da fumaça na boca, mas era verdade, não estava piorando.

— Talvez a gente fique bem — falou Frances, hesitante.

— Vamos ficar bem — disse Napoleon. Estava sentado entre a esposa e a filha, segurando as mãos delas. — Vai ficar tudo bem.

Ele falava com tanta segurança que Frances preferia não ter visto a expressão dele ao ajustar a toalha molhada, porque era de puro desespero.

Está vindo nos pegar, pensou ela. *Está vindo, e não há onde se esconder.*

Lembrou-se de Masha dizendo: "Você acha que já passou por alguma *dificuldade* na vida?"

Jessica afastou a cabeça dos joelhos e falou com a voz abafada pela toalha:

— Ela nem chegou a ouvir nossas apresentações.

Era fofo que ainda tentasse ver alguma lógica nas atitudes de Masha. Devia ter sido o tipo de criança que não suportava quando o professor se esquecia de aplicar o teste que prometera.

— Acham que Yao ainda está vivo? — perguntou Zoe.

SETENTA

Yao

Yao sonhava com Finn.

Finn insistia para que ele acordasse.

— Acorde — dizia sem parar. Bateu um par de címbalos. Tocou uma buzina bem alta no ouvido de Yao. — Cara, você realmente precisa acordar.

Yao recuperou a consciência enquanto Finn desaparecia. Sentiu o toque de algo macio e áspero em sua bochecha. Ergueu a cabeça. Havia uma almofada na mesa de Masha. Ele se lembrou da sensação da agulha em seu pescoço, a surpresa daquilo, porque não era uma decisão que podia respeitar.

Ouviu o barulho de algo queimando. Sentiu cheiro de fumaça.

Ergueu a cabeça, deu meia-volta e a viu, fumando um cigarro, olhando pela janela.

Ela se virou para ele e sorriu. Parecia triste e emocionada, mas resignada, como a noiva de Yao terminando com ele.

— Olá, Yao — disse ela.

Ele sabia que era o fim, e sabia que nunca mais amaria alguém da mesma forma como amara aquela mulher estranha.

Sua voz falhou quando ele perguntou:

— O que foi que você fez?

SETENTA E UM

Frances

Ainda estava acontecendo. O fogo. Os ruídos.

O medo de Frances chegou ao auge e depois se estabilizou. Seu batimento cardíaco desacelerou. Uma grande exaustão invadiu seu corpo.

Ela sempre imaginara como se sentiria à beira da morte. O que faria se o avião começasse a cair? E se um atirador ensandecido apontasse a arma para sua cabeça? E se ela realmente passasse por uma dificuldade algum dia? Agora sabia: ela não acreditaria. Continuaria pensando até o último instante que sua história nunca acabaria, porque não podia haver história sem ela. As coisas continuariam acontecendo com ela. Era impossível acreditar de fato que haveria uma página final.

Outro estrondo. Carmel se assustou de novo.

— Espere aí — falou Lars de repente. — Esse barulho… foi o *mesmo* de antes. Exatamente o mesmo.

Frances olhou para ele. Não estava entendendo.

Napoleon se empertigou. Tirou a toalha do rosto.

— Tem um padrão, não tem? — perguntou Jessica. — Eu *sabia* que tinha um padrão. Estalido, vento, barulho baixo, estalido, estalido, estalido, estrondo assustador.

— Desculpem, não estou entendendo — confessou Frances.

— Está se repetindo — disse Tony.

— Quer dizer que é uma gravação? — perguntou Ben. — Estamos ouvindo uma gravação?

Frances não conseguia assimilar aquilo.

— Não há fogo?

Ela *via* o fogo com nitidez em sua mente.

— Mas nós vimos fumaça, sentimos o cheiro — lembrou Heather. — Onde há fumaça, há fogo.

— Talvez seja um fogo controlado — disse Zoe. — Ela quer que a gente ache que

está em perigo.

— Então esse foi o jeito que ela encontrou de nos fazer encarar a morte — concluiu Tony.

— Eu *sabia* que ela não ia nos deixar morrer — disse Carmel.

Lars jogou a toalha molhada no chão e ficou de pé diante da tela.

— Muito bem, Masha — gritou ele. — Você conseguiu quase nos matar de medo, e nunca mais vamos ser os mesmos. Podemos, por favor, voltar para o quarto agora?

Nada.

— Não pode nos deixar aqui dentro para sempre, Masha — continuou Lars. — Como é o mantra que você vive repetindo? Nada dura para sempre. — Ele sorriu com tristeza e afastou o cabelo úmido da testa. — Temos a impressão de que vamos ficar aqui embaixo para sempre.

Nada dura para sempre, pensou Frances. Masha fizera questão de dizer aquilo muitas vezes. *Nada dura para sempre.*

Nada dura para sempre.

Ela se lembrou de ter dito a Masha que não havia código algum dentro da boneca, e Masha respondera: "Exatamente."

— Quando foi a última vez que alguém tentou abrir a porta? — perguntou Frances, então.

— Para ser sincero, acho que já tentamos todas as combinações possíveis e imagináveis — disse Napoleon.

— Não estou falando do código — esclareceu Frances. — Estou falando da maçaneta. Quando foi a última vez que alguém tentou girar a maçaneta?

SETENTA E DOIS

Yao

— Dormiu bem? — perguntou Masha, e deu mais um trago no cigarro.

Yao fez um diagnóstico visual: pupilas dilatadas, camada de suor na testa, agitação.

— Você tomou um suco? — perguntou ele.

Yao pegou o pacote de Doritos na mesa de Masha, sacudiu-o e observou as migalhas amarelas caírem. Se ela havia comido *Doritos*, com certeza estava alterada. Doritos era mais chocante do que cigarro.

— Tomei. — Masha soltou a fumaça e sorriu para ele. — O suco estava delicioso, e venho tendo muitas revelações incríveis.

Ele nunca a vira fumar. Fazia aquilo parecer lindo. Yao nunca fumara, mas naquele instante quis experimentar. Parecia natural e sensual, a fumaça subindo languidamente dos dedos dela.

Ele se lembrou da primeira vez que a vira, dez anos antes, naquele grande escritório, e de como ela cheirava a cigarro.

Yao olhou para a tela do computador na mesa. Um vídeo de uma casa de dois andares pegando fogo. Um beiral desabando no chão.

— Você me sedou — disse Yao.

Ele mexeu a língua dentro da boca seca. Estava atordoado de choque. Não entendia direito por que ela havia feito aquilo.

— Sim, sedei — disse Masha. — Não tive escolha.

O céu do lado de fora da janela começava a clarear.

— E os hóspedes? — indagou Yao. — Ainda estão lá dentro?

Masha deu de ombros, mal-humorada.

— Não sei. Cansei deles. Cansei deste mercado. — Ela deu mais um trago no cigarro e se animou. — Tomei uma decisão! Vou voltar para os BGC.

— BGC? — perguntou Yao.

— Bens de grande consumo — explicou Masha.

— Tipo pasta de dente?

— Exatamente como pasta de dente. Você gostaria de trabalhar comigo?

— O quê? *Não*.

Ele a encarou. Ainda era Masha, ainda tinha aquele corpo extraordinário, ainda usava aquele vestido extraordinário, mas Yao sentia o poder que ela exercia sobre ele se esvaindo à medida que a observava voltar a ser a executiva que era antigamente. Como era possível? Yao se sentia traído, como se uma namorada tivesse confessado infidelidade. Aquilo não era apenas um trabalho para ele, era sua vida, seu lar, era praticamente sua *religião*, e agora ela queria deixar tudo para trás e vender *pasta de dente*? Aquilo não fazia parte do mundo banal que tinham abandonado?

Ela não estava falando sério. Devia ser o efeito do suco. Aquele não era um exemplo de revelação transcendental. Com seu histórico médico, ela não deveria ter tomado o suco, mas já que o fizera, deveria estar deitada, com os fones de ouvido, então Yao poderia *guiar* sua experiência psicodélica para longe da pasta de dente.

Mas antes tinha nove hóspedes com quem se preocupar.

Ele desviou os olhos de Masha e fechou a gravação da casa em chamas no computador. Clicou no programa de segurança que mostrava o estúdio de ioga e meditação.

Não havia ninguém lá dentro. Toalhas amassadas cobriam o chão do cômodo vazio.

— Eles saíram — disse Yao. — Como escaparam?

Masha fungou.

— Finalmente descobriram. A porta estava destrancada há horas.

SETENTA E TRÊS

Carmel

Todos os homens insistiram em ficar à frente das mulheres ao subirem a escada diante do estúdio de ioga e meditação, prontos para combater leões ou consultores de bem-estar munidos de sucos. Era gentil e cavalheiresco da parte deles, e Carmel ficou agradecida e também satisfeita por não ser homem, mas o gesto parecia desnecessário. A casa estava vazia e silenciosa.

Carmel ainda não conseguia acreditar que não havia incêndio. As imagens em sua cabeça tinham sido tão reais… Ela achara que não ia ver mais as filhas.

"Com certeza não vai simplesmente *abrir*", dissera Heather quando todos se aproximaram da porta e Napoleon levou a mão à maçaneta, insistindo que todos ficassem *para trás, para trás, para trás*…

Ela se abriu, como se nunca tivesse sido trancada, e viram uma lata de lixo de aço bem diante da porta.

Napoleon a inclinara para a frente e mostrara o conteúdo aos outros. Havia fragmentos queimados de jornal no fundo e uma pilha de garrafas de água de plástico deformadas e derretidas no topo. Ainda restavam algumas brasas vermelhas e brilhantes, mas isso era tudo que sobrara do inferno crescente que todos haviam imaginado.

Seguiram em grupo até a sala de jantar vazia e olharam para a mesa comprida onde haviam feito as refeições silenciosas. A luz cinzenta da manhã inundava o cômodo. Pegas piavam e uma kookaburra fazia seu típico som fluido de risada. O coro do amanhecer nunca soara tão lírico. A vida parecia maravilhosamente banal.

— A gente tem que encontrar um telefone — disse Heather. — Ligar para a polícia.

— A gente tem é que ir embora — retrucou Ben. — Encontrar nossos carros e dar o fora daqui.

Ninguém disse nada.

Carmel puxou uma cadeira e se sentou com os cotovelos na mesa. Sentia o mesmo

choque de alívio que tivera logo após os trabalhos de parto. Todos aqueles gritos e instruções. Todo aquele medo. Toda aquela confusão. Tinha tudo acabado.

— Vocês acham que tem alguém na casa?

— Espere. Tem alguém vindo — disse Lars.

Passos se aproximaram pelo corredor.

— *Bom dia*! — Era Yao. Carregava uma bandeja imensa de frutas tropicais. Parecia cansado, mas, fora isso, perfeitamente saudável. — Por favor, sentem-se em seus lugares. Preparamos um café da manhã delicioso para vocês!

Ele colocou a bandeja na mesa.

Uau, pensou Carmel. *Ele vai fingir que está tudo normal*.

Zoe começou a chorar.

— A gente achou que você estava morto!

O sorriso de Yao vacilou.

— Morto? Por que acharam isso?

— Você estava apagado, cara — disse Tony.

— Tivemos que participar de um jogo chamado "Corredor da Morte" — contou Frances, sentada em uma poltrona perto da porta. Ela parecia uma das filhas de Carmel contando histórias sobre a irmã. — Era um jogo horrível… — Sua voz falhou.

Yao arrumou um cacho de uvas roxas que escorregava pela borda da bandeja. Franziu a testa.

Carmel prosseguiu no lugar de Frances:

— Tivemos que fingir que éramos advogados. — Ela se lembrou do momento emocionante em que usara aqueles jargões sem sentido, que aliás fizeram todo sentido para Masha. Fora aterrorizante, mas, ao mesmo tempo, maravilhoso. Fora como virar de cabeça para baixo em uma montanha-russa e depois dar voltas e voltas. — Tivemos que argumentar para sermos suspensos da execução. Eu defendi… Zoe.

À medida que falava, ela se deu conta de como soava ridículo. Era tão óbvio que se tratava de um jogo. Por que tinham levado aquilo tão a sério? Se contassem à polícia, certamente ririam deles.

— E depois ela nem deixou a gente *terminar* o jogo — reclamou Jessica.

— Pois é, eu estava ansiosa pela minha vez — falou Frances.

— Não estava, nada — disse Heather.

Carmel pegou uma única uva da bandeja, embora não estivesse com muita fome. Devia ter passado do estado da fome. Mordeu a uva no meio. *Meu Deus*, pensou ela, quando o suco explodiu em sua boca. Estremeceu de gratidão. Era como se todas as células do seu corpo reagissem àquele alimento minúsculo. Ela sentia que estava

próxima de alguma revelação ao mesmo tempo incrivelmente complexa e surpreendentemente simples sobre a verdadeira beleza preciosa da comida. Comida não era o inimigo. Comida lhe dava vida.

— Sei que algumas das atividades de ontem à noite podem ter parecido… incomuns — disse Yao. Ele estava um pouco rouco, mas era impossível não admirá-lo. Continuava tocando violino enquanto o *Titanic* naufragava. — Mas tudo que aconteceu foi para o crescimento pessoal de vocês.

— Pare de falar merda, Yao — disse Lars. — Você deve saber que está tudo acabado. Não podemos deixar que ninguém mais passe pelo que nós passamos ontem à noite.

— Temos que fechar este lugar, cara — falou Tony.

— Aquela sua chefe precisa ir para um hospital psiquiátrico — disse Heather.

— Não vou para *hospital* nenhum — interveio Masha.

O coração de Carmel disparou.

Masha estava de pé na soleira da porta da sala de jantar, vestindo um terninho vermelho no estilo Hillary Clinton, que estava fora de moda havia dez anos e era grande demais para ela.

— Vou voltar para o trabalho.

— Ela ainda está viajando na maionese — disse Ben.

— Masha — falou Yao, desesperado. — Achei que você estava descansando.

— Todos vocês parecem ótimos! — exclamou Masha, observando o grupo. — Muito mais magros. Muito mais saudáveis. Tenho certeza de que estão felizes com os resultados.

Heather resmungou de desdém e disse:

— Estamos felizes da vida, Masha, superempolgados com nossos resultados. Foi muito relaxante.

As narinas de Masha inflaram.

— Não use esse tom sarcástico! Você é minha subalterna. Tenho autoridade para…

— Isso de novo, não — disse Heather. — Você é minha chefe, é isso? Todos nós trabalhamos para você? Temos que fazer uma apresentação no PowerPoint agora ou o quê?… Vai nos *executar*? — Ela imitou o sotaque de Masha.

— Você não está ajudando, meu amor — falou Napoleon.

— Sei tudo sobre você, Heather — disse Masha lentamente. — Eu estava lá ontem à noite. Ouvi seus segredos. Você me contou tudo. Disse que dei drogas para sua filha, que sou uma pessoa horrível por causa disso, apesar de eu ter feito isso para ajudar você e sua família. Bem, me diga uma coisa: *que drogas você deixou seu filho tomar*?

Masha estava com os punhos cerrados. Segurava algo com força na mão direita. Carmel não conseguia ver o que era.

— Que tipo de mãe é você? — perguntou Masha a Heather.

Havia uma animosidade estranha e intensa entre as duas mulheres que Carmel não compreendia.

— Já chega — disse Napoleon.

Yao atravessou a sala em direção a Masha, enquanto Heather reagia ao comentário dela com uma risada de escárnio explosiva.

— Sou uma mãe melhor do que você jamais seria — afirmou ela.

Masha rugiu como um animal. Disparou na direção de Heather com uma adaga erguida na mão, pronta para enfiá-la em seu pescoço.

Napoleon pulou na frente da esposa e Yao pulou na frente de Masha no momento exato em que Frances se levantou da cadeira, pegou o candelabro no aparador e bateu ferozmente na cabeça de Masha.

A mulher desabou no mesmo instante. Ficou caída aos pés de Frances sem se mover.

— Ai, meu Deus — disse Frances. O candelabro pendia de sua mão. Ela olhou para todos ao seu redor, com uma expressão horrorizada. — Eu a matei?

SETENTA E QUATRO

Frances

Mais tarde, Frances tentaria entender seu processo de tomada de decisão, mas nunca conseguiria. Era como se seu cérebro tivesse sofrido um curto-circuito.

Viu o abridor de cartas de duzentos anos na mão de Masha.

Cuidado. Esse abridor de cartas é tão afiado quanto uma adaga. Dá para matar alguém com isso, Frances.

Viu Masha disparar para cima de Heather.

Sentiu o peso inesperado do candelabro na própria mão.

E, no instante seguinte, Masha estava caída a seus pés, e Frances erguia as mãos feito uma criminosa, porque um policial parrudo apontava uma arma diretamente para ela e dizia:

— Não se mexa, por favor!

O policial educado era Gus, namorado de Jan, a massagista, e era tão adorável quanto Frances havia imaginado, sobretudo depois que guardou o revólver. Gus não acusou Frances de assassinato, porque Masha não estava morta. Após alguns instantes apavorantes, ela se sentou, levou a mão à nuca e disse a Frances que estava demitida e devia se retirar imediatamente.

Acompanhada de Gus, Jan usava um vestido de alcinha e estava corada e animada com os acontecimentos no seu local de trabalho. Aparentemente, ela e Gus estavam conversando (no meio da noite; pelos olhares trocados, Frances deduziu que fosse uma conversa pós-coito) quando o namorado mencionou que, no fim do seu turno de trabalho, parara uma moça dirigindo um Lamborghini amarelo por ultrapassar o limite de velocidade. Ficou imediatamente óbvio para Jan, pela descrição de Gus, que a moça só podia ser Delilah, e, como parecia improvável que houvesse dois Lamborghinis amarelos naquela área, pelo visto a mulher tinha roubado o carro de um hóspede, e como Jan já estava suspeitando do fato de quase todos os membros da equipe da Tranquillum House terem sido dispensados no meio de uma temporada (o que a chef lhe dissera que nunca tinha acontecido), convencera Gus a ir até a casa com ela para

dar uma olhada.

— Ela deve ter sofrido uma concussão — disse Yao, depois de examinar a chefe. — Ou então ainda está dopada.

Gus disse que não acusaria Frances de agressão física porque várias testemunhas podiam confirmar que a agilidade dela muito provavelmente tinha salvado a vida de Heather, embora Frances soubesse que, apesar de Heather ter sido o alvo de Masha, as únicas pessoas em perigo fossem Napoleon, que empurrara Heather para o lado, e Yao, que se colocara na frente de Masha.

— Obrigada, Frances — disse Heather. Levou a mão à lateral do pescoço e olhou para a arma do potencial assassinato. — Isso poderia ter sido feio.

Heather ignorou a existência de Masha até o instante em que a ambulância chegou para levá-la ao hospital local.

— Obrigada pela visita! Por favor, lembrem-se de avaliar a estadia no TripAdvisor! — gritou ela alegremente, enquanto os dois paramédicos de uniforme azul a levavam.

Outros policiais chegaram, e então, depois que Gus e seus amigos encontraram grandes quantidades de drogas ilegais na propriedade, um segundo grupo apareceu, já com olhares mais firmes e sapatos mais brilhantes, e não tão interessado quanto Gus nos detalhes pouco importantes.

Yao foi levado em uma viatura de polícia para prestar depoimento.

Antes de sair, ele se voltou para todos e falou:

— Eu sinto muito mesmo.

Parecia triste, derrotado e envergonhado, feito um adolescente cuja festa saiu do controle enquanto seus pais viajavam.

O Lamborghini de Ben foi encontrado no estacionamento do aeroporto local a duas horas dali. Supostamente não estava danificado, mas Ben conferiria aquilo. Delilah ainda não fora localizada.

Houve muita papelada entediante. Todos tiveram que dar depoimentos separadamente à polícia sobre o que havia ocorrido na última semana.

Às vezes, era difícil fazer um relato lógico do que acontecera. Frances sentia o ceticismo deles.

— Então vocês acharam que estavam trancados?

— A gente *estava* trancado.

— Mas depois simplesmente abriram a porta e saíram?

— Veja bem, a gente tinha parado de tentar girar a maçaneta — explicou Frances. — Acho que era isso que Masha estava tentando provar: que algumas vezes a resposta está bem na nossa frente.

— Sei — disse o policial. Dava para ver pela expressão dele que não sabia coisa nenhuma, e que *ele* com certeza não teria ficado trancado naquela sala. — E achavam que havia um incêndio.

— Tinha fumaça — contou Frances, com a boca cheia de manga, a polpa amarela tão fresca e doce quanto uma manhã de verão. — E barulho de fogo.

— Que na verdade era um vídeo no YouTube de uma casa queimando, transmitido pelo sistema de som — falou o policial sem entonação.

— Era muito convincente — afirmou Frances com pouca convicção.

— Não tenho dúvida — disse o policial. Dava para ver que ele usava toda a sua força de vontade para não revirar os olhos. — Você está com… — continuou ele, apontando para o rosto de Frances.

Ela limpou o queixo grudento.

— Obrigada. Você não adora frutas tropicais?

— Não sou muito fã.

— Não é fã de *frutas*?

Lars, o único membro do grupo com qualquer experiência com a justiça, tentou garantir que todos focassem na mensagem certa.

— Fomos enganados. Não tínhamos ideia de que havia drogas na propriedade — falou ele alto o bastante para que todos ouvissem enquanto era guiado até a entrevista. — Não nos disseram o que botavam nos sucos.

— Eu não tinha ideia que havia drogas na propriedade — repetiu Frances. — Fui enganada. Não me disseram o que botavam nos sucos.

— Sim, eu sei — assegurou o policial. Ele desistiu e revirou os olhos. — Nenhum de vocês sabia. — Fechou o caderno. — Vou deixar você voltar para sua manga.

Um dos policiais locais reconheceu Tony e foi em casa buscar uma camisa do Carlton para que ele assinasse, ficando bastante emocionado.

Finalmente, quando o longo dia se aproximava do fim e as drogas já haviam sido levadas como prova, disseram-lhes que estavam livres para ir embora, contanto que ficassem disponíveis para qualquer interrogação futura.

— Estamos livres para ir embora, mas estamos livres para *ficar*? — perguntou Frances a Gus, o último policial ali presente.

Estava tarde demais para dirigir seis horas até em casa.

Gus disse que não via motivo para não poderem ficar, já que não era mais uma cena de crime ativa. Ninguém morrera, as drogas não estavam mais lá e, tecnicamente, eles ainda eram hóspedes pagantes. Ele parecia listar na cabeça as questões legais, assegurando-se da sua decisão. Jan fez uma minimassagem de dez minutos em todos

eles para aliviar a tensão. Disse que talvez fosse uma boa ideia fazerem um check-up no hospital local, mas ninguém quis seguir seu conselho, sobretudo porque era lá que Masha estava. Tony disse que seu ombro estava ótimo.

— Foi isso que você quis dizer quando me falou para não fazer nada que não me deixasse desconfortável? — perguntou Frances a Jan quando chegou a vez da sua massagem.

A coitada da Jan ficou horrorizada.

— Eu quis dizer para não fazer prancha ou agachamentos saltando! — exclamou ela, enquanto seus dedos experientes faziam mágica nos ombros de Frances. — Prancha é horrível para quem tem problemas nas costas, e você precisa de joelhos muito estáveis para fazer um agachamento saltando. — Ela balançou a cabeça. — Se eu tivesse suspeitado de algo desse tipo, teria informado a polícia imediatamente. — Olhou com adoração para Gus. — Teria falado com Gus.

— Ele assobia? — perguntou Frances, seguindo seu olhar.

Pelo visto, ele não assobiava nem rabiscava, mas ainda era praticamente perfeito.

Quando Gus e Jan foram embora, os nove hóspedes entraram na cozinha para preparar algo para o jantar. Estavam eufóricos com a liberdade, abrindo todos os armários de uma vez, e houve um instante de silêncio maravilhado quando pararam diante da geladeira imensa de inox e viram a abundância de comida que havia lá: carne, frango, peixe, legumes, ovos.

— Hoje é meu aniversário de vinte e um anos — anunciou Zoe. Todos se voltaram para ela. — Também é aniversário do Zach. — Ela inspirou fundo, a respiração trêmula. — Hoje é o *nosso* aniversário.

Seus pais se posicionaram cada um de um lado dela.

— Acho que vamos precisar de uma tacinha de vinho no jantar — disse Frances.

— Precisamos de música — falou Ben.

— Precisamos de um bolo — lembrou Carmel, arregaçando as mangas. — Sou mestra em fazer bolos de aniversário.

— Posso fazer pizza — disse Tony. — Se tiver farinha, posso fazer a massa.

— É *sério*? — indagou Frances.

— É — disse ele, sorrindo.

Zoe pegou em seu quarto a garrafa de vinho que contrabandeara e Frances fez uma busca na casa até encontrar a mina de ouro em um quartinho atrás da recepção, com o que imaginava serem todos os contrabandos levados até ali e não recuperados por hóspedes anteriores, incluindo seis garrafas de vinho, algumas das quais pareciam muito boas. Ben encontrou os celulares, e todos se reconectaram com o mundo,

descobrindo que pouca coisa acontecera na última semana: um escândalo esportivo que só Tony e Napoleon acharam escandaloso, o fim do casamento de uma Kardashian que só Jessica e Zoe acharam relevante e um desastre natural em que as únicas fatalidades envolviam pessoas que obviamente tinham ignorado os alertas, então… Ben usou o celular para colocar música e assumiu a função de DJ, aceitando pedidos de todas as gerações e gêneros musicais.

Todos se entupiram de vinho e comida. Jessica preparou bifes perfeitamente malpassados. Tony girou a massa de pizza. Frances agiu como a *sous-chef* de quem precisasse. Carmel fez um bolo incrível e ficou corada e linda com todos os elogios que recebeu. Um número surpreendente de pessoas dançou e um número surpreendente de pessoas chorou.

Lars não sabia dançar. *Nem um pouco*. Era maravilhoso de assistir.

— Está fazendo isso *de propósito*? — perguntou Frances.

— Por que as pessoas sempre dizem isso? — retrucou ele.

Tony sabia dançar. Muito bem. Contou que tempos antes ele e outros jogadores tinham feito aulas de balé como parte do treino.

— Ajudou a fortalecer minhas coxas — explicou ele, enquanto Frances e Carmel se seguravam uma na outra sem conter o riso, imaginando Tony de tutu.

Ele reagiu dando uma pirueta perfeita.

Frances nunca estivera em um relacionamento com um homem que soubesse dar pirueta ou fazer massa de pizza. Aquilo era só algo interessante, não uma razão para deixar que Tony a beijasse. Ela sabia que ele queria beijá-la. A sensação de estar em uma festa com um homem que queria beijá-la, mas ainda não o fizera, era tão boa quanto fora da primeira vez, quando tinha quinze anos, na festa de aniversário de dezesseis anos de Natalie. Intensificava tudo, como uma droga alucinógena.

Eles fizeram um brinde a Zoe e Zach.

— Eu não queria gêmeos — disse Heather, erguendo sua taça de vinho tinto. — Quando o médico me disse que eram gêmeos, não vou mentir, eu falei um palavrão.

— Nossa, começou muito bem, mãe — brincou Zoe.

— Sou obstetriz — continuou Heather, ignorando a filha. — Eu conhecia os riscos de uma gravidez de gêmeos. Mas acabou que não houve nenhum problema. Meu parto foi natural. É claro que eles me deram muitos problemas depois que nasceram!

Ela olhou para Napoleon. Ele segurou sua mão.

— Os primeiros meses foram difíceis, mas então, sei lá, acho que nos acostumamos com a rotina quando tinham uns seis meses, e lembro que, depois de finalmente ter tido uma boa noite de sono, olhei para eles e pensei: *Como vocês dois são*

especiais. Eles sempre se revezavam na hora de fazer as coisas pela primeira vez. Zach nasceu primeiro, mas Zoe andou primeiro. Zach correu primeiro. — As palavras dela ficaram mais baixas. Foi tomar um gole de vinho e então lembrou que não tinha terminado seu brinde. — Zoe tirou a carteira de motorista primeiro, e, como podem imaginar, Zach ficou louco. — Ela fez outra pausa. — As brigas! Vocês não imaginam as brigas que os dois tinham! Ficavam querendo matar um ao outro, eu os colocava em quartos separados, mas em cinco minutos estavam juntos de novo, brincando e rindo.

Frances se deu conta de que Heather estava fazendo o mesmo discurso que faria se Zach não tivesse morrido: um discurso comum de mãe orgulhosa em um jardim, com as gerações mais novas revirando os olhos e as mais antigas secando as lágrimas.

Ela ergueu a taça.

— A Zoe e Zach: as crianças mais inteligentes, engraçadas e lindas do mundo. Eu e seu pai amamos vocês.

Todos ergueram as taças e disseram depois dela:

— A Zoe e Zach.

Napoleon e Zoe não brindaram.

Em vez disso, ele acendeu as velas do bolo de Carmel e todos cantaram parabéns, então Zoe soprou as velas e ninguém disse "Faça um pedido", porque todas as pessoas ali estavam pedindo a mesma coisa. Frances o via tão nitidamente, o rapaz que deveria estar presente, sentado ao lado de Zoe, soprando as velas com ela, a vida inteira pela frente.

Em seguida, foram distribuídos pratos com o (excelente) bolo. Zoe pediu que Ben tocasse uma música que Frances não reconheceu, e Ben obedeceu, então ele, Jessica e Zoe dançaram juntos.

Fizeram promessas de manterem contato. Viraram amigos virtuais e seguiram uns aos outros. Jessica criou um grupo no WhatsApp e adicionou todo mundo.

Carmel foi a primeira a sucumbir à exaustão e desejar boa-noite. Todos iriam embora na manhã seguinte. Quem era de outro estado tinha mudado seus voos e conexões para o dia seguinte: um dia antes do previsto. Carmel era de Adelaide, a família Marconi e Tony eram de Melbourne. Tony era o único hóspede de outro estado que alugara um carro, portanto ia dar uma carona para Ben e Jessica até onde o carro deles fora abandonado por Delilah. Lars e Frances, os únicos hóspedes de Sydney, tinham declarado a intenção de dormir até tarde e tomar café da manhã com calma antes de irem embora.

De alguma forma, Frances já sabia que na manhã seguinte tudo estaria diferente.

Todos sentiriam o puxão da vida antiga. Ela já participara de pacotes de férias e

cruzeiros. Conhecia o processo. Quanto mais se distanciassem da Tranquillum House, mais pensariam: "Espera aí, o que foi tudo aquilo? Não tenho nada em comum com aquelas pessoas!" Tudo começaria a parecer um sonho. "Eu realmente fiz uma dança havaiana à beira da piscina?" "Eu realmente tentei fazer uma mímica do Kama Sutra só para meu time ganhar?" "Realmente usei drogas ilegais e fiquei presa com desconhecidos?"

Enfim ficaram só Frances e Tony, sozinhos na mesa comprida, bebendo uma última taça de vinho.

Tony ergueu a garrafa.

— Mais uma?

Frances olhou para sua taça, refletindo.

— Não, obrigada.

Ele foi encher a própria taça, mudou de ideia e largou a garrafa na mesa.

— Devo estar transformada — disse Frances. — Normalmente, eu diria sim.

— Eu também — falou Tony.

Ele tinha um olhar decidido, focado, é agora, que os homens adquirem quando decidem que está na hora de beijar você.

Frances pensou no primeiro beijo, na festa de dezesseis anos de Natalie, em como fora incrível e maravilhoso, e em como aquele mesmo garoto tinha lhe dito que preferia seios menores. Ela pensou em Gillian lhe dizendo que parasse de agir como a heroína de um dos seus romances. Tony morava em Melbourne e provavelmente tinha uma vida estabelecida por lá. Ela pensou em quantas vezes já se mudara por causa de um homem, em como estivera disposta a fazer as malas e ir para os Estados Unidos por um sujeito que nem sequer existia.

Pensou em Masha perguntando: "Quer ser uma pessoa diferente quando sair daqui?"

— Normalmente, eu diria sim — disse ela a Tony.

SETENTA E CINCO

Uma semana depois

— Então, não estou grávida — disse Jessica. — Nunca estive. Foi tudo imaginação minha.

Ben olhou para ela, sentado no sofá. Pegou o controle remoto e desligou o programa *Top Gear*.

— Certo — disse ele.

Ela foi se sentar ao lado dele e colocou a mão em seu joelho, e os dois ficaram em silêncio por um instante, sem dizer nada, mas de alguma forma ambos sabiam o que aquilo significava.

Se ela realmente estivesse grávida, os dois teriam ficado juntos. Havia ainda um resto de amor suficiente para ficarem juntos por um bebê que chegaria.

Mas ela não estava grávida, e percebiam que não havia amor o bastante para tentar outra vez, ou para mais nada, a não ser um divórcio inevitável e cordial.

Duas semanas depois

A casa tinha cheiro de biscoito de gengibre, caramelo e manteiga. Carmel havia preparado todas as comidas preferidas das filhas para recebê-las.

Ouviu o barulho do carro estacionando na entrada e foi até a porta.

As portas do carro se abriram e lá de dentro saíram suas quatro menininhas. Elas a fizeram cair de joelhos com seus abraços. Carmel enfiou o nariz no cabelo delas, nas dobras dos seus braços. As meninas se aninharam nela e imediatamente começaram a brigar pela mãe como se ela fosse o ursinho de pelúcia preferido.

Lizzie levou uma cotovelada no olho de uma das irmãs e gemeu. Lulu gritou com Allie:

— É minha vez de abraçar a mamãe! Você está pegando ela *toda*!

Sadie agarrou o cabelo de Carmel e puxou, enchendo seus olhos com lágrimas de dor.

— Deixem a mamãe ficar em pé! — disse Joel, irritado. Ele nunca saía bem de voos longos. — Pelo amor de Deus.

Carmel conseguiu se levantar, cambaleando.

— Nunca mais vou sair de perto de você, mamãe! — falou Lulu com firmeza.

Joel a repreendeu:

— Lulu! Não seja mal-agradecida. As férias foram incríveis.

— Não precisa brigar com ela — interveio Sonia. — Estamos todos cansados.

Ver a namorada do seu ex-marido criticando-o lembrou Carmel da euforia que sentira depois de beber o suco com drogas.

— Entrem em casa, meninas — disse Carmel. — Tem docinhos.

As meninas correram.

— Você está ótima — comentou Sonia, que parecia pálida e cansada.

— Obrigada. Minhas férias foram ótimas.

— Você *emagreceu*?

— Não sei — respondeu Carmel.

Ela realmente não sabia. Já não parecia importante.

— Bem, não sei o que é, mas você parece transformada de verdade — falou Sonia calorosamente. — Sua pele está ótima, seu cabelo… Tudo.

Droga, vou virar sua amiga, não vou?, pensou Carmel.

Ela entendeu que Joel nem sequer notaria qualquer diferença nela. As mulheres

nunca mudavam a aparência pelos homens, mas pelas outras mulheres, porque eram elas que acompanhavam cuidadosamente o peso e a pele umas das outras, além dos seus próprios; eram elas que estavam presas com você no carrossel ridículo da obsessão com a aparência, do qual não podiam ou não conseguiam descer. Mesmo que ela fosse uma viciada em academia perfeitamente tonificada, de unhas feitas, Joel ainda assim a teria deixado. Sua "falta de atração" não tinha nada a ver com ela. Ele não a deixara por algo melhor, mas por algo novo.

— Nossos assentos eram bem do lado do banheiro no voo de volta — comentou Joel. — Pá, pá, pá, a porta fez barulho a noite toda. Não dormi nada.

— Inaceitável — disse Carmel.

— Pois é — concordou Joel. — Tentei fazer um upgrade com milhas, mas não funcionou.

Carmel observou os olhos de Sonia se revirarem. Sim, com certeza amigas.

— Então, andei pensando e acho que seria bom se você pudesse ajudar a levar e buscar as meninas nas atividades depois da escola este ano — disse Carmel a Joel. — Eu enlouqueci no ano passado tentando fazer tudo sozinha e quero manter a rotina de atividade física que comecei.

— Claro — falou Sonia. — Temos que dividir as tarefas!

— Minha boca está nojenta — resmungou Joel. — Acho que é desidratação.

— Pode me mandar o cronograma delas — pediu Sonia. — Vamos organizar tudo. Ou, se você quiser, podemos tomar um café e conversar.

Ela parecia nervosa, como se tivesse ido longe demais.

— Acho ótimo — disse Carmel.

— Eu faço meu horário, então tenho flexibilidade — explicou Sonia. O entusiasmo ficou notável em sua voz. — Eu ia *adorar* ajudar com o balé delas, a qualquer hora. Sempre sonhei em ter uma filha e pentear o cabelo dela para o balé, e, bom, você sabe, como não posso ter filhos, nunca vou…

— Você não pode ter filhos? — interrompeu Carmel.

— Desculpe, achei que você soubesse — falou Sonia, olhando de esguelha para Joel, que estava muito ocupado passando o dedo na parte interna da bochecha.

— Eu não sabia — disse Carmel. — Sinto muito.

— Ah, tudo bem, já aceitei totalmente — afirmou Sonia, lançando outro olhar para Joel, o que fez Carmel achar que *não* estava tudo bem para Sonia, mas que era ótimo para Joel. — Por isso eu ia adorar ajudar com o balé. A menos que você queira ficar com essa parte, é claro.

— Eu ia adorar se você as levasse para o balé — confessou Carmel, que *não* era

uma mãe fã de balé e nunca conseguia fazer os coques bem o suficiente para satisfazer as filhas ou a professora, Srta. Amber.

— Jura?

Sonia bateu palmas, como se tivesse ganhado um presente precioso, e a gratidão alegre em seus olhos deixou Carmel com vontade de chorar de gratidão também. As meninas não teriam que sentir a confusão da chegada de um meio-irmão, e Carmel ficaria livre de tudo relacionado ao balé. A Srta. Amber ia adorar Sonia, que se *ofereceria* para ajudar com os penteados e a maquiagem no dia das apresentações. Carmel se livrara para sempre de tudo aquilo.

Mais tarde, Carmel diria a Lulu para *nunca* mais corrigir quem dissesse que ela era muito parecida com a mãe quando estivesse passeando com Sonia.

— Vou pesquisar os melhores aplicativos de compartilhamento de calendário.

Sonia pegou o celular na bolsa e fez uma anotação.

Carmel sentiu mais uma onda de euforia. Podia ter perdido um marido, mas ganhara uma *esposa*. Uma esposa jovem, cheia de energia e eficiente. Que barganha. Que upgrade.

Ela estaria ali quando Sonia precisasse, dali a dez anos, depois que Joel decidisse que estava na hora do próximo upgrade *dele*.

— Podemos falar sobre o balé outra hora? — perguntou Joel. — Porque estou precisando muito ir para casa tomar um banho.

Ele fez um movimento em direção ao carro.

— Precisamos nos despedir das meninas! — lembrou Sonia.

— Claro — disse Joel, suspirando.

As férias pareciam ter sido longas.

— Foi dieta paleo? — sussurrou Sonia para Carmel, enquanto entravam na casa. — Cinco em dois? Dezoito em seis?

— Spa — respondeu Carmel. — Um lugar muito doido. Mudou minha vida.

Três semanas depois

— Você está ofegante — disse Jo para Frances.

— Estava fazendo flexão — explicou ela, de bruços no chão da sua sala, com o telefone ao ouvido. — Flexões trabalham todos os músculos do corpo.

— Você não estava fazendo flexão — zombou Jo. — Ai, meu Deus, eu interrompi você *in flagrante delicto*?

Só a ex-editora de Frances conseguia pronunciar e *escrever* "in flagrante delicto".

— Suponho que eu deva ficar lisonjeada por você achar mais provável que eu esteja transando às onze da manhã do que fazendo flexões.

Frances se sentou de pernas cruzadas.

Ela perdera três quilos na Tranquillum House e os engordara outra vez assim que chegou em casa, mas tentava incorporar um pouco mais de exercício, um pouco menos de chocolate, um pouco mais de respiração consciente e um pouco menos de vinho em sua vida. Sentia-se muito bem. A parte branca dos seus olhos estava certamente mais branca, segundo sua amiga Ellen, que ficara chocada ao saber das experiências de Frances.

"Quando eu disse que o estilo deles não era nada convencional, estava falando das refeições personalizadas!", exclamara ela. "Não de LSD!" Ela refletira, então falara com melancolia: "Eu teria adorado experimentar LSD."

— Como vai a vida de aposentada? — perguntou Frances a Jo.

— Vou voltar a trabalhar — respondeu ela. — Trabalhar é mais fácil. Todo mundo acha que eu não faço nada o dia todo. Meus irmãos acham que devo me responsabilizar totalmente pelos nossos pais idosos. Meus filhos acham que devo cuidar dos filhos deles. Amo meus netos, mas creche existe por um motivo.

— Eu sabia que você era nova demais para se aposentar — disse Frances, tentando tocar o joelho com o nariz.

Alongamento era importantíssimo.

— Vou abrir minha editora — contou Jo.

— É *mesmo*? — disse Frances. Ela se empertigou. Uma minúscula pontada de esperança. — Parabéns.

— Claro que li seu último romance e claro que adorei — continuou Jo. — Antes de fazer uma oferta, eu queria saber o que você acha de incluir um pouco de sangue na história. Talvez até um assassinato. Só um.

— Assassinato! — exclamou Frances. — Não sei se tenho isso em mim.

— Ah, Frances — disse Jo. — Você tem muitos impulsos homicidas pairando dentro desse seu velho coração romântico.

— Tenho? — falou Frances.

Ela estreitou os olhos. Talvez tivesse.

Quatro semanas depois

Lars não sabia que ia dizer aquilo até o momento em que o fez.

Desde que voltara para casa, o menino de cabelo escuro, rosto sujo e olhos cor de avelã se materializava sempre que ele dormia, então, de repente, de forma muito irritante, Lars acordava com a mesma ideia na cabeça, como se fosse uma revelação nova a cada vez: o menino não queria lhe mostrar algo terrível em seu passado. *Queria lhe mostrar algo maravilhoso em seu futuro.*

"Quanta baboseira", ele repetia para si mesmo. Não sou outra pessoa. Foram as drogas. Já tomei drogas. Aquilo foi uma alucinação, não uma maldita epifania.

Mas agora Ray estava de pé na despensa, guardando as compras, todos aqueles milk-shakes de proteína, e Lars ouviu as palavras saírem da própria boca:

— Andei pensando na questão do bebê.

Viu a mão de Ray parar no ar, segurando uma lata de tomates. Ray não disse nada. Não se moveu nem deu meia-volta.

— Talvez a gente possa tentar — falou Lars. — *Talvez*.

Ele ficou enjoado. Se Ray se virasse naquele momento, se o abraçasse, se olhasse para ele com todo aquele amor, aquela felicidade e carência nos olhos, Lars vomitaria, com certeza vomitaria.

Mas Ray o conhecia bem demais.

Não deu meia-volta. Largou lentamente a lata de tomates.

— Ok — disse ele, como se aquilo não tivesse grande relevância para ele.

— Conversamos sobre isso mais tarde — afirmou Lars, batendo os nós dos dedos com força na bancada de granito, o que doeu um pouco.

— Está bem.

Pouco depois, quando Lars voltou para dentro de casa para pegar os óculos escuros depois de avisar que ia fazer compras, ouviu o som inconfundível de um homem de um metro e oitenta dando pulinhos enquanto *gritava* no telefone com alguém que só podia ser a sua irmã:

— Ai, meu Deus, ai, meu Deus, você não vai acreditar no que acabou de acontecer!

Lars parou por um instante com os óculos escuros na mão e sorriu antes de sair novamente ao sol.

Cinco semanas depois

Estava passando um documentário na TV sobre a história do futebol australiano. Frances viu o filme todinho. Na verdade, era fascinante.

Ligou para Tony.

— Acabei de assistir a um documentário de uma hora sobre seu esporte!

— Frances? — Ele parecia ofegante. — Eu estava fazendo flexões.

— Consigo fazer dez seguidas agora — disse Frances. — Quantas você consegue?

— Cem — respondeu Tony.

— Metido — disse ela.

Seis semanas depois

Napoleon estava sentado na sala de espera da psiquiatra que lhe fora recomendada pelo seu médico. Levara seis semanas para conseguir marcar a primeira consulta. *Isso explica o problema da crise na saúde mental*, pensou ele.

Desde que voltara da Tranquillum House, ele sobrevivia: dava aulas, cozinhava, conversava com a esposa e a filha, administrava seu grupo de apoio. Ele achava incrível que todos o tratassem como se estivesse igual. Aquilo o lembrava da sensação de ouvidos entupidos após uma viagem de avião, só que todos os seus sentidos, não só a audição, pareciam atenuados. Sua voz parecia ecoar em seus ouvidos. O céu parecia desbotado. Ele não fazia nada que não era obrigado a fazer, porque o esforço de existir o deixava exausto. Dormia sempre que podia. Levantar-se da cama toda manhã era como se mover em uma lama espessa.

— Está tudo bem? — perguntava Heather às vezes.

— Tudo certo — dizia Napoleon.

Heather estava diferente depois do tempo passado na Tranquillum House. Não estava exatamente mais feliz, porém com certeza mais calma. Participava da aula de tai chi no parque. Era a única na aula com menos de setenta anos. Heather nunca fora de ter muitas amigas, mas por algum motivo se encaixava direitinho naquele círculo de idosos.

— Eles me fazem rir — dizia ela. — E não me pedem nada.

— Do que está falando? — retrucava Zoe. — Eles pedem muita coisa para você!

Era verdade que Heather parecia passar muito tempo levando seus novos amigos idosos em consultas médicas e buscando remédios para eles.

Zoe tinha um novo trabalho, de meio período. Parecia ocupada e distraída com seu curso na universidade. Napoleon ficava atento, mas ela estava bem, estava ótima. Certa manhã, cerca de uma semana depois de terem voltado do spa, ele parou diante da porta do banheiro e ouviu um som lindo que não ouvia havia três anos: a filha cantando, desafinada, no banho.

— Sr. Marconi? — chamou uma mulher loura e baixa, que ele achou um pouco parecida com Frances Welty. — Meu nome é Allison.

Ela o guiou para dentro da sala e fez um gesto em direção a uma cadeira, do outro lado de uma mesa de centro na qual havia um livro sobre jardins ingleses e uma caixa de lenços com aroma de aloe vera.

Napoleon dispensou as cerimônias. Não tinha tempo a perder.

Contou a ela sobre Zach. Contou sobre as drogas que tinham lhe dado na Tranquillum House e como, desde então, ele sofria com o que acreditava ser depressão. Disse a ela que seu médico lhe oferecera antidepressivos, e ele provavelmente precisava deles, mas sabia que às vezes era difícil acertar a dosagem, não era uma ciência exata, entendia e aceitava aquilo, tinha pesquisado, conhecia o nome de todas as marcas, todos os efeitos colaterais, criara uma planilha, caso ela estivesse interessada em dar uma olhada, e ele sabia que, às vezes, durante o período inicial, os pacientes não melhoravam, eles pioravam, tinham pensamentos suicidas, e sabia disso porque conhecia pessoas que haviam perdido familiares daquele jeito, e também sabia que ele próprio tinha reações exageradas a drogas, sabia aquilo sobre si mesmo, e talvez seu filho tivesse a mesma sensibilidade, vai saber, e tinha certeza de que as pessoas do spa tinham boas intenções, e talvez sua depressão fosse inevitável, mas sentia que talvez ele fosse a única pessoa naquela sala para quem nunca, nunca, nunca devessem ter dado drogas.

Então, fraco e exausto, ele disse:

— Allison, eu estou morrendo de medo de acabar fazendo…

Ela não pediu que ele terminasse a frase.

Estendeu o braço por cima da mesa de centro e apoiou a mão no braço dele.

— Somos uma dupla agora, Napoleon. Eu e você, nós somos uma dupla, e vamos criar uma estratégia e vencer isso, está bem? — Ela o olhou com a mesma paixão e intensidade do seu velho treinador de futebol. — Vamos vencer isso. Vamos ganhar.

Dois meses depois

Frances e Tony estavam caminhando, a novecentos quilômetros de distância um do outro, em estados diferentes.

Tinham criado o hábito de fazer companhia um ao outro enquanto caminhavam pelos respectivos bairros.

No início, andavam com os celulares colados às orelhas, mas então a filha de Tony, Mimi, disse que deviam usar fones de ouvido, e agora suas orelhas não ficavam mais doloridas no fim e podiam caminhar por ainda mais tempo.

— Você já está na parte íngreme? — perguntou Tony.

— Estou — disse Frances. — Mas ouça a minha respiração! Não estou nem um pouco ofegante.

— Você é uma atleta de elite — elogiou Tony. — Já assassinou alguém?

— Já — confirmou Frances. — Ontem. Assassinei meu primeiro personagem. Ele realmente mereceu.

— Gostou? Oi, Urso.

Urso era um labrador marrom que Tony encontrava com frequência em suas caminhadas. Ele não sabia o nome do dono de Urso, mas sempre cumprimentava o cachorro.

Tony contou a ela sobre a viagem que estava prestes a fazer à Holanda para visitar o filho e as netas.

— Nunca fui à Holanda — disse Frances.

— Ah, não? — perguntou Tony. — Eu só fui uma vez. Espero que não faça tanto frio quanto da última vez.

— Nunca fui à Holanda — repetiu Frances.

Houve uma longa pausa. Frances parou na calçada e sorriu para uma senhora de chapéu de palha que regava o jardim.

— Gostaria de ir à Holanda comigo, Frances? — perguntou Tony.

— Sim — respondeu ela. — Sim, eu gostaria.

O primeiro beijo dos dois foi no *lounge* da companhia aérea Qantas.

Três meses depois

Heather estava sentada na beira da cama e passava hidratante nas pernas ressecadas, enquanto Napoleon acionava o despertador no celular para a manhã seguinte.

Ele estava indo na psiquiatra, e parecia estar tudo bem, mas não falava muito sobre o que acontecia durante as sessões.

Ela o observou colocar o celular na mesa de cabeceira.

— Acho que você precisa gritar comigo — disse ela.

— O quê? — Ele olhou para ela, surpreso. — Não preciso, não.

— Depois do spa, a gente nunca chegou a falar direito sobre… o remédio de asma.

— Escrevi todas aquelas cartas. Está no registro.

É claro que Napoleon fizera a coisa certa. Encontrara os contatos certos por meio do Dr. Chang. Documentara tudo. Nunca tiveram qualquer intenção de processá-lo, mas ele precisava se assegurar de que o que havia acontecido entrasse para o registro público. Ele escrevera às autoridades, à empresa farmacêutica: *Meu filho, Zachary Marconi, tirou a própria vida após lhe receitarem…*

— Eu sei — disse Heather. — Mas você nunca disse nada sobre… o que eu fiz.

— Você não é culpada pelo suicídio de Zach — afirmou Napoleon.

— Sei que você não quer me *culpar* — falou Heather. — Mas acho que você tem o direito de sentir raiva de mim. Tem o direito de sentir raiva de Zoe também, mas não vai gritar com ela…

— *Não*, não quero gritar com Zoe.

Ele pareceu horrorizado com aquela ideia.

— Mas pode gritar comigo, se quiser.

Ela olhou para o marido, em pé ao lado da cama, sobrancelhas franzidas em uma expressão de dor, como se tivesse acabado de dar uma topada em um móvel.

— De jeito nenhum — disse ele, com sua voz de professor pomposo. — Isso é ridículo. Não ia adiantar nada. Você perdeu seu filho.

— Talvez eu precise que você fique com raiva de mim.

— Não precisa, nada — afirmou Napoleon. — É… doentio. — Ele desviou os olhos dela. — Pare com isso.

— Por favor — pediu Heather, se ajoelhando na cama para poder encará-lo nos olhos. — Napoleon? — Heather pensou na casa em que havia crescido, onde ninguém gritava, ninguém ria, chorava, berrava ou expressava qualquer sentimento, a não ser

uma leve vontade de beber uma xícara de chá. — Por favor?

— Pare com essa maluquice — disse ele entre dentes. — Pare.

— Grite comigo.

— Não. Não vou gritar. E depois? Devo bater em você também?

— Você nunca bateria em mim, nem em um milhão de anos. Mas sou sua esposa, Napoleon, você tem o direito de ter raiva de mim.

Foi como se ela visse a raiva atravessar o corpo dele, dos pés até o topo da cabeça. Inundou seu rosto. Fez seu corpo inteiro tremer.

— Você deveria ter olhado a porra dos efeitos colaterais, Heather! É isso que quer ouvir?

Sua voz foi subindo de tom, até que ele gritava mais alto do que ela jamais o ouvira gritar, mais alto até do que na vez que Zach, aos nove anos, grande o suficiente para saber que não devia, quase correra na frente de um carro para pegar uma bola, uma bola que fora instruído a deixar para trás, e Napoleon gritara "*PARE!*" tão alto que todas as pessoas no estacionamento pararam.

O batimento cardíaco de Heather acelerou quando Napoleon ergueu as mãos ao lado dos ombros e as chacoalhou violentamente, como se as sacudisse forte o bastante para fazer seus dentes tremerem, só que sem encostar nela.

— Está feliz? É isso que você quer ouvir? Sim, estou com raiva, porque quando eu perguntei sobre os efeitos colaterais de um remédio que ia dar para meu filho, *você deveria ter olhado*!

— Eu deveria ter olhado — disse ela, baixinho.

Ele pegou o celular na mesa de cabeceira.

— E eu não deveria ter apertado soneca nessa merda de telefone!

Ele o jogou na parede.

Heather viu caquinhos voarem.

Por um longo instante, nenhum dos dois falou. Ela viu o peito dele subir e descer. Viu a raiva deixar o corpo do marido.

Ele caiu na cama, de costas para ela, levou as mãos ao rosto e falou com uma voz rouca e sofrida na qual só restavam dor e arrependimento, tão baixa que mal passava de um sussurro:

— E nossa filha deveria ter nos avisado que tinha algo de errado com o irmão.

— Deveria — concordou Heather, apoiando o rosto nas costas de Napoleon e aguardando que a respiração dos dois voltasse ao normal.

Ele disse mais alguma coisa, mas ela não ouviu.

— O quê?

Ele repetiu:

— E isso é tudo que vamos saber.

— É — disse Heather.

— E nunca, nunca vai ser o suficiente — afirmou Napoleon.

— Não — concordou Heather. — Não, não vai ser.

*

Naquela noite, Heather dormiu profundamente, sem sonhar, durante sete horas seguidas, o que não fazia desde a morte de Zach. E, quando acordou, percebeu que se movia no espaço invisível e intransponível que a separava de Napoleon nos últimos três anos como se isso nunca tivesse existido. Ela tomara algumas decisões ruins na vida, mas aceitar o convite educado de um garoto incrivelmente alto e nerd para ver um "filme com críticas ótimas chamado *Dança com Lobos*" não fora uma delas.

Normalmente, você não deve pensar em seus filhos enquanto faz amor. A sexualidade entre pais casados deve ficar entre quatro paredes. No entanto, naquela manhã, quando Napoleon a pegou com carinho em seus braços, ela pensou em sua família de quatro pessoas, em seus dois filhos, no menininho que nunca se tornaria homem, e na menininha que já era uma mulher, e nas correntes poderosas de amor que sempre existiriam entre eles: marido e mulher, pai e filho, mãe e filho, pai e filha, mãe e filha, irmão e irmã. Tanto amor que acabara existindo porque ela aceitara o convite para ver um filme.

E então ela não pensou em mais nada, porque aquele garoto nerd ainda tinha pegada.

Um ano depois

Ben e a mãe já haviam imaginado aquilo tantas vezes que acharam que estariam preparados quando finalmente acontecesse, mas não estavam.

Lucy morreu de overdose durante um de seus períodos bons, o que acontece com frequência, logo quando todo mundo achava que talvez ela fosse conseguir. Ela tinha entrado em um curso de design de interiores. Vinha levando os filhos para a escola. Participara de um encontro *entre pais e professores* do filho mais velho, o que era inédito. Estava focada no futuro.

A mãe de Ben a encontrou. Disse que parecia estranhamente tranquila, como uma menininha cochilando, ou uma mulher de trinta anos que desistira de combater o monstro que se recusava a deixá-la em paz.

Ben pensou em ligar para Jessica. Os dois se davam muito bem, embora ele ainda estremecesse de constrangimento toda vez que pensava no post que ela fizera no Instagram para "anunciar" a separação dos dois, como se fossem um casal de celebridades com a responsabilidade de informar o público sobre a história real antes que a mídia começasse a persegui-los. Ela escreveu: *Vamos sempre ser melhores amigos, mas decidimos que estava na hora da separação amorosa.*

Naquele instante, Jessica estava no meio de um teste para participar da próxima temporada de *The Bachelor*. Ela dizia que não estava lá para achar um amor, aliás duvidava que isso acontecesse, mas seria ótimo para seu "perfil" e lhe proporcionaria mais alguns milhares de seguidores no Instagram. Ele não podia rir muito porque ela era "embaixadora" de várias organizações de caridade, e seu perfil no Instagram estava repleto de fotos de almoços, bailes e cafés da manhã glamorosos que ela e um novo grupo de amigas da alta sociedade haviam tido a "honra" de organizar.

Ben voltara a trabalhar com Pete. Os colegas tinham zombado dele no começo — "Está precisando de um trocado, cara?" —, mas acabaram parando e esqueceram que ele era rico. Ben ainda tinha o carro e uma casa bacana, mas colocara boa parte do dinheiro na fundação que sua mãe comandava, dedicada a ajudar as famílias de viciados em drogas.

Lars os ajudou a dividirem os bens sem problemas e sem irem parar na justiça. Algo que a Tranquillum House tinha lhes dado: um ótimo advogado de família.

Ben não ligou para Jessica para contar sobre Lucy assim que aconteceu. Não suportaria a ausência de surpresa em sua voz. Em vez disso, ligou para Zoe. Tinham se

tornado amigos virtuais e desde o spa trocavam mensagens de texto de vez em quando, mas nunca tinham se falado pelo telefone.

— Oi, Ben — disse ela, alegre. — Tudo bem?

— Estou ligando… — começou ele, mas percebeu que não conseguia falar.

Tentou se lembrar de soltar o ar.

O tom de voz de Zoe mudou.

— É sua irmã? — perguntou ela. — É Lucy?

Ela foi ao funeral. Os olhos de Ben não paravam de procurá-la.

SETENTA E SEIS

Cinco anos depois

Yao não costumava ligar a televisão durante o dia, mas tinha acabado de voltar para casa depois de uma festa infantil estressante em que sua filha de dois anos cravara os dentes no braço de outra criança e depois inclinara a cabeça para trás, rindo igual a uma vampira. Fora ao mesmo tempo constrangedor e apavorante.

— Ah, sim, você mordia — disse sua mãe ao telefone. — Ela puxou de você.

Disse aquilo com certa satisfação, como se a propensão a morder fosse uma característica maravilhosa para passar aos filhos.

Yao deitou a filha para que tirasse um cochilo e apontou um dedo severo para ela.

— Nunca mais faça isso.

Ela apontou um dedo ainda mais severo para ele.

— Nunca mais faça isso.

Então se deitou, enfiou o polegar na boca e fechou os olhos. Ele ainda via sua covinha, o que significava que ela só estava fingindo dormir, mal conseguindo disfarçar o riso.

Ficou ali parado por alguns instantes, maravilhado com a covinha e as bochechinhas redondas de bebê, maravilhado, como acontecia muitas vezes, com o fato de ter ido parar em outra vida, uma vida nova, como pai em tempo integral vivendo no subúrbio.

Ele recebera uma sentença de quatorze meses de prisão, que acabou sendo suspensa depois que ele se declarou culpado por seu papel no que ocorrera na Tranquillum House. Masha insistira para a polícia que só ela deveria ser responsabilizada pelo protocolo novo que tinham tentado introduzir e que seus funcionários não passavam de imbecis desatentos e obedientes. Disse que fora ela quem preparara os sucos, o que era verdade, mas Yao estivera bem ao seu lado, verificando várias vezes as dosagens. A mãe de Yao disse que, se ela fosse a juíza, ele teria ido para a cadeia. Tanto seu pai quanto sua mãe tinham ficado furiosos. Não conseguiam entender as atitudes do filho. Na maior parte do tempo, o próprio Yao

não conseguia entender. Tudo parecera muito razoável na hora. Os pesquisadores reconhecidos! Os artigos em revistas!

"Aquela mulher hipnotizava você", dissera sua mãe.

A mãe de Yao negara com veemência que o incidente que ele recordara durante a terapia psicodélica tivesse acontecido de fato.

"Nunca", afirmara ela. "Eu nunca deixaria você sozinho na cozinha com algo fervendo no fogão. Acha que sou idiota? Você faria isso com sua filha? Acho bom que não!"

Ela disse que o medo que Yao tinha de errar vinha dele próprio.

"Você *nasceu* assim!", contara ela. "Tentamos tanto fazer você entender que erros não importam. Dissemos milhões de vezes que não devia tentar tanto ser perfeito, que não importava se você errasse. Às vezes, a gente errava de propósito só para você ver que isso acontece com todo mundo. Seu pai costumava derrubar as coisas de propósito, bater de cara na parede. Eu dizia a ele: 'Está exagerando.' Mas acho que ele gostava."

Yao se perguntou então se interpretara mal seus pais durante toda a vida. Quando falavam sobre manter as expectativas baixas para evitar decepções, não era porque não acreditavam em sonhos. Era porque tentavam protegê-lo. Além disso, seu pai não era tão estabanado quanto ele achava.

*

Delilah não foi julgada, porque ninguém nunca conseguiu encontrá-la. Yao pensava vagamente nela às vezes e imaginava onde estava; se estaria em alguma ilha remota, consertando um barco, feito o prisioneiro foragido do seu filme preferido, *Um Sonho de Liberdade*. ("Esse é o filme preferido de todos os homens do mundo", lhe dissera certa vez uma das mães do grupo de bebês. Ela sabia porque já usara sites de namoro.) Mas Yao suspeitava que era mais provável que Delilah tivesse desaparecido em uma área urbana e voltado a trabalhar como assistente. Às vezes ele ainda pensava naquela saia que ela usava, um milhão de anos antes, quando trabalhava para Masha.

Yao foi proibido de trabalhar como paramédico ou qualquer coisa relacionada à saúde. Depois de deixar a Tranquillum House e de resolver a questão jurídica, ele se mudou para uma quitinete em um local praticamente equidistante da casa do pai e da mãe e acabou arranjando um emprego como tradutor de documentos legais em chinês. Era um trabalho chato e cansativo, mas pagava as contas.

Um dia, recebeu um telefonema. Mais tarde, perguntou-se se um telefonema capaz de mudar sua vida tinha um toque de presságio, porque, quando ouviu aquele toque, sentado sozinho enquanto comia aquele jantar triste para um, seu corpo inteiro estremeceu com um pressentimento.

Era Bernadette, sua ex-noiva, ligando para dizer oi. Vinha pensando nele. Vinha pensando muito nele.

Às vezes, sua vida muda de forma tão lenta e imperceptível que você nem nota, até que um dia acorda e pensa: *Como cheguei aqui?* Mas outras vezes a vida muda de uma vez, como em um relâmpago de sorte ou azar, com consequências maravilhosas ou trágicas. Você ganha na loteria. Você atravessa a rua na hora errada. Você recebe o telefonema de um amor perdido bem na hora certa. E então sua vida dá uma guinada violenta em uma direção totalmente nova.

Eles se casaram em menos de um ano e Bernadette engravidou imediatamente. Fazia sentido que ela voltasse a trabalhar e Yao ficasse em casa cuidando do bebê enquanto continuava fazendo tradução, que agora parecia interessante e estimulante.

Quando soube que a filha não estava mais fingindo dormir, ele foi para a sala, se sentou no sofá e ligou a TV. Ele se daria o direito de assistir a vinte minutos de um programa ruim para aliviar o estresse do incidente com a mordida, depois trabalharia por cerca de uma hora, antes de pensar no jantar.

O controle remoto escorregou da sua mão.

— *Masha* — murmurou ele.

*

— *Masha* — disse um homem do outro lado da mesma cidade, com uma chave inglesa nas mãos.

Ele também não costumava ver TV durante o dia, mas tinha ido até ali para consertar algumas coisas na casa da nora, já que seu filho só era bom mesmo com números.

— Você a conhece?

Sua nora colocou no ombro a bebezinha que amamentara enquanto olhava para a TV, e deu tapinhas em suas costas.

— Ela parece alguém que eu conhecia — disse o homem, tomando cuidado para não olhar para a nora, porque não queria ver seus seios e também não conseguia tirar os olhos da ex-mulher.

Masha estava linda. O cabelo castanho-escuro com algumas mechas louras batendo no ombro, usando um vestido de diferentes tons de verde que faziam seus olhos parecerem duas esmeraldas.

O homem se sentou no sofá ao lado da nora, que o olhou com curiosidade, mas não falou nada. Eles assistiram à entrevista juntos.

Masha tinha escrito um livro. Era sobre um programa de desenvolvimento pessoal de dez dias que envolvia drogas psicodélicas, ficar trancado em um cômodo com desconhecidos e passar por um tipo inovador de terapia no qual você devia lidar com os próprios medos e resolver enigmas.

— As pessoas com certeza não vão cair nessa — murmurou sua nora.

— Mas é óbvio que essas drogas que você mencionou são ilegais — disse a entrevistadora.

— Infelizmente, sim — confirmou Masha. — Mas não vai ser assim para sempre.

— E fiquei sabendo que você foi presa por fornecer drogas ilegais enquanto tentava testar esse programa.

O homem apertou a chave inglesa que ainda estava em seu colo. *Presa?*

— Fui — disse Masha. — Mas nunca vou me arrepender dessa época. Foi muito importante para mim. — Ela ergueu o queixo. — Meu tempo atrás das grades foi uma *experiência transformadora*. Aprendi muita coisa, e explico todas as experiências que tive neste livro, disponível nas melhores livrarias.

Ela pegou o livro e o segurou diante do rosto.

A entrevistadora pigarreou.

— Masha, o que você tem a dizer sobre os boatos de que as pessoas estão fazendo os cursos que você oferece em diferentes locais secretos do país, e que você está, de fato, oferecendo LSD e outras drogas alucinógenas para seus clientes?

— Isso é uma completa mentira — afirmou Masha. — Nego totalmente.

— Então você não está oferecendo esses programas em locais secretos?

— Administro programas de desenvolvimento pessoal muito peculiares, feitos sob medida e incrivelmente eficientes para grupos seletos de pessoas, mas não há nada de ilegal acontecendo, isso eu posso garantir.

— Ouvi dizer que há uma lista de espera — falou a entrevistadora. — E que as pessoas estão pagando preços bem altos para entrar.

— Há uma lista de espera — confirmou Masha. — As pessoas devem acessar meu site se quiserem entrar na lista, ou ligar para o número gratuito que deve estar aparecendo na tela agora. Vamos ter uma oferta especial para quem ligar nas próximas vinte e quatro horas.

— Se não há nada de ilegal acontecendo, eu queria saber por que os locais são mantidos em segredo e mudam com frequência — falou a entrevistadora, olhando para Masha com expectativa.

— Foi uma pergunta? — indagou Masha, com um sorriso sedutor para a câmera.

— Que *pirada* — disse a nora do homem. — Aposto que ela está ganhando milhões. — Ficou de pé e entregou o bebê para o sogro. — Pode segurar? Vou fazer um chá para a gente.

O homem tirou a chave inglesa do colo e pegou a neta. Sua nora saiu da sala.

Masha falava sobre algo chamado "respiração holotrópica", que dizia ser uma "terapia psicodélica sem os psicodélicos".

— É aquela respiração rápida que deixa a pessoa doidona, não é? — perguntou a entrevistadora, de forma um tanto grosseira e cética.

— É um processo muito mais complexo e sofisticado do que isso — respondeu Masha.

Então surgiu na tela uma imagem de Masha em algum centro de conferência, andando em um palco com um microfone pequeno preso na orelha, enquanto o auditório lotado a olhava com toda a atenção.

O homem ergueu a bebê e falou em seu ouvido, na sua língua materna:

— Essa maluca é sua avó.

*

Ele se lembrou do dia em que o segundo filho deles nasceu, apenas três meses depois de perderem o primogênito de forma tão trágica.

— Ele é seu. — Masha se recusou a olhar para o bebê. Seu rosto virado para longe, seu cabelo encharcado de suor e grudado na testa poderiam ser uma escultura de mármore. — Não é meu.

Uma enfermeira do hospital disse: "Mamãe vai mudar de ideia." Era o luto. Ela ainda estava em choque, provavelmente. Era uma coisa tão terrível de se viver, perder um filho quando você estava grávida de seis meses do segundo. A enfermeira não conhecia a força da esposa dele. Ela não conhecia Masha.

Masha teve alta do hospital. Disse que ia voltar a trabalhar imediatamente, naquele mesmo dia, e que mandaria dinheiro. Ela ganharia dinheiro o bastante no emprego para que o marido cuidasse do novo bebê, mas não queria ter nenhuma relação com ele.

Falou com calma, como se aquilo fosse um acordo de negócios, e só perdeu a cabeça uma vez, quando o homem se ajoelhou à sua frente, segurando-a e implorando que deixasse que eles voltassem a ser uma família. Masha gritou na cara dele, muitas vezes:

— Eu não sou mãe! Não consegue entender isso? Eu não sou mãe!

Então ele abriu mão dela. O que mais poderia fazer? Ela fez exatamente o que prometera e mandou dinheiro, mais e mais a cada ano, à medida que conquistava mais sucesso.

Ele enviou fotos. Ela nunca reagiu. Ele se perguntou se ela ao menos as olhava e pensou que talvez nem isso fizesse. Era uma mulher com força o bastante para mover montanhas. Era uma mulher tão fraca quanto uma criança.

Ele se casou outra vez dois anos depois. Seu filho chamava sua esposa australiana de "mamãe" e falava com sotaque australiano, e o casal teve mais dois filhos. Viviam uma vida australiana naquele país de sorte. Jogavam críquete na praia no Natal. Tinham uma piscina no jardim, seus filhos voltavam de ônibus da escola e, nos dias quentes de verão, atravessavam a casa correndo, tirando as roupas, e pulavam na piscina de cueca. Tinham muitos amigos, alguns dos quais apareciam na casa deles sem ligar. Sua segunda esposa tinha crescido em uma cidadezinha do interior, e seu sotaque era "da roça", amplo, forte e lento. Sua expressão preferida era "nada de mais" e ele a amava, mas ao longo dos anos houvera ocasiões em que ele estava em pé no jardim, perto da churrasqueira, virando bifes com uma cerveja na mão, ouvindo o grito das cigarras, a risada das kookaburras, os esguichos de água, sentindo o cheiro de repelente e o sol prestes a se pôr esquentando seu pescoço, e, sem qualquer aviso, o rosto de Masha surgia em sua mente, suas narinas infladas, seus lindos olhos verdes acesos com superioridade e desprezo, mas também com uma confusão infantil: *Essas pessoas! Tão estranhas!*

Por muitos anos, ele desistira de se comunicar com Masha. Não se deu o trabalho de enviar fotos do casamento do filho deles, mas, cinco anos antes, quando o primeiro neto nasceu e ele foi tomado pelo amor feroz e todo-poderoso de um avô recente, ele lhe enviara outro e-mail, com fotos do bebê e o assunto: POR FAVOR, LEIA, MASHA. Ele escreveu que tudo bem se ela não queria ser mãe, ele compreendia, mas agora, se quisesse, poderia ser avó, e isso não era incrível? Não recebeu resposta.

Ele olhou então para a neta. Teve a impressão de notar alguma semelhança com Masha no formato dos olhos. Segurou o bebê com um braço e pegou o celular no bolso com o outro, então tirou uma foto do seu deslumbrante rosto adormecido.

Ele não ia desistir. Algum dia Masha ia responder. Algum dia ela ia perder a força,

ou ia encontrar a força, e responderia.

Ele a conhecia melhor do que ninguém.

Algum dia.

SETENTA E SETE

Leitor, ela não se casou com ele, mas ele se mudou para Sydney por causa dela e os dois moraram juntos, e Tony estava ao seu lado durante o ressurgimento da carreira dela, quando a primeira incursão de Frances no "suspense romântico" acabou sendo um sucesso inesperado. (Inesperado para todos, exceto para Jo, que ligara no dia seguinte à entrega do manuscrito revisado, dizendo com um tom nada digno de uma avó: "É um livrão da porra!")

Frances também fez um sucesso inesperado com as netas de Tony na Holanda, que a chamaram de "vovó Frances", e Tony atribuiu a ela o mérito pela decisão da família de voltar a morar em Sydney, mérito nada merecido, já que o filho dele, Will, tinha sido transferido —, nada a ver com ela. Mas ela estava apaixonada pelas netas de Tony — suas netas — e todas as suas amigas disseram que aquilo era totalmente *típico* de Frances, pular a parte difícil e ir direto para a boa, em que você pode só amá-los e mimá-los e depois devolvê-los.

Mas elas a perdoaram.

SETENTA E OITO

É claro que nem todos têm um final feliz, ou ao menos a chance de um. A vida não funciona assim. A prova disso: Helen Ihnat, a autora da crítica do romance de Frances, *O que o coração quer*, perdeu suas economias da vida inteira em um golpe terrível de alto nível com criptomoedas e viveu uma infelicidade profunda pelo resto dos dias.

Mas, como desprezava finais felizes cuidadosamente amarrados, não teve problemas com isso.

SETENTA E NOVE

Ah, leitor, é claro que ela acabou casando-se com ele. Você a conhece. Esperou até seu sexagésimo aniversário. Casou-se de azul-turquesa. Teve onze madrinhas, nenhuma delas com menos de quarenta e cinco anos, treze daminhas e um pajem, um menininho que ainda estava aprendendo a andar, que segurava um carrinho de brinquedo em cada uma de suas mãozinhas. Ele se chamava Zach.

Todas as cadeiras da festa tinham um laço gigantesco de cetim branco no encosto.

Foi o casamento mais lindo e ridículo que você pode imaginar.

AGRADECIMENTOS

Como sempre, tenho muitas pessoas a agradecer pelo apoio que me deram com este livro. Agradeço às minhas editoras talentosas que trabalharam com afinco para deixar *Nove desconhecidos* melhor em muitos aspectos importantes: Georgia Douglas, Cate Paterson, Amy Einhorn, Maxine Hitchcock, Ali Lavau e Hilary Reynolds.

Agradeço a Elina Reddy por ter doado tão generosamente seu tempo para me ajudar a desenvolver a personagem de Masha. Elina não só é uma artista incrível como tem a habilidade de pintar imagens muito vivas com suas palavras. Maria (Masha) Dmitrichenko foi a vencedora do leilão no evento de caridade da Starlight Children's Foundation, para ter um personagem com seu nome em um dos meus livros, e eu agradeço por ter podido usar o nome dela.

Agradeço à Dra. Nikki Stamp por ter respondido às minhas perguntas. É uma das poucas cirurgiãs cardíacas mulheres na Austrália, e o diálogo que atribuí à cirurgiã de Masha saiu diretamente do seu fascinante livro: *Can You Die of a Broken Heart?*

Agradeço a Kat Lukash e Praveen Naidoo pela ajuda com o russo e o futebol, a Lucie Johnson por ter compartilhado histórias sobre spas, e ao meu cunhado, Rob Ostric, pela expressão em seu rosto quando perguntei o que ele acharia de dirigir um Lamborghini em uma estrada de terra. Agradeço à minha irmã Fiona por ter respondido instantaneamente às minhas mensagens de texto exigindo informações. Agradeço aos hóspedes do spa Golden Door que foram adoráveis companheiros durante uma semana muito agradável em que eu vi o sol nascer, o que foi muito prazeroso, embora eu não sinta nenhuma necessidade de fazer isso outra vez.

Agradeço aos meus agentes: Fiona Inglis e Ben Stevenson em Sydney, Faye Bender em Nova York, Jonathan Lloyd e Kate Cooper em Londres e Jerry Kalajian em Los Angeles. Agradeço aos meus assessores de imprensa pela paciência e por tudo que fazem: Tracey Cheetham em Sydney, Gaby Young em Londres e Marlena Bittner em Nova York. Agradeço também a Conor Mintzer, Nancy Trypuc e Katie Bowden.

Obrigada, Adam, por me ajudar a criar a Tranquillum House, por interromper tudo para responder a perguntas aleatórias e espalhadas ao longo do dia, por me acordar com café, por cuidar de mim e por estar sempre do meu lado. Obrigada a

George e Anna por serem lindos e por me ajudarem mostrando os palavrões na tela sempre que viam meu manuscrito aberto. Agradeço à minha mãe, Diane Moriarty, por me ajudar com a revisão e por ser o tipo de mãe que, felizmente, *nunca* se mudaria para o sul da França.

Escrever pode ser um trabalho solitário, por isso quero agradecer a alguns dos meus "colegas" de profissão. Agradeço às minhas irmãs, também escritoras, Jaclyn Moriarty e Nicola Moriarty, e agradeço às minhas amigas escritoras Dianne Blacklock, Ber Carroll, Jojo Moyes e Marian Keyes. Agradeço à talentosa Caroline Lee pela narração maravilhosa dos meus audiolivros.

Agradeço a Nicole Kidman, Per Saari e Bruna Papandrea pela fé extraordinária neste livro antes mesmo de terem lido uma única palavra.

Agradeço aos meus leitores. Como Frances, eu tenho os leitores mais carinhosos do mundo e sou grata a vocês todos os dias.

Dediquei este livro à minha irmã Kati e ao meu pai Bernie Moriarty, porque eles sempre foram fortes, corajosos e engraçados diante da adversidade, e porque suspeito que, mesmo nos dias ruins, conseguem fazer mais flexões do que Masha.

*

Os seguintes livros foram úteis para a minha pesquisa: *No Time to Say Goodbye: Surviving The Suicide of a Loved One*, de Carla Fine; *Acid Test: LSD, Ecstasy and the Power to Heal*, de Tom Shroder; *Therapy with Substance: Psycholytic Psychotherapy in the Twenty First Century*, do Dr. Friederike Meckel Fischer; e *As portas da percepção*, de Aldous Huxley.

SOBRE A AUTORA



© Über Photography

LIANE MORIARTY é autora de oito romances. Antes de se dedicar à carreira de escritora, trabalhou como gerente de marketing de uma editora e foi redatora freelancer. Pela Intrínseca, publicou também *O segredo do meu marido*, *O que Alice esqueceu*, *Até que a culpa nos separe* e *Pequenas grandes mentiras*, que deu origem à série de TV *Big Little Lies*, da HBO, estrelada por Reese Witherspoon, Nicole Kidman e Shailene Woodley. Seus livros já venderam mais de 14 milhões de exemplares no mundo todo e tiveram os direitos de tradução adquiridos para 39 idiomas. Liane mora em Sydney, na Austrália, com o marido e os dois filhos.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



O segredo do meu marido



O que Alice esqueceu



Até que a culpa nos separe



Pequenas grandes mentiras

LEIA TAMBÉM



Pequenos incêndios por toda parte
Celeste Ng